
FATAL
HARMONY
ANNE MALCOM

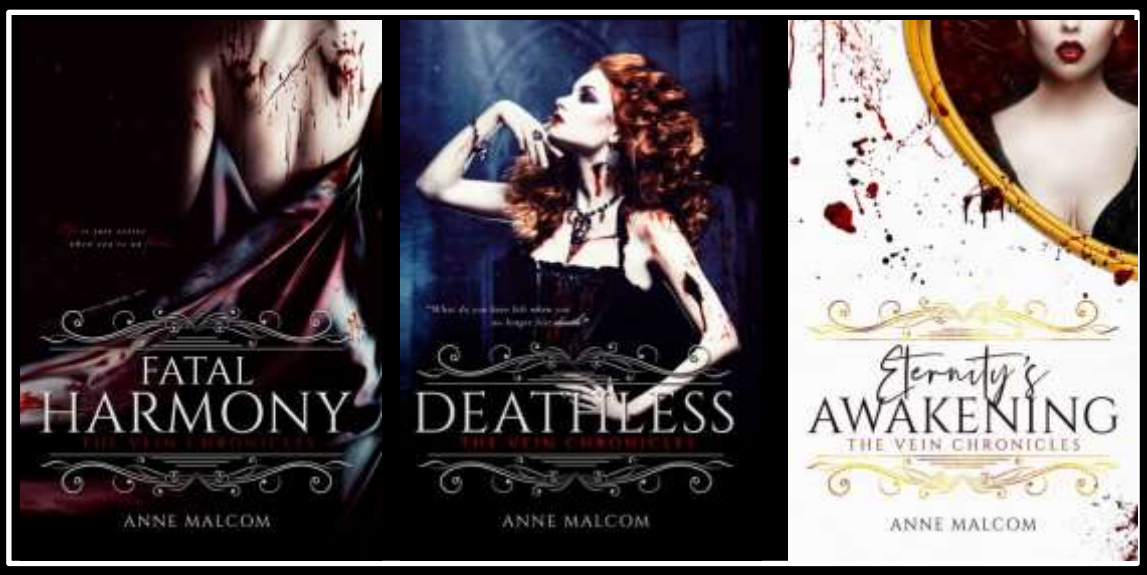


EQUIPE

POISON BOOKS

THE VEIN CHRONICLES

ANNE MALCOM



FATAL HARMONY

THE VEIN CHRONICLES

Eu posso ser a vilã da história, mas pelo menos eu tenho um papel de liderança.

O mal é um termo lançado em torno da história e da literatura como se fosse algo facilmente definível. Um conceito para lutar contra. O mal não existe. Nem o bom. Vampiros sim.
E apenas acontece de eu ser um.
Eu atravessei os séculos conseguindo evitar todas as guerras, sobrenaturais e humanas, mas ainda indo a todas as melhores festas. Eu diria que evitei derramamento de sangue, mas isso é parte de toda a coisa de "vampiro".
Vivi à margem de uma sociedade que considerava a crueldade e o sadismo traços de caráter favoráveis por quase quinhentos anos.

Agora estou no meio de uma guerra que pode colocar meu “não batendo” coração em muito perigo. Batalhas, eu posso lidar.
A atração impossível entre mim e o matador de vampiros, para não mencionar o olhar penetrante do rei de nossa raça, no outro lado?
Eu posso não sair morta-viva.

DEDICATÓRIA

Aos meus leitores, que me deram uma chance, e me deram tudo.

Espero que vocês estejam preparados para dar uma chance novamente a uma garota sarcástica com presas.

01

Toda história tem um protagonista e um antagonista. Herói e vilão. O bem e o mal.

E assim por diante. A questão é, eu aposto que, em cada história, o vilão não se considera o epítome do mal. Mesmo as mentes malignas têm justificativa para seus atos. Eles são os heróis de sua própria história; depende apenas de onde você está.

Eu pisei cautelosamente com meu Louboutin fora da piscina cada vez maior de sangue aos meus pés, limpando minha boca delicadamente com o lenço de seda que carrego para situações como esta. O homem olhou para mim, seus olhos vidrados, o olhar vazio de recém-morto. A ferida ainda jorrando. Provavelmente eu poderia continuar a refeição, mas o que posso dizer? Eu estou em uma dieta.

Balancei a cabeça para as calças em torno de seus tornozelos, mostrando o seu não menos que espetacular pacote.

— Uma morte da qual você é digna, Stan — informei ao cadáver levemente.

Ele continuou a olhar fixamente.

— Não me olhe assim. Você é o único que se diverte atacando mulheres. Deveria ter esperado que alguém retornasse o favor mais cedo ou mais tarde.

Peguei meu telefone da minha bolsa.

— Limpeza no corredor doze — cumprimentei a voz que soava entediada, olhando ao redor distraidamente para um grupo bêbado de mulheres que atravessava o beco.

Qualquer uma poderia ter terminado a noite com Stan tentando, provavelmente dando a elas cicatrizes que nunca curariam. Eu peguei minha entrada e fiz minha parte para a humanidade.

Eu sou uma filantropa. Alguém me dê um Prêmio Nobel.

— Isla? Droga. Sério? Outro trabalho no beco? — a voz se animou, indo de aborrecida a Fã Girl em dois segundos e meio.

Eu inspecionei minhas unhas enquanto eu caminhava até o final do beco, meus calcanhares clicando contra o concreto.

— Oi, Scott. — Tentei ficar paciente. Estava difícil. Paciência e sangue ensacado eram duas coisas com as quais eu não me animava. Mas Scott era inofensivo, tipo aqueles cachorros que trepam na sua perna. Não era de bom tom chutar os cachorros, então eu tive que praticar a fraca emoção humana da paciência. Ele ainda estava se acostumando com seu novo mundo. Ele era jovem; outros cem anos ou mais e ele poderia ser vagamente suportável. Eu poderia lidar com o filhote trepador por meros cem anos. Talvez.

— Isla! Você deve me levar com você na próxima vez. Eu serei, tipo, o melhor aluno de todos. Você nem sequer saberia que estou lá. Espere, posso me tornar invisível? Pode ser? Você pode me ensinar? Então será como se eu realmente não estivesse lá. Você poderia fazer suas coisas e eu só vou ser o observador, pegando tudo como uma esponja — ele balbuciou.

Esqueça os cem anos. Eu teria sorte se não pusesse uma estaca nele pessoalmente nos próximos dez segundos.

— Scott, foco. Humano morto. Precisamos de um arranjo para que não tenhamos seres humanos e, por sua vez, os matadores no meu traseiro empinado — eu lembrei a ele. Não que eu estivesse preocupada com os matadores – eu poderia limpar o chão com eles - mas tinha acabado de fazer as unhas e não queria que isso fosse arruinado.

— Certo, certo, desculpe — disse ele rapidamente.

— Esquina da Smith com Sunderland, beco sombrio, terrível decorador, cara morto está no final disso. Você não tem como errar — eu disse. — Baixo, calças em torno de seus tornozelos, ferida no pescoço, costeletas que deveriam ser ilegais.

— Sim, sim, eu estou enviando alguém agora. — Seu teclado tocou em segundo plano com velocidade frenética.

— Ótimo — respondi com apenas o menor sarcasmo. Eu examinei a rua. Estava razoavelmente deserta às três da manhã, apenas o táxi estranho que gritava passado cheio de partidários arrastando seus corpos embriagados para casa. Eu poderia dizer, desde aquele que se precipitou passando cheio de mojitos e as meninas estavam balbuciando umas às outras sobre como os homens que eram idiotas.

— Amém por isso, mana — murmurei com voz tremenda.

— O quê? — Scott perguntou.

Merda. Eu esqueci totalmente que eu ainda estava no telefone com ele. Ele não desligou e me tratou com a frieza que faz fronteira com o desgosto como o resto dos despachantes fazem. Isso foi por causa do fato de que meu estilo de vida o fascinava, em vez de perturbá-lo. Dê-lhe tempo e a educação que as raças não conseguiram até serem transformadas. Ele me despreza, assim como o resto da minha raça e da minha família.

— Eu não estava falando com você, Scott — respondi com uma voz apertada, me dirigindo para o meu conversível vermelho-cereja do outro lado da rua.

Eu estava estritamente destinada a me misturar e não chamar a atenção para mim mesma, mas, ei? Por que tentar se encaixar quando você nasceu

para se destacar? Ou mais precisamente morreu e depois voltou à vida como um monstro sangrento criado para se destacar. Talvez sim, talvez não.

— Você tem alguém com você? Tipo um companheiro? — Ele perguntou rapidamente.

Fiz uma pausa na porta do meu carro. — Não. Eu estou sozinha. E nunca diga a palavra — companheiro — novamente — eu pedi.

Eu poderia praticamente saborear o suspiro de alívio no telefone.

— Eu posso fazer isso totalmente. Não dizer companheiro, quero dizer. Droga, parceiro? Porque parceiro parece totalmente mais apropriado, considerando que existe esse homem, eu sei quem gostaria de estar na sua asa. — Ele fez uma pausa. — Este sou eu — ele esclareceu.

— Adeus, Scott — eu disse para o telefone.

— Mas... — Eu desliguei antes que ele pudesse terminar sua frase de ganhador do prêmio Pulitzer. Não que um gesto assim o ofendesse ou dificilmente o impedisse. O garoto parecia *gostar* disso, quando eu era uma puta para ele. Eu balancei minha cabeça e joguei minha bolsa no banco do passageiro.

Eu provavelmente deveria ter sido mais legal com ele; ele só queria ser meu amigo. *Companheiro*. Eu mentalmente me encolhi. Eu não estava exatamente cheia até a borda no departamento de amigos. Na verdade, esta parte particular da minha vida estava em decomposição com teias de aranha. Eu tinha uma pessoa em todo o planeta que eu poderia dizer com certeza quase absoluta que não me queria morta.

Bem, pelo menos não neste século.

Saí da minha vaga de estacionamento e pude voltar para a noite, dirigindo para a minha cobertura em Upper Manhattan.

Embora eu tivesse muita coisa transbordando, uma área da minha vida estava em falta. Além do meu armário, havia meu apartamento espetacular em Nova York, a Villa na Itália, a cabana na Suécia –imagine a cena. Eu

também era gloriosamente atraente, tinha ótimo sentido de moda. Imortalidade não é ruim. Embora eu fosse. Ha ha.

— Eu sou hilária. Como eu não tenho amigos dando pulos de alegria para sair um pouco à noite? — Me perguntei.

Talvez porque falava comigo mesma depois de lanchar um estuprador.

Mais provável é porque os únicos seres humanos em particular que eu lanchei eram de variedade desagradável. Estrangeiros da sociedade: assassinos, molestadores de menores, estupradores. Escória de quem o mundo merecia se livrar. Certifiquei-me de que toda alma que tomei fosse uma que se dirigia para uma estadia longa, quente no submundo.

Eu esperava que o dia nunca viesse quando minha própria imortalidade fosse apagada. Não havia dúvidas de que eu iria para o submundo, e eu estaria enfrentando imbecis irritados e vingativos quando chegasse lá.

Uma boa motivação para continuar respirando. Ou não respirar, conforme o caso.

Além disso, Chanel teria uma nova coleção dentro de um mês.

Meu telefone tocou no sistema Bluetooth do meu carro enquanto eu puxava para o estacionamento do meu prédio. Eu me encolhi com a identificação do chamador.

— Porque, Deus? Por quê? — Eu perguntei ao Todo-Poderoso.

Eu não obtive resposta, principalmente porque se o Todo-Poderoso *estava* lá e olhava minha cabeça castanho-avermelhada, ele provavelmente tentaria descobrir formas de golpeá-la, a abominação que eu era.

— Mãe — eu cumprimentei, os dentes cerrados, manobrando meu caminho em direção à minha vaga de estacionamento.

— Isla. — Sua voz suja gotejou com desaprovação, independentemente do fato de que ela não tinha sequer começado a falar comigo. Como o grande homem lá em cima, minha existência inteira era uma desaprovação para ela. Ela poderia me ferir em um segundo se pudesse.

— A que eu devo o desprazer? — Eu perguntei, pressionando um botão para que o telefone fosse para o meu ouvido quando eu saísse do carro. — Deixe-me adivinhar, você quer reservar um dia de spa comigo? Ou talvez ir assistir o último filme de Nicholas Sparks? —Eu continuei com um tom doentio e doce, meus saltos reverberando sobre o concreto no prédio deserto.

Houve uma pausa carregada na outra extremidade do telefone. Eu poderia praticamente ver minha mãe esfregando as têmporas juntas, mesmo que não pudesse ter dores de cabeça. — Eu estou ligando para me certificar de que você não se esqueceu. — Ela falou, ignorando minhas palavras anteriores.

— Esqueceu o quê? Do fio dental? Não se preocupe, mãe, o atendimento odontológico é minha principal prioridade. Tenho que cuidar das minhas presas — respondi seriamente, minhas sobrancelhas franzidas no humano que eu sentia se aproximando rapidamente de mim.

Outra pausa. — Você *se recusa* a agir com qualquer aparência de maturidade, nem mostra à nossa raça o respeito que ela merece, e você constantemente suja o nome de nossa família — disse ela, sua voz calma.

— Puxa, mãe, eu adoro suas poucas conversas — respondi docemente, parando minha viagem até os elevadores enquanto sentia a presença atrás de mim. Suspirei, me virando. O humano estava vestido de preto, um gorro preto puxava os cabelos surrados e sujos. Seus olhos estavam correndo pelo estacionamento vazio, o restolho obscurecendo a metade do rosto. Ele apontou uma arma na minha cabeça.

— Me dê todo o seu dinheiro — ele exigiu.

Olhei para ele, levantando a sobrancelha, o único aviso que ele iria conseguir.

Minha mãe estava inconsciente da minha situação atual, embora eu aposte que ela teria ficado satisfeita por estar se desdobrando uma chance de que um assaltante de quinta categoria pudesse estar equipado com balas de cobre e me desse um tiro na cabeça. — Você é esperada no evento para...

— Segure esse pensamento, mamãe querida. Eu tenho o homem mais bonito apontando uma arma para a minha cabeça agora — eu a interrompi, minha voz branda.

— Cadela! Eu não estou brincando! — O homem rugiu. — Me passe sua maldita bolsa, e esses brincos. — Ele sacudiu a arma na direção da minha cabeça e meus lindos brincos de diamante.

— Cara, você não quer fazer isso — avisei.

— Eu vou atirar em você. Você quer morrer hoje? — Ele grunhiu.

Eu revirei os olhos. — Eu já estou morta — murmurei, pisando e puxando seu pescoço. Não parecia rápido para mim, mas para seus inúteis olhos humanos, não foi nada mais que um borrão. O borrão seria a última coisa que ele veria na Terra.

Olhei para o corpo amassado. Provavelmente não deveria tê-lo matado. Sim, ele tinha planejando me assaltar e potencialmente me matar - eu podia sentir o cheiro da raiva e desespero deixando seu corpo sem vida, mas ainda assim. Normalmente pesquisei os humanos que matei, me certifiquei de que mereciam morrer, mas eu estava irritada. Minha mãe fazia isso comigo.

— Eu não tenho a noite inteira, Isla. — Eu podia imaginar minha mãe batendo seu pé.

— Não se preocupe comigo. Eu estou bem — eu disse a ela, meu olhar se dirigindo para me certificar de que nenhuma testemunha indesejável seria uma complicação. Estava um pouco chateada por que esse cara pudesse sequer entrar aqui. Estávamos em uma parte sofisticada da cidade e a segurança neste edifício deveria ser apertada, ainda mais para que um drogado com uma arma não conseguisse entrar. Eu iria escrever um e-mail bem sério para o administrador do prédio no dia seguinte.

— Amanhã à noite. O novo rei está dando um banquete. É importante que você não continue a manchar o nome da família. Sua presença trará apenas um pouco menos de vergonha do que a sua ausência — ela me informou friamente. Somente minha mãe chamaria o monarca que reinava há quase um século de - novo.

Eu não vacilei no veneno em seu tom. Eu estava recebendo isso por centenas de anos. Uma garota se acostuma com isso.

— Desculpe, eu acho... — Eu finjo parar. —...Sim. Vou lavar meu cabelo amanhã à noite . Diga oi ao rei por mim — falei alegremente enquanto eu arrastava o corpo do meu quase assaltante para o meu carro.

— Se você não vier, seus irmãos entregarão os corpos de três crianças mortas em seu apartamento ao amanhecer. Crianças que terão morrido por causa da sua desobediência — ela declarou, como se ela esperasse nada menos do que a minha recusa.

Eu parei, meu sangue gelando. Mais frio, enfim. — Por quê? — Eu engasguei. — Por que você simplesmente não me renega? Em vez de me chantagear para participar de eventos como estes década após década? — Minha voz era desprovida de qualquer sarcasmo ou humor. A ameaça de minha mãe não era em vão. Eu sabia por experiência própria.

— Porque tanto quanto eu odeio, você é uma Rominskitoff. Uma das maiores famílias de nossa raça. Esse nome sempre ficará com você, não importa o que eu faça. Então eu faço o que devo — ela respondeu. — Você sabe onde fica. Vista-se adequadamente — ela ordenou antes de desligar.

Suspirei, caindo contra a porta do meu carro e deixando cair o corpo que estava segurando. Não importava que eu tivesse centenas de anos, eu ainda era escrava de uma mãe psicótica. Uma que me desprezava. Junto com a maioria da minha família, é claro. Fiquei surpresa ao ouvir que eles estavam no país. Eles odiavam a América, achavam brega e vulgar. Eles geralmente ficavam tão longe quanto possível, daí minha residência aqui. Sua escalada social e as aspirações de fome de poder fizeram com que eles esquecessem o ódio pelo país, bem como por mim, se eu estivesse sendo convocada para a reunião.

Uma que eu não gostaria de comparecer.

Mas eu não queria ter mais três corpos na minha consciência naquela noite. A minha soma de morte já era suficiente para me amaldiçoar dez vezes.

— Porra — eu sibilei no ar.

Política de vampiros. Eu queria ficar longe disso. Longe disso. Mas eu era membro de uma das *maiores famílias da nossa raça*. Apesar do fato de eu ter decepcionado não apenas essa família, mas toda a minha raça. Vire o disco.

— Oi. Preciso de outra limpeza — suspirei no telefone.

— Isla? — Uma voz excitada cumprimentou. — Outro? Você está ocupada esta noite. O que está acontecendo?

Apertei a ponta do meu nariz. — Apenas mais uma noite divertida e emocionante no meu mundo — eu murmurei. — Mande a equipe de limpeza no porão do meu prédio de apartamentos. Eu realmente não preciso de uma investigação de assassinato fodendo a minha noite mais do que a minha mãe já fez.

Ouvi o toque das chaves. — A caminho.

Por uma vez, ele não balbuciou, não fez perguntas. Fiquei agradecida por isso.

— Obrigada, garoto. Eles não conseguiram mais ninguém para ficar nos telefones hoje à noite? — Eu perguntei, indecisa do porque eu estava conversando com meu admirador não tão secreto.

— Não. Quero dizer, sim, mas eu meio que... Solicitei suas chamadas — ele balbuciou timidamente.

Olhei para o terraço procurando paciência. Embora eu estivesse olhando para o chão. O rei do submundo era quem me concedia favores, e não o seu papai distante. — Claro que você fez.

Novos vampiros, especialmente meias raças sem conexões com as famílias antigas, eram empregados secundários em nosso setor público. Empregos como atender os telefones nos centros de limpeza. Fazendo eles mesmos a limpeza. Fazendo o trabalho sujo das chamadas famílias superiores ou vampiros mais velhos que haviam conseguido o polo do totem aristocrático. Era um trabalho de merda. Um Scott da vida parecia pensar que era a melhor coisa do planeta. Eu me perguntei seriamente se ele era o primeiro vampiro a nascer com falta de um cromossomo.

— Eu falei sério. Eu quero ajudar. Aprender com você. Fazer o que você faz — ele implorou no meu ouvido.

Talvez porque acabei de ser verbalmente atacada pelo réptil que era minha mãe, eu estava me sentindo excepcionalmente caridosa. Ou talvez eu não estivesse sendo carinhosa com a dita mãe.

— Você está livre amanhã à noite? — perguntei com um sorriso.

A resposta de Scott foi igual de um adolescente excitado em um concerto do One Direction. Depois de desligar, olhei para o morto e sorri. Mamãe iria odiá-lo. Perfeito.

***

— Pare de se mexer — eu ordenei a Scott enquanto caminhávamos pelas opulentas portas duplas de uma ostentosa mansão nos arredores de Nova York.

Ele imediatamente parou de puxar as mangas da camisa.

— Desculpe — ele murmurou timidamente.

Olhei para ele. — Não se desculpe, com ninguém. Você é um vampiro, pelo amor de Lúcifer. Aja como tal.

Ele engoliu em seco. — Desculpe. — Ele fez uma pausa. — Quero dizer... — Acenei com a mão para que ele se calasse.

Ele franziu os lábios e moveu a cabeça, com os olhos virados para examinar a sala. Ele sorriu com espanto. — Puta merda!

Eu revirei os olhos, já me arrependendo da minha escolha de encontro. Eu suponho que para seus novos e brilhantes olhos de vampiro, a grandeza do lugar era demais. Algo incrivelmente brega. Haviam pendurado várias tapeçarias, de séculos de idade e vermelho-sangue, é claro. *Tudo* era vermelho-sangue - as toalhas de mesa, as roupas do garçom, a porra do tapete. Enruguei o nariz em desagrado e imediatamente agarrei um copo de champanhe de

uma bandeja que estava passando por mim. Evitei o líquido vermelho que foi misturado com o champanhe, meu estômago revirando em de onde isso veio. Definitivamente, não era sangue bom.

— O rei vai realmente estar aqui? — perguntou Scott, seus olhos se dirigiam como se ele estivesse esperando um homem com uma coroa pular de trás de uma cortina e gritar: — Venere-me, camponês!

Eu examinei a multidão. A maioria era familiar, outros não. Eu cresci em torno destes idiotas sanguinários. Fui para a escola com muitos deles. Eles dizem que o mundo é pequeno, mas quando você está nisso há alguns cem anos, realmente parece pequeno. As mesmas pessoas pareciam circular essas coisas miseráveis. Pessoas que eu detestava, e com os olhares que recebi, o sentimento era mútuo. A decadência de ser imortal, é que você não poderia ansiar sequer que a morte tirasse alguém que você odiava da lista de convidados.

— Assim me disseram — respondi, abaixando meu primeiro copo e pegando outro. Metabolismo acelerado significava que eu tinha que beber rápido para ficar bêbada o suficiente para não rasgar os membros de ninguém antes da meia-noite.

— O verdadeiro rei? Você acha que vamos conhecê-lo? — Scott me perguntou com entusiasmo.

Tomei um enorme gole do meu champanhe e revirei os olhos.

— Somente se você foi um menino realmente mau.

— Você não quer conhecê-lo? — Sua pergunta fez parecer que eu estava proclamando que eu bebia sangue animal. Eu não bebia. Nenhum vampiro bebia. Não poderíamos sobreviver com essas coisas. No entanto, agora que os vampiros eram símbolos sexuais na moda, a cultura popular devia nos tornar um pouco menos... Nojentos. Daí inventaram o fato de que sugamos o sangue de Bambi em vez do de Martha.

Não uma melhoria, na minha humilde opinião.

Eu fingi refletir, encaixando a taça de champanhe no meu peito. — Se eu quero conhecer Sua Alteza poderosa de nossa raça? Um homem que

provavelmente cresceu sendo alimentado com bolsas prontas de sangue em um prato e espera que todos se inclinem e beijem seus mocassins de jacaré? E obedeçam a todos os seus caprichos? Claro. Não consigo pensar em nenhuma outra maneira de gastar meu sábado, eu não preferiria arrumar minhas próprias presas ou qualquer coisa — respondi, minha voz doce com sarcasmo.

O rosto de Scott ficou positivamente pálido. Mais pálido do que já era, de qualquer maneira. Ele não estava boquiaberto para mim, mas para o espaço logo atrás de mim.

Merda.

— Ele está bem atrás de mim, não é? — Eu perguntei através de dentes cerrados. Scott balançou a cabeça lentamente.

— Droga — murmurei em voz baixa. Embora por que murmurei, sabe-se lá; todos na sala provavelmente poderiam ouvir, se assim o desejassem.

E eles não desejariam nada menos do que ver o rei tirar a pele do meu braço por ousar desrespeitá-lo em sua própria festa.

Eu não estava apenas inventando essa merda. Aparentemente, isso aconteceu com algum vampiro que criticou sua escolha no sangue.

— Eu odeio decepcioná-la, mas eu não estou usando mocassins de jacaré, embora eu tenha certeza de que eu poderia mandar alguém procurá-los para mim, para que você pudesse beijá-los. — Uma voz profunda flutuou no meu ouvido. Era suave e agradável, sem uma hostilidade subjacente sugerindo esfolamento iminente da pele.

Olhei para Scott. — Um sinal de mão, um maldito aviso. Você não poderia me dar nada? — Sibilei contra ele antes de abaixar minha bebida e girar lentamente. Eu tentei colocar um olhar apologético no meu rosto, embora eu me preocupasse que eu simplesmente parecia perturbada. Tecnicamente, eu poderia ser severamente punida pelo meu pequeno monólogo. Os monarcas eram rígidos assim.

Fiquei momentaneamente chocada com o que me apresentaram. O rei era quente. Tipo *super quente*. Parecia que ele passava os dias se bronzeando em vez de governar, e seus traços eram escuros e masculinos. Olhos da cor de

duas esmeraldas brilhantes e um punhado espesso de restolho cobrindo seu maxilar afiado. Seu cabelo era desgrenhado e escovava os ombros, uma cicatriz dentada varrendo sua testa.

Pré-transformando, pensei comigo mesma. Vampiros podiam ficar feridos, por alguém muito determinado ou muito estúpido, mas não podíamos deixar cicatrizes. Pelo menos não depois de termos atingido uma certa idade, ter morrido e nos transformarmos em seres imortais. Antes, ficamos um pouco mais quebráveis, embora nós não gostássemos de admitir isso, o que fez eu me perguntar por que o nosso rei não tinha encontrado uma bruxinha para cuidar da cicatriz. No entanto, era sexy como pecado.

Talvez fosse por isso, embora eu tenha certeza de que sua coroa já lhe deu muito rabo de saia.

Ele era enorme. Tipo *enorme*. Ele se elevava sobre mim, e eu era alta para uma mulher - e de salto alto, nada menos. Embora seu terno sob medida cobrisse todo o corpo, salvo seu pescoço com cordão, ele não escondia sua forma muscular.

Eu engoli, não esperava ser atraída pelo monarca que detestei no princípio.

— Tenho certeza de que seus lacaios têm coisas melhores a fazer do que ajudar a perpetuar crimes de moda — Eu respondi uniformemente. Olhei para os pés, mas não encontrei nenhuma pele de cobra.

Apenas sapatos Gucci para a noite muito caros, muito elegantes, com um pequeno destaque para o salto. Suas calças eram pretas, Armani, se não estivesse enganada, assim como a camisa preta que estava desabotoada, mostrando o grosso cordão em seu pescoço.

Meus olhos subiram para encontrá-lo mais uma vez. — Além disso, seus sapatos são uma surpresa confortável. — Engoli em seco. — Sua Majestade — acrescentei com esforço.

Eu suponho que eu deveria fazer uma reverência ou algo assim, mas pensei melhor. Tínhamos reunido um pouco de público, então todos obviamente ouviram meu pequeno discurso. Eu não ia me humilhar tentando

bajular meu rei como o resto das massas. Eu apenas teria que ter esperança de que ele não se sentisse particularmente irritado.

Seus olhos não estavam cheios de ira, apenas diversão. — Estou feliz que minha escolha de calçado a agrade... — Ele curvou uma sobrancelha para mim em questão.

— Isla — eu digo rapidamente, embora não pensei por um segundo que ele ignorasse quem eu era. Eu não era arrogante... Bem, na verdade eu era, mas achei que seus assistentes sempre presentes e os assessores o alertaram sobre potenciais encrenqueiros. Eu estava no topo desta lista particular por mais de quatrocentos anos.

— Isla — ele repetiu, meu nome parecendo delicioso em seu tom rouco.

Oh meu Deus, eu estava ficando toda derretida por esse cara. Eu não ficava derretida.

Pare. Agora.

O derretimento se intensificou quando seu olhar percorreu o meu corpo. Eu estava vestindo um vestido todo branco, principalmente para irritar a todos. Vampiros pareciam pensar que era obrigatório usar cores escuras e violentas para perpetuar estereótipos.

Eu queria ficar tão longe dos estereótipos quanto pudesse. Meu vestido era colado e sem alças, moldando meu corpo, e tinha uma fenda até acima da coxa. Saltos stilettos brancos serpenteavam minhas panturrilhas. Sob seu olhar, fiquei totalmente feliz por não economizar no cabelo e na maquiagem. Meus cabelos castanhos caíam em volta dos meus ombros e pelas minhas costas em cachos suaves. Eu tinha optado por um olho esfumaçado para acentuar minhas íris verdes e estava sem batom, em vez de minha assinatura vermelho-sangue. Uma garota tinha que manter *alguns* estereótipos vivos. Ou mortos-vivos.

— Eu tenho que dizer que sua escolha de calçado também me agrada — disse ele, finalmente, uma vez que seus olhos se encontraram com os meus mais uma vez.

Nós mantivemos esse longo e intenso olhar durante uma fração de segundo antes dele me dar um aceno de cortesia e se virar para desaparecer na multidão. Dois homens o seguiram. Guarda-costas, eu suspeitei. Ele parecia que poderia se cuidar realmente bem de si mesmo, mas estes eram tempos incertos.

— Isla — uma voz afiada sibilou.

— Sem descanso — murmurei, minhas costas empurrando com força.

Uma mão firme pegou meu cotovelo. Eu encontrei os olhos idênticos aos meus, estreitados em um olhar de quase puro ódio.

— Ei, mãe, como vai a morte? — Eu cumprimentei com um sorriso.

— Diga-me que não era justamente o rei com quem você estava falando — ela exigiu.

— Ok, esse não era o rei com o qual eu estava justamente falando. — Beberiquei meu champanhe, meus olhos já escaneando a sala pelo garçom mais próximo. Eu precisava estar bêbada para estar morta por isso à noite, e graças ao meu metabolismo acelerado, eu precisava de cerca de mais vinte desses para estar suficientemente bêbada.

Seu aperto aumentou e ela olhou ao redor, consciente dos vários olhos em nós. Ela sorriu fortemente. — Falaremos disso mais tarde.

— Mal posso esperar. — Eu sorri firmemente, esvaziando meu copo.

Seus olhos se moveram atrás de mim, pegando Scott.

Ele era bem apresentável, se você me perguntasse. Eu honestamente esperava que ele fosse alguma criança gordinha, de óculos e cabelos vermelhos.

Sim, os vampiros podem ter excesso de peso. Todas as formas e tamanhos, não somente altos, sombrios e brilhantes.

Na verdade, de jeito nenhum brilhante. A menos que você contasse minha personalidade, o que eu fazia.

Scott não era nada disso, mas não era ruim de se olhar. Tipo, eu não precisaria do saco de papel no quarto. Ele era mais baixo do que eu e um pouquinho magro, mas ele malhava. Seus cabelos loiros eram desleixados da maneira como os garotos adoravam fazer nestes dias e suas características eram afiadas e definidas. Ele tinha uma dispersão de sardas, sem dúvida herdada de seu pai humano.

— Quem é esse? — ela perguntou, sua máscara de vampira da sociedade se retorcendo. — Você finalmente encontrou um homem para sobreviver à sua companhia por mais de doze minutos, parabéns.

Agarrei outro copo de um garçom que passava, ignorando o olhar da Filha do Demônio. — Mãe, este é Scott — eu apresentei, olhando minha mão sem relógio. — Esteve na minha presença por aproximadamente... Catorze minutos. Embora eu duvide que teremos quinze com você por perto.

Minha mãe me ignorou e estendeu a mão enluvada. Não era para Scott apertar, mas para beijar. Sério.

Ele olhou para o membro estendido confuso antes de dar uma olhada e desajeitadamente executar o beijo.

— Senhora, prazer em conhecê-la — ele se atrapalhou uma vez que a soltou.

Ela lhe deu um olhar de avaliação. — Encantada — ela murmurou, embora seu tom traísse que ela ficaria mais encantada mastigando um pano de prato. — Você é... — Ela olhou para o seu terno barato, depois em suas sardas antes de se irritar.

Você poderia provar o gelo no ar, originado de seu desagrado absoluto de mestiços. Eu raciocinei que se ela pudesse encontrar uma maneira discreta de imediatamente queimar a luva onde ele colocou a boca, ela o faria.

Eu? Eu pensei que ele precisava pulverizar anticongelante em seus lábios.

— Meio humano e ele atende os telefones no Setor — terminei por ela, curtindo o rosto dela congelando imensamente. — Agora, se você nos desculpar. — Peguei a mão de Scott.

— Nós temos algo muito importante a fazer por aí. — Gesticulei vagamente até o lado mais distante da sala.

Não aguardei se ela diria mais alguma coisa, arrastando Scott para fora do alcance de suas presas, ambos literal e figurativo. Ela provavelmente não faria algo tão grosseiro como dar o bote no meu encontro em tal evento, mas eu não ia correr riscos.

Eu acenei com a cabeça para as várias pessoas que me encaravam, sorrindo para os que abertamente olharam fixamente.

— Então, essa era sua mãe — disse Scott, engolindo com força.

Arrastei outro champanhe de uma bandeja passando, entregando a ele. — Sim. Uma completa gata, não é? Um exemplo brilhante das pessoas maravilhosas que participam dessas gloriosas reuniões — eu disse, sorrindo para as pessoas que se enrijeceram quando ouviram meu sussurro. Vampiros. Grande audiência significava que eu poderia insultar um grupo enorme ao mesmo tempo. Totalmente impressionante.

Eu nos levei para um canto da sala onde tínhamos o melhor ponto de vista para olhar para o resto dos meus parentes vampiros.

— Esta é... Estas são todas as famílias? — perguntou Scott, olhando para o mar atraente de corpos eternamente jovens que usavam uma variedade de preto, carmesim e outras cores igualmente deprimentes.

Eu acenei com a cabeça, escaneando o grupo e localizando meus irmãos e meu pai, embora eles fossem difíceis de perder. Minha família era alta. Sim, os vampiros tinham genética, como qualquer outra espécie viva, ou tecnicamente morta. Todos os membros da minha família tinham cabelos grossos e castanhos - o meu era o melhor - e uma silhueta de estátua. No entanto, ao contrário de mim e da minha mãe, meu pai e irmãos não eram magros; eles eram construídos com músculos, como se passassem horas no ginásio. Eles eram apenas uma parte do acordo das — famílias excelentes —, boa aparência e físicos favoráveis. Esses traços foram assegurados pela — criação seletiva — de apenas o mais puro sangue.

Misturar ou sujar a linha de veia com qualquer coisa que não pecasse no lado do azul foi uma maneira ideal de se livrar da elite dominante mais rápido do que você poderia dizer 'casamento forçado.'

Todos eles pareciam modelos, e das mesmas idades, apesar de haver alguns mil anos entre eles. Você teria que cortá-los e contar os anéis se você quisesse distinguir a idade. No entanto, o cabelo do meu pai estava alisado para trás e ele era mais magro do que os meus irmãos.

— Aí está o resto da minha família fofinha. — Eu acenei com a cabeça para eles, lhes dando uma onda de dedos e um sorriso.

Meu pai olhou para mim com um olhar vazio, o abismo de seus olhos traindo nada além de talvez a menor nota de aversão. Viktor e Evgeni simplesmente me ignoraram.

— Não deixe a boa aparência deles enganar você. Eles são psicopatas, porra — eu disse através do meu sorriso.

— Não são todos os vampiros? — Scott murmurou, me surpreendendo. Seu tom estava um pouco cansado e cheio de repulsa, como se ele estivesse se distanciando daqueles na sala em cujas pernas eu tinha certeza de que ele iria trepar.

Olhei para o meu lado para vê-lo. Ele estava fitando a sala, aquele cachorrinho parecia ter desaparecido, substituído por algo mais antigo e indiscutivelmente mais sábio.

— Eu acho que vamos ficar bem, Scotty — eu disse, olhando para a sala.

***

Nós apenas estávamos nadando nas águas cheias de tubarões por cerca de meia hora antes que um silêncio espesso cobrisse a sala. Um que me fez olhar da bandeja de onde eu tinha acabado de agarrar a minha vigésima, ou quadragésima champanhe.

O rei ficou em frente da multidão, levemente levantado em um pequeno palco em frente a uma tapeçaria que descrevia a Batalha dos Quatro, onde as quatro facções sobrenaturais lutaram uma contra a outra. As vítimas em todos os lados foram graves antes de um tratado de paz ter sido assinado. Então, todos os governantes de cada facção começaram a dividir cada cidade principal em quatro seções, então nenhuma dessas batalhas seria travada de novo.

Havia reuniões a cada década para reavaliar as cidades em crescimento. Pelos cochichos que eu tinha ouvido durante toda a festa, uma acabara de terminar em Praga, onde foram tomadas algumas decisões controversas.

Eu não saberia, fora a semana de moda de Nova York na semana passada e as únicas grandes decisões que eu conhecia eram sobre a decisão de trazer de volta o veludo. Obviamente, os vampiros nesta festa adoraram essa escolha particular.

O rei irradiava um tipo frio de autoridade que tornava os melhores vampiros - eu uso este título com uma dose pesada de sarcasmo - silenciosos e focados nele. Alguns o faziam de má vontade, como minha mãe com o rosto comprimido, mas todos ainda lhe davam a coisa mais preciosa que os imortais poderiam dar - a atenção deles.

Seus olhos de esmeralda atravessaram a sala antes de se instalarem por um momento. Então eles se foram.

— Eu aprecio a presença de vocês — ele começou, seu tenor suave viajando pela multidão de vampiros no salão de baile. — Eu sei que muitos de vocês vieram de longe para estar aqui e ouvir o anúncio pelo qual eu os trouxe aqui. — Ele fez uma pausa, o tempo suficiente para ficar desconfortável, ainda que nenhum vampiro murmurasse nada. Eles não se atreveriam. A ameaça do rei era lendária e cada vampiro tinha muita autopreservação para interromper o discurso do rei com um sussurro inoportuno.

— Com facções traidoras causando problemas para si mesmos, uma aliança foi feita.

As palavras se estabeleceram sobre a sala com tanta força que não consegui esconder meu sorriso. Mesmo eu não podia irritar cada vampiro com tanta facilidade. Parabéns ao rei Markandeya.

Vampiros se consideravam no topo da cadeia alimentar. Fomos criados por deuses, pelo amor de Pete. Nossas veias tinham o Ichor, a substância da vida eterna correndo por elas. Os lobisomens eram apenas loucos da natureza, bruxas eram pagãs e demônios eram apenas soldados de um rei há muito esquecido. Os vampiros eram a elite. Ou é isso que os participantes desta recepção pensavam.

— Esta aliança entre sobrenaturais vem acontecendo a muito tempo. O mundo está mudando e, portanto, assim deve nossa sociedade se quisermos manter nossa posição — continuou o rei.

— Mas sejam avisados, esta não é, e nunca será, uma democracia. Você pode discordar desta decisão, mas eu faço isso pelo bem da nossa raça, então você deve encontrar uma maneira de aceitá-la. Ou vocês enfrentarão o castigo que esses rebeldes pegaram após a explosão em Praga.

Sua ameaça pesou no ar enquanto os olhos frios se concentravam em vários membros da multidão de rosto de mármore.

Silêncio cheio de malícia e raiva encheu a sala. O rei permaneceu na frente do espaço, esperando alguém desafiá-lo. Quando os silenciados bocejaram, ele assentiu uma vez. — Aproveitem o sangue, a companhia, eu exorto vocês. — Então ele assentiu e deslizou do palco.

As conversas em surdina retomaram após sua saída, mas ninguém ousou criticar a decisão do rei, embora eu tivesse certeza de que haveria mais do que suficiente indignação por trás das portas fechadas.

Eu, sorvi o desconforto dos vampiros que eu desprezava há muito tempo. Segurei meu copo para o rosto em branco da minha mãe. Seus olhos cintilaram de raiva antes que ela o mascarasse.

Eu sorri, bebericando do meu copo.

Scott inclinou-se. — Algo ruim aconteceu? — ele perguntou, alheio como uma criança.

Eu dei uma olhada. — Oh não, algo maravilhoso aconteceu.

***

— Preciso de um pouco de ar fresco — murmurei para Scott enquanto nos afastávamos de uma conversa tão encharcada de farpas verbais, fiquei surpresa por não estar sangrando.

Apesar de que, se as palavras pudessem ferir, o vampiro do qual estávamos nos afastando seria um cadáver sem cabeça adicionado à decoração.

Séculos disso significavam que eu conseguia segurar a minha.

— Você vai ficar bem aqui? — Eu perguntei a Scott, que estava agora em seu quinto champanhe. Ele não tocara o líquido âmbar tampouco.

Ele olhou para mim, sorrindo. — Claro.

Eu balancei minha cabeça. — Talvez eu tenha me enganado sobre você, meu amigo. — Eu estava falando sério. Ele manipulou as víboras perfeitamente, as insultando de maneiras apenas veladas o suficiente para serem consideradas boas maneiras como resposta a todos os comentários sobre sua linhagem, ou falta dela. Ele era de uma família desconhecida e uma meia raça para arrancar. Seu pai era humano ou tinha sido. Essa é a coisa sobre esses seres humanos; eles tinham um hábito desagradável de morrer. E não havia nada que sua mãe pudesse ter feito, já que toda essa merda sobre o sangue de vampiros ser uma cura mística era coisa de Hollywood. Os seres humanos morriam, os vampiros viviam. Simples assim.

Mestiços como Scott ainda eram tecnicamente imortais, mas eram muito mais frágeis do que os seus equivalentes de sangue puro, o que era apenas uma pequena razão porque os da própria sociedade tentavam o seu melhor para evitar trabalhos burocráticos. Principalmente porque os idiotas da — raça superior — consideravam que os seres humanos eram pouco mais do que refeições com um vocabulário. Alguns, é claro, faziam o emaranhado

horizontal com eles, antes que os sugassem. Mas apaixonar-se por um, *alimentar-se* como um? Bem, isso era semelhante ao arquivamento de suas presas.

— Fique frio. — Eu pisquei um pouco para ele, tilintando meu copo com o dele antes de andar pelo mar de idiotas.

Felizmente, a varanda que conduzia às portas francesas do salão de baile estava deserta, o que significava que eu poderia ter um momento para mim e sacudir a sujeira que acompanhava tais coisas.

A propriedade era fora de Nova York, esparramada em acres de jardins bem cuidados. Estava escuro, mas isso não significava muito para mim; a visão aumentada e a audição eram uma das coisas que nos separavam da raça humana.

Ah, e a imortalidade e o fato de que sugamos o sangue da mencionada raça humana para ficarem mortos-vivos.

Pequenas coisas.

Eu me inclinei contra o parapeito, resistindo o impulso de me abaixar sobre ele e fugir desta festa amaldiçoada. Não foi apenas o dano à minha roupa que me impediu. Foram as palavras de minha mãe.

— Se você não vier, seus irmãos vão te entregar os corpos de três crianças mortas no seu apartamento de madrugada.

Não era uma ameaça vã. Eu aprendi isso da maneira mais difícil.

Eu nunca tinha sido a filha pródiga que meus pais tinham desejado, mesmo antes de me transformar. Eu passei minha infância na literatura humana em vez do evangelho de vampiro, o que, claro, não era algo que você encontrava na Barnes e Noble[1], ou em seu equivalente do século dezesseis.

Eu chorei quando tinha seis anos e vi meu pai e minha mãe matarem um humano. Algo que um vampiro, mesmo antes de amadurecer completamente, nunca deveria ter feito.

[1] É a maior livraria varejista dos Estados Unidos

A partir daí, minha família tornou sua missão de esconder meus hábitos de humanidade do resto da sociedade. Tudo feito através da força, obviamente. Se eu não agisse como eles queriam, eles matavam crianças, famílias inteiras, na minha frente. E então me faziam dormir no mesmo quarto que seus cadáveres.

Funcionou por um tempo. Seus métodos eram terríveis e projetados para tornar até mesmo o santo mais devoto em um pecador. Como eu não tinha sido devota, nem uma santa, tornei-me sombria, pecando o suficiente para fazer até mesmo Ted Bundy[2] corar. Eu me transformei depois que eles mataram a vida que eu tinha feito para mim e depois, escapei da atmosfera fria e insensível da Rússia.

Quando completei vinte e três anos e a chance se apresentou, eu corri. Não olhei para trás. Eu tinha planejado ir tão longe da pátria quanto possível, perseguindo a luz do sol enquanto eu pudesse viver em seus raios quentes, antes de ser condenada a uma vida nas sombras.

Cheguei na Paris do pós-guerra no final dos anos 1600, quando Louis foi coroado e a cidade estava florescendo com sua nova paz. Tanto os parisienses quanto eu estávamos alegremente ignorantes de quão frágil a paz se tornaria. Como se quebraria e seria substituída com sangue, morte e angústia.

Fiquei rapidamente atormentada com a cidade em crescimento e a vida pulsante que emanava de suas ruas. Apesar dos objetivos de viajar para a extremidade do mundo para escapar da minha família e tentar em vão manter minha humanidade, fiquei. Fiz amigos com aristocratas, graças ao meu sotaque místico russo e aparente falta de família.

Uma mulher jovem, atraente e rica naqueles tempos não viajava sozinha.

Os tempos eram delicados, assim como a vida. As mulheres em tal tempo eram consideradas as mais delicadas de todos. Eu não estava

[2] Theodore Robert Cowell, mais conhecido pela alcunha de "Ted" Bundy, foi um dos mais temíveis assassinos em série da história dos Estados Unidos da América durante a década de 1970. Ele iniciou a sua carreira criminosa assassinando e estuprando as suas vítimas.

preocupada com os horrores ou perigos que o mundo humano oferecia a mim; não era nada comparado à minha infância.

Eu era ingênua e, de alguma forma, pensei que eu era invencível, embora estivesse no mais frágil estágio na minha vida imortal. Muitos vampiros morriam quando a força da vida era a mais próxima de um humano como sempre tivemos.

Eu não me preocupava com essas coisas naquela época, eu me preocupava com o sol, os vestidos, champanhe e festas. E foi em uma das festas no recém-construído Versailles que eu o conheci.

Eu flutuava ao redor da grama, minhas saias seguindo no chão enquanto eu sorria para a luz do sol, aquecendo-me em seu brilho e na ligeira penugem na borda de meus pensamentos, graças ao excelente champanhe.

O murmúrio das conversas me acalmava, a falta de assassinatos e gritos com os quais eu havia crescido costumava ser irritante, ainda que reconfortante.

Uma eletricidade serpenteava minha pele com o sinal revelador de uma aterrissagem nas minhas costas. Eu olhei para o jardim para ver o dono daquele olhar deslizando pelas multidões, balançando a cabeça para os homens e curvando-se para as mulheres enquanto se aproximava.

Seus olhos de caramelo nunca me deixaram quando ele se aproximou. Eu fiquei um pouco boquiaberta com o homem jovem com a pele beijada pelo sol. Seu cabelo ruivo enrolava em seu rosto em ondas brilhantes, separando-o dos outros homens que conheci. Seu traje era menos incomum, o austero branco ruivo serpenteava o pescoço, contrastando com o jerkin de couro complexamente desenhado sobre o casaco combinando. As mangas combinavam e adicionavam ao olhar nítido e opulento. Eu não fiquei impressionada com suas roupas, nem os recursos que o fizeram capaz de adquirir os melhores tecidos. Era o calor que parecia viajar com ele, os olhos focados nos meus que eram duas pequenas bolas de luz, confortando-me com o calor deles.

Ele chegou para mim, curvando-se e me comendo com o olhar.

O calor do meu rubor subiu nas minhas bochechas. Não era incomum eu ser sujeito da atenção dos homens. Eu tinha tido minha experiência com isso desde a

minha chegada na cidade estranha e vibrante, e apesar disso ter me excitado, nada tinha enrolado no meu estômago com um mero olhar como naquele momento.

Eu esqueci meus modos momentaneamente e fiz uma reverência como era apropriado.

Uma sombra de um sorriso iluminou seu rosto juvenil quando eu me levantei.

— Mademoiselle — ele cumprimentou.

Eu inclinei minha cabeça, mesmo que fosse para escapar da atração de seu olhar. Imediatamente eu ansiei por isso.

— Monsieur — eu retornei. Tive medo de que minha saudação não fosse tão suave quanto a dele. Do jeito que a língua dele rolou com uma única palavra o traiu como nativo e eu, como estrangeira.

Ele olhou em minha volta, como se estivesse esperando que alguém viesse e me tirasse de sua presença.

— Você não tem uma família, um acompanhante para proteger sua honra? — Ele me perguntou, como se esperasse ter que desembainhar a adaga no cinto para pegar o posto.

Eu ri. — Proteger minha honra? Não — respondi suavemente. Amaldiçoá-la, talvez.

— Sua família, eles estão mortos? — Seus olhos procuraram os meus, quentes com preocupação.

Assenti com a cabeça, tomando meu champanhe. — Mortos — eu concordei.

Não era uma mentira. Eles simplesmente passaram a andar, conversar e assassinar sem um batimento cardíaco. Daí o meu isolamento voluntário em Paris. Eu estava lá há quase um mês e eles não vieram me buscar. Fiquei surpresa, imaginando que a filha rebelde de Rominskitoff que se misturava com seres humanos seria o escândalo do século.

Eles não estavam prontos para eles mesmos me transformarem; eu aposto que eles estavam esperando que isso fosse sujo e o mundo mortal cheio de morte poderia esconder minha existência do planeta antes que eu tivesse a chance para manter permanentemente seu legado como uma imortal. Ou eles estavam esperando que a

minha rejeição ao assassinato e ao sadismo de sangue frio fosse apenas uma fase. Humanidade, uma rebelião desagradável, em vez de um modo de vida ou mortos-vivos.

Seja como for, fiquei feliz por estar sem eles, e eu me senti confiante o suficiente para gerenciara vida em Paris sozinha. Mesmo esta festa da sociedade abafada era um pouco agradável, especialmente com este cavalheiro com os olhos quebrados e um corpo magro sob a roupa.

Ele deu um passo à frente. — É um crime que uma jovem senhora como você, esteja na sociedade sem proteção. Tenho a honra de oferecer meus serviços.

Apertei minha testa, principalmente para esconder o estranho sentimento de que sua falta de hesitação me trouxe. A maneira como sua proximidade, um pouco mais próxima do que era apropriada, fez meu coração vibrar como um pardal.

Me fez esquecer que eu poderia me transformar em qualquer momento em um monstro sangrento do qual ele iria precisar de proteção.

— Não é exatamente uma posição que precisa ser preenchida — argumentei. — Eu sou bastante capaz de cuidar de mim mesma, senhor.

Seus cílios agitaram. — Discordo. Você, na sociedade, bonita como uma rosa na primavera? Eu não permitiria que ninguém arrancasse você e manchasse esta beleza.

Engoli. Eu deveria me desculpar educadamente, pegar minhas saias e fugir daqueles olhos de uísque e seu cheiro cativante. Mas era como se aqueles olhos me amarrassem e eu não pudesse deixar sua presença.

Eu não queria.

— Você me lisonjeia, senhor — eu murmurei.

Seus olhos cintilaram. — Não, eu digo a verdade que meu coração me manda dizer. Caso contrário eu deveria cair morto, aqui mesmo aos seus pés. E desde que eu renovei a motivação para não fazer isto, a saber, passar mais tempo na sua presença e aprender o seu nome, devo dizer a verdade do meu coração.

Meu rubor cresceu no meu pescoço, meu corpo inteiro cantarolando com uma reação que teria sido impossível se eu tivesse me transformado. Mas eu não tinha. O

que significava que meu corpo estava controlado por qualquer impulso humano que permaneceu antes de nos transformarmos e sermos extintos.

— Eu dificilmente desejaria que você caísse aos meus pés, especialmente aqui — observei, olhando ao redor do jardim. — Seria muito impróprio em tal festa, e um terrível caminho a percorrer. Você não preferiria ter uma história interessante sobre sua morte? Talvez um duelo? — Eu sorri para ele.

O sorriso que retornou foi ofuscante. — Sim, talvez um duelo. Ou seja, se houver outro pretendente eu devo encarar suas afeições. Nesse caso, será para a morte. Caso contrário, minha morte é mais adequada para ganhar a afeição da criatura mais deslumbrante na qual já pus os olhos.

Suspirei um suspiro extenuado. — Monsieur, receio que você decida deixar essas coisas, pois você mal conhece e não mereço declarações tão sinceras.

Ele deu um passo à frente, mais perto do que era socialmente aceitável e não achei em mim motivo para me importar. Eu não me importava com o que a raça vampira inteira pensava sobre mim, então por que eu deveria me preocupar com os aristocratas franceses murmurando sobre mim, perto de um homem bonito desacompanhado.

— Eu discordo. Eu conheço você, pois eu assisti você deslizar por toda essa festa miserável, iluminando-a com sua presença. Você riu com as crianças que outras senhoras enxotaram, até mesmo levantou suas saias para brincar com elas. Você enfeitiçou Lord Durand, até fez o velho rir quando se sabe que o próprio Louis chorou em sua presença.Finalmente, no momento em que seus olhos se encontraram com os meus, meu coração parou e começou, porque eu deitei meus olhos na mulher com a qual eu pretendo me casar.

Sua declaração, da qual o meu eu do século XXI poderia ter zombado e fugido, em vez disso, desligou todo o meu mundo com calor do verdadeiro e genuíno carinho humano, algo que estava completamente ausente da minha existência.

Casamos apenas um mês depois da festa.

Minha família o assassinou uma semana após o casamento.

Cinco semanas. Foi o que eu consegui. Cinco semanas de felicidade, da forma mais verdadeira e pura de amor pela qual os seres humanos vivem e morrem, escreveram poemas e respiraram.

Eu vivi por quase quinhentos anos e, por cinco semanas destes, eu tive em uma caixa no fundo do meu coração arruinado, uma sombra daquilo pelo qual os humanos continuaram respirando.

O que provavelmente eu morreria para evitar.

Porque eu não poderia viver com uma coisa assim tirada de mim. De novo não. Para sempre era muito tempo para viver com desgosto. Os humanos o tinham por um piscar de olhos, mas eu tinha para sempre.

Quatrocentos anos do buraco sempre presente no meu coração porque eu passei cinco semanas na ignorância do amor verdadeiro, pensando que conquistaria tudo.

Então eu voltei para a casa em que conversamos sobre criar crianças para vê-lo, e toda pessoa a quem estávamos conectados, deitado no chão. Suas gargantas rasgadas.

Minha mãe estava limpando a boca com recato quando entrei, caindo de joelhos ao lado do cadáver de Jonathan.

— Eu espero que você entenda agora — disse ela de forma uniforme, — o que será e não será tolerado nesta família. As saias de seu vestido se ergueram quando ela abriu caminho para mim. — E o que acontecerá se você decidir envergonhar o nosso nome e toda a sua raça novamente.

A essa nota, ela saiu do quarto, me deixando encadernando o homem que tinha sido o centro da minha fantasia. O centro do meu mundo.

Então eu e transformei. De vez em quando. Em meio ao sangue e aos restos do que havia sido minha vida humana.

Cada vampiro era diferente quando entravam em seus — eu — completos. Seus verdadeiros eu. Pesquisas extensas se aprofundaram no estudo de como nossos corpos sofreram uma morte natural para promover uma vida após a vida não natural. Havia muitas teorias sobre a evolução e o

darwinismo, mas eu não me incomodei muito com isso. É um fato sobre nós mortos vivo se nunca foi consistente. Você mal completou vinte e um anos e tem a capacidade de comprar a sua primeira bebida, crescer suas presas e viver para sempre. Alguns vampiros se transformaram quando eram adolescentes, alguns de meia-idade. A maioria estava na casa dos vinte.

Vários cientistas da nossa raça tentaram apontar as razões por trás do giro e o que era o catalisador.

Bem, o catalisador para todos nós era a morte.

Nossos corações literalmente pararam de bater.

O meu começou a subir e explodiu.

Tornei-me sombria depois disso. A mais sombria. Muito para o deleite da minha família. Eu deixei uma trilha de sangue em toda a Europa. Ironicamente, minha farra de sangue veio em um momento de agitação no continente, quando os horrores cometidos pela raça humana superavam os pecados que uma única vampira poderia realizar. Mas isso não significava que minha alma não estivesse manchada para sempre com o sangue daqueles que matei.

Eu decidi que se eu morresse naquele dia, eu tentaria matar todas as partes de mim que eu pensava ser minhas. Porque se eu matasse tudo isso, a humanidade, a mortalidade, talvez eu matasse a dor. Desde que eu não poderia me matar sem grande esforço, decidi matar todos os outros.

Por cinquenta anos, eu fui notória, respeitada na minha comunidade. Não que isso me importasse. Eu não me misturava com qualquer um deles. Minha vida era sangue, nada mais. Minha família não me incomodou, então. Eu estava rebocando a linha da família, então não havia necessidade.

Então isso mudou. Como se eu estivesse em algum tipo de pesadelo, eu acordei. Parei.

Eu não parei de matar; apenas percebi que eu estava me tornando exatamente aquilo que minha família queira. Eu tinha desonrado a memória de Jonathan.

Então eu mudei minha vida. Ou minha morte.

E o resto, como eles falam, é história.

Apenas não a história ensinada em escolas humanas.

— Pensando em saltar? — uma voz de cascalho interrompeu minha jornada pela via da memória.

Bom também. Essa via estava cheia de cadáveres que eu tentei esquecer, mas eu as levava comigo para a eternidade. Ou até que alguém finalmente conseguisse me matar.

A fonte da interrupção me tirou da frigideira das minhas memórias para a profundidade gelada de sua presença. Sua voz era plana e fria, mas capaz de chamuscar minha pele com a sua vantagem. Eu não girei, apenas continuei contemplando o terreno.

— Por mais tentador que isso seja, não quero manchas de grama no meu vestido — respondi.

Ele se inclinou ao meu lado, contemplando a noite como eu, segurando um copo de que cheirava a whisky bem envelhecido nas mãos grandes.

Ele não se satisfazia com o melhor sangue do mundo. Curioso.

— E isso seria um crime pelo qual eu teria que punir você — disse o rei, sua voz embebida com duplo sentido.

Olhei para o perfil dele. Ele estava me deixando desconfortável. Ninguém me deixava desconfortável. — Eu não me dou bem com punições — respondi com sinceridade, escondendo meu mal-estar atrás da minha bem-praticada bravata.

Ele virou a cabeça para travar os olhos comigo. — Você faria se eu fosse o único a administrá-las.

Bem, foda-se. Estava o rei notoriamente implacável, insensível e mais frio de todos os vampiros *flertando* comigo?

— Ouvi muito sobre você — continuou ele.

Eu mantive seus olhos. — Tudo ruim, eu espero.

Ele inclinou a cabeça, seu olhar especulativo, como se estivesse descobrindo um enigma particularmente difícil. — Não. Nada ruim. Tudo bom, na verdade. — Ele girou o copo de cristal entre suas mãos. — Da maneira que entendi, você só mata um certo tipo de humano.

Fiquei em silêncio, imaginando que era a minha melhor aposta.

— O tipo que cometeu depravações contra a raça humana — continuou ele. — Você não mata inocentes. — Ele me observava, nenhum julgamento de qualquer maneira, que era surpreendente. Ou talvez ele tivesse uma cara de blefe realmente boa. Você não governou uma sociedade de sociopatas por duzentos anos e permanecem mortos-vivos se você não aperfeiçoou uma máscara de indiferença.

Eu bebi meu champanhe. — O que posso dizer? Prefiro minha carne amarga.

Ele continuou olhando. A minha inquietação era como uma cobra rastejando em minha barriga, e eu não gostava disso. Ou talvez eu gostasse. E era por isso que eu não gostava. Eu abominava a minha raça inteira. Ficar de pernas bambas pelo rei de todos eles era um pouco hipócrita.

— Pare de fazer isso — eu falei rispidamente, incapaz de agüentar mais.

A surpresa apareceu em seu rosto, sua máscara quebrando. —Fazer o que?

— Encarar — esclareci. — É enervante. E também faz parecer que você é o menor castiçal da caixa inteira.

Merda. Será que eu acabei de insinuar que o rei dos vampiros estava mentalmente prejudicado?

Sim. Sim eu fiz.

Droga.

— Ok, se você vai me matar, você pode pelo menos aguardar até que eu retoque meu batom? — Eu perguntei, tentando aliviar meu caminho para fora disso.

O respeito era grande em certos círculos. Curiosamente, aqueles que eram os mais cruéis de todos nós, as víboras nesta festa, reverenciavam modos, pelo menos pessoalmente. Toda traição era tratada de acordo com leis bem estabelecidas, aquelas que proibiam qualquer um de derramar sangue de outro vampiro em uma reunião onde o sangue humano fosse compartilhado.

Imaginei que o rei poderia encontrar uma lacuna se alguma idiota de cabelos vermelhos decidiu abrir sua boca e sugeriu que ele estava mentalmente incapacitado.

Ele inclinou a cabeça para que sua cortina de cabelo caísse como uma seda em seu ombro. — Matar você? — Ele repetiu, depois engoliu o resto de seu líquido. — Agora, por que eu faria isso? Você é muito interessante. — Ele me deu um olhar pensativo antes de sair da varanda e passear de volta à festa.

Eu o vi ir embora, admirando o corte de seu terno e a fluidez de sua marcha.

Então voltei para contemplar novamente o ar da meia-noite. Eu precisava encontrar uma maneira de sair destas coisas antes de eu ser a primeira pessoa a quebrar uma regra que tinha estado em vigor por milhares de anos.

Nenhum vampiro deve derramar sangue imortal quando Theoxenia fosse concedida ou Zeus se banqueteasse com sua carne.

Eu zombei, sentindo a premonição da morte enrolar ao meu redor como o vento.

02

Olhei para o meu telefone, tentando usar o poder da minha mente para fazê-lo parar de tocar. E para fazer com que a pessoa do outro lado da chamada explodisse espontaneamente.

Não parou, o que me decepcionou duas vezes; eu tinha que responder, e minha mãe ainda estava inteira e ilesa.

— Mãe — cumprimentei, girando na minha cadeira para olhar minha vista do meu escritório de canto.

O pôr-do-sol em Manhattan era realmente bonito, mas mesmo minha mãe conseguia fodê-lo.

Foram apenas três dias desde a festa, o que significava que não deveria ser alvo de outro ataque de tortura por pelo menos cinquenta anos.

— Você encontrará seu pai e eu no Majestic à meia-noite — ela sua voz ligeiramente acentuada quebrou.

Passei a melhor parte dos quatrocentos anos tentando me livrar da minha, a única coisa - além do sangue, é claro - que eu tinha em comum com a minha miserável família.

Eu consegui, principalmente. Causava arrepios quando eu estava realmente chateada.

Respirei fundo, não porque eu precisava, mas porque é isso que os humanos zen faziam para parar de assassinar pessoas.

— Boa noite para você também. Espero que você esteja bem e curtindo a maravilhosa cidade de Nova Iorque — respondi, sabendo muito bem que ela odiava a cidade e o país em geral. Foi por isso que me surpreendeu que ela e o papai ainda ficaram. A festa do rei tinha sido dias antes. Não significava coisas boas para mim ou a população em geral que eles estavam por aí. — E eu gostaria de poder encontrá-la, mas estou... — Eu procurei uma desculpa. — Eu realmente não quero.

Houve uma pausa medida em seu final. — Você se lembra do seu incentivo para participara festa em que você insultou o rei e envergonhou a sua família mais uma vez? — Ela perguntou com um tom que deveria ter congelado o meu telefone. — Bem, esse mesmo incentivo se aplica agora.

Apertei os dentes. Meus caninos perfuraram meu lábio superior, embora eu mal tenha percebido. — Faz tanto tempo que esse incentivo é válido, mãe, — eu segurei. — Eu acho que quatrocentos anos é tempo suficiente.

— Bem, você certamente poderia simplesmente ignorar meu pedido, ver onde isso leva você. — Ela tinha muita prática em entregar ameaças sem se mover de seu tom suave que poderia cortar a prata. — Majestic. Meia-noite.

Ela desligou. Olhei para o meu telefone e, com muita calma, joguei no quarto com uma força que quebrou o quadro que ele atingiu e a parede atrás dele, quadro e telefone caindo no chão em um choque de eco.

O fundo constante dos batimentos cardíacos humanos aumentou ligeiramente com o som, e depois a porta do meu escritório foi aberta.

Os batimentos cardíacos do assistente Ashton ficaram firmes, assim como o seu olhar enquanto ele me olhava e os restos mortais de um quadro e meu telefone.

— Sua mãe? — ele adivinhou.

Eu assenti uma vez.

Não tinha o hábito de fazer amizade com funcionários, especialmente aqueles que eram humanos convictos. No entanto, não detestava Ashton quase tanto quanto o resto das pessoas trabalhando para mim, então, ocasionalmente, nos entregávamos a um vermelho cheio após o trabalho.

— Vou pegar um telefone novo e ligar para que esta bagunça seja atendida — disse ele calmamente.

Assenti com a cabeça de novo.

— Você precisa de mais alguma coisa? Um Xanax? Um assassino? — perguntou ele.

Eu sorri. Ele sabia do meu relacionamento com minha mãe porque ele também tinha um pesadelo com quem o gerou. Crescer Mórmon e gay não era uma brisa para ele, especialmente quando a sua mãe fanática o trancava em armários por horas e o banhou em água escaldante para — lavar o pecado. As fitas de cicatrizes debaixo de sua camisa de seda eram lembretes disto. Fiz uma visita a ela no ano anterior, na noite depois me contou essa história, na verdade.

Ele não pareceu muito quebrado por causa da morte dela.

— Ah, eu não preciso de um assassino, mas obrigada pela oferta. É muito doce. — Eu sabia bem que as pessoas que lidavam com a morte - um escocês tosco me veio à mente, mas matar um dos membros das famílias antigas era um crime punível com a morte. Mesmo que fosse um dos seus. Falhas aconteciam se um vampiro desrespeitasse abertamente sua linha genética, matasse um humano em sua propriedade, ou derramasse sangue sob seu telhado. A aristocracia ainda era desenfreada em uma sociedade que era como imortal e imutável como vampiros que compunham essa sociedade.

Ashton me deu um sorriso e depois me deixou na minha raiva.

Outra razão pela qual eu gostava dele, sem conversas fiadas. Eu detestava conversas fiadas.

***

Entrei no lobby até o Majestic quinze minutos após a meia-noite. Talvez eu não tivesse tido uma escolha para comparecer, mas minha mãe odiava ficar aguardando e eu tinha que tomar pequenos prazeres quando eles apareciam.

O lobby estava animado com vampiros que vieram não apenas para ficar no exclusivo hotel de mortos-vivos, mas para verem e serem vistos no bar opulento que ostentava o melhor sangue desse lado do Pacífico. Os seres humanos cujas dietas variavam de toda a carne crua, apenas a certos tipos de frutas, para uma superabundância de açúcar. Eu sabia que tinham algumas cabeças de metanfetamina escondidas lá atrás para aqueles mais tarde. Claro, esses seres humanos diminuiriam o tom do hotel arrogante e histórico; eram apenas os belos e sóbrios que teciam através das mesas, se oferecendo.

Eu sabia que eles foram pagos graciosamente e achavam o estilo de vida excitante, mas não significava que eu gostasse. O sigilo era primordial, o que significava que qualquer humano que representasse até o mínimorisco de fofoca seria eliminado. Aqueles que se —aposentaram— quando envelheceram demais, gordos ou anêmicos foram enfeitiçados pela bruxa residente para esquecer seu emprego com o Majestic ou drenado em um dos estabelecimentos menos opulentos que a cadeia hoteleira possuía. Nenhuma conexão com esses estabelecimentos existiam no papel, é claro.

— Sra. Rominskitoff, direcionarei você para sua mesa, — uma vampira toda vestida de preto, ostentando um coque severo e uma excelente estrutura óssea me acompanhou. Ela sorriu calorosamente e, créditos para ela, não piscaram com a minha roupa.

Eu dei uma olhada. — Você deve, no entanto? — perguntei.

Ela me deu uma olhada com curiosidade, então se virou para deslizar pelas mesas de carvalho até uma das cabines privadas na parte de trás, separada por uma cortina de veludo vermelho.

Claro.

O hotel tinha existido desde Manhattan ter nascido, e era exclusivo para vampiros desde a noite em que abriu suas portas. As bruxas eram pagas

generosamente para manter o feitiço de clausura que exortava a maioria dos humanos a ficar longe. Apesar de que na era de Yelp e Google Maps estivesse se tornando mais difícil.

A garçonete puxou a cortina para revelar minha mãe e meu pai estóico.

— Posso pegar algo para a Sra. beber? — perguntou ela. — Nosso especial esta noite é uma mulher de vinte e três anos, com tons de cacau e canela.

— Uma vodca em um copo de água cheio até o topo será suficiente — respondi, saboreando a leve ondulação do lábio da minha mãe enquanto pedi minha bebida grosseira.

A vampira inclinou a cabeça e depois nos deixou.

Eu segui até a cabine. — Mãe pai. Um desprazer, como sempre.

Minha mãe bateu os dedos na mesa de madeira e estreitou os olhos em resposta.

Ela realmente era classicamente linda, se você não soubesse o que era uma cadela malvada. Seu cabelo foi cortado em um pente severo que roçava o queixo, vermelho como o sangue como o meu. Seu rosto liso estava pálido e sem rugas com características delicadas, como a boneca russa que ela era. Ela era a filha de um czar, afinal. Ela parecia ter pouco mais de vinte e cinco, mas sua alma, enrugada e enegrecida como era, traía sua verdadeira idade e natureza, se alguma estivesse lá para mostrar.

Meu pai era exatamente igual, embora ele tenha feito a transição mais perto dos trinta. A pele dele tinha um leve brilho, os cabelos pretos recuaram contra a cabeça, destacando suas feições duras e angulares. Ele sempre se vestia com um terno, independentemente da ocasião ou do tempo.

— Isla — ele cumprimentou, apenas uma fração mais cordial do que minha mãe. Ele olhou para a minha vestimenta, que eu escolhi especificamente para o evento. A camiseta apertada em minha saia lápis de couro de cintura alta dizendo — Eu não sou estranha, eu sou uma vampira. — Eu tinha puxado meu cabelo para cima em um rabo de cavalo bagunçado e

um batom vermelho-sangue para combinar com as minas botas de salto alto cor de bombeiro. Estava uma prostituta chique.

— Quinhentos anos de idade e o seu nível de maturidade é o de uma criança — ele observou sem rodeios.

Agradecida, levei o copo oferecido pela garçonete, grata pelo menos pelo rápido serviço. — Eu me ressinto com isso. Tenho certeza de que a maturidade é quando você quer realmente, realmente matar alguém, mas não o faz porque seria imaturo fazê-lo em instituições tão bem consideradas. — Eu dei um sorriso a minha mãe enquanto bebia meu drinque.

Nenhuma resposta. Embora se eu não estivesse enganada, seu olho se contraiu ligeiramente.

O silêncio bocejou entre nós, o desgosto e o desapontamento que enchem o ar melhor do que qualquer palavra poderia ter feito.

Eu olhei ao redor da sala, nem minimamente perturbada pela falta de conversa. Eu preferia isso.

Ainda era cedo da noite, o que significava que a sala não estava cheia de vampiros bem vestidos como estaria nas primeiras horas da manhã. Havia mais sádicos civilizados lá no momento. Empresários conduzindo negócios, funcionários de alto escalão da cidade aproveitando a sua bebida noturna de sangue quente durante a leitura do jornal *The New York Times*.

Olhei de volta para meus pais esculturais. — Tanto quanto eu estou gostando da fascinante conversa, tenho certeza que você não me fez arrastar minha bunda até aqui para gastar tempo com sua única filha — eu disse.

Minha mãe franziu os lábios. — Você está certa. Nós não nos sujeitamos a isso... — ela balançou a mão para mim —... Sem motivo algum.

Eu sorri para ela. — Fico feliz em ouvir isso.

Ela olhou ao redor da sala antes de colocar as mãos longas na mesa, uma sobre a outra. Algo brilhou em seus olhos frios, algo que eu não gostava de jeito nenhum.

Algo parecido com a satisfação. Como a de um predador quando tem sua vítima encurralada.

— Está chegando o seu meio século — ela começou.

Eu bati minhas mãos. — Você se lembrou — eu exclamei. — Por favor, me diga que vamos planejar minha festa. Eu quero um pônei. Você seria perdoada se você assumisse que eu estava fazendo cinco anos, não cinco séculos, se você tivesse passado algum tempo comigo. — Após os primeiros cem anos, a sabedoria não foi algo que eu ganhei. Foi uma inversão, na verdade. Eu era Benjamin Button em minha mente. Ou estava lentamente perdendo minha sanidade. Mas pelo menos eu estava me divertindo.

As sobrancelhas de minha mãe se juntaram. — Desta forma, já é tempo de você estar brincando como um vampiro de rua comum, ou um mestiço. — Ela cuspiu o insulto como se tivesse sujado a boca. — Estamos perdendo paciência com você, Isla.

Eu suguei minha bebida de volta em um gole. — Paciência? — Repeti. — É assim que você chama suas ameaças e violência contínuas e várias tentativas de levar a cabo o meu intempestivo fim? — Eu perguntei, minha voz plana.

— Somos da linha de veia de Ambrogio — minha mãe sibilou. — Sangue nobre. O sangue do vampiro abençoado pela própria Artemis. O sangue dos deuses corre por nossas veias. Você não vai sujar este sangue com sua humanidade. Não permitiremos isso.

Eu encontrei seu olhar. — E o que você vai fazer, mãe? Me matar aqui mesmo, agora mesmo? Mesmo você não é tão ousada. Ou estúpida, infelizmente.

Ela olhou para o meu pai de rosto vazio e mudo. Era uma cena familiar, minha mãe cuspindo seu veneno enquanto o pai estava sentado lá, silencioso e sentinela, o poder pulsante de sua idade e força, me atrevendo a ir um pouco longe demais.

Eu sempre fui um pouco longe, obviamente.

— Não. Não devemos abandonar nossa única filha desse jeito — disse ela finalmente. — Nossa Linha de Sangue deve continuar. Através da prole paterna e materna.

Meu sangue gelou. Ou congelou. Eu pensei que as águas no Ártico pareceriam agradáveis em comparação com o gelo nas minhas veias.

Meus irmãos ainda não se casaram e continuaram a linha. Eu pensei que eles nunca poderiam manter um relacionamento com uma mulher o suficiente para que ela tenha uma criança. Nem mesmo os meros quatro meses necessários para as mulheres vampiras gerarem uma criança. Eu sempre assumi que minha família tivesse pensado que meu útero seria muito quente e se acomodando para produzir um vampiro digno da linha de veia Rominskitoff.

A minha mãe, por outro lado, foi o ambiente perfeito e estéril para desenvolver pequenos vampiros sadistas como meus irmãos. Eu fui apenas uma aberração da natureza.

— Você já teve um Despertar — continuou minha mãe. — E praticou suas travessuras juvenis para garantir que não pudéssemos utilizar isso. — O veneno em seu tom ainda era fresco como quando finalmente saí do meu isolamento auto induzido após o meu primeiro Despertar dois séculos atrás.

Ela ficou tão furiosa que atiçou meus dois irmãos em mim, e eu mal consegui sair dos mortos-vivos.

Eu honestamente fiquei surpresa com a profundidade de sua fúria. Eu desapareci no momento em que minha costela vibrou com a pulsação do meu coração, significando o meu primeiro Despertar, meramente como precaução. Eu pensei que seria uma chance que meus pais tentassem me buscar impregnado com uma criança Rominskitoff que poderia funcionar como minha substituição.

Toda vampira tinha dois Despertares, a versão vampiresca da puberdade. Quando o coração dela começava a bater de novo, seu corpo a se transformar... Vivo, por falta de uma palavra melhor. Acomodando o suficiente para conceber e levar uma criança a termo. Vampiros machos eram

sempre capazes e prontos para serem pais de uma criança - não me pergunte como, desde que faltei anatomia -mas durante um ano, uma vampira feminina era capaz de cumprir seu dever de continuar a raça dos vampiros.

Essa era a última coisa que eu queria fazer. Além disso, eu sei que se eu tivesse um filho, ele seria arrebatado do meu corpo frio, morto e sem cabeça pelos meus pais.

Não é um destino que eu concederia a qualquer criança, nem a mim mesma.

Então eu escapuli para o Caribe e bebi muito, me bronzeei muito e fiquei celibatária um ano. Mesmo os homens humanos poderiam, tecnicamente, me dar um bebezinho meio vampiro nesse ponto. Eu não estava arriscando isso.

Agora estava chegando ao meu segundo Despertar e as palavras da minha mãe eram uma percepção arrepiante do que eles planejavam garantir para que eu não voltasse para uma praia desta vez.

Ela sorriu para mim, como se estivesse se alimentando da repulsa e do pânico. — Nós não vamos deixar você desaparecer desta vez, Isla. Você finalmente se livrará desta miserável e traidora humanidade. Ou *nós* vamos encontrar uma maneira de fazê-lo — ela me informou, a voz agradável - para um estranho, pelo menos. Para mim, era uma cobra rastejando na minha espinha, comprimindo os ossos com sua brutal promessa de destruição se eu não encontrasse um jeito de arrancar sua cabeça.

Agarrei a mesa com tanta força que pequenas rachaduras entraram em erupção no mármore. No entanto, fiquei em silêncio, temendo que, se eu falasse, faria algo estúpido como se fosse a minha mãe. Tal ação não garantiria minha sobrevivência contínua. E eu precisava disso.

Meu pai se inclinou ligeiramente para frente, me olhando como se ele esperasse meio que o ataque. Até parece que isso seria bem-vindo. — Você se divertiu, Isla — ele disse, sua voz suave e acentuada. — Mas agora você vai servir a sua Linha de Sangue. Você escolherá um parceiro antes do seu Despertar. Não precisa ser dito que sua Linha de Sangue deve ter o Sangue de

Ambrogio. Ele fez uma pausa. — Se você não fizer isso, escolheremos alguém e garantiremos, por quaisquer meios necessários, que você produza um herdeiro de Rominskitoff.

Eu encontrei seus olhos frios, e cada célula de meu corpo percorreu puro ódio e fúria.

— *Violação*, quer dizer, — eu cuspi. — Vocês membros nobres com o sangue dos deuses buscarão um vampiro igualmente nobre para me violar enquanto meus irmãos me seguram.

Mãe franziu os lábios e juntou a bolsa, em pé. — Você sempre tem que fazer de tudo um espetáculo — ela sibilou.

Eu ri, longamente e fria. — Um espetáculo é o que você receberá se você sequer tentar manter sua promessa — eu ameacei. — Uma porra de uma exposição de quão longe eu estou disposta a ir para garantir que você nunca alugue meu útero para cultivar uma criança para substituir a pessoa que está olhando agora.

Cada palavra que eu proferi gotejava com veneno. Meu pai estava de pé, a mão na parte inferior das costas da minha mãe quando eles saíram do estande. Tão cavalheiresco.

Seus olhos insensíveis acenderam em mim. — Você sabe que isso é inevitável, Isla. Melhor você aprender a ser mais complacente. Então, isso será mais agradável para você.

E então eles partiram, escorrendo ao virar a esquina, para espalhar o veneno por toda a cidade.

Eu me afundei no assento de pelúcia quando as costas da minha mãe desapareceram. A fúria começou a ferver no meu estômago, como era normal com meus pais, mas essa ocasião particular me fez tremer com isso. Eu considerei seriamente procurar um escocês, sabendo que ele se importava com as leis antigas e muito com o dinheiro. Eu tinha o suficiente para pagar o assassinato da minha família dez vezes mais, mas não pensei que seria sem um contratempo. Minha mãe e meus irmãos eram cobras; ela esperaria que eu tentasse e teria, portanto, uma armadilha pronta para eu cair.

Então eu tinha que ter algo que não conhecia - paciência.

Eu também não poderia correr. Seria exatamente o que eles esperariam. As probabilidades estavam empilhadas contra mim, mas era chegada a hora de cortar as cortaras asas deles. Bem na hora em que meus pais prometessem minha violação para que eu engravidasse. Sim. Bem naquela hora.

Gesticulei para as garçonetes que se aproximavam. Nós éramos os Rominskitoffs; oferecer um serviço ruim equivalia ao suicídio.

— Eu vou aceitar esse cacau especial no fim das contas.

Ela assentiu. — Imediatamente.

Todas as garotas precisavam de chocolate após uma noite especial de teste.

Eu tinha que encontrar alguma forma de calma para produzir um plano racional. Deixar a noite comer todas as partes de mim não era o caminho para ganhar. Eu tinha que jogar o jogo longo. Meus Despertares estavam fora, precisamente porque meus pais escolheram agora fazer o seu movimento.

Para me abalar.

Eu não me abalava facilmente.

E eles haviam cometido o maior erro possível.

Me subestimar.

Isso ia ser fatal para toda a porra da Linha de Sangue Rominskitoff.

***

Depois de saciar meus gostos e conseguir engolir minha raiva, saí de trás da cortina para encontrar a última pessoa que eu esperava, mesmo assim queria, ver.

— Isla. — Sua voz percorreu meu nome em uma carícia gutural.

— Sua Alteza. — Falei com ele com seu título honorário, mas não me curvei. Eu apenas provavelmente faria isso se eu tivesse uma coluna cortada. Isso fez o vampiro magro e lindo ao lado sugar seus lábios com aversão. Embora talvez fosse apenas minha presença em geral. Nós tínhamos história.

O monarca não abordou isso leve e, se não me enganei, diversão dançou em seus olhos. Aumentou quando o olhar dele escorregou para o meu peito. — É mais agradável ver você novamente, no meio de... — Ele olhou para a sua companheira para a noite. O rei era um notório sedutor, nunca visto com a mesma vampira duas vezes. A atual era decididamente esquecível, outra vampira bonita, de face apertada pingando em alta costura e diamantes. — Mais do mesmo.

Eu mordi meu lábio para esconder meu sorriso no insulto aberto. Selene não reagiu a ele, muito bem criada para isso. Eu deveria saber, já que ela era a filha que minha mãe desejava ter tido - em outras palavras, uma víbora assassina com um transtorno de personalidade limítrofe que fez o trabalho da vida dela para chegar até o topo.

Nós fomos a Mortimeus juntos, a versão vampira da faculdade. Somente com mais sangue e menos cerveja.

Nós não éramos amigas.

— Bem, eu me orgulho de ser única — respondi uniformemente.

Suas sobrancelhas levantaram um pouco, mas, além disso, seu rosto bonito permaneceu impassível.

— Isso você é — ele concordou.

Franzi a testa um pouco com o interesse de seu olhar e na minha reação a ele. Eu deveria querer me esfaquear os olhos para escapar dessa conversa, mesmo com o brilho de Selene no meio. Estava gostando da presença dele.

Por sorte, não tive que continuar a conversa com o desconcertante monarca, já que uma torrente de tiros e gritos de sangue interrompeu. Alguém estava obviamente procurando por mim.

Do nada, quatro vampiros de terno preto cercaram o rei, afugentaram-se, apertando lâminas de cobre.

Os olhos do rei se tornaram pedra e seu olhar se dirigiu para o bar aberto, o cheiro de filtragem de sangue fresco. Seu olhar era calculista e calmo, como um soldado avaliando a situação.

— O que nós temos? — ele perguntou entre as dispersões de tiros e gritos contínuos dos antes serenos e compostos patrões. A maioria dos vampiros aristocráticos eram covardes, apenas atacando aqueles que não conseguiram lutar de volta.

Eu? A única diversão eram criaturas lutadoras que poderiam lutar de volta.

— Ataque de todas as entradas e saídas, quantidade desconhecida de hostis — o mais próximo dele respondeu, parando enquanto ouvia o aparelho no ouvido. — Os assaltantes são espécies desconhecidas. Nós temos um relatório de um lobisomem no lobby, enquanto outros descrevem vampiros.

O olhar do rei endureceu com um filme vidrado que eu reconheci. Ele estava se preparando para uma luta.

Fiquei impressionada com esse aspecto, mas com a impressão de que não era a primeira vez que o rei lutava. Embora os monarcas fossem de uma classe diferente do que as — grandes— famílias que os serviram, precisavam ser fortes o suficiente para matar seus governantes anteriores.

Selene gemeu, mas todos a ignoraram.

Isso não era bom. O Majestic existia o mesmo tempo que Manhattan, um pilar para a sociedade de vampiros em todas as guerras civis ou lutas internas entre as famílias. Somente sangue humano deveria ser derramado lá.

Até agora.

E relatos de vampiros e lobisomens trabalhando juntos? Nada bom.

Os tempos incertos em que vivíamos na última década pareciam estar se definindo mais concretamente, com o cheiro da guerra que filtra através do perfumado ar do Majestic.

Eu puxei duas lâminas de cobre correspondentes do interior das minhas botas e me preparei para a batalha.

O rei olhou para as minhas lâminas e de onde elas vieram com uma sobrancelha levemente levantada.

Dei de ombros. — Necessário ao encontrar meus pais para tomar bebidas.

Ele balançou sua cabeça. — Única — ele murmurou para si mesmo.

Selene puxou sua manga. — Por que não estamos correndo? — ela gemeu. Seus olhos se dirigiram para os guardas do rei, que estavam examinando a sala. Fomos ligeiramente removidos da população geral, então só podíamos ouvir o ataque acontecendo na sala principal, cheirava a sangue e morte. Ainda não o aceitamos.

— Você não deveria estar guiando o seu rei em segurança? — disse ela.

Eu revirei os olhos.

O rei a observou uniformemente, depois a revirou com força suficiente para mandá-la amassando o chão inconsciente.

Bem ali.

Eu não tive muito tempo para nadar naquele momento porque um lobisomem preferiu vir entrando em mim, batendo na minha cintura e me enviando voando no estande do qual eu acabara de desocupar. Mesmo o cheiro de cachorro molhado e a mordida de dentes na minha jugular eram preferíveis à companhia que eu tinha desfrutado na mesma cabine minutos antes.

Eu bati minha primeira lâmina na parte de ombro da criatura gigante e me deleitei com o grito de dor. Quando estava distraído, isso me deu espaço suficiente para me mover para encaixar seu pescoço. Ele ficou manco contra mim instantaneamente, o peso morto pressionando minhas costas dolorosamente no copo quebrado na mesa. Afastei-o de mim, pulando de volta para o tapete persa que se tornara um campo de batalha manchado de sangue. Os guardas do rei estavam lutando contra ataques de todo lado. E em

vez de se esconder atrás deles, o rei estava na frente e no centro. O corpo dele empurrou enquanto uma enxurrada de tiroteio dispersou a área, uma bala encontrando aquisição em sua carne. Eu avancei para tirar a arma das mãos do atirador.

— Trazendo uma arma para uma luta de presas? — Eu sibilei para o vampiro mascarado quando apliquei a arma no meu controle. — Isso é apenas uma forma ruim. — Então eu parti seu pescoço. Isso o tiraria de ação por uns bons dez minutos, esperançosamente metade da duração da batalha.

As batalhas entre imortais raramente duravam por um longo período de tempo. Aos olhos humanos, teria sido pouco mais do que um borrão e uma cacofonia de ruído e sangue.

Mais tiroteio rugiu através das batidas e rasgando a carne. O fogo entrou em erupção no meu ombro, a percepção de que eles estavam usando círculos de cobre me irritou imediatamente.

Combatendo um marco sagrado e histórico e trazendo armas? Os rapazes estavam realmente abaixando uma boa luta. Depois de despachar outros dois vampiros e conectá-los com suas próprias armas, olhei de volta para quem eu adivinhei o motivo do ataque.

O rei estava segurando a si mesmo sem nenhum cabelo fora do lugar, além da coloração do sangue no pescoço onde a bala o atingiu.

Conclusão. Se aquela bala tivesse atravessado seu crânio, talvez tivesse sido adeus, monarca.

Um raio de movimento atrás dele me chamou a atenção. Selene acordou e obviamente não aceitou gentilmente ser ignorada, se a arma dirigida para a têmpora do rei fosse algo. Ele ainda estava distraído e não contava a socialite pálida como uma ameaça, os vampiros com armas e lobisomens de estimação estavam mais proeminentes em sua mente. Ela sorriu perversamente com essa conclusão. Embora ela não estivesse sorrindo quando quebrei os ossos do seu pulso, fazendo com que a arma caísse no chão e ela gritasse de dor.

— Assassinar o rei, Selene? — perguntei. — O que sua mãe *iria* dizer? — Eu não esperei por uma resposta, acabei de bater meu punho no peito, satisfeita com a caixa torácica quebrada com a força do meu golpe. Ela caiu no chão, imobilizada.

Eu sorri para sua forma mais propensa enquanto a batalha se acalmou ao meu redor.

Então, como se alguém acendesse um interruptor, o silêncio reinou. Era como costumava terminar; nada como os filmes, com aberturas dramáticas e encerramentos e gritos de vitória. A morte raramente era triunfante, mesmo para os vencedores. Havia apenas um verdadeiro vencedor em uma luta – a sombra que espreitava nos cantos, levando o caído ao abraço.

A presença gelada do rei fazia cócegas no lado do meu braço. Eu continuava a fitar Selene, franzindo a testa. — Você realmente precisa escolher encontros melhores, Sua Alteza — eu disse, quebrando o silêncio.

Seu olhar de esmeralda já não estava vazio com sua treinada frieza. Em vez disso, brilhava, cheio do sangue derramado. Ao se instalar sobre mim, dançava com os próprios brilhando nas minhas veias. Uma luta fazia isso com você. Tal como o olhar de um rei vampiro quente, se eu estivesse sendo honesta.

Ele procurou meu rosto, ignorando o caos que se instalara ao redor enquanto seus guardas agarravam corpos e mais corpos. — Eu achei que você fosse uma amante, não uma lutadora — ele disse, áspero.

Eu sorri, deixando minhas presas escovarem meu lábio superior em uma brutal carícia. — Oh querido, eu sou ambas.

Antes que eu pudesse entrar em mais problemas e arruinar minhas botas, eu saí da sala, me esquivando de corpos caídos. Eu só fui bem sucedida porque era provável que fosse a última coisa que o rei esperava que eu fizesse. Ele provavelmente teria assumido que eu entraria em erupção em histeria feminina ou me usaria salvar sua vida como moeda para promover minha posição na sociedade.

Mas o que eu poderia dizer? Eu sou única.

***

Uma semana depois

— Ei, Lewis, o que você tem para mim hoje? — Eu percorri através da porta que o detetive segurou aberta para mim, vagando por seu escritório enquanto o fechava.

Peguei um documento aleatoriamente de suas pilhas, franzindo o cenho para o relatório do legista. Eu estava apenas chegando à parte sobre toxinas incomuns no sangue quando o papel foi arrebatado da minha mão.

— Isso é confidencial, — Lewis falou, franzindo o cenho e dando a volta em sua mesa.

— Tocante. — Revirei meus olhos e me sentei na frente dele, cruzando minhas pernas.

Seus olhos cintilaram nas minhas pernas nuas antes de mover seu olhar para cima do meu corpo. Não foi apreciativo como o resto dos homens, e algumas mulheres, na delegacia tinham estado. Ele não pensava em mim desta maneira. Ele sabia o que eu era. O que eu realmente era, além de um nocaute ruivo com tetas decentes, um senso de moda imaculado e uma bunda grande.

E presas.

Ele se concentrou nas presas.

Digamos que o grande detetive não estava exatamente ativado pelo fato de eu beber sangue para manter essa bunda alimentada.

— Você tem que se vestir assim quando você vem aqui? — Ele rosnou, empilhando os papéis espalhados por sua mesa bagunçada na tentativa de tirá-los do meu alcance.

Eu olhei para baixo para minha saia de lápis branco, saltos Manolos e blusa de seda cinzenta sem manga. — Assim como? Uma modelo? Fashionista? Símbolo sexual?

Ele balançou sua cabeça. — Você está chamando a atenção.

Eu sorri. — Bem, claro que sim. Eu existo.

— Merda — ele murmurou em voz baixa, passando as mãos pelos cabelos grisalhos. O detetive estava pelos quarenta e, embora ele estivesse bastante bem mantido no departamento de corpo, ele usava sua idade e exaustão em seu rosto. Era como se tivessem passado dez anos desde que o vi a menos de um mês.

— Quando foi a última vez que você deu um cochilo, detetive? Ou pelo menos cheirou um pouco de cocaína?

Ele olhou para mim. — Nós temos escassez de pessoal e houve inúmeros assassinatos não resolvidos pela cidade. O tipo horrível. O tipo pelo qual até os detetives experientes se impressionaram. Sem mencionar as pessoas desaparecidas. — Ele me deu um olhar cheio de acusação.

Eu segurei minhas mãos para cima. — Ei, não olhe para mim. Eu limpo depois. Ou mais precisamente, eu chamo a pessoa para limpar depois de mim.

Tecnicamente, eu poderia ser seriamente punida por até falar com um humano sobre tais coisas, mas o que eu poderia dizer? Eu não dava a mínima.

— Isso não significa que sua espécie não é responsável por esses atos indecentes — ele sibilou, seus olhos assombrados.

Eu me encrespei e me inclinei para frente, colocando minhas mãos em sua mesa. — A depravação não é exclusivamente uma condição de vampiro — eu o informei. Peguei o arquivo mais próximo na mesa desordenada, correndo meus olhos no relatório sobre um casal de adolescentes torturando e matando um homem sem-teto. Eu encontrei os olhos de Lewis. — Na verdade, se chegarmos a isso, você descobriria que os seres humanos podem têm o monopólio sobre isso. Mesmo os vampiros mais sádicos matam por uma razão subjacente - alimento. Seus métodos podem ser defeituosos e arcaicos, mas há uma explicação natural. —Eu segurei o arquivo que estava apertando. — Os

seres humanos, por outro lado, têm matado uns aos outros ao longo dos séculos pelo que deus que adoram, a cor de sua pele ou recursos. Isso por si só é motivo para você talvez repensar o seu inabalável ódio aos mortos-vivos e verificar a vida.

Ele me olhou, seus olhos não dando muito. — Eu não tenho um ódio inabalável por você, Isla — disse ele calmamente.

Eu segurei minha surpresa com o calor em seu tom.

Lewis e eu voltamos no tempo - vinte anos, na verdade. Eu estava pensando nos meus próprios negócios, em dar um passeio para pegar uma mordida, quando fui abordada por um grupo de meliantes com intenções menos do que nobres. Eu decidi que eles eram um jantar perfeito e garantiria que eles não tentariam violar uma mulher sozinha em um beco no futuro próximo.

Infelizmente, um policial novato tropeçou na cena e presenciou demais.

Seus olhos e a forma como eles dançaram com choque e nojo e um pouquinho de emoção me disse que ele tinha visto tudo. Eles não estavam focados nos três homens detidos em meus pés. Não, eles estavam em mim e, mais precisamente, minhas presas.

Eu as retraí e enxuguei o lado de baixo do meu lábio com o meu polegar.

— Eu não poderia convencê-lo a se virar e seguir sua vida como se você não tivesse visto isso, posso? — Eu perguntei esperançosamente.

Seu silêncio serviu como minha resposta.

— Ótimo — eu murmurei.

Antes que ele tivesse a chance de fazer qualquer coisa como usar a arma no quadril, eu arrastei para frente, apertando o braço e arrastando-o para o armazém vazio ao lado do beco.

Ele se elevou no segundo lugar que ficamos no meio da sala cavernosa, cheirando fracamente a urina e narcóticos. Uma análise rápida me disse que os humanos sem-teto usando o lugar como hospedagem não estavam morando lá. Graças a Deus.

O jovem policial com um rosto de bebê e um uniforme impecável parecia que ia vomitar. — Segure seu café da manhã, Guarda. Ninguém quer rosquinhas regurgitadas arruinando seus sapatos brilhantes.

Ele não me ouviu, provavelmente tentando seguir em frente. Em vez de passar o tempo procurando por eles, ele fez o que todos os seres humanos pareciam fazer, procurar uma arma em vez de juízo.

A mão segurando a arma estava tremendo incontrolavelmente. Se ele conseguisse atirar, não era provável que me atingisse, mesmo que eu estivesse a alguns metros da frente dele.

— Você é... — Dobrei meus braços. — Uma vampira — terminei por ele.

Essa palavra conseguiu chupar todo o som da sala. Seu coração sequer pulou uma batida. O oficial tomou tempo para digerir. Pensar nisso. Embora ele não abaixasse sua arma.

— Isso... Isso é inacreditável — ele balbuciou, finalmente. Sua voz ecoou através da sala e se sua mão não estivesse tremendo, e o coração não estivesse bombeando freneticamente eu teria tido a impressão de que estava calmo. Sua voz estava pelo menos.

Apreciei que ele não chorou, gritou ou berrou — Para trás, satanás. — Eu obtive todos os três um milhão de vezes.

Eu olhei para ele. — Não, é incrivelmente verossímil, que é o que faz você rejeitar isso com toda a força de sua mente incrivelmente estreita. Não somos alienígenas do espaço sideral, nem somos monstros desfigurados. Nós somos palpáveis dentro de sua narrativa humana. Parecemos com vocês, falamos como vocês, gostamos dos mesmos programas de TV. Nós apenas vivemos muito mais e nos alimentamos de sangue em vez de hambúrgueres. Não me interprete mal, um cheeseburger duplo é bastante bom, mas é não o que vai me manter imortal. Precisamos da essência do que faz vocês mortais fazerem isso.

Seu corpo estava congelado, embora seu dedo no gatilho se contraiu ligeiramente.

Eu sorri. — Tente.

Suas sobrancelhas franzidas. — O que?

Eu acenei com a cabeça para o cinto dele. — Me acerte, se é isso que você precisa fazer para compreender um conceito que não está exatamente fora do domínio da possibilidade. Isso é o que o torna tão impossível.

Ele me encarou, ainda apertando a arma.

Poderia ir de qualquer maneira, apostei. Eu tinha visto muitos humanos, bons, maus, entretanto. Eles quase nunca eram sempre — bons ou maus—. Eu estava farta de acreditar em tais conceitos, semelhantes a como esse policial não acreditaria que eu fosse quatrocentos e quarenta anos mais velha do que ele. Tais idéias pertenciam a contos de fadas, ao lado de contos de monstros sangrando. Apenas uma coisa existia no mundo — real—, e não bom e malvado. Mesmo os monstros de sangue eram mais realistas do que isso, se você pensasse nisso o tempo suficiente.

Mas esse cara, ele era o mais próximo do conceito fantástico de —bom— que eu gostaria de ter encontrado. Eu estive em torno de humanos suficientes para cheirar a depravação que infiltrava de seus poros. A decência era tão fácil de detectar, mesmo que fosse decididamente mais raro. Todo instinto estava dizendo-lhe para atirar em mim, mas ele estava lutando contra isso. Seus olhos estavam desgastados e velhos por um tal novato, mas ainda não endurecido pelos horrores que ele, sem dúvida, encontraria se ele vivesse através disso.

— Não vou atirar numa mulher desarmada — ele gritou finalmente, sua postura relaxando ligeiramente enquanto abaixava a arma.

— Não preciso de armas para te matar, novato — disse antes de dar um passo à frente, deixando minha boca aberta e minhas presas alongadas.

Seus olhos se arregalaram e ele andou para trás como se fosse escapulir, mas ele parou lá, grudado ao chão.

Eu sorri para ele. — Teimoso, valente ou estúpido — observei, retraindo minhas presas. — Todos os três teriam te matado se você estivesse na companhia de algum vampiro, exceto eu. Olhei para a arma e depois os olhos que, se não estivesse enganada, pareciam ter endurecido ao longo da nossa conversa que, sem dúvida, soprou sua mente minúscula e ordenada.

— Eu entendo que é muito para engolir - perdoe o trocadilho. — Eu pisquei. — Mas isso — gesticulei ao redor da sala — o mundo, é muito mais do que você vê através desses olhos mortais obscuros. Você é cego porque queremos que você seja, e mais importante porque quer ser. Suas idéias alternativas e divertidas sobre seres imortais - o sobrenatural subjacente e influenciando toda a história pela qual você pensou que os humanos eram responsáveis? — Eu balancei minha cabeça. — Isso não iria bem com você tentando encontrar compreensão no mundo. Além disso, sua mortalidade é um problema suficiente para você. Encontrando isso, há aqueles que não estão atormentados com esse fardo pode apenas irritá-lo o suficiente para decidir destruir aqueles que têm o dom da vida eterna.

Eu apertei meus olhos para ele. — Aquilo não terminaria bem. Um pouco de conselho grátis. Saiba que o que vai bater na noite pode drená-lo seco em um piscar de olhos, então não decida ser um herói e seguir em algum tipo de missão para salvar a humanidade. Não é possível. Mais, salvar a humanidade não está atrás do sobrenatural, mas lutando contra a própria humanidade. Suas espécies parecem ter a intenção de se matar. Guerras, doenças, assassinatos, aquecimento global, você está fazendo tudo o que estiver ao seu alcance para garantir que sua vida seja ainda mais curta do que já é. O que não é bom para pessoas como eu, que precisam de pelo menos alguns humanos,você sabe, para lanchar e me dar sapatos fabulosos. Então, que tal fazer um acordo? Você me entrega cada ser humano que você não pode prender e eu vou garantir que eles paguem.

Nós trabalhamos juntos desde então.

— Você não pode, pelo menos, dizer aos seus amigos que eles precisam encontrar um novo campo de caça? — Ele cortou.

Peguei seu peso de papel, virando-o em minhas mãos. — Eles não são meus amigos, apenas colegas da minha espécie. Não estou pedindo que você venha conversar com Kim Jong-un e gentilmente peça-lhe que pare com todas essas violações dos direitos humanos, estou? E eu dizer a eles onde jantar, provavelmente me aterraria a seis pés abaixo. Para sempre. E eu prefiro ficar em cima. — Olhei para cima. — Então, em vez de falar sobre coisas que não podemos mudar, que tal você me dizer o que você tem para mim?

Ele suspirou, atravessando seus arquivos.

— Você precisa de um sistema — observei.

Ele me ignorou.

— A codificação de cores é sempre boa — continuei.

Mais silêncio.

— Ou você está tentando essa tecnologia inovadora, você sabe, aquilo que está sendo utilizado como arte moderna agora. — Eu assenti com a cabeça no computador do lado de sua mesa, coberto de poeira e não emitindo um baixo zumbido que significaria que ele estava realmente ligado. — Eu sei que é difícil entrar no século XXI, mas eu me adaptei e eu sou muito mais velha do que você.

Ele me lançou um arquivo, ignorando todos os meus comentários. Ele não gostava de ser lembrado que eu tinha cerca de quatrocentos anos a mais que ele, apesar de parecer sua filha. Ou sua crise da meia-idade. Eu sabia que seus contemporâneos especulavam sobre ambos.

Eu sabia que também a conversa era sobre como eu tinha ido e vindo por anos e não parecia envelhecer um dia. Eu incentivava Lewis a dizer-lhes que eu tinha um cirurgião plástico muito bom. Nós raramente nos encontrávamos em seu escritório, mas estava começando a me sentir irritada e ligeiramente homicida após todo o desastre no Majestic. Não foi a batalha - isso foi bastante agradável na verdade, mas o banho de sangue que foi a conversa com meus pais.

Desnecessário dizer que Lewis não gostou que eu entrasse em seu local de trabalho e causasse uma reviravolta. Que foi precisamente por isso que eu fiz.

— Joseph O'Malley. Nós o pegamos em três acusações de agressão infantil. Ou fizemos, até que cada garoto retirou suas declarações. Agora parece que o puto vai sair.

Abri o arquivo. — Não por muito tempo — eu murmurei, então levantei minhas sobrancelhas. — Padre Joseph O'Malley?

— O que foi, os sacerdotes violam seu código moral? — Ele perguntou secamente.

Eu sorri. — As únicas coisas que violam meu código moral são tênis e jeans. Drenando o sacerdote, posso chegar bem. — Eu memorizei seus detalhes junto com seu endereço e local de culto. Olhei para cima. — Alguém mais?

Ele balançou sua cabeça.

— Dia lento para assaltos.

— Não, consegui prender o resto deles. Você sabe, faço o meu trabalho real — disse ele, sua voz dura.

— Seu trabalho é punir aqueles que fazem errado? — perguntei.

Ele acenou bruscamente.

Apertei a pasta antes de jogá-la de volta para ele e foquei de pé. —Bem, você ainda está fazendo seu trabalho, apenas terceirizando. Então você pode manter seu próprio código moral. Você está ajudando as pessoas — Eu disse, com minha voz mais suave.

Ele franziu a testa para mim. — Sim — ele cedeu.

Eu o soprei um beijo. — Fique atento, Lewis. E se você não vai conseguir um bom cochilo, eu recomendo a cocaína. Posso colocá-lo em contato com um bom fornecedor.

Ele franziu o cenho para mim. — Adeus, Isla.

Eu sorri e saí pela porta.

Meus olhos trancaram com outros azuis cristalinos do outro lado da sala, tão azuis que cintilavam como prata.

No momento em que me viram, eles se iluminaram com ódio, brilhando puro e tão certo que eu tive que piscar algumas vezes para garantir que o homem atraente não fosse, de fato, minha mãe.

No entanto, sua mandíbula forte e seu coração batido comunicaram que ele não era a fêmea vampira que me pariu. Sua forma considerável

apertou-se e uma mandíbula masculina converteu-se em granito. A mudança foi palpável, mesmo do outro lado da sala. Fúria rolou através das mesas e os arquivos até que ele me apoderou com força suficiente para que eu pudesse sentir sua textura.

Os vampiros não podiam ler a mente das pessoas; Hollywood tomou liberdades com o fato de que podemos sentir emoções ou auras, no entanto. Os seres humanos as emitiam a cada hora de cada dia, mesmo quando dormiam. Uma das primeiras coisas que eu aperfeiçoei como uma nova vampira além da minha habilidade de assassinato, é claro - era como bloqueá-las. Eu não precisava estar imersa no mar da insípida emoção humana o dia todo, todo dia. Era ruim o bastante eu ouvir fragmentos de suas conversas em uma base de vinte e quatro horas.

Às vezes, era irritante o suficiente questionar qualquer código moral ferrado que eu tivesse. Eu queria apenas matar todos os barulhentos, pouco inteligentes e ignorantes deles.

Este humano, no entanto, suas emoções eram diferentes. Elas derrubaram meus escudos como se eles fossem de papel e me pediram para inspecioná-los, provar seu ódio.

Ele ainda estava olhando para mim em estado de choque.

Claro, eu o senti no momento em que ele colocou a bota da motocicleta no recinto aberto. Obviamente, ele não tinha minhas habilidades loucas, já que agora só estava me marcando.

Eu sorri para ele.

Ele se irritou ainda mais, o que o tornou ainda mais atraente. Ele estava sentado, então eu só vi a metade de seu corpo, mas era uma boa metade, embora, indiscutivelmente, não fosse a melhor. Seu cabelo era escuro e curto, despenteado e espetado de uma maneira que parecia que demorava horas, mas eu aposto que ele acabou de sair da cama assim. Suas características eram fortes e masculinas, duras o suficiente para impedi-lo de ser classicamente bonito, sua barba cortada adicionando essa coisa de — bad boy rústico.

Sim, ele era quente.

E também um assassino. Provavelmente deveria ter mencionado isso primeiro. Eles realmente chamaram eles de Praestes, mas fala sério, como isso era desagradável? Usando a palavra latina para protetores para se moldar como algum tipo de heróis? Ninguém os chamava assim; nós todos tínhamos nomes muito mais coloridos e derrogatórios para eles. Caça-vampiros era o mais recente, e muito gentil. Eles eram parte de uma seita tão antiga quanto os próprios vampiros, que existia puramente para matar nossa raça, ou pelo menos tentar atenuar os números. Inimigos mortais, blá, blá, blá.

Muitos vampiros, meus irmãos especificamente, tornaram sua missão caçar assassinos até o ponto de extinção.

Eu, eu tentava ignorá-los quando possível, quebrar alguns ossos quando não.

Este, eu não queria ignorar, apesar do assassino em seus olhos.

Este desencadeou sentimentos semelhantes, mas muito diferentes dos que o rei de todos os vampiros tinha cravado alguns dias antes.

Eu não tinha tempo de ir em um tipo de coisa de falecimento mortal.

Era hora de ir à igreja.

03

A vida é supostamente sobre as oposições binárias. Sabe aquelas duas pessoas das quais eu falei no início? O herói e o vilão? Oposições binárias. Como o bem e o mal. Preto e branco. Elas são uma construção cultural. Quem sabe quando a idéia da vida assim simples, tão definível, começou. Talvez algum dia, lá atrás, quando a vida *era* tão simples. Fácil mente categorizada. Embora eu duvidasse disso; mesmo no começo, a simplicidade era um luxo concedido a Adão e Eva. Com certeza não era agora. Não era preto e branco. Raios, não era sequer preto, branco e cinza.

Heróis e vilões existiam apenas para vender ingressos para o cinema. Para alimentar idéias sobre a vida para manter a máquina ideológica se arrastando, para distrair os seres humanos do que estava acontecendo atrás da cortina. Quais os poderes que estavam sendo feitos, as lutas por esse poder e as atrocidades cometidas em sua busca. Para distrair humanos a partir disso, e de sua própria mortalidade.

Como imortal, talvez eu precisasse distrair a maioria deles. Não foram aqueles de nós que mantivemos a possibilidade da vida eterna em nossas mãos, as pessoas que mais provavelmente eram consumados, obcecados, com a morte? Humanos que tiveram apenas um momento escasso nesta terra e

eram frágeis à medida que as penas eram facilmente distraídas de sua destruição iminente. Distração na forma de oposições binárias.

Eu posso ver através da construção. Ver mais. Mas eu também fui um escravo dessas idéias eu mesma.

Para que eu existisse - a criatura sem alma, malvada, imoral, que eu era – outra pessoa precisava me equilibrar. Para me contrariar. Minha oposição binária.

Um caça-vampiro.

Primeiro usados como vilões nas histórias de nossos tempos de cama, os matadores foram o que aconteceu na noite para nós. A única coisa que poderia nos matar. *Projetados* para nos matar. Eu não sabia como funcionava porque eu não compartilhei lattes com seres que existiam exclusivamente para caçar meu tipo em extinção, mas eu sabia que podiam nos sentir. Passamos despercebidos para os meros mortais, embora alguns com o toque pudessem nos ver pelo que realmente éramos. Bruxas também, e shifters – vamos abranger isso para todas as criaturas sobrenaturais que a maioria dos humanos era, felizmente, inconsciente. Mas os caça-vampiros não eram do mundo sobrenatural. Eles eram mortais, tanto quanto eu sabia. Versões híbridas, com certeza, mas humanas, no entanto. Menos quebráveis do que a maioria, mas meus irmãos tornaram evidente de que eles poderiam morrer com bastante facilidade.

Cientistas de ambos os lados haviam confundido por um século sobre o porquê nós podíamos sentir um ao outro. Inúmeros caça-vampiros e um punhado de vampiros estúpidos foram pegos por seus inimigos respectivos e dissecados para ver o que causava essa conexão.

Nenhum foi encontrado.

Minha teoria? Natureza.

Sim, muitos gostavam de pregar - talvez esse pregador bem antes de mim, de fato - que minha raça era de criaturas antinaturais e ímpias. Mas nós nascemos, não somos criados. Parte do mundo natural. Topo da cadeia

alimentar. Então, algo tinha que existir na natureza para nos contrariar, equilibrar.

Daí caça-vampiros.

É apenas minha opinião.

Mas este caça-vampiro estava realmente me irritando. Ele me seguiu da delegacia de polícia para a igreja, onde eu tinha chegado bem a tempo para a missa da tarde.

— Não é sem pecado que devemos nos esforçar para viver, mas através da fé. Deus perdoa tudo de seus filhos que mantêm fé em seus corações e amor em suas almas. Os justos viverão pela fé, Romanos 1:17. —Ele falou suavemente, mas com um eco subjacente que cresceu através da sala inteira. Com uma graça silenciosa que cobriu a negra alma malvada embaixo.

Eu mal contive um resmungo. Na verdade, mal me impedi de irromper do meu assento e drená-lo ali mesmo. Mas mesmo eu tenho que ter alguns limites. Então eu resolvi olhar o homem de cabelos brancos de batina com sua hipocrisia. Isso me fez mesmo mais brava que a igreja estivesse lotada, quase cheia.

Eu lambi os meus lábios com a perspectiva de enviar esse cara para a vida após a morte, onde ele certamente não iria conhecer o deus que fingia adorar. Nem ele seria perdoado por seus pecados que mesmo um deus misericordioso pudesse levar embora.

Eu só tinha que me livrar do caça-vampiro primeiro.

Eu me posicionei na beira do altar para esta situação específica. Eu esperava que ele tivesse perdido o interesse, argumentando que ele poderia ter, eu não sei, uma vida além de me seguir por aí. No entanto, acho que seguir-me era tecnicamente a vida dele. Um pouco inconveniente quando planejei drenar um padre.

Empurrei as portas duplas para a igreja, empurrando meus óculos de sol pretos pesados no meu rosto quando a luz do sol assaltou meus olhos. Passaram-se semanas desde que dormi. O efeito da luz solar bruta me fez perceber que eu tinha que tirar um cochilo.

Outra coisa pequena com a qual a tradição tinha tomado liberdade. Nós não nos lançamos em chamas coma presença de luz solar, mas tornava-se um aborrecimento quando não dormíamos. Apesar de ajudar com a imagem do monstro que os humanos pensavam esgueirando-se nas sombras, dominando a escuridão enquanto eles mantinham a luz.

As ruas não estavam ocupadas neste bairro no início da tarde, e o caça-vampiro não fazia segredo de que estava me seguindo.

Imaginei que você não poderia realmente ser furtivo quando a pessoa que estava perseguindo nasceu com um instinto para sentir a sua presença.

Que saco para ele.

Eu passei por um sem-teto fora de uma mercearia e joguei cinquenta em sua tigela.

— Deus te abençoe, senhorita — ele exclamou, mexendo o dinheiro com os olhos arregalados. Eu esperava que ele não bebesse, nem cheirasse tudo. Embora ele cheirasse o suficiente, se não precisasse de um banho.

— Ou Satanás me condene, — murmurei.

Continuei passando pela mercearia e desviei em um beco. Estava fora da rua, calmo e banhado pelas sombras.

Perfeito.

Eu me encostei contra a parede de tijolos perto de uma lixeira, esperando que a pedra áspera não pegasse fios na minha blusa.

Passaram alguns segundos antes de eu sentisse o cheiro do tabaco e algo mais quase tão sedutor quanto o sangue fresco - seu perfume, cheio de emoções tumultuadas, e uma firmeza de raiva.

Ignorei isso.

— Você sabe, você poderia ter me chamado para um encontro em vez de me seguir — eu disse suavemente, olhando para cima das minhas unhas. — No entanto, meu traseiro parece ótimo nesta saia, então eu aposto que a vista por trás não era ruim. — Eu pisquei para ele. Ele olhou para mim, deslocando seus pés, enquanto ele parava na minha frente, pendendo uma

longa faca de prata de sua mão. Eu olhei para os entalhes, registrando o zumbido suave no ar ao redor da lâmina.

— Abençoada por uma bruxa — observei, depois aplaudi. — Este não é o primeiro rodeio do caça-vampiro. — Eu não me movi da minha posição contra o tijolo, meu corpo relaxado. Como ele estava em pé, tão perto, usando seu tamanho para pegar o beco, teria dado ao estranho a ilusão de que não conseguiria escapar.

Claro, eu era uma vampira. Eu poderia escapar em um segundo se eu quisesse.

Mas eu era uma vampira. Não escapava de ninguém.

Mesmo um assassino com uma das únicas armas que tinha a chance de foder o meu dia.

— O que você estava fazendo naquela delegacia? — ele exigiu. Sua voz era baixa de barítono, varonil e áspero. Onde a voz do rei enviou arrepios de gelo na minha espinha, o tom de cascalho áspero do matador fez um tiro quente dos meus dedos dos pés ao cabelo empilhado no topo da minha cabeça.

De perto, ele era ainda mais delicioso. Sua parte de baixo, a qual eu não pude ver no distrito, era impressionante, coxas poderosas revestidas de jeans azul desbotado. E a camiseta sob sua jaqueta de couro estava moldada em seu torso, insinuando os cumes dos seus abdominais e um físico que eu aposto que poderia ter enfeitado todas as capas da G Magazine no planeta.

Eu sabia que ele era construído, mas ele era *construído*. Músculos aparentes mesmo sob a jaqueta de couro, e ele facilmente se elevou sobre mim, mesmo nos meus calcanhares. E seu aroma, manchado com a fúria e ódio que ele estava nutrindo por mim, era silvestre e distintamente masculino, agitando o instinto mais básico que toda criatura tinha - excitação.

Eu estava tão perturbada, verificando o cara que estava a poucos minutos tentando acabar comigo.

Tentando ser a palavra operativa.

— Eu estava relatando um crime — respondi. — Mantendo as ruas desta cidade mais seguras. — Eu curvei minha sobrancelha. — Ouvi dizer que homens estão abordando mulheres em becos com facas.

Ele deu um passo à frente, segurando sua faca firmemente. Não reagi. — Que merda você tem com Lewis? Ele é um bom homem — ele sibilou.

Sua raiva me cercou, mas em vez de me revoltar contra ela, meu corpo afundou-se nela, dando boas vindas ao almíscar amargo.

Tirando-me da neblina que sua ira criou em minha mente, eu assenti. — Isso ele é.

Seus olhos eram de mármore, reluzentes de fúria. — Você precisa deixá-lo em paz.

Levantei as mãos. — Cara, ele *me* ligou. Eu não sou do tipo para desobedecer a um detetive. Eu respeito a lei e aqueles que a aplicam. Há muitos infiéis lá fora que não estão nesses tempos arcaicos. — Eu dei à faca outro olhar pontudo. — Por que, há apenas cem anos, um homem bem educado nunca teria sequer considerado pensar em se aproximar de uma jovem e, eu devo dizer uma jovem deslumbrante e confrontá-la com uma arma. — Eu retomei meu olhar descendo das coxas até as botas negras e voltando de novo, passando pela barba e cabelo desfeito para os olhos selvagens. — Então, novamente, não estou exatamente na presença de um homem bem-educado, então o ponto é discutível.

Eu assisti com diversão e talvez leve excitação quando sua raiva se intensificou.

Ele era sexy quando ficava todo assassino. Tudo bem que eu só o vi assassino, mas isso é como gostava dos meus homens: pensativo com um lado de homicida.

— Por que você estava na igreja? — ele retrucou, desistindo de sua última linha de questionamento.

— Era mais perto do que o McDonald's, e eu estava a fim de um lanche — Respondi. Eu não ia sequer me incomodar de falar para ele sobre o padre pedófilo. De jeito nenhum, ele nunca acreditaria em mim.— O que há com o

terceiro grau? Todos os caça-vampiros que eu encontro agem assim, ficando rabugentos. — Eu acenei com a cabeça para o aço ao seu lado. — Tudo bem que eles geralmente não têm fama de garanhões, mas eles gostam de ir direto para a matança, nem me levam para jantar primeiro.

Algo brilhou em seus olhos, a fúria desapareceu por alguns segundos antes de dura determinação substituí-la. — Você está certo. Não estou ganhando nada com essa conversa, então é hora de acabar com isso .

Ele deu um passo à frente novamente, agora com propósito, e eu suspirei fortemente antes de me aprumar. Então, — Vampiros — dos Dukes perfuraram o ar, tirando o drama e fazendo com que o caça-vampiro ficasse congelado momentaneamente. Eu acho que minha escolha no toque do telefone não era exatamente de bom gosto, mas achava divertido e isso foi era tudo o que importava, certo?

Eu sorri para ele, levantando o meu dedo. — Vamos fazer uma pausa neste jogo de morte. Eu realmente tenho que atender. — Olhei para a minha bolsa para recuperar meu telefone. Se ele tivesse decidido atacar enquanto pensava que minha atenção estava desviada, seria um erro. Eu poderia tê-lo estripado com meu dedo mindinho enquanto lia Guerra e Paz se eu desejasse.

Muitos novatos cometiam tais erros.

Ele não.

Definitivamente, não é o primeiro rodeio deste caça-vampiro.

Coloquei o telefone na minha orelha, sorrindo de modo arrependido para o homem com a faca. O homem realmente sexy com a faca.

Aquele que eu deveria ter ansiado matar em vez de ficar imaginando que gosto tinham seus lábios.

— Pela trigésima quarta vez, Scott, não vou chegar na ComicCon com você, — eu respondi. Depois da festa, Scott teve essa idéia distorcida de que éramos amigos e o pequeno pateta irritante não me deixara em paz. Eu atribuí-lhe um toque para poder me preparar para suas chamadas.

— Por que não? Vai ser um arraso — ele gemeu.

Eu não tirei meu olhar dos olhos azuis gelados que agora estavam cintilando com algo além do homicídio. Diversão? Não, não poderia ser. Os tipos de matadores estóicos não eram capazes de tal coisa. Era somente matar, matar, matar.

Bocejei.

Mesmo eu, uma vampira criada e nascida para tal motivo, tinha outros hobbies. Eu era uma ávida colecionadora de sapatos, por exemplo.

— Porque considero que é o epítome do mal — respondi. — Você sabe, excluindo a companhia atual. É um insulto à nossa própria existência. O fato de você querer ir me faz querer pôr eu mesma uma estaca em você, exceto que colocar uma estaca não faz merda nenhuma para um vampiro além de irritar. — Eu parei, enquanto os olhos do assassino cintilavam novamente. Definitivamente diversão. —Então pare de me pedir para ir com você. Eu sou insultada pessoalmente toda vez. E não posso falar disso agora. Há um assassino com rosto de mármore diante de mim ansioso para bancar o *Bladerunner*[3]. E se você não tomar cuidado, ao invés de chutar sua bunda, vou lhe dar seu endereço onde ele pode puni-lo por me assediar sobre esta estúpida convenção humana.

Houve um suspiro na outra extremidade do telefone. — Porra, Isla. Um assassino? Agüente. Vou pegar sua localização e estar aí para ajudar. — A digitação rápida em um teclado encheu o telefone.

Eu ri. — Cara, tudo sob controle. Eu posso lidar com um assassino. Eu teria que deixar você me levar para essa convenção e me sacrificar aos Twiharders[4] ou seja o que for chamado. Meus olhos encontraram os olhos azuis de iceberg que cintilavam explosivos. —Agora que tal você ir comprar uma nova data para sua convenção e a sua fantasia de Capitão Kirk? Tenho que ir.

Eu desliguei.

[3] Filme de ficção-científica de 1982.
[4] Fãs da Saga Crepusculo.

Coloquei o telefone de volta na minha bolsa e encostei os ombros contra o homem na minha frente. — Desculpe por isso. Ele continuaria ligando se não tivesse respondido, e isso arruinaria totalmente o clima que você está indo aqui. — Eu ondulei a mão pelo corpo dele. — Ele é um saco, mas eu apenas não tenho coragem de matá-lo. O que você pode fazer? — Fiquei um pouco mais alta. —Agora, onde nós estávamos? Certo, você ia tentar e ficar todo rabugento. Então eu teria que chutar sua bunda e seria embaraçoso para você voltar a cobrir a casa do matador. Então, que tal nós salvarmos minha manicure e seu orgulho e seguir nossos caminhos separados?

Ele piscou a diversão e, se não estivesse enganado, o choque fechou seu olhar mais uma vez, seus músculos pulsavam em seu pescoço. — Não é provável — ele resmungou. — É contra minha natureza deixar uma vampira respirando.

— Bem, eu não estou respirando, então vamos lá. Você não vai contra sua natureza, — Eu o informei, animada. Avancei com uma lentidão deliberada, mostrando minha intenção de deslizar em volta dele, apenas para ver o que ele faria.

Surpresa, ele moveu seu corpo para que ele pudesse bloquear meu caminho e ficar perto de mim.

Irritou-me que eu gostei da proximidade, da forma como seus batimentos cardíacos vibraram através de meu próprio corpo com força, muito mais forte que os humanos comuns.

Obviamente eu não poderia dar minha preferência a isso. Na verdade, eu deveria matá-lo pra começar e impedir que meu corpo trabalhasse contra mim.

Eu endireitei meus ombros. — É sempre o caminho mais difícil com vocês grandalhões.

Eu podia prová-lo, o cheiro amargo e doce ao mesmo tempo. Curiosamente, o batimento do seu coração era calmo, um golpe constante que vibrava o ar. Mesmo o mais experiente dos assassinos tinha um ligeiro

aumento nos batimentos por minuto durante os confrontos com vampiros. Mais assassinos experientes; eles sabiam o suficiente sobre vampiros para temê-los.

Ou este não se sentiu ameaçado por mim e, portanto, muito estúpido, ou então ele era... algo mais. Algo que fosse o motivo de seu estranho e sedutor aroma que quase não era humano.

Mas tinha que ser. O que mais estava lá? Todo instinto no meu corpo me dizia que ele era um caçador de vampiros, minhas células quase rejeitaram sua presença, ao mesmo tempo que o acolheram. Sim, ele era um caça-vampiros. E, por esse fato, isso descartava que ele fosse qualquer coisa além de humano.

— Eu não quero machucá-lo — afirmei honestamente.

Suas sobrancelhas se ergueram. — Você acha que eu pareço a porra de um estúpido?

Eu sorri. — Você realmente quer que eu responda isso?

Seus lábios se diluíram. — Você é uma sanguessuga. Claro que você não quer me machucar. Você quer me drenar todo.

Eu revirei os olhos. — Não se lisonjeie, amigo. Eu não sou suicida como você. — Outra parte irritante da composição genética do caçador de vampiros: seu sangue era tóxico, pelo menos para os vampiros. Somente vampiros sem instrução ou estúpidos morriam ao chupar o sangue deles, já que não era exatamente um segredo. Mas eles eram inventivos nas formas em que eles usavam isso.

Eu tinha ouvido boatos de que eles estavam desenvolvendo balas que foram injetadas com os seus próprios sangues e revestimento de cobre. Se isso fosse verdade, eles poderiam ter uma chance contra a nossa raça.

Seus olhos ficaram trancados com os meus, seu corpo tenso e pronto para atacar. Em vez de fazer isso, ele ficou parado a uma distância de um fio de cabelo, imprimindo seu perfume em mim, esses penetrantes olhos azuis enervantes em sua intensidade.

A quietude entre duas criaturas naturalmente opostas, como nós, deveria ter sido desconfortável. Não deveria ter sido assim. Como o redemoinho explosivo em seus olhos pedia que ele me matasse. Como aquele redemoinho cintilou com algo que se arrastou na minha espinha e me instou a inclinar-me para frente, a não morder, mas a...

— Ei! — O grito alto quebrou o momento e ambas as nossas cabeças se aproximaram da direção da voz. Vinha da entrada do beco onde um homem estava parado, olhando fixamente para nós dois.

Voltei, a interrupção me dando exatamente o que eu precisava. Clareza. E a distância do assassino que soletrava desastre.

— Que merda você está fazendo? Afaste-se dela! — o homem gritou.

Então ele começou a correr rapidamente em nossa direção quando o assassino não se moveu.

Eu percebi o que isso parecia: um homem grosseiro com uma barba, jaqueta de couro e uma faca apoiando uma mulher bem vestida em um beco. Desnecessário dizer que esta mulher estava longe de ser indefesa, mas para o olho mortal, eu era uma flor delicada.

— Você deve correr — eu sussurrei para o matador, que se opôs.

— A porra que não vou a lugar algum — ele sibilou, o homem quase em nós. — Não vou deixar você sozinha com um ser humano.

Coloquei minha mão no meu peito e observei enquanto seus olhos cintilavam para meus amplos atributos. Eu sorri internamente. — Eu nunca drenaria um homem que andasse para salvar o dia. Isso é muito mau gosto.

Seus olhos escureceram, mas ele não teve a chance de dizer nada antes que o homem empurrasse o matador para fora da minha órbita. Eu estava feliz e chateada com isso. Caçadores de vampiros nas vizinhanças próximas não eram geralmente ideais, mas este... Bem, eu estava me acostumando. Gostando disso.

— O que diabos você está fazendo? — meu cavaleiro em xadrez gritou para o meu vilão em couro. O homem empurrou sua cabeça de rabo de cavalo para mim. — Você está bem, senhorita? Preciso ligar para a polícia?

Eu me endireitei, fazendo o meu melhor para não sorrir no hipster musculoso que não ganharia em uma briga com o homem musculoso e perigoso de quem ele atualmente estava me protegendo.

— Estou bem — eu disse, tentando o meu melhor para soar sem respiração e vulnerável. — Graças a Deus você estava aqui. Detesto pensar no que poderia ter acontecido se você não tivesse acontecido em cima de nós. Meus olhos piscaram para um olhar azul gelado. — Sangue poderia ter sido derramado. E o sangue me deixa com raiva. — Olhei para o meu relógio. — Eu tenho que pegar um avião, então eu não posso ficar para fazer uma declaração às autoridades, a quem eu exorto você a ligar. Detetive Lewis no Distrito 15 é um velho amigo. Ele vai se certificar de colocar esta lágrima onde ele pertence. — Eu enfiei minha bolsa no ombro e me inclinei para dar ao hipster um casto beijo na bochecha. Uma bochecha que enrubesceu, acelerando os batimentos cardíacos.

Totalmente ainda consegui.

— Muito obrigado por me salvar. Se eu não tivesse que voar para Tóquio, eu lhe agradeceria corretamente — resmunguei com uma piscadela.

Eu notei que outro batimento cardíaco acelerou, um que afugentou o do hipster. Engoliu-o, na verdade. Parecia saltar do meu crânio de uma maneira que não era normal. Meu olhar estreitou-se, mas não deixou o hipster.

Liguei os calcanhares e apressei-me pelo beco, sem ouvir o leve arruinamento de pés e maldições de ambas as vozes masculinas. Não, os batimentos cardíacos afogaram tudo. Mesmo enquanto eu voltava para a rua.

Isso me enervou.

Havia algo diferente sobre aquele assassino.

E não era apenas o fato de que ele me fazia formigar das piores formas.

***

Fui abordada por dois vampiros corpulentos no segundo em que as portas do meu elevador se abriram. Eu teria provavelmente sentido a presença deles se eu não estivesse sonhando acordada com um certo matador, e imaginando o que eu pensava que seria seu traseiro vestido de jeans.

Especialmente depois que recebi um texto de Lewis uma hora antes.

Lewis: Existe uma razão pela qual acabei de ligar para um beco onde uma mulher combinando sua descrição especificamente pediu para mim depois que um homem interrompeu um assalto a mulher acima mencionada?

Esse cara era uma piada. Quem usava a palavra —acima mencionada— em uma mensagem de texto? Eu tinha quase quinhentos anos e não usava.

Eu: Por favor, diga-me que você lhe deu uma busca cheia de cavidades. E então descreva o exterior da cavidade acima mencionada.

Lewis: Tal homem realmente existe? O bom cidadão foi encontrado inconsciente uma vez que cheguei lá, e nem você nem o homem estavam em qualquer lugar para serem encontrados. Será que você... Você sabe?

Hmm, o assassino não tão pequeno feriu um humano para escapar das autoridades. Não parecia coisa de caçador de vampiros. Eu pensei que eles deveriam proteger essas massas, não atacá-las. Perturbadoramente, eu gostava dele ainda mais agora. Eu sorri para a mensagem.

Eu: O que significa — você sabe? Será que eu... Peguei o número dele? Infelizmente, não. Ele estava muito ocupado acenando uma faca assustadora para trocar dígitos.

Lewis: Não é engraçado. Ele está lutando contra um caso de anemia?

Eu: Eufemismo agradável, Lewy. Ele tem todas as suas plaquetas, então não se preocupe com sua linda cabeça grisalha sobre isso. Anexei o número do meu revendedor para a cocaína que nós discutimos.

Obviamente, não recebi uma resposta depois disso.

— Pare — exigiu um dos vampiros corpulentos do meu corredor, arrebatando a minha bolsa.

— Ei! — Eu protestei. — Você nasceu na porra de uma cripta? Você não faça isso.

O outro ficou na minha frente enquanto eu alcançava a minha bolsa. Eu dei-lhe uma vista de olhos.

— Seu amigo quer uma Birkin[5], é melhor entrar na lista de espera como todos os outros. Eu estou avessa a acabar com ambos se tentarem tirar isso de mim.

— Ela está limpa — declarou a voz profunda do arrebatador da bolsa.

Seu amigo estóico recuou.

Agarrei a bolsa, olhando para ambos os homens, que entraram em ambos os lados do elevador, o olhar diretamente para frente, como se nada tivesse acontecido.

Meu olhar escorregou para frente, decidindo não me preocupar com o confronto.

Seja o que fosse — aquilo —, era algo com o qual eu trataria mais tarde. Ou nunca. Não era como se eu não pudesse cuidar de mim mesma, e dois vampiros que pareciam ter comido esteróides no lanche não eram algo para eu me preocupar. Então eu fui em frente, minha visão desobstruída pelos ditos esquisitões de esteróide, então eu pude ver um vampiro muito menor, impedindo meu caminho.

— Você não mora aqui — informei o vampiro de pé na porta do meu apartamento.

Tinha sido um maldito longo dia e a última coisa que eu queria era um visitante com presas. Ou uma parada completa do visitante. Eu queria um balde de vinho, um bife mal passado e uma temporada de Prison Break.

---

[5] Bolsa da Hermès que é feita à mão em couro e tem o nome da atriz e cantora Jane Birkin. A bolsa está atualmente na moda como um símbolo de riqueza, devido ao seu alto preço e uso por celebridades.

O matador tinha fodido minha caça, e o padre se foi no momento em que cheguei a Igreja. O que significava que eu tinha que chamar Scott para levá-lo a desenterrar informações. O que também significava que agora Scott pensava que ele estava envolvido nessa caçada, o que o levou a marcar um — encontro— para nós perseguirmos e assassinar o dito sacerdote na noite seguinte.

E a bolsa que eu estava olhando no Bergdorf estava fora de estoque.

Eu estava irritada, para dizer o mínimo.

Além disso, não pude apagar dois olhos azuis da minha cabeça. Nem esses braços. Ou ombros. Ou coxas. Eu nem tinha conseguido ver a bunda.

Eu estava irritada, pra dizer o mínimo.

Porém, não por esse tipo. O vampiro na minha porta era calvo, alto e magro, vestindo um terno preto e gravata. Ele parecia um diretor de funeral ou um velho Beatle. Ele também envelheceu, talvez no início dos anos quarenta. Seu rosto estava ferrado no que parecia uma careta permanente de aversão. Eu também ficaria chateada se eu tivesse que passar a eternidade com os pés de galinha.

— O rei solicita uma reunião — disse ele em resposta.

Parei na frente dele, curvando minha sobrancelha. — Diga-lhe para falar com o meu assistente. Eu tentarei agendar uma 'reunião' para sua majestade. No entanto, estou certa de que sua agenda está cheia de matar bebês e cortar as mãos, então, que tal eu enviar para ele um vídeo do Snapchat e nós chamaremos isso pela manhã?

O vampiro fúnebre, obviamente, não entendeu minha piada porque sua boca nem sequer mexeu. Seu rosto mal se moveu. Os vampiros eram notoriamente sem emoção e frios, mas esse cara era como uma estátua. A única coisa aparente foi seu claro desgosto comigo, embora isso não fosse comunicado através de expressões faciais; era como se ele tivesse abolido a emoção no ar.

Totalmente assustador.

Mas também meio que legal.

Eu precisava descobrir como fazer isso.

— Sua majestade não agenda *reuniões* — afirmou, olhando para mim. — Ele está lá dentro. Estou aqui apenas para avisá-la de sua presença.

Levantei minhas sobrancelhas. — Ele está aí? *Meu* apartamento? O rei solicitou uma reunião comigo, foi o que você disse. Mas o que você quis dizer é que ele entrou no meu apartamento e forçou uma reunião comigo — eu gritei. Eu não era como o Sr. Esquisito aqui; não podia infiltrar emoções, então eu precisava de um tom de rispidez para me comunicar como eu estou irritada atualmente.

Ele não me respondeu.

Peguei minha bolsa no meu ombro. — Certo — eu bufei, apontando meu dedo inclinado para minha porta

Antes de poder empurrá-lo com raiva, o vampiro deu um passo à frente, abrindo-a para mim.

Ele encarou o interior do meu apartamento. — Senhorita Rominskitoff para você, Sua Majestade.

Eu passei por ele. — Sim, de qualquer forma, anuncie *minha* presença no *meu* apartamento para o vampiro que entrou — eu explodi, olhando o rosto sem emoção. — Quem mais poderia ser?Britney Spears aqui para um concerto improvisado?

— Isso será tudo, Sven — uma voz profunda revirou pelo meu apartamento.

O vampiro fez uma pequena meia curva, lançando seu olhar desaprovador para mim por uma fração de segundo antes de fechar a minha porta.

Olhei para o homem atraente que era simplesmente o rei de todos os vampiros descansando no meu sofá branco de camurça na minha sala de estar totalmente branca. Meu santuário com uma vista de dez milhões de dólares das janelas que iam do chão ao teto. O Central Park era enquadrado pelas

torres brilhantes que ainda me surpreendiam com a sua magnificência. A humanidade chegara muito longe num piscar de olhos. Embora os vampiros tivessem uma mão na evolução das tecnologias e o gosto, ainda era difícil acreditar que tal civilização poderia criar e se adaptar a um modo de vida diferente num mero século. A sociedade dos vampiros era muito menos maleável; apesar de tudo, ainda tínhamos um monarca que se orgulhava de todos os imortais.

O homem em questão tinha ambos os braços esticados na parte de trás do meu sofá, seu traje preto justapunha o branco puro e os sapatos de couro envernizado em repouso na minha mesa de café. Seus olhos de esmeralda estavam concentrados em mim.

— Sven? — Eu disse, balançando a cabeça para a porta que acabara de fechar. — Você tem certeza de que não é Jeeves[6]?— Eu pisei na minha sala de estar, jogando minha Birkin no chão. Eu estava tão chateada que estava tratando um item tão bonito com violência que não merecia. — Você acha que é apropriado entrar em minha casa, colocar seus pés na minha mesa de café branco puro de dez milhões de dólares e posicionar um mordomo de vampiros fora da minha porta, me dando permissão para entrar no *meu próprio* apartamento? — Perguntei suavemente, meu tom afiado o suficiente para raspar a pequena quantidade de barba por fazer beijando o seu maxilar forte.

Nota lateral - sim, os vampiros tinham restolho.

Levantei a mão quando ele abriu a boca. — E se eu trouxesse alguém para casa comigo? Então não só você estaria arruinando um dia já de merda, mas você estaria cortando minhas asas quando eu realmente precisava transar.

Seus olhos, uma vez inexpressivos, escureceram apenas uma fração, o suficiente para enviar um pequeno arrepio na minha coluna vertebral.

[6] Reginald Jeeves é um personagem fictício das histórias de P. G. Wodehouse. Jeeves é o valet ou assistente pessoal de Bertram Wooster, um gentleman inglês rico que mora em Londres. Bertie Wooster é um solteiro convicto que não trabalha, e tem como profissão ser socialite, cortejar damas da alta sociedade

Ele moveu os sapatos da mesa de café com um olhar aguçado, mas permaneceu sentado. — Você acha que é uma maneira apropriada de cumprimentar seu rei? — Ele perguntou levemente.

— Não, acho que é a maneira apropriada de cumprimentar o vampiro que invadiu o meu apartamento. A maneira educada, na verdade. A maneira menos educada seria jogar Jeeves daquela – apontei para a outra parede — janela e seu rosto bonito conseguindo outra cicatriz. Assim, Sua Alteza, considere-se saudada. — Fiz uma pequena reverência, uma carranca no rosto.

Ele estava fora do sofá e na minha frente em uma fração de segundo. Para os olhos humanos, o movimento teria sido pouco mais do que um borrão, mas eu assisti a toda a jornada, observei como seus movimentos eram ágeis, a forma como seus músculos se moviam debaixo de seu terno customizado, abertos na garganta, expondo a coluna grossa e pele lisa e bronzeada.

Eu poderia ter me movido de volta, mas eu estava muito ocupada sendo pervertida para recuar.

Além disso, eu não recuava. Nunca.

Então fiz o meu melhor para levantar os olhos do grande e impressionante peito para encontrar as suas esferas de esmeralda, cheias de calor e autoridade. Considerando que eu tinha séculos de idade e poderia estudar minha expressão, você pensaria que eu não seria uma escrava dos meus instintos mais baixos. Mas você estaria pensando errado.

— Eu sou seu rei — ele raspou, sua voz forte e áspera. — Portanto, essa ameaça de violência para mim e minha pessoa é considerada uma ofensa punível. Com a morte. — Sua respiração estava quente no meu rosto, de alguma forma, fazer uma ameaça de morte parecia sedutor. — Mas, como eu estou intrigado por você, eu poderia pensar em algumas punições alternativas que seriam as mais requintadas formas de tortura. Você imploraria que eu continuasse e ansiaria por cadeias em da liberdade.

Suas palavras me hipnotizaram por um minuto quente, tenho vergonha de dizer. Sim, eu era veementemente contra a monarquia da minha raça que

promovia o elitismo, o homicídio glorificado e romantizado e genocídio, e eram idiotas em todos os aspectos. Mas ele era tão malditamente sexy.

Afastei-me, mantendo meu olhar nivelado sobre o dele. — Sou bastante ligada à minha liberdade, e minha cabeça - eu acabei de pintar o cabelo, — disse inexpressiva. Eu cruzei meus braços, principalmente para esconder a evidência física de seu pequeno monólogo, esperando que parecesse um gesto irritado.

A maneira como seus olhos cintilaram para a área do meu peito e o lado de sua boca marcado me fez achar que ele sentiu o primeiro.

— Você vai me matar, me castigar ou me dizer por que você está aqui? — Eu sondei. Eu pensei que eu sairia limpa depois da batalha no Majestic, mas, obviamente, eu estava errada. — Porque tenho certeza de que o rei de todos os vampiros tem coisas melhores a fazer do que ameaçar meros camponeses. E eu sei que esse camponês tem coisas melhores a fazer. — Eu precisava chamar Dante para aliviar um pouco da energia que esse cara tinha acabado de encerrar.

Ele me observou por um segundo mais antes de seu rosto transformar-se no modo rei completo. Ele cruzou os braços e virou as costas para mim, vagando pelo meu carrinho de bar vintage de aço inoxidável que continha garrafas de cristal de líquido.

Ele desatarraxou o uísque, o meu favorito, e derramou dois copos, estendendo um para mim.

Eu olhei para ele, não me movendo.

— É costume e educado tomar uma bebida quando oferecida.

Eu encontrei seus olhos. — Também é habitual e educado *o anfitrião, e o dono* das referidas bebidas, oferecer um refresco para um convidado que ela convidou para o apartamento dela, não um que entrou e está agora atacando seu whisky de cem anos de idade — respondi. Eu precisava perceber que estava falando com o rei e escolher minhas palavras com mais cuidado, mas em quase quatrocentos anos, embora eu aprendesse muitas coisas, como controlar minha boca não era uma delas.

— Pegue essa merda, Isla — ele ordenou grosseiramente.

A maneira como sua boca enrolou meu nome fez minhas pernas me desobedecerem.

Minha mão tocou a sua brevemente quando eu peguei o copo. Eu não reagi visivelmente à faísca que veio do contato, mas seus olhos escureceram uma fração abaixo de sua máscara de rei.

Levantei dois passos medidos para trás dele, vagando para ver as luzes cintilantes de Manhattan para fazer parecer que estava gostando da vista em vez de escapar de sua presença.

O agudo fio do whisky deslizou pela minha garganta enquanto o silêncio desceu fortemente na sala.

Sua forma preenchia o canto dos meus olhos quando ele adotou a mesma posição que eu, felizmente a uma distância razoável. Isso não impediu minha mão de tremer ligeiramente ao redor do meu copo.

— Eu tenho uma dívida com você — ele murmurou, rompendo o silêncio. — Você salvou minha vida no Majestic, lutou por mim.

Eu dei uma olhada. — Eu lutei por *mim* — corrigi. — Se não estou enganada, não tinha muita escolha quando um lobisomem atacou-me. Além disso, eu estava me coçando para dar a Selene o que ela merecia há séculos. Você me fez um favor por deixá-la matar você.

Ele me encarou, suas sobrancelhas estreitaram apenas um pouco, o resto do rosto impassível.

— Sua saída rápida tornou incapaz para mim oferecer meus agradecimentos — disse ele.

— Eu odeio a limpeza — eu disse. — Eu contrato pessoas para isso, e eu prefiro fazer uma bagunça. Além disso, como eu já disse, você não precisa me agradecer.

Seu olhar não vacilou e isso me enervou. — Você não quer nada em troca de suas ações?

Eu zombei. — Com o risco de parecer desrespeitoso, Sua Alteza, você não tem tudo o que eu quero.

Seu rosto mudou um pouco, os olhos arregalados de surpresa. —Você está falando sério.

Acenei com a mão. — Eu raramente falo sério, mas nesta ocasião, é a verdade.

Ele girou o copo nas mãos, o único movimento enquanto seu corpo permanecia estável.

— Você realmente não tem vontade de se alinhar em qualquer posição da sociedade, como sua mãe e seus irmãos desejam? — Sua voz tinha uma nota de descrença.

Eu sorri. — Você está referenciando a perseguição implacável deles pelo poder e influência, então você conheceu minha família, presumo?

Seus olhos se tornaram difíceis enquanto ele assentiu uma vez.

— Bem, então você deve entender meu imenso desejo de me posicionar longe, muito longe deles. E todos os contemporâneos mortos-vivos que se apegam a um sistema feudal arcaico e desatualizado. Meus pensamentos alcançaram minha boca. — Sem pretensão de ofensa — acrescentei,tentando colocar um Band-Aid verbal sobre a ferida de bala que eu criei.

Ele apenas sorveu sua bebida. O silêncio bocejou sobre nós e eu virei para olhar o a linha do céu, as luzes como diamantes flutuantes.

— Você está ciente da situação atual dentro da nossa sociedade? — ele perguntou finalmente.

Foi um salto de nosso tópico atual, mas eu era do tipo que falava regularmente sobre cachorros em um minuto e o bombardeio nuclear da casa dos meus pais na Rússia apenas por diversão, então eu estava bem com isso, não desprendi meus olhos do horizonte. —A política me aborrece — respondi. — Mas se você está se referindo à seita de vampiros que disputavam ser líderes supremos sobre sua raça e escravizara humanidade como a —situação atual—, então sim, estou ciente.

Era difícil não estar. Não acrescentei que estava razoavelmente certa de que meus irmãos idiotas estavam provavelmente envolvidos na referida seita de alguma forma, nem ficaria surpresa se meu astuto e manipulador pai fosse um pai fundador do pequeno grupo que causara problemas nos últimos dez anos, mas agora estavam envolvidos em ataques coordenados contra as estabelecidas formas de governança de vampiros e humanidade em geral. Muitos dos seus assassinatos em massa foram comercializados como desastres nacionais, epidemias de doenças e até mesmo uma guerra. Publicidade para isso deve ter sido uma puta.

— Eu tenho uma equipe investigando os instigadores e líder desta facção — ele começou.

Olhei para o perfil dele. — O que foi? Você não apóia isso? Tenho certeza de que você seria seu principal líder de torcida. Escravidão humana, domínio de vampiros em todo o mundo? Eu estava pensando que esse é exatamente o tipo de coisa que um soberano estaria a bordo — comenta.

Seu olhar frio se instalou sobre mim. — Uma coisa para aprender sobre mim, além do fato de eu ser seu *maldito rei*, é que você não faz suposições sobre mim. Tais coisas são perigosas, mesmo para mulheres como você, que têm a minha atenção — disse ele, sua voz calma, mas afiada. Ele voltou sua atenção para o horizonte. — Eu não tolero nem aprecio desafios à minha autoridade. Considero isso como um insulto pessoal — continuou ele. — Eu pessoalmente afastarei cada vampiro envolvido nessa lamentável coisa que eles chamam de rebelião. — A promessa fria em sua voz me perturbou, e eu tinha visto e livrado muita morte. — Nós coexistimos com humanos. Sim, somos superiores a eles. Isso é um fato da natureza. Como é o fato de que nós confiamos neles para sustento. Mas não significa que vamos assumir a sua civilização, lamentável como é.

Escondi minha surpresa tomando outro gole. — Eu não consigo ver o que isso tem a ver comigo. A menos que você me considere instigador e está aqui para me rasgar em pedaços?

O olhar dele enfiava-me. — Isso seria um crime por si só, então eu tentarei não fazer isso. Eu sei que você não teria nenhuma afiliação com esse grupo, considerando seu... Relacionamento com humanos.

Olhei para ele. — Eu não tenho um relacionamento com os humanos — argumentei bruscamente. — Além daqueles que fazem sapatos de sola vermelha e bolsas requintadas. O resto é de pouca conseqüência para mim.

Ele viu através de mim. — E sobre você interromper abruptamente uma das mais notórias chacinas do século XVII para obter suas refeições apenas dos humanos com o mal para ser vampiros por natureza sozinhos? — Ele fez uma pausa, torcendo o copo na mão. — Poderia ser o relacionamento que você teve com um ser humano em Paris em 1676, um que foi solidificado em casamento, se eu não me engano? Um que acabou com você se tornando uma viúva tragicamente jovem e foi o catalisador da sua transição final para a imortalidade?

Os séculos de solidão com essas memórias não as tornaram mais fáceis de ouvir alto. Na verdade, em todos os séculos que passaram, não pensei ter ouvido em voz alta. Não em poucas frases. Eu mal podia acreditar naquela dor e sofrimento nem mesmo pequeno o suficiente para empacotar em quatrocentos anos poderia ser presumida tão friamente. Eu endureci, minha única reação às palavras pele perfuraram o suficiente para não ser puncionada com qualquer lâmina.

Eu escovei meu copo e calmamente caminhei até o meu bar, despejando três dedos dentro dele. Eu estava muito tentada a beber da garrafa, mas a vulnerabilidade era perigosa, até em situações mortais como esta. Minha família já sabia sobre a minha, e era a corda que eles puxavam quando queriam me usar como fantoche.

Eu não precisava de mais ninguém acrescentando suas próprias cordas às minhas costas. Especialmente não este monarca. Ou qualquer monarca.

Peguei um gole considerável do líquido. Fiquei em silêncio, admirando a vista o tempo inteiro. Calma. Podia-se até dizer, relaxada.

— Você está fazendo sua lição de casa — eu observei, minha voz leve. —Você quer uma estrela de ouro para colocara na sua coroa por uma pesquisa tão extensa?

Ele virou as costas para as janelas, me dando toda a atenção. Tal ação era enervante no meu estado atual, quando tudo que eu podia ver era Jonathan e sangue.

Eu pisquei as imagens.

— Não estou surpreso que sua família estivesse por trás do assassinato de seu marido humano — ele disse. — Sua postura sobre os seres humanos não é exatamente um segredo, e seus irmãos já receberam muitas advertências quanto à sua discrição na obtenção de suas refeições desde que eu assumi minha posição.

Eu resmunguei. — Você conheceu meus irmãos?

Ele assentiu.

— Bem, então, você tem sua explicação sobre por que eles não consideram as leis de discrição em torno de matanças humanas que se aplicam a eles. Você não ouviu? Eles são parte das 'famílias excelentes'. — As coisas como humanos de alto risco e matar quotas não se aplicam a elas.

Havia regras em nossa pequena sociedade em torno de matar seres humanos. Não era proibido, claro; na verdade, era encorajado. Nós só precisamos chamar o Setor para que eles pudessem limpar qualquer banho de sangue que tivéssemos criado. Mas havia regras rígidas sobre como essas matanças eram feitas: nada em público, e se houvesse testemunhas, elas devem ser cuidadas. Nenhum bando mata em áreas urbanas e populosas. Vampiros poderiam possuir seres humanos como propriedade, e estes humanos não deveriam ser prejudicados por ninguém. Se fossem, seu dono tinha meios justificáveis para iniciar uma briga de sangue. Raras, já que os vampiros geralmente não estavam dispostos a começar essas coisas com algo tão insignificante como a vida humana. Era principalmente o princípio da coisa.

Vampiros eram grandes nisso.

E as regras prosseguiram. A maioria raramente era aplicada porque os humanos eram muito estúpidos para perceber que a maioria de suas pessoas desaparecidas e assassinatos não eram o trabalho de pessoas que eles prenderam. Eles ficariam um pouco chocados ao saber que os vampiros eram não somente reais, mas uma grande maioria deles ocupava cargos de alta autoridade no mundo humano.

O sigilo era a maior regra da raça; ninguém estava saindo do caixão a qualquer momento em breve. Isso faria comer fora muito mais político. Melhor viver nas sombras.

— Eu sou o rei, então eu faço as regras. E eu sei que as famílias da linha de Ambrogio pensam que essas regras não se aplicam a elas. É por isso que a maioria deles é pioneira em líderes da seita — disse ele, agarrando o copo.

— Então é por isso que você está aqui? Você quer que eu traia a minha família? — Deduzi.

Seu rosto não traiu nada, mas seus olhos giraram com algo que não consegui entender. — Não. Eu compreendo como a lealdade funciona.

Eu sorri. — Oh não, eu os denunciaria em um segundo. Menos de um segundo. Seria meu imenso prazer em fazê-lo. Infelizmente, não sou convidada para jantares familiares para derrubar o rei dos vampiros. Eu encolhi os ombros. — Eu sou a ovelha branca da família, você vê? Então, foi uma viagem desperdiçada. — Eu me virei para a porta. — Eu vou deixar você voltar à sua noite de drenagem de virgens e governando as massas da sua torre de marfim. Tenho medo de não validar o estacionamento. — Eu apertei minha mão contra o botão e preparei um sorriso brilhante para Jeeves.

— Essa não é a razão pela qual eu estou aqui, Isla — disse ele.

Minha mão parou. — Bem, então, Sua Majestade, por favor me explique. Por mais que eu adore dançar, e eu gosto, é de preferência em clubes noturnos cheios de seres humanos suculentos, não em torno de assuntos.

— Emrick. — Sua voz era áspera.

Tirei minha mão da porta e me virei. — Sério? — Eu não mostrei meu choque externamente por ouvir o nome do rei. Era um conhecimento que

apenas alguns possuíam. Sim, eles eram tão pomposos que nem sequer deixavam aqueles que governavam nomes. Isso e os sussurros de seu sangue são os mais próximos d e Ambrogio; os feitiços podiam ser tecidos por bruxas que conheciam seus verdadeiros nomes. Se assim fosse, Rick deixaria de ser um membro - todos eles, na verdade - ao me dar seu nome. Ele sempre foi conhecido como o rei Markandeya. Era um caso de família, e o atual rei costumava ser coroado quando ele matasse seu pai.

Sem brincadeira. Eles eram implacáveis assim.

Concedido, seu pai havia governado alguns milênios, então eu imaginei que era hora de uma mudança.

— Claro que você teria um nome que literalmente significasse — imortal. Já ouviu falar de sutileza? —Eu brinquei.

Ele não respondeu, embora eu não esperasse. — Você deve ter o conhecimento de meu nome como um gesto de confiança da minha parte.

— A única pessoa em quem confio é a mulher que faz minha depilação brasileira. Desculpe, mas monarcas assassinos nem chegam às pessoas que eu meio que confio. — Eu fiz uma pausa. —Na verdade, eles e os vampiros em geral estão na velha lista 'não confie na minha ótima idéia de roteiro'.

Seus olhos cintilaram e então seu rosto se endureceu. — Não é surpreendente. Mas você pode confiar em mim e eu estou confiando em você. Trair essa confiança...

Acenei com a mão. — Sim, pedaços de mim. Não precisa citar Ashlee Simpson.

Suas sobrancelhas franziram. Era bastante nova a confusão em um rosto que provavelmente sempre significava autoridade. — Eu não entendo.

— Claro que não. Eu não esperava que você ouvisse músicas pop ruins em seu tempo livre.

Ele retomou sua máscara. — Eu não tenho tempo para essa conversa, tão divertida como ela é. Estou aqui por causa de suas amizades com as pessoas em ambas as comunidades, sobrenaturais e humanas.

Levantei minha testa. — Bem, alguém está lhe dando informações duvidosas, Rick.

Seus olhos se estreitaram. — É Emrick. Certamente você não esqueceu o nome do seu próprio rei em alguns segundos?

Apertei minha sobrancelha. — De jeito nenhum, eu vou te chamar assim. — Abaixei minha bebida. — Voltando à sua declaração original. Eu não tenho amigos. Eu sou um lobo solitário. Eu ando sozinha neste mundo. Você não ouviu? A totalidade do mundo dos vampiros me odeia, exatamente como eu gosto. E os seres humanos me irritam, os lobisomens fedem, as bruxas são traquinas, os demônios são simplesmente egoístas e o resto não me interessa.

Pensei em Scott, mas ele certamente não contava. Ele era mais como um irritante cachorro perdido que me seguiu em casa do que qualquer outra coisa. Eu ainda não tinha descartado matá-lo.

Até mesmo mencionar Sophie ao rei estava fora de questão. Ele não precisava saber sobre minha amizade com uma bruxa controversa; ele já tinha motivos suficientes para me punir. Além disso, Sophie era minha única amiga e não queria que ela recebesse qualquer sentença de morte.

Embora eu não descartasse completamente o fato de dizer a ele, já que suas —punições— pareciam meu tipo de diversão.

Ele tomou passos medidos até mim, colocando o copo na minha mesa de café.

Mais uma vez, ele estava de volta à minha bolha. Eu tentei não gostar. Eu realmente tentei.

Minha decisão estava falhando. No espaço de vinte e quatro horas, eu estava muito perto de dois homens que eu achei inexplicavelmente atraentes, dos quais eu deveria ter ficado longe.

Um, porque ele nasceu para me matar.

Outro, porque ele nasceu para ser algo que eu desprezava.

— A raça *inteira* odeia você? — ele repetiu. — Eu acho que você está sendo excessivamente dramática.

Apertei minha sobrancelha. — Oh, eu realmente não estou. Três tentativas de assassinato em tantos meses sugerem que eu discorde.

Meu tom era leve, mas ele não aceitou isso. Seu corpo inteiro ficou rígido e os olhos dele se tornaram pedra. — O quê? — ele rangeu. — Assassinato?

Dei de ombros. — Nada demais. Bem, na verdade, o último arruinou minhas bombas favoritas, então foi um grande negócio.

— Vou colocar uma escolta de proteção sobre você.

Eu pisquei para ele, primeiro chocada com sua súbita raiva e declaração subseqüente, então, insultada. — Eu não preciso de proteção — eu gritei. — Eu sou mais do que capaz de apagar qualquer vampiro estúpido o suficiente para tentar estragar meu dia com uma tentativa de assassinato. Especialmente aqueles que arruínam meus saltos favoritos. A morte de alguém foi particularmente lenta.

Ele me encarou, seu rosto impassível. — Então vou encontrar os vampiros por trás disso.

— Não há necessidade. Eu sei quem está por trás disso.

Seu silêncio comunicou sua pergunta.

— É minha família querida — continuei.

— Sua família? — ele repetiu.

— É um jogo que jogamos. Eles contratam vários vampiros para me matar na chance de que eles vão ter sucesso e eles poderão respirar mais facilmente. Continuo a sobreviver por uma grande quantidade de razões, principalmente porque gosto disso, e vem com o benefício adicional de irritar minha mãe. Espero que a minha existência contínua seja o catalisador do primeiro caso de vampiro de rugas. — Eu segurei meus dedos cruzados para cima.

— Sua família provavelmente poderia ser mais fodida do que a minha — ele observou secamente.

O tom era tão natural que me surpreendeu por um segundo.

Eu sorri. — Você pode apostar nisso, Rick.

Ele olhou para mim, algo atrasado naquele momento. Algum tipo de conexões compartilhadas em nossa linhagem manchada de sangue, talvez.

Seja o que for, eu estava apostando que a atração entre nós era mais perigosa do que nossas respectivas famílias.

— Você ficaria surpresa ao saber que em alguns círculos da nossa raça você é respeitada.

Eu franzi a testa. — Quais seriam esses círculos? Aqueles que os vampiros de cérebro danificado desenham?

Diversos vampiros haviam sido documentados como enlouquecendo. Alguns apenas da velhice, o que fazia sentido. Milhares de anos de lembranças e emoções só poderiam caber em uma única mente por tanto tempo sem ficar um pouco pirado, torcendo para acomodar mais do mundo. Existir na Terra indefinidamente também ficava um pouco cansativo. Outros foram capturados por caçadores ou amaldiçoados por bruxas e ficaram malucos por maldições ou tortura.

— Os que possuem a mesma quantidade de respeito pelos seres humanos que você finge não ter. Não contaremos os homens que durante séculos estão se alinhando para passar até uma noite em sua companhia — ele raspou, sua voz grossa.

— Bem, eu escolho meus companheiros de cama com cuidado. Não quero adicionar ao número de vampiros na casa tola. Sou demais para a maioria. — Eu pisquei.

Ele deu um passo à frente. — Eu acredito.

Eu não disse uma palavra. Essa coisa de flertar estava ficando muito real.

— Apesar do que você pensa sobre sua reputação, você tem uma. E conexões, se não amizades, com quase todos os setores do mundo sobrenatural. O que é valioso para mim. E meus objetivos.

Então, talvez ele já soubesse sobre Sophie. Ele tinha mais cara de pau do que eu.

Era preocupante. E irritante. — mas eu dirijo uma Mercedes, não um Aston Martin, e não há zeros antes do meu nome — afirmei.

Sua sobrancelha levantou-se. — Receio que não estou entendendo.

Eu franzi o cenho. — Você quer que eu espione por você. E meu nome não é Bond, James Bond, então não estou à altura da tarefa, infelizmente. Experimente Daniel Craig. Ele faz um trabalho bem encantador.

Ele cruzou os braços, as costuras em seu terno esticando para acomodar o movimento, e seu bíceps considerável. — Gostaria que você adquirisse informações para nosso benefício mútuo — ele corrigiu, obviamente, escolhendo ignorar minhas referências culturais pop.

— Você quer dizer espiã — eu argumentei. — Eu sou a Suíça. Completamente neutra. — Eu faço uma pausa. — Apesar de matar humanos por comida e qualquer outra criatura que não gosta do meu senso de moda. De qualquer forma, não vou acrescentar —espiã — à longa lista de coisas que sou.

Ele olhou para mim, uma ameaça cintilando ao redor dele como fumaça — Eu sou seu rei. Eu poderia ordenar a você.

Eu olhei para trás, recusando-me a escorrer diante do que muitos vampiros teriam inclinando-se para baixo. Você sabe, para evitar uma decapitação. Eu não era um monte de vampiros. — Você poderia tentar — eu desafio.

Para minha grande surpresa, ele sorriu. — Eu acredito que eu apreciaria cada momento disso. Mas você não é estúpida, Isla. Você sabe que essa facção está ganhando força e impulso, apesar da sua fingida ignorância. — Ele fez uma pausa. — Embora se você repetir que eu disse isso, eu cortar sua língua. — Sua voz era lisa, cultivada enquanto se enrolava ao redor da promessa. A resfriada resolução em seus olhos me disse que ele não piscaria duas vezes enquanto fazia tal coisa, apesar do repertório espirituoso que parecia ter ou a sua maior tolerância pela minha besteira. Seus olhos frios

continuaram focando em mim. — Você está muito preocupada com sua própria sobrevivência, então eu vou deixar você fazer a matemática no que diz respeito a quanto tempo uma vampira como você sobreviveria na nova ordem mundial que despreza os seres humanos e os vampiros que simpatizam ou se casam com eles. Certifiquei-me de que não conseguem derrubar-me, mas isso não significa que eles não levarão alguns objetivos de escolha com eles. Você está no topo da lista com seu marido humano morto, apesar dos anos que passaram. — A farpa verbal encontrou sua compra. —Vampiros não se esquecem — ele murmurou.

Ele passou por mim, seu braço escovando o meu. — Além disso, pense na falta de tentativas de assassinato que você teria que dar conta se eu fosse exterminar todos aqueles responsáveis. — Seus olhos não mudaram, as esmeraldas brilhantes com uma resfriada resolução.

Sua implicação no conhecimento do envolvimento de minha família era clara. Eu não fiquei surpresa, como aprendi muito com o rei Rick nesses poucos minutos. Ele cheirava a sabonete e colônia cara. Ele poderia fazer minha calcinha molhada com um olhar fixo. Seus bíceps era impressionantes. Ele não era cruel, mas não hesitaria em me mutilar ou me executar se fosse adequado às suas necessidades. E ele não era estúpido.

— Você vai fazer isso, Isla — ele murmurou no meu ouvido. —Estarei esperando que você venha até mim com o que eu preciso.

Então a porta se abriu e fechou, e fui deixada sozinha com meu apartamento vazio e o cheiro de colônia e monarquia.

— Bem, puta que pariu — eu murmurei.

Ouvi uma risada masculina descer no elevador.

04

— Muito obrigado por me deixar vir, Isla.

— Eu não *deixei* você vir — lembrei-lhe. — Você apareceu no meu apartamento e não iria embora apesar de eu ameaçar você em lhe dar uma lição com a sua cueca de Capitão América, e depois decidir matá-lo com ela quando você ainda não saiu.

Ele sorriu. — Bem, estou aqui. Então, obrigado.

Eu revirei os olhos em resposta e foquei na casa no suburbano de Nova York.

Desprezava lugares como este. Uma grande coleção do — Sonho Americano, um véu fino para esposas infelizes que mastigavam Xanax como Skittles, maridos que fodiam suas secretárias na cidade e as crianças que ficavam grudadas a esses estúpidos iPads e provavelmente cresceriam com hábitos de drogas e manchariam o mundo com sua presença.

Mas o padre que eu estava perseguindo vivia lá, então, lá estava eu.

— Eu tenho que dar isso ao psicopata. Ele escolheu um excelente campo de caça, — observei enquanto dois pequenos seres humanos vagavam pela rua apontando seus telefones para um mato, murmurando algo sobre um Pokémon. Seja lá o que era.

— A humanidade está tão fodida se *esse* for o futuro do amanhã — murmurei.

Meu foco girou para a porta da casa em que estávamos estacionados fora. Um menino pequeno e sua mãe gorda surgiram. A mãe agarrou a mão do velho sacerdote, sorriu para sua cara manchada. Eu podia cheirar a barriga cheia de amêndoas de chocolate que ela provavelmente comeu para escapar da sua vida horrível, para o qual ela não estava fazendo o melhor se os batimentos cardíacos rápidos da criança pequena e pálida contassem.

Eu brinquei com a idéia de tê-la para a sobremesa por ser uma víbora tão inconsciente, mas rapidamente joguei fora. Eu não curtia áreas morais acinzentadas. Deixe o homem do andar de cima descobrir isso quando ela morresse durante complicações de uma cirurgia bariátrica.

— Esse é ele — sussurrou Scott.

— Você não precisa sussurrar, idiota. Eles não são vampiros, então eles não podem nos ouvir — eu digo.

— Certo. — Ele assentiu, então empurrou um frasco para mim. —Prato principal?

Eu dei-lhe um olhar de lado antes de pegar o frasco. Depois de pegar um gole, eu torci o meu nariz e empurrei-o de volta para ele.

— O que diabos foi isso? — Eu silenciei. — Isso é mesmo sangue?

Ele franziu a testa para mim. — Sim — ele protestou. — Eu acho que é um gosto adquirido.

— Gosto adquirido? — repeti.

— Eu tenho um acordo com um humano em hospício. Um amigo meu, na verdade. Ele me deixa drenar os pacientes nas últimas etapas. Ele nos beneficia, tirando-os da sua miséria e mantendo-me lutando.

Olhei para ele, ouvindo a conversa entre meu alvo e a mãe idiota distraidamente.

Ele encolheu os ombros, o rosto corando ligeiramente sob meu olhar. Como ele era mestiço, ele ainda tinha fluxo de sangue e a capacidade de fazer

coisas como corar. Em garotas, provavelmente era carinhoso, mas Scott parecia um idiota, embora adorável.

Espere, eu acabei de dizer adorável?

— É como perdemos meu pai — explicou. — Câncer. — Sua voz tremia um pouco.

— Embora fosse há cinquenta anos. Quem sabe se poderia ter lhe dado mais anos com a tecnologia de hoje. — Seus olhos estavam distantes. — Mas o tempo que lhe restou foi excruciante. Ele implorou a morte no final. Mamãe não conseguiu fazê-lo, então...

Meus olhos saltaram. — Você drenou seu próprio pai? — eu deduzi.

Ele assentiu.

— Bem, merda, Scotty. Isso é implacável. Você encaixaria com nosso governante profano qualquer dia.

Agora, por que eu mencionei aquele governante profano? Não podia ser que ele e seus olhos esmeralda estavam em minha mente? Mais precisamente, aqueles olhos de esmeralda batalhando com os de um azul de gelo. Apesar de que não eram os olhos que estavam lutando, mas os corpos vigorosos, musculosos, oleados e nus.

— Era o que ele queria. Ele sempre soube que ele não iria sobreviver a nós dois. Ele e mamãe tinham um acordo, mas ela não conseguiu fazê-lo... No final — ele explicou, olhos tímidos, inconscientes do fato de eu estar imaginando um jogo pornográfico mortal entre um vampiro e um caçador de vampiros enquanto ele explicava como ele havia esvaziado seu pai doente de câncer.

Incerta do que fazer diante de tal emoção, eu acariciei sua cabeça.

— Pronto, pronto. Eu acho que foi totalmente honrado. Drenar seu pai para salvar sua mãe de ter que fazê-lo. Principalmente fodido, mas honrado. A honra é uma coisa rara em nossa raça. — Eu inclinei minha cabeça, observando-o. — Você só se alimenta de seres humanos moribundos?

Ele assentiu.

— Por causa do seu pai?

Um outro aceno de cabeça. — Eu não conheci outro vampiro como eu. Então, quando eu ouvi como você se importava com os humanos também... — Não. Eu não me importo com os humanos. Eles são estúpidos, preguiçosos, desajeitados e têm a tendência de morrer, como seu querido e velho pai. — Eu estava sendo desnecessariamente insensível, mas eu era uma vampira, pelo amor da porra. Olhei para o padre que estava fechando a porta. — Então, que tal eu mostrar a você quanto eu me preocupo com este humano em particular enquanto você fica no carro e tenta não foder com nada.

Com essa nota, eu saí do carro e instruí a mim mesma a andar um ritmo mortal após a mãe gordinha e a criança que provavelmente seria fodida por toda a vida. Eu mal resisti ao desejo de perfurar a garganta do palerma inconsciente. Eu me contive apenas porque tal movimento iria esmagar sua traquéia, o que pode ajudá-la na cintura, mas não ajudaria nas cicatrizes psicológicas da criança, as quais ele já tinha muitas.

Meus calcanhares clicaram ao longo da caminhada e bati minhas unhas vermelho-sangue na porta que o padre acabara de fechar.

Demorou um longo tempo para responder. Eu nem queria pensar sobre o que ele estava fazendo.

No segundo que ele abriu a porta, eu o empurrei de volta e bati com isso atrás de nós. Eu tecnicamente, não precisava esperar a abertura da porta, mas eu tinha educação.

— Whargt... — Ele soltou protestos ilegíveis quando eu rodeei minhas unhas ao redor de seu pescoço e o segurei contra a parede. Seus olhos estavam arregalados de terror e minha mão cobriu seu pequeno colarinho branco.

— Perdoe-lhe, Pai, porque você pecou — eu sussurrei.

Suas mãos coçaram as minhas enquanto ele respirava por ar.

— Tenho certeza de que você está operando sob alguma lógica entortada que usar esse terno e pregando o bom livro você recebe um passe grátis para os portões perolados, apesar de suas repugnantes preferências sexuais — eu sibilei. — Estou aqui para lhe dizer que não é esse o caso. Vou

mandar você para encontrar o homem lá embaixo, que tem algumas recompensas verdadeiramente deliciosas para aqueles que roubam coisas como inocência infantil.

Eu libertei meu aperto uma fração para que ele pudesse engolir seu último suspiro de ar, então dei um passo à frente. — Cumprimente-o por mim, você sabe, entre os gritos — eu murmurei, meus lábiosno pescoço dele.

Minhas presas pulsaram enquanto se alongavam tão ligeiramente em preparação para se alimentar. Abaixei-as em sua carne enrugada e fiquei maravilhada com seus grunhidos de dor e fracas lutas.

O sangue fluía calorosamente na minha boca e eu bebi profundamente e avidamente. Tinha sido alguns dias desde que Stan e eu não tínhamos sequer acabado com ele, então eu estava precisando de um porre.

Apesar do que os filmes ou livros mostravam um vampiro, não era um ato de prazer por aqueles que são mordidos. Aqueles que estão mordendo? Caramba, sim. Imagine o nirvana de comer o seu bolo de chocolate favorito depois de um mau ataque de PMS e você venceu.

Mas para o sacerdote quase tão desapontado ao qual eu estava presa? Não muito. Irritou-me muito que aqueles humanos idiotas nas muitas barras de sangue ao redor do mundo realmente se ofereceram para fazê-lo, com *Crepúsculo* em suas mentes. Eu tinha certeza de que eles deveriam ter perdido uma célula do cérebro se achassem que alguém que rasgasse o pescoço e sugasse o sangue seria o mesmo que conseguir um orgasmo de Edward Cullen.

A veia do sacerdote secou depressa demais e deixei cair o cadáver enrolado aos meus pés com uma carranca. Eu deveria ter feito isso durar, fiz isso por uma questão de dias, semanas até, para dar a ele era um castigo que ele merecia. Mas eu devo ter subestimado quão faminta eu estava.

— Ah, bem — murmurei.

Enxagüei o rosto e endireitei minha camisa de seda preta.

Eu nem me incomodei de olhar em torno de sua pequena casa de mentiras e, sem dúvida, de terror, antes de sair. Em vez disso, tirei meu

telefone, disparando um texto enquanto eu caminhava de volta ao meu carro. Eu não precisava chamar o Setor para este; meu próprio detetive de estimação cobriria.

Eu: ***O padre acabou de fazer sua última confissão. Acerte para mim com o próximo otário. Entendeu? Otário?***

Às vezes eu me perguntava sobre o meu nível de maturidade. Bem, por um breve minuto, de qualquer maneira; então pensei que era minha vida após a morte e eu era a única que tinha que encontrar uma maneira de enfrentar. Se as piadas juvenis e o sarcasmo me ajudavam, quem era eu para tentar ser algo tão absurdo quanto maduro? Coloquei o meu telefone de volta na minha bolsa, sem esperar resposta de imediato, ou qualquer tipo de resposta. Lewis não parecia gostar das minhas piadas de sangue.

— Já foi feito? — exclamou Scott, logo que sentei meu traseiro no carro.

Dei partida e saí. — Não gosto de brincar com minha comida — informei a ele. — Além disso, o final do America's Next Top Model é nesta noite e eu não quero perder isto.

— Posso entrar na próxima vez?

— Não.

— Por favor? Eu posso ajudar.

Eu dei uma olhada. — Diga-me como um mestiço infantil me ajudaria a fazer algo que eu tenho feito por meio milênio? Inclusive ter você no mesmo carro com seu sangue de hospício é mais um obstáculo do que uma ajuda.

Assim que eu disse as palavras, o pequeno sorriso burro quebrou o rosto dele e seus olhos ficaram tristes e caídos.

E isso me incomodou. Geralmente eu via expressões como uma vitória, mas não neste momento. Eu me senti... Má? O sentimento era desconhecido e eu não sabia o que fazer com ele. Eu rolei meus ombros, tentando me livrar do incômodo ferrão de culpa, se não estivesse enganado. *É isso que as pessoas têm que lidar quando se preocupam com os sentimentos de outras pessoas?Jesus, não*

admira que os humanos caíssem como moscas. Compaixão e empatia eram as mais fatais das emoções. E fracas.

— Droga — murmurei, sugando uma respiração. — Você é bom com os computadores, certo?

A cabeça sombria de Scott ergueu os olhos, seus olhos se acenderam mais uma vez. — Sim, o melhor no Setor. É por isso que fui promovido a analista de chamadas seniores apesar da minha... Linhagem. Alguns dos outros de sangue puro...

Eu segurei minha mão para cima. — Eu não preciso de sua autobiografia. Um simples sim teria sido suficiente. — Eu olhei para a estrada que estava passando. Eu tinha boas reações, não poderia morrer e estava impaciente, então é claro que eu dirigi rápido.

— Bem, então, você pode usar essas habilidades de computador para navegar na internet, ou seja o que for chamado, e me encontre alguns alvos novos. Lewis é lento demais para o meu gosto.

Scott sorriu e maldição se isso não me deixasse um pouco calorosa e confusa. Eu estava preocupada com o fato de eu estar ficando mole. Talvez eu tivesse que ir ao lado lobisomem da cidade e matar alguns cachorros para encontrar minha vantagem novamente.

As sobrancelhas de Scott derrubaram. — O Interweb? — ele repetiu, tom provocando.

Eu fiz uma careta para ele. — Eu não preciso conhecer os prós e contras de uma tecnologia tão horrível. Eu sei como pedir sapatos, e isso é o suficiente para mim. — Embora eu pudesse usar toda a nova tecnologia, não gostava. Mais ainda, não gostava que ela tornava os seres humanos ainda mais zumbis despreocupados do que já eram. Anteriormente, podia-se conversar com outro sobre artes finas e literatura por quase dez minutos sem querer rasgar suas gargantas. Agora? O celular estava preso à mão deles e eles viam o mundo através de uma tela, um quadro. Tudo era uma distorção na realidade. Eu duvidava que eles sequer tirassem os olhos da tela até que metade de seu

sangue estivesse escorregando pela garganta do vampiro. Ou até um demônio ter sugado a pequena alma que o dispositivo em sua mão tinha deixado.

— Nenhuma palavra sua a mais — comentei, — Ou eu prometo que vou te dar de alimento a um caça-vampiros.

Scott fechou a boca, embora ainda estivesse sorrindo. Eu pude sentir sua diversão toda a estrada, apesar do silêncio no carro.

O que realmente era bastante perigoso, considerando que a simples menção de um caçador de vampiros, eu estava consumida em pensamentos por um em particular com uma grande barba e morte em seus olhos.

***

Eu estava saindo do meu escritório no centro da cidade quando o cabelo na parte de trás do meu pescoço espetou. Um instinto antigo apertou o meu sistema, pronto para o ataque, para a morte. Não a minha, é claro.

A batida constante de seus batimentos cardíacos reverberou pelo meu corpo. Não importava o punhado de outros seres humanos que atravessavam o saguão do meu prédio; a dele afogou todos fora. Era preocupante, esse pequeno fato. Não era uma coisa de matador. Eu teria sabido e matado, minha parte justa, e seus batimentos cardíacos não passariam de ruído de fundo.

Até que não fossem nada.

Parei no meio do lobby, fechando os olhos com ele. Ele estava encostado na parede da entrada, pecaminosamente bonito e fora de lugar. Este era apenas um dos muitos negócios que eu possuía; eu era imortal e inteligente, então eu acumulava muita riqueza. Fomos tecnicamente feitos para manter um perfil baixo, mas não consegui exatamente fazer isso, considerando que eu era uma das únicas CEOs femininas bilionárias no setor de segurança.

Eu estive na lista da *Forbes* no ano anterior. E no ano anterior.

O Setor não estava feliz com isso.

Era brilhante.

Esta empresa em particular empregava imbecis da Ivy League que usavam ternos de dez mil dólares e tinham provavelmente as mulheres estupradas nas festas da Fraternidade no seu apogeu. Ele não parecia nada como eles.

O que era bom.

Seu jeans estava tão desbotado que ele provavelmente teria usado por anos, e eles provavelmente não eram de designer. Mesma coisa com a jaqueta de couro; não era usada por ser da moda, mas sim de propósito, já que o sangue não manchava tanto o couro. No entanto, ela moldava seu bíceps, agarrando-se a eles e seu corpo musculoso para a vida querida, como se estivesse vivo. Eu também faria, se ele não fosse provavelmente me matar por fazer isso.

Seu cabelo e barba selvagens o faziam parecer um caçador de recompensas perdido ou um lobisomem alfa, sem a qualidade das formas. Ou o ar geral da arrogância. Ele tinha uma aura sobre ele mesmo que não era humana, mas havia apenas lobisomem, vampiro, demônios ou humano, e eu estava certa de que ele não era um dos três primeiros. O processo de eliminação fazia dele um humano, apenas um humano estranho.

Ele afastou-seda parede depois de me dar o mesmo uma vez que eu tinha dado a ele, embora seus olhos não traíram nenhuma apreciação pelo meu vestido branco de pele que tinha caimento perfeito. Meu cabelo vermelho caía nas minhas costas em ondas suaves e longas, e meu batom vermelho de assinatura lambuzava meus lábios.

Esse tipo de me irritava. Sim, então eu era uma monstra para ser morta aos seus olhos, mas com certeza ele poderia apreciar o corpo assassino dessa monstra antes de tentar colocar buracos nela?

Eu cruzei os braços uma vez que eu parei na frente dele, perto o suficiente para o seu perfume me envolver. Para suas emoções mexerem comigo e quase me atrapalharem com suas complexidades, embora a raiva fosse uma qualidade primordial. —Um pouco público para tentar me

esfaquear com essa sua faca de confiança, não é? — perguntei, curvando minha sobrancelha e olhando ao redor as pessoas que me davam uma ampla margem. Eu não era exatamente a chefe que levava seus funcionários para tomar bebidas ou se importar quando suas avós estavam doentes. Eram aterrorizados comigo. Isto era brilhante.

No entanto, eles provavelmente não se importariam se ele me esfaqueasse ali mesmo. Eles poderiam até aplaudir. Ou participarem.

— Ouvi dizer que você era todo segredo, ou você é um rebelde sem causa? Você já tema jaqueta de couro — continuei.

Os olhos dele dançavam com o ódio. — Você o matou — ele resmungou em voz baixa.

— Quem? Eu fiz muita matança na semana passada, então você vai ter que ser um pouco mais específico.

Claro que eu sabia de quem ele estava falando, mas se ele queria um monstro, ficava feliz em colaborar.

— O padre — ele gritou. — Fui à missa, ele não estava lá. O novo pastor disse que ele está de férias.

— Bem, mesmo os sacerdotes merecem uma pausa. Você é sádico? Deixe o pobre homem ter sua farra em Cancun. O que acontece no México, fica no México. Você sabe, ele pode nunca voltar. — Eu pisquei de forma conspiradora.

Ele deu um passo adiante, engolfando-me em seu aroma e tornando difícil eu me concentrar em qualquer coisa além do rugido de seus batimentos cardíacos. Eu lutava com minha compostura.

— Você vê, eu fiz algumas escavações. Acontece que há algumas acusações falhas contra o padre. — Seus olhos mudaram, avançando além do ódio. — De meninos jovens.

Suas emoções giraram com outra coisa cortando a raiva. Algo que era difícil de provar porque era decididamente diferente da raiva e do ódio que

tinham se tornado característica da aura do caçador de vampiros. Quando ele estava ao meu redor, pelo menos.

Dei de ombros. — Bem, acho que às vezes os estereótipos são verdadeiros. Sacerdotes católicos e meninos. Vampiros e matadores. — Eu parei, estreitando meus olhos. — Sendo que a vampira matará o caça-vampiros se ele não parar de segui-la, — eu ameacei, minha voz rouca.

Ele não se moveu. Nem piscou. — Você estava na delegacia de polícia. Lewis era o oficial em acusação dessas queixas.

Inclinei a cabeça. — Eu impediria minha escavação se eu fosse você. Você pode simplesmente descobrir que você está cavando seu próprio túmulo.

Saí de sua órbita e caminhei, sentindo o calor de seu olhar nas minhas costas a viagem inteira.

Eu não estava mentindo. Eu teria que matá-lo se ele revelasse mais a minha vida. Caçadores de vampiro não eram confiáveis.

Mas a questão permanecia: por que já não o matei?

***

— Eu vou tomar uísque com gelo, barman. E uma dose de O-Neg, se você tiver alguma novidade da veia. — Eu pisquei o inferno sobre o bar de madeira resistido.

Ele curvou uma sobrancelha para mim.

Eu sorri de volta.

— Você tem certeza de querer estar aqui, Isla? — ele perguntou, colocando um copo no bar e alcançando o gelo. — A última vez que você me condenou com sua presença, custou-me dez mil dólares em danos depois que você foi atacada por dois lobisomens.

Eu revirei os olhos. —Você já está amaldiçoado, número um. — Eu levantei uma única unha vermelho sangue. — Este estabelecimento inteiro não

vale sequer dez mil. Dois em um trecho — eu continuei, segurando um segundo dedo. — E se você não se lembra, ambos os lobisomens ainda estão aumentando a pele de volta. A publicidade para esse pequeno incidente tornou este bar o mais freqüentado em todo o mundo subterrâneo e mundial. Pelo que vejo, você me deve uma bebida. Ouvinte. — Inclinei a bebida recém-derramada em sua direção antes de drená-la.

Ele balançou sua cabeça. Ele era atraente - você sabe, para um demônio. Obviamente ele não tinha tem chifres pontudos ou algo assim; os demônios pareciam seres humanos, pelo menos desse lado do núcleo da Terra. Eu tinha ouvido que os de baixo eram como uma rainha de beleza sem sua maquiagem - em outras palavras, absolutamente aterrorizantes. Eu não estava ansiosa em descobrir qualquer momento em breve.

É por isso que eu estava lá. Eu mordiquei a proposta de Rick por alguns dias e, relutantemente, ele estava certo. Eu nunca diria isso a ele, tenha em mente. Eu o deixaria acreditar que eu estava fazendo isso sob a influência da chantagem. Mas era do meu melhor interesse descobrir quem estava por trás dessa pequena rebelião. E a promessa de punir minha família uma vez que eu conseguisse a prova concreta contra eles era um fator atenuante. A sombra deles também estava ficando um pouco sufocante desde a conversa no Majestic.

Eu precisava me livrar disso, e deles, para sempre, se eu esperasse permanecer morta viva para o futuro previsível.

— Sim, bem, não é com um estúpido cérebro de cães que eu me preocuparia se eu fosse você — disse ele, colocando os antebraços tatuados na minha frente.

Meu olhar foi para a carne musculosa, lembrando a necessidade de minha pequena coceira ser arranhada.

Eu devo ter ficado louca por considerar voltar na direção de Dante novamente. Já tinha estado lá, uma vez. Tendo estado na terra por tanto tempo quanto eu tive, era difícil de encontrar com alguém com quem não tivesse dormido. Especialmente na comunidade sobrenatural, com todos os

políticos e tal. Eu também tinha uma política de terra queimada: uma luta no feno e depois, fora.

Então, mesmo que o cabelo preto cheio de tinta de Dante moldasse perfeitamente seu rosto de modelo, e a tatuagem 666 sob seu olho esquerdo fosse estranhamente erótica, bem como a língua e o corpo musculoso coberto de chamas e o fogo do inferno fossem totalmente indescritíveis - se eu tivesse um treco - eu não estava tão desesperada.

Ainda.

Teria sido mais esperto trabalhar minha frustração com um demônio não tão inofensivo em vez de arriscar algo com o rei de todos os vampiros ou o humano que nasceu para matar a raça de vampiros, mas eu não era exatamente conhecida por minhas decisões inteligentes.

Daí a luta com o lobisomem há dez anos.

O bar de Dante, Inferno - sim, ele era muito um imbecil arrogante - estava situado no Nexus dos cinco setores de Nova York, o lugar para o qual os territórios de lobisomens, vampiros, bruxas e demônios convergiam, onde Murray Hill empurrava o distrito de Garment. Estava situado no fim de um beco sujo, enfeitiçado de forma que nenhum humano poderia tropeçar. Não era nada especial - pintura em ferrugem e os cartazes do Metallica e Grateful Dead abarrotavam as paredes e as mesas eram raquíticas, mas ele tinha boas bebidas e era um dos únicos lugares em Nova York onde todos os seres sobrenaturais podiam compartilhar uma fermentação e não uma bolsa de corpo. Dante tinha uma política estrita de 'nenhum assassinato neste bar'. Não para os seres humanos, é claro, ele não se preocupava com isso, mas não sobrenaturais. As brigas não eram incomuns, mas geralmente eram rapidamente apartadas, pelo próprio Dante.Ele era um dos demônios mais fortes do mundo; por que ele escolheu cuidar de um bar, todos se perguntavam. Depois de milhares de anos na Terra, talvez ele precisasse apenas da simplicidade de derramar cervejas.

Empurrei meu copo de volta para uma recarga. — E de quem eu tenho que ter medo? Homenzinhos do lugar mais quente da terra com um chefe que tem problemas de papai? —Eu perguntei docemente.

Seus olhos brilhavam, chamas vermelhas brilhantes cintilando em suas íris. Os demônios nasciam literalmente em torres de fogo, então eles tinham esse hábito desagradável de irromper em chamas quando ficavam chateados. Ou com tesão.

Eu experimentei ambos.

Apenas um era divertido.

Quem eu estava enganando? Ambos eram divertidos.

Ele preparou a bebida do meu jeito e eu nem hesitei quando minhas mãos se prenderam no vidro quente abrasador. O gelo derreteu completamente, e o copo suavizou-se ligeiramente com a pressão do calor intenso. E este era ele reduzido. Ele poderia tecnicamente achatar Nova Iorque se alguém o irritasse o suficiente.

Não me impedia de irritá-lo sempre que eu entrava. Eu vivia na beira.

— Você precisa ter cuidado, Isla. Meio milênio de arrogância sem retaliação tornou você complacente — ele ameaçou.

Eu joguei de volta meu whisky aquecido, então me inclinei para frente, descobrindo meus caninos alongados de tal forma que Dante ergueu-se para trás, só um pouco. Eles não eram apenas os mais bem formados morda este lado do submundo; eles eram mortíferos. Apesar da minha evasão de matar humanos inocentes, não era avesso a fazer o mesmo com qualquer outra pessoa. Eu tinha uma reputação. É cloro, havia aqueles que não prestaram atenção a essa reputação e argumentaram que minha dieta me fazia fraca, e tentaram e falharam ao desafiar isso. Eu estava contente; fósforos de morte e meus exames estavam ótimos. O que era quinhentos anos no planeta com força excepcional e excelente estrutura óssea sem um bom duelo em cada década ou assim?

— Você se esquece, Dante. Eu não o culpo, já que é difícil de acabar com o chauvinismo e os machos de sua espécie ainda pensam que vocês têm a vantagem. — Eu sorri para ele. — O problema é que você nunca teve realmente isso. O sexo mais justo sempre foi o mais forte, mais astuto e uma

porra de muito mais perigoso. Vamos arrancar seu baço quando você estiver também ocupado verificando nossos peitos fabulosos.

O olhar de Dante piscou dos meus implantes. Eu me inclinei, escovando o seu abdome de tanquinho apenas para chutes e arranquei a garrafa por trás do balcão.

— É mais rápido assim — eu disse, servindo meu próprio copo. — E tanto quanto é bom

mudar para ter whisky a cem graus Celsius, eu o prefiro frio, como meu coração. — Eu pisquei os olhos.

Ele balançou a cabeça e olhou ao redor do bar. Estava silencioso. Dez em uma sexta-feira era o início da manhã para a maioria das criaturas que se arrastavam para este estabelecimento. A maioria estava tomando café da manhã, jantando virgens e tal.

O bar de Dante era um dos mais infames de Manhattan. Estava perto o suficiente para clubes noturnos da moda e Times Square onde todos os tipos de idiotas sobrenaturais poderiam pegar um homem bêbado fora de seus Manolos e fazer festa em seu corpo carregado de Chanel.

Eu não freqüentava o lugar porque eles não serviam coquetéis, e porque eu quase sempre estava com sangue na minha roupa depois de salvar uma donzela bêbada em perigo de ser lanche de alguém.

— Agora, você estava insinuando que minha vida estava em perigo mortal, mas isso é chato demais. — Eu acenei com a mão. — Tô aqui para conversar com você sobre outras coisas muito mais divertidas.

Seu olhar escureceu. — Eu sabia que você estaria de volta para outro gosto — ele resmungou. O braço aqueceu mais uma vez, me beijando com o calor.

Eu revirei os olhos. — Não fique se bajulando. Estou aqui para perguntar se você ouviu algum boato sobre a facção vampírica rebelde que disputa a dominação mundial.

Imaginei que os espiões deveriam ser mais sutis em obter informações, mas você só poderia ser tão sutil enquanto usasse uma saia de lápis vermelho-sangue e saltos de seis polegadas.

— Shh, — ele sibilou, acenando com as mãos enquanto ele olhava ao redor do bar quase vazio.

O único cliente além de mim era um lobisomem peludo e musculoso, curvado sobre um copo na borda do balcão.

Ele era um pouco sexy, se você gostava desse tipo de herói torturado. E não se importava com o cheiro de cachorro molhado.

— Relaxe. Você vai ter uma úlcera — eu disse, tomando outro gole da minha bebida. — Não tem ninguém aqui. Wolverine lá está muito ocupado, sonhando em perseguir bolas de tênis para sequer saber o que está acontecendo.

Eu sorri para o grunhido que me pegou.

Dante olhou para mim. — Seu excesso de confiança vai te matar.

— Ou me arranjar um encontro com Johnny Depp.

Ele olhou para mim. Eu olhei para trás.

— Não tenho tempo para um impasse mexicano — exclamei. — Eu tenho um encontro com um assassino em torno de... — olhei para o meu relógio —... Meia hora, e isso é todo o caminho até o Upper East Side. Um corretor da Bolsa que é dublê de assassino de prostituta. O cara tomou *American Psycho* literalmente.

Lewis me enviou mensagens de texto para o endereço e o link para a notícia sobre o maníaco de Manhattan. Fiquei tentada a parar na casa do repórter que inventou esse acidente de trem e tem uma entrada.

Seu texto me disse que o homem tinha sido levado para interrogatório, embora ele tivesse tido o melhor advogado de defesa na cidade para livrá-lo sem acusações, e a pouca evidência eles tinham contra o cara ter desaparecido

convenientemente. Bolsos profundos poderiam comprar inocência neste mundo. Ele também mencionou ter cuidado com algo chamado thorne[7].

Eu: Não se preocupe, eu não me machuco fácil. Além disso, você adicionou um E onde não existe um. Eu sei que os policiais não devem ser instruídos, mas isso é um pouco preocupante. Toda rosa tem seus espinhos.

Ele não respondeu.

— Eu não sei de nada. E se você quer que esse cabelo brilhante fique nessa cabeça desagradável, deixe de fazer perguntas — ele mordeu.

Toquei meu cabelo. — Brilhante? Mesmo? Estava preocupada que meu novo shampoo estivesse ressecando-o.

— Sério, Isla. Mesmo você tem que ter um pouco de autopreservação. — Sua expressão grave estava começando a me assustar. Dante às vezes estava brincalhão, homicida ou excitado. Ele nunca estava assustado.

— Eu tenho muita autopreservação, daí estar fazendo perguntas.

Ele estreitou a testa. —Você está em algum tipo de problema?

Fiquei surpresa com a preocupação em sua voz. Nós demos um encontrão horrível há uns duzentos anos atrás, e fomos amigos cordiais desde então. Eu até compartilhei Jack, o Estripador com ele exatamente quando ele estava em Londres.

— Estou sempre com um probleminha — eu disse com calma. — Isso é, não estou o *suficiente*. Eu preciso da verdade sobre os vampiros que procuram escravizar a humanidade. Porque seu primeiro alvo seria *euzinha* se eles conseguissem algum sucesso nesse pequeno golpe. Então meu investimento neles falhará.

Ele inclinou a cabeça para mim, sem comprar minhas palavras nem por um minuto. O que não era uma surpresa, como Dante não tinha ficado vivo nesta terra há milhares de anos sendo estúpido. Primeira regrada

[7] No original, "every rose has its thorne": Every Rose Has Its Thorn,é o título de uma música do grupo Poison, por isso Isla diz que ele acrescentou um E, a música fala em thorn, mas o nome do matador é Thorne

imortalidade: nunca confie em ninguém que tenha tempo ilimitado neste pedaço de pedra.

Algumas criaturas mentiam apenas para manter as coisas interessantes.

Eu, é claro, era muito melhor do que isso.

Mas Dante era a minha melhor opção para obter informações. Ele podia ser um barman, mas nada acontecia no mundo sobrenatural sem ele saber sobre isso. Você poderia comprar informações sobre ele, se você tivesse algumas almas humanas em seu bolso, ou você poderia bater as pálpebras e enfeitar a verdade, como eu fiz.

— Além disso, eu sei de fonte segura que eles estão planejando assumir o gueto de Lúcifer assim que terminarem com o Planeta Terra, — eu menti. — Então, é do seu melhor interesse parar o ato inocente e me dizer o que você ouviu.

Você quer aprender sobre uma espécie? Vá até os seus bartenders. Etnografias abrangentes não são necessárias. Os que derramaram a bebida sempre tiveram os bens.

Ele suspirou e pegou um gole da minha garrafa. Eu não tinha pagado por isso, mas eu tinha roubado, o que era basicamente a mesma coisa.

— Eu não contei nada disso — ele disse bruscamente.

— Claro que não. Um generoso duende surgiu de uma lareira subterrânea e me abençoou com a informação.

Ele ignorou isso. — Tudo o que sei é que eles estão ganhando números, e rapidamente. Não apenas com vampiros. — Seus olhos cintilaram para o cachorro na esquina. — Desde a aliança com o Rei Filtiaran e os anciãos da convenção de bruxas de Raven, tem havido muitas pessoas irritadas entrando e saindo sobre uma revolução. Os imortais não gostam de quotas em matanças. As bruxas não gostam de chefes na magia negra. Os lobisomens certamente não gostam de ter cerca sem torno de seus parques de cachorrinho.

Eu sorri enquanto o cheiro da raiva de lobo enchia o ar.

— Sente, rapaz. Eu vou te dar uma esfregadinha na barriga se você ficar quieto — murmurei com um sorriso. Eu tinha minha própria coceira que precisava de arranhões também.

Não tínhamos nenhuma grande rixa com lobisomens como a história gostava de exagerar. Ou um punhado de lutas foram apenas um resultado de presas roubadas ou desentendimentos gerais que poderiam ter acontecido entre dois seres, mas porque era um vampiro e um lobisomem, começou algum mito terrível. Eu não gostei particularmente deles porque eles estavam muito preocupados e sérios sobre as coisas. Também burocrático: - devemos obedecer o alfa — blá blá blá, bocejo.

Vampiros só tinham um inimigo natural.

Humanos.

Ou mais especificamente, uma pequena variação no modelo normal.

Caçadores de vampiros.

— De qualquer forma — disse Dante, empurrando-me para o presente antes de um certo assassino poder agüentar minha mente como refém como ele tinha sido ultimamente. — Há algo vindo. Algo grande.

As facções entre as espécies são inéditas, pelo menos neste século. — Seus olhos cintilaram, provavelmente pelas guerras que os imortais haviam travado a cada duzentos. O último tinha sido particularmente desagradável. Ou assim eu escutei.

Eu estava tomando sol em uma pequena ilha no Pacífico Sul. Eu não me envolvi em guerras épicas. Não é bom para a aparência.

—Ok, então temos alguns sociopatas irritados que querem chupar, soletrar e correr suas patas sem restrições — supus.

— É pior do que isso, Isla. Não conheço informações específicas, mas ouvi um vampiro aqui há algumas noites falando sobre um trocador de jogos. Um que selaria o destino da monarquia e... — Eu me animava. — E? — Ele me deu um olhar incerto.

— Cuspa, Dante. Você é como um adolescente convidando a líder da torcida para o baile de formatura esperando que ele vá estourar a cereja. Notícia de última hora, minha cereja foi estourada há quatrocentos anos. Tenho certeza.

— E aquela puta da Rominskitoff, a traidora da raça se tornará nossa própria escrava particular de sangue antes de desmembrá-la, — ele repetiu, sua voz calma.

Eu dei-lhe um olhar ferido. — Você nem sequer pensou em ligar e me avisar sobre tal ameaça? — perguntei com um falso beicinho.

Ele estreitou as sobrancelhas. — Eu estava pensando em avisá-los sobre você, se eles tentassem algo tão estúpido como atacá-la — ele respondeu.

Eu dei-lhe um sorriso ofuscante. — Esses vampiros, você tem nomes?

Ele se recostou, cruzando os braços. — Você sabe que não posso dar esse tipo de merda. Até para você, Isla. Eu não me envolvo.

Eu revirei os olhos. — Isso vai do jeito que você pensa que será, você não terá escolha, Dante. O negócio poderia secar seriamente se estivéssemos no meio de uma guerra.

Ele zombou. — Sério? Vou fazer o meu melhor negócio. Não há mais nada do que uma perspectiva de uma luta para trazer as pessoas à porta. À procura de álcool, sangue e sexo. — Ele sorriu para mim, um sorriso ofuscante que eu tinha certeza que tinha feito muitos humanos estúpidos perderem suas almas. — As três coisas mais naturais deste planeta.

— Então você não está todo dividido sobre esta guerra?— perguntei. — Talvez você até os apóie nessa pequena rebelião? Os demônios parecem ficar fora de todas as pequenas alianças e cúpulas. Talvez você esteja procurando um lugar à mesa.

A temperatura aumentou rapidamente, como se estivéssemos dentro de um forno em vez de um bar. Eu olhei para a condensação nas torneiras de cerveja se transformando em vapor antes de se concentrar no rosto atraente e vagamente chateado de Dante, se as íris vermelhas fossem levadas em conta.

— Nós não precisamos de um assento na mesa porque, se desejássemos, poderíamos queimar a mesa e todo esse mundo de merda, — ele brincou, sua voz mais profunda, mais perigosa. Não inteiramente humana. Eu tinha ouvido isso antes, mas nós éramos mais horizontais e tínhamos menos roupas.

A temperatura caiu rapidamente, assim como sua fúria. Embora o ar permanecesse forte, como nós estivéssemos no meio de uma onda de calor da Califórnia, e não em novembro em Nova York.

— Touché. — Os demônios podiam, tecnicamente, causar o inferno na terra se eles se sentissem aborrecidos com o atual status. Não pensei que fosse tão fácil quanto aquilo. Lúcifer não ficou no andar de baixo para o tempo; ele tinha sido banido. Levá-lo para cima seria um desafio.

— Mas eu duvido que você realmente deseje o Pai das Trevas aqui, observando cada movimento, — Eu continuei. — É como o seu chefe seguindo você e certificando-se de que você não pode economizar dinheiro do caixa, ou matar os clientes. — Eu dei de ombros. — Não é minha idéia de diversão, mas eu tenho problemas com autoridade.

Ele balançou a cabeça, um sorriso provocando o canto da boca enquanto ele colocava os braços tatuados de volta ao bar. Mudanças de humor demoníacas podem rivalizar com uma mulher com TPM que acabou de ser chutada por seu namorado.

— Sim, é por isso que me pergunto por que você está fazendo o trabalho sujo do rei — ele meditou.

Não consegui esconder o meu choque, mas escondi rapidamente. — Não tenho idéia sobre o que você está falando. Estou apenas tentando experimentar um novo hobby. Que insanidade levou você a essa conclusão? Ou ao menos, quem lhe disse? — Eu planejei matar quem tinha a boca grande. Eu aposto que foi Jeeves.

— Ninguém me disse. Mas eu conheço você, Isla — ele respondeu, os olhos escurecendo. — Intimamente. E eu sei que você nunca faz nada com um

propósito ou plano específico. A insanidade não funciona bem com um cronograma.

Eu fiz uma careta para ele. — Eu prefiro a espontaneidade.

Ele sorriu. — O que você chamar, não se alinha com esta pequena missão que você simplesmente acabou de encontrar nem menos de uma semana após a sua participação na festa do rei e seu pequeno heroísmo com Sua Majestade.

O silêncio seguiu suas palavras ao considerar quantos outros imortais encadearam tais eventos juntos. Eu precisava de um número; sempre foi bom saber quantas pessoas estavam tentando matá-lo. Não era necessário, mas útil.

— Ninguém mais tem o conhecimento ou os contatos para chegar a essa conclusão particular — Dante cortou meus pensamentos como se estivesse observando-os.

Empurrei minha cabeça para cima. — E o que faz você ter tanta certeza?

Ele me deu um olhar uniforme. — Provavelmente porque você está sentada aqui agora, não desmembrada ou sendo estuprada pela facção que disputa a guerra com todo sobrenatural no planeta opondo-se a eles.

— Bem, a noite ainda é uma criança. Mas sua fé em mim é decepcionante.

Ele pegou um gole da minha garrafa. — A fé é para os seres humanos. Mas eu trabalho na lógica, e a coisa lógica para você fazer aqui seria dar a porra do fora desta guerra. E de quaisquer negociações com o rei. Eu ouvi dizer que ele é um bastardo destemido e direito para qualquer um que o despreze. Francamente, estou bastante surpreso por ele não ter executado você apenas por dizer algo... Bem, dizer qualquer coisa.

— Bem, *eu* não trabalho com lógica. Eu me divirto. Os dois nunca são mutuamente exclusivos, — eu respondi. — E eu me ressenti desse comentário. Eu sei quando segurar minha língua.

Ele me deu uma olhada.

— Eu disse que *sei* quando. Eu não disse que realmente usei esse conhecimento.

Dante balançou a cabeça. — Eu não vou fazer você cair fora disso, não é?

— Não. A melhor coisa que você pode fazer é me dar nomes, números e endereços.

Ele suspirou. — Não posso fazer isso, Isla. Mas eu direi que eles estavam falando sobre um mestre, John.

Eu revirei os olhos. — Bem, obrigado pela excelente informação. Um cara chamado John. Impressionante. Ele não deve ser difícil de encontrar.

— Você realmente quer procurar os vampiros que estão procurando torturar e matar você? — perguntou Dante.

Levantei minha testa. — Isso é uma pergunta?

— Porra — ele murmurou. — Você precisa cuidar de sua retaguarda, Isla. Isso está crescendo e rápido. E você está no topo da lista de sucesso. Bem abaixo do rei.

Eu girei meu dedo ao longo do meu copo. — Interessante. Estou lisonjeada de que os futuros líderes do mundo não tão livre me considerem em um assunto tão urgente para além da dominação mundial e desmembramento de uma família real de idade milenar — disse.

— Claro que você não levaria isso a sério — resmungou Dante.

Olhei para cima, pegando minha bolsa e de ficando de pé. — Oh, eu não levo a vida muito a sério. Eu nunca liberaria os mortos-vivos por outro lado. Obrigada pela informação, Dante. Vou tentar não mencionar o seu nome para os rebeldes quando conversar com eles. Não posso fazer promessas, porém, desde que eu sou —insana— e todo esse blá blá blá.

Eu soprei o beijo de um lobisomem antes de me afastar da porta.

05

— É da Tiffany?— Eu segurei a lâmpada de prata, inspecionando-a na luz.

— Por favor, eu farei qualquer coisa — ele gritou. — Eu tenho dinheiro. Você quer dinheiro?

Eu revirei os olhos, colocando a lâmpada para baixo depois de deduzir que não iria encaixar na minha bolsa. — Olhe para os meus sapatos. Você acha que eu preciso do seu dinheiro? — Eu balancei minha cabeça, vagando em torno da sala ostentosamente decorada. Então, o homem desmoronou no chão, na minha frente, incapaz de mudar em função das rodinhas quebradas.

— É como se, literalmente, Burberry tivesse vomitado em você — eu murmurei. — Não é de admirar que você tenha que pagar por isso. — Eu me agachei. — Você acha que tem muito poder, não é, Dick?

O nome dele era Richard. Claro que sim.

— Não — ele resmungou.

— Não minta para mim, Dick — eu disse. — A única coisa que detesto mais do que assassinos, é mentirosos. E você é ambos. Yahtzee! — Eu joguei minhas mãos para cima. — Parece que vai ser um ótimo sábado a noite.

— O q-u-e? — Ele gaguejou.

— As meninas, Dick. Seis delas, se não estou enganada. Você as pegou no seu carro de cem mil dólares, sem dúvida, dando-lhes vibrações de *Pretty Woman*. Isso é até que você as conduziu para um estacionamento vazio, esfaqueou-as, mutilou seus cadáveres e depois contaminou-as. — Eu ferrei meu nariz para cima. — Cara, eu bebo sangue para sobreviver, e até mesmo eu penso que isso é perturbado. — Eu inclinei minha cabeça em pensamento. — Você se daria bem com meus irmãos. Você sabe, se você não fosse um humano com menos de dois segundos para viver.

Seus gemidos amortecidos quando eu me liguei ao pescoço dele, puxando o osso, então não fiz tem que ouvir seus gritos. Eu gostava de comer em silêncio.

Depois que terminei com a minha refeição, fechei a porta no Brown Stone, esperando que quem quer que estivesse em seu testamento a merecesse .

— Ei, Scott. Eu tenho algo para você — eu disse, vagando pela agradável noite de Nova Iorque. Os pedestres estavam faltando na área, já que a maioria dos tipos de Wall Street estava dormindo com suas esposas de troféu, ou fora em algum baile de caridade. Ou, como Dick, apodrecendo em seus apartamentos.

— Você foi sem mim? — Ele gemeu, tocando no teclado. — Foi o maníaco de Manhattan, certo?

Eu revirei os olhos. — Não o chame assim — eu gritei. — Não é minha culpa que você tenha que trabalhar para viver. Eu não trabalho em torno de pessoas, as pessoas trabalham ao meu redor. Se você queria vir, você deveria ter saído a noite.

— Eu teria se você tivesse me contado.

— Bem, se você estivesse empenhado em ir, você teria aprendido a ler mentes — retruquei, parando quando meus ouvidos captaram algo.

— Eu posso fazer isso? — Ele perguntou, animado.

— Adeus, Scott — eu disse, não querendo dizer-lhe que poderia, se ele pagasse a uma bruxa suficiente.

Era duvidoso que ele tivesse sequer o suficiente para o depósito para tal feitiço, ou a força mental. Além disso, eles falhavam mais do que funcionavam, deixando o idiota que pagou algumas centenas de milhares de dólares para ouvir se sua companheira estava chupando algum outro humano em vez daquele que você compartilhou babando com as presas caindo.

Pensando bem, talvez eu lhe dê o dinheiro para o feitiço.

Meu passo congelou enquanto meus instintos se animavam.

Fiquei de pé, ouvindo os sons provenientes do lado de um prédio, atrás de um lixo.

Não faça isso, Isla. Vá para casa, toque Dante e repense a política da terra queimada. Você fez o suficiente pela patética raça humana esta noite.

Meus pés foram na direção do barulho. Claro que não escutei o lado lógico do meu cérebro; onde estava a diversão nisso?

— Sério, Earnshaw? Um humano em miniatura? Isso é simplesmente embaraçoso — afirmei, olhando fixamente na parte de trás de um terno muito bem adaptado.

O vampiro em questão se virou, revelando uma criança humana de idade indeterminada. Não poderia ser tão crescida, considerando que seus sapatos estavam acendendo e estava usando uma mochila rosa.

— Fique longe disso, Isla. Estou comendo — ele grunhiu.

Inspecionei minhas unhas. — Eu não posso. Não está na minha natureza.

Ele deu um passo à frente, longe da criatura pálida com os sapatos estúpidos. — Sua natureza? — ele cuspiu. — Sua natureza seria lanchar isso. — Ele gesticulou de volta ao coelho congelado. — As crianças sempre têm o melhor sangue. — Ele sorriu para que suas presas brilhassem ao luar.

— O que posso dizer? Eu gosto dos meus maduros. — Eu encolhi os ombros. — Além disso, sua loucura está aparecendo. Eu o aconselharia a colocar isso de volta e seguir seu caminho não tão alegre. Você não quer esse terno se rasgando. Personalizado, não é?

Ele deu um passo adiante, lentamente, provavelmente porque ele estava me subestimando.

— Cadela, vou arrancar esse seu cabelo de prostituta do seu couro cabeludo — ele grunhiu.

Na segunda vez que ele expressou a ameaça, me movi - não lentamente como ele, mas então meu salto encontrou-se embutido na parte carnuda de sua bochecha, abafando seus insultos e filtrando um ruído molhado na noite.

— Você *nunca* insulte meu cabelo se quiser viver para ver outro nascer da lua — eu disse casualmente.

Ele tentou se livrar do concreto, mas eu era mais forte do que ele. Ridiculamente mais.

— Eu *realmente* não estou com vontade de sujar minhas mãos esta noite — continuei. — Então eu não vou matar você. Contanto que você saia daqui, tipo agora. Tenho certeza de que você sabe que seria embaraçosamente fácil para mim matá-lo, o que estou tentada a fazer apenas para você sangrar em todos os meus Jimmy Choos favoritos.

Houve um som esguio enquanto levantei meu pé de sua bochecha. Ele se precipitou quando soltei a pressão, a ferida na cara já estava cicatrizando.

Seu rosto ensangüentado estava entalhado em ódio. — Você vai merecer o que vai receber, raça traidora — ele sibilou.

— Sim, uh-huh. Alguém já passou nisso. Diga-me algo que eu não sei. Ou melhor ainda, saia da noite. — Eu o esporeei com as mãos.

Por um segundo, pensei que o idiota realmente ia me fazer matar ele, mas depois o ar esvaziou quando ele correu para a escuridão.

— Sim, foi o que eu pensei — murmurei.

Liguei meu calcanhar, planejando parar pelo pequeno bar de vinhos da rua do meu apartamento. Eu estava a fim de um tinto encorpado.

Então eu pegaria o barman daquele bar e tomaria uma bebida noturna. Ele e eu tínhamos um acordo delicioso; o maluco realmente gostava de ser mordido.

Um puxão na minha luva me impediu. Eu olhei para baixo para ver o pequeno ser humano que, de alguma forma, desprendeu-se de sua posição de — coelho dos faróis. E em vez de correr, o pequeno pateta estava olhando para mim, o rosto sardento esticado em um sorriso.

Faltava um dente da frente.

Eca.

— Isso foi incrível — respirou. — Você *possuía* totalmente aquele vampiro.

Franzi o cenho, arrancando a manga da mão e inspecionando as manchas. Crianças sempre tinham mãos pegajosas.

— É claro que sim — eu disse com aversão. — Agora vá embora. — Gesticulei muito pelo beco como eu tinha feito com Earnshaw.

Não se mexeu.

Inclinei a cabeça. — Você não está chorando — observei. — E você não perdeu o controle de suas funções corporais. — A maioria dos humanos cheirava a urina após uma experiência de quase morte, na piedade de emoções tão inúteis como o medo.

Ele sacudiu seus cachos vermelhos. — Não. Meu irmão disse que chorando você vai conseguir duas coisas, morto e drenado.

— Seu irmão parece ser inteligente. Que tal você ir e irritá-lo, deixá-lo saber que você o deixou orgulhoso com a sua falta de lágrimas e o fato de que, apesar de tudo, você ainda tem sangue bombeando através de seu sistema. — Eu parei. — Embora ele não pareça ser bom, se você está aqui fora, prestes a ser a próxima refeição de alguém. Você não possui proprietários ou alguma coisa?

Peguei o beco para ver se seus pais ainda não haviam sido drenados, depois de volta para ver se ela tinha um colar em volta do pescoço ou qualquer coisa. Nada, nem mesmo uma ferida reveladora.

Earnshaw nem sequer tinha gostado. Ele provavelmente esperava que o glutamato em torno do sistema circulatório humano pulsasse. O medo

mudava o gosto do sangue, tornava-se ligeiramente tangente, enriquecendo o seu sabor. Alguns vampiros gostavam de se alimentar desse medo, enquanto alguns preferiam o êxtase do orgasmo - daí por que tantos humanos foram drenados no meio do sexo. Não era apenas sobre o sangue. Alguns humanos gostavam de cheese burgers naquelas cadeias sujas de fast food com a iluminação fluorescente ruim, e outros gostavam de jantar com garçons espetados e vinho caro. A mesma coisa com os vampiros.

— Meus pais estão mortos — falou a garota sem rodeios.

Dobrei meus braços. — Sim, bem, eles costumam fazer isso.

— Meu irmão, ele cuida de mim agora — continuou ela.

— Bem, ele não está fazendo um trabalho muito bom — observei.

Ela me deu um olhar estranho. — Eu escapei. Ele não sabe que eu sumi, e ele me mataria se ele soubesse que quase fui mordida por um vampiro .

Assenti com a cabeça, sabendo muito bem sobre os irmãos homicidas. — Eu sugeriria matá-lo primeiro. Você sabe, acerte-o antes que ele possa bater em você... Espere, *vampiro*? — Eu só peguei no meio do caminho porque eu estava meio ouvindo e meio averiguando se eu poderia derrubá-la e deixá-la fora de uma casa de bombeiros. Mas estava a três quarteirões do meu caminho. Além disso, não sabia muito bem como eram pequenos seres humanos quebradiços, então provavelmente, inadvertidamente, eu a mataria em vez de derrubá-la, tornando toda esta fodida cena redundante.

Ela assentiu vigorosamente novamente. — Obviamente, ele era um vampiro, por causa dos dentes.

Sua voz abafou-se quando ela abriu a boca, apontando para seus incisivos não pontudos.

Afastei o nariz com desgosto.

O olhar nos meus lábios vermelhos continuou. — Eu tenho certeza de que você é um vampiro também, embora eu não tenha o senso, você sabe, ainda não. Eles disseram que você cresceu nisso ou algo assim, mas eu tenho

certeza de que é o que você é. Mesmo que você ainda não me tenha mordido. Aliás, obrigada por isso.

Dobrei meus braços. — Eu ainda não me agradeceria, garota. A noite ainda é uma criança e eu não tive sobremesa.

Eu estava ameaçando, mas a pequena cretina sorriu para mim.

Sorriu! Em face da criatura mais temível conhecida pelo homem.

E demônio.

— Espere… Oh porra, — eu amaldiçoei.

— Você não deve amaldiçoar — ela repreendeu.

— Sim, bem, você não está destinado a estar viva. A estupidez normalmente significa morte — eu gritei. — Pelo sentido, você quer dizer que você é uma...

— Praestes — ela acabou por mim, então apertou os olhos. — Bem, eu não sou tecnicamente... Ainda. Estou em treinamento. Mas é porque sou uma garota e meu irmão não acha que uma garota pode lutar com vampiros aos dez anos, apesar dele ter lutado.

— É uma pena que a igualdade de gênero também não tenha chegado à comunidade de matadores — eu disse. — Os vampiros parecem ter as mesmas idéias entortadas, apesar de nós, as mulheres sermos mais justas e, de longe, o sexo mais perigoso. Os seres humanos parecem os mais progressivos de nós, tudo o que é apenas francamente embaraçoso, considerando quão estúpida é a raça inteira.

— Sim. — Ela assentiu vigorosamente. Comecei a me perguntar se ela iria encolher seu pequeno pescoço de todo aquele movimento.

Alguém pode somente esperar.

— É por isso que estou aqui fora — disse ela, arrancando sua mochila de suas costas e fuçando através dela.

Eu pensei em sair enquanto a atenção dela estava desviada, mas fiquei intrigada ao ver onde isso ia dar.

A bebê assassina tinha o meu interesse.

— Estou aqui para mostrar a ele que sou tão forte quanto ele — exclamou, lançando uma lâmina de prata.

— Cuidado — eu gritei quando ela acenou demais para minha blusa. — Eu consegui não ter uma mancha sobre isso a noite toda.

Ela ficou pálida. — Desculpa.

Meus olhos se estreitaram na lâmina e o pulso sutil procedeu.

— Porra — eu murmurei. Essa lâmina era muito familiar. Eu realmente esperava que seu irmão não fosse quem eu pensei que seria. Quero dizer, essas lâminas eram raras, mas havia uma chance de que outro assassino com uma idiota por irmã possuísse uma também.

Então eu senti isso, o ferrão na parte de trás do meu pescoço. Um assassino estava ali. Um de verdade. Um que cheirava a homem e a sexo. E cujos batimentos cardíacos ecoavam pelo beco.

— Afaste-se da minha irmã — porra, ele resmungou.

Os olhos da pequena humana saltaram e ela se moveu rápido para uma pequena coisa, em pé entre mim e seu irmão armado com faca, quente como foda, mas o último não estava nem aqui, nem lá. Eu estava tão fascinada por... O que quer que ele estivesse fazendo comigo, que eu deixei o pequeno gnomo tirar vantagem de mim.

— Thorne, não a mate. Ela me salvou — implorou.

Eu pisquei. — Thorne? — eu repeti. — Seu nome é Thorne?

O caçador de vampiros sobre o qual eu talvez tenha ou não tido fantasias de banho na noite anterior- olhou para mim, depois para sua irmã.

— Lucille, afaste-se da vampira — ele ordenou com força. Emoções derrubaram-no em ondas cruas e desenfreadas. Havia o gosto familiar de sua fúria, mas algo inteiramente novo, com sabor de pêssego maduro.

Medo. Por sua irmã tolinha, presumivelmente.

Aquele era sobre quem Lewis estava me avisando? Ele não é analfabeto, apenas propositalmente vago. Ele não vai receber uma cesta de frutas neste fim de semana de 4 de julho.

— Não. — Lucille colocou as mãos nos quadris, quase esfaqueando-se no estômago no processo.

— Você não deveria, tipo, manter a humana pequena e idiota longe dos objetos pontiagudos? — Eu assenti com a cabeça para a faca.

Deixa de outro olhar assustadoramente erótico da morte. — Cale a boca, porra — ele grunhiu. Os olhos dele mudaram de mim. — Ela te machucou? — A transição de sua voz foi suficiente para dar um torcicolo em uma garota.

Ele passou de Hannibal Lector para a porra do Papai Noel em 0,5 segundos.

— Estou bem. Graças a ela. — Ela acenou com a cabeça para mim. — Ela me salvou de um vampiro.

Seus olhos escorreram. — Ela *salvou* você? Ela estava prestes a drenar você — ele resmungou.

Eu revirei os olhos. — *Ela* tem um nome e um intelecto muito superior à você e seus antepassados juntos, — eu cortei. — E eu gostaria de adicionar nesta junção que eu não dreno seres humanos em miniatura. Não há sangue suficiente, você vê, — eu menti através de minhas presas.

— Você espera que eu acredite nisso? — ele cuspiu.

Eu balancei minha cabeça. — Claro que não, assim como não espero que você acredite que o mundo é redondo. A estupidez é, infelizmente, incurável. — Olhei para uma cabeça loura morango. — E genético, obviamente. Eu diria a sua maninha para demitir a prática do matador até que ela possa na verdade... Matar. Agora, se você me desculpar, eu prefiro estar... Bem, em qualquer lugar, menos aqui, na verdade. — Eu abaixei meus dedos. — Adeusinho.

Então eu saí. Velocidade máxima. Thorne, o macaco, era mais rápido do que parecia e quase arrancou minha cintura para parar a minha saída.

Mas ele era humano e eu era uma vampira.

Como se meu útero entendesse isso.

***

Eu: Você poderia ter explicado o que, ou quem, 'Thorne' era. Você sabe, parte de uma raça de humanos para exterminar meu tipo? Um aviso teria sido muito bom.

Lewis: Eu lhe dei um aviso.

Eu: Dizer —cuidar de Thorne— sem qualquer explicação não conta. Sua mãe deveria espancá-lo, ou se ela, provavelmente, chutou o balde devido à velhice, eu vou fazer isso. Embora apenas uma de nós possa apreciá-lo, e não direi qual delas.

Sem resposta.

Não é divertido.

Eu estava com necessidade desesperada de diversão. Que era por isso que eu ia tomar bebidas com Sophie e levá-la a amaldiçoar demônios enquanto assistimos.

Dois dias desde o —incidente— no beco com Thorne e sua estranha irmã, e eu estava freqüentando todos os bares da cidade tentando obter informações sobre essa seita esquisita que estava planejando me matar e a todos os outros que não entrasse na linha.

Estava ficando completamente maçante.

Por isso, eu estou escrevendo para Sophie e dizendo a ela para me encontrar no bar.

Eu descartei a parte dos demônios malditos, por enquanto.

Ela estava atrasada. E desde que eu estava sempre com quinze minutos de atraso, e desta vez ela estava vinte, ela estava muito atrasada.

Eu já tinha tomado três coquetéis e estava brincando com levar o barman humano para casa.

Então a porta se abriu e o furacão Sophie entrou. Você pensaria que uma bruxa estaria vestindo essas saias de cigano, muito lenços, com cabelos trançados e cheirando a incenso.

Não Sophie.

Ela parecia que deveria estar a caminho dos concertos de Metallica. Ela estava quase sempre vestindo uma camiseta de banda, escrita ou apenas alterada para ser protetor de pele em seus peitos enormes e mostrando uma grande parte da barriga. As partes inferiores eram sempre curtas e apertadas. Hoje eram calças sexy de couro, e botas pretas até as coxas. Uma jaqueta de couro com franjas, cabelos loiros caindo e uma mão pesada com o delineador a cobriam.

— Desculpe — ela respirou, inclinando-se para drenar minha bebida.

Dei de ombros. — Sem problemas. Tenho certeza de que Alice Cooper precisava desse boquete.

Ela franziu o cenho para mim.

Eu sorri para ela.

Ela balançou a cabeça e bateu os dedos no bar. O barman colocou duas bebidas na nossa frente momentos depois.

Peguei meu coquetel. — É tão útil ter uma bruxa, especialmente uma que quebra todas as regras totalmente chatas de bruxas por coisas muito importantes, como as bebidas.

Ela tomou um gole. — Essas regras são arcaicas, e eu me oponho a qualquer forma de autoridade. O Conselho estúpido simplesmente não consegue obter esse memorando. Não importa que tenha sido há um século ou mais — ela gemeu.

— Eles simplesmente não conseguem lidar com a mudança, jovem — eu disse. — Bruxas velhas enrugadas, que estão presas às velhas formas. Eles precisam progredir. 'Os tempos estão mudando', para citar Bob Dylan.

Sophie era jovem, um bebê realmente. Ela tinha apenas cento e cinquenta anos e tinha estava se rebelando contra a autoridade há cerca de cento e quarenta anos. Eu a conheci quando ela estava correndo de um prédio que ela explodiu em Londres depois que a Assembléia de Bruxas a proibiu de usar seu recém-descoberto poder pirotécnico.

Tínhamos sido amigas desde então.

As bruxas não eram exatamente imortais; a Assembléia de Bruxas que precisava de tiros de Botox como eu precisava de um saco de sangue quente, eram exemplos disso. Elas envelheciam, apenas em um ritmo muito, muito mais lento. Com a ajuda de brilhos e poeira de fadas, eu tinha certeza. Os segredos da comunidade das bruxas estavam guardados a sete chaves. Após o desastre que foi Salem, elas precisavam disso dessa maneira.

— Elas lhe deram problemas? — perguntei.

O conselho era bastante grande em suas regras, e os castigos que vinham com eles.

Sophie tinha sido capaz de escapar do mais grave por causa de sua linhagem e talento de bruxa, algo sobre direitos de nascimento, um tédio. Mas eu estava pensando que quanto mais poderosa ela ficasse, mais o conselho gostaria de encadeá-la, controlá-la.

Um canhão solto era uma coisa, mas uma arma nuclear solta, que era o que Sophie era no mundo das bruxas? Isso poderia foder tudo.

Precisamente por isso que eu gostava dela.

Ela assentiu. — O que há de novo? A ameaça de uma prisão, feitiços de ligação, dor inimaginável se eu não andar na linha. — Ela sorriu. — Eu gostaria de vê-los tentar.

— Eu também. Diga-me quando eles vierem a infligir essa dor inimaginável — eu disse. — Especialmente se aquela cadela da Hazel vai estar

lá. Eu tenho comichão por um motivo para rasgar a garganta dela desde o século XIX.

Hazel e eu tínhamos história.

Outro problema com a imortalidade: você tinha história com todos. E no meu caso, parecia que todo meu era sangue ruim.

— Pode deixar. Mas eu tenho que dizer que não posso oficialmente ter nada a ver com a tolerância com um vampiro que mata um dos meus. A coroa de Miss Simpatia cairá imediatamente.

Sophie era um pouco minha contraparte no mundo da bruxa. As sociedades sobrenaturais eram antigas, estabelecidas, determinadas em seus caminhos. De certa forma, os seres humanos eram mais progressivos do que nós, capazes de aceitar mudanças drásticas e mudanças na sociedade. A mortalidade fazia isso, imaginei. Mas a diferença, mudando o status, fez pequenos incrementos ao longo de séculos.

— Estamos aqui para provocar os caras? — Sophie perguntou, sugando a cereja de seu copo. — Bar humano por uma vez? Você não teve uma recaída, teve? — Seu tom era casual, mas eu não perdi a falta de mordida - desculpe o trocadilho. Ela pode não ter estado por perto nas chacinas do início do século XVII, mas ela tinha ouvido falar em detalhes depois que ela me fez enfeitiçar cocktails nos anos sessenta. Todo o meu trágico passado se espalhou.

— Não tive recaída. Não atire em mim com nenhum isqueiro de seus dedos ainda — respondi, olhando para suas mãos encharcadas de prata. — Isso é sobre negócios, na realidade.

Sophie ergueu a testa.

Além de ser uma rebelde do mundo das bruxas, ela também era uma famosa detetive particular para contratar no mundo sobrenatural. Ela tinha uma vantagem distinta usando feitiços, mas havia algumas leis contra quais feitiços você poderia usar para ganhar comercial ou algo igualmente chato.

Como Sophie, não eu lidava bem com as regras.

— Negócios? — Sophie repetiu. — Estou intrigada.

— Essa sou eu, intrigada e mal respirando. — Eu terminei minha bebida. —Faça a coisa bacana — eu ordenei quando ela apenas olhou para mim.

Ela suspirou dramaticamente e voltou a fazê-lo.

— Estive procurando por você para encontrar alguém. Eu provavelmente poderia fazê-lo, mas é demorado e também não quero. Na verdade, eu realmente não queria me envolver nessa bagunça, mas aqui estou, então eu vou delegar o máximo possível.

Eu já tinha Scott empurrando seus amigos - sim, fiquei surpresa que ele também os tivesse – por informações sobre o grupo rebelde e sua quota de membros. Minha família estava, obviamente, no topo da lista, mas esperaria um pouco antes de ir a uma reunião. Eles estavam de volta à Rússia, e eu ainda não estava com vontade de vodca e depressão.

— Um certo vampiro. E algumas informações, — eu disse a ela.

— Você está procurando um vampiro? Estou combinando um encontro? — Ela provocou.

— Cuidado, bruxinha. Talvez eu tenha dito que tive uma recaída, mas a estrada de repente ficou instável e há uma bolsa de sangue deliciosa na minha frente, — eu ameacei.

Ela não pareceu nem um pouco preocupada.

— Na verdade, você pode fazer isso, mas em sentido inverso? — perguntei de repente, minha mente saltando da tarefa em mãos. Certamente poderia esperar; provavelmente não haveria uma guerra exatamente neste segundo.

Ela franziu a testa para mim. — Fazer o que?

— Fazer eu... Deixar de combinar com alguém — esclareci, pensando no caçador de vampiros com o qual eu tinha estado sonhando acordada desde a semana anterior, e o beco.

O rei pode ter tido um efeito sobre mim quando eu estava na sua presença, mas o matador me assombrou nos cantos escuros da minha mente.

Ela bateu o copo com tanta força quebrou. Algumas pessoas olharam, mas ela não percebeu. — Você tem uma paixão por alguém?

Eu olhei para ela. — Eu tenho quase quinhentos anos de idade. Eu não *tenho paixões*, — cuspi as palavras. — Eu tenho uma conexão desagradável com um personagem igualmente desagradável, a qual eu gostaria de cortar antes de cortar a cabeça dele para quebrar. Eu pensei que isso seria uma melhor alternativa menos sangrenta.

— Certo — disse ela, parecendo muito divertida. — Quem é ele?

Eu olhei para ela. — Você pode fazer isso ou não?

Ela encolheu os ombros. — Depende. Espécie?

Eu segurei os dentes. — Humano. Caça vampiros, para ser mais precisa.

— Estou sem palavras — ela respirou. — Caçador de vampiros? A vampira e o matador. Isto parece aquele show, você sabe, aquele com Sarah Michelle Gellar... Como era o nome?

— Se você mencionar esse show, eu juro por tudo o que é profano que vou rasgar sua espinha pela sua garganta — prometi.

Ela sorriu. — Sim, como se você pudesse.

— Experimente, Hermione. Você pode ter algumas pequenas melhorias no modelo de base, mas você ainda é humana — eu gritei. — Agora, o que você pode fazer?

Ela acenou com a mão. — Oh nada. Um feitiço assim não existe. Você não pode ferrar com emoções humanas, ou mesmo desumanas, — ela disse, seu olhar piscando para cima e para baixo do meu corpo. — Eu só queria saber por quem você estava apaixonada.

— Então você mentiu para obter essa informação? — Ela assentiu.

— Eu sabia que havia uma razão pela qual eu gostava de você — eu disse. — Mas esta informação deixa essa pequena bolha, você...

— Vou me tornar sua próxima refeição. Sim, entendi. As amigas guardam segredos. Está no cofre. — Ela bateu na cabeça. — Agora, qual assassino é esse? Eu diria que não estou familiarizado com todos eles, já que eles são bastante firmes e sérios e eu fico longe disso, como eu faço pastéis. Mas tenho certeza de que posso fazer algumas pesquisas. Dê-me um nome - exigiu ela, tirando o telefone.

Peguei-a. — Este assunto está encerrado. Precisamos entrar nos negócios agora.

Ela estragou o rosto. — Você não tem graça.

— Sou muito divertida — argumentei. — Eu sou apenas mais divertida quando não tenho ameaças como o desmembramento sobre minha cabeça.

— Desmembramento? Que pena.

Eu assenti. — Que pena mesmo. Você pode encontrar um vampiro, não pode?

Ela parecia ofendida. — Claro.

— Vampiro com o nome de John — eu disse.

Ela esperou uma batida, mas não falei. Seus olhos se arregalaram.

— É isso, um vampiro chamado John? — Eu assenti. — Eu percebo que não é muito para seguir.

Sua sobrancelha se levantou. — Isla, não há *nada* para continuar.

— Bem, você pode tentar depois de lhe contar mais sobre o que ele está envolvido. Será que isso ajudará?

Ela sugou a bebida dela, balançando a cabeça.

— Bom. E agora preciso de algumas informações internas — eu disse, inclinando-me para frente. — Do tipo delicado.

— Você esta querendo me dizer que esta informação traz uma ameaça de desmembramento para mim mesma?

— Vocês não têm sempre algo assim do conselho?

— Bom ponto — disse ela. — Continue.

Eu olhei ao redor. Estávamos cercados por seres humanos, bebendo as tristezas de suas vidas miseráveis. Ou sugando líquidos para se tornarem mais atraentes para corretores de bolsa bêbados e conseguirem um orgasmo. Eles não estavam prestando atenção em nós. Eles estariam, tenho certeza, se Sophie não tivesse lançado um feitiço sobre nós no momento em que ela se sentou. Isso impediu os humanos em busca de um orgasmo de vir em nossa direção.

— O que você sabe sobre uma facção rebelde de vampiros, bruxas, demônios, lobisomens e uma variedade da disputa sobrenatural para a dominação mundial? — Eu perguntei, indo direto ao assunto.

Seus olhos cintilaram e ela ficou em silêncio por um momento. — Em que você se colocou, Isla?

— Problemas, é claro.

Ela balançou a cabeça. — Isso não é apenas problema. Você precisa ficar longe disso. — Seu rosto estava sério.

Eu fiz uma careta. — Todos estão me dizendo isso. O que existe de tão ruim quanto a um monte de fanáticos com uma idéia de conto de fadas? Não é como se eles fossem realmente perigosos.

Os olhos de Sophie escorregaram. — Você está falando sério? Você já prestou atenção em tudo acontecendo no mundo sobrenatural durante a última década?

Eu revirei os olhos. — Claro que não. É tudo tão chato. Eu entrei meus olhos nela. — Quando você esteve por aí o tanto que eu estive, você aprende que é tudo um ciclo. É inútil. Eu me concentro nas tendências da moda, não políticas imortais. Por sinal, você gosta das minhas botas? — Levantei meu pé para revelar meus saltos pontiagudos com laços.

Ela piscou os olhos para as botas e depois voltou para mim. — Isto não é apenas um monte de fanáticos — corrigiu ela. — No início do século, talvez, mas agora, com a tecnologia e tal tornando-se mais difícil de ser um imortal em esconder, ganharam mais seguidores infelizes com o status quo. A quem a idéia de não ser escravo do segredo é mais do que um pouco atraente. A

promessa de uma sociedade na qual cada raça sobrenatural pode abraçar seus instintos mais baixos sem regras. É uma idéia tentadora.

Eu zombei. — É uma idéia utópica. Eles sempre serão submissos de alguém. Como podem as pessoas que viveram inúmeras revoluções e ditaduras não perceberem que elas nunca terminam bem? Alguém está sempre no topo e, em seguida, todos os outros estão geralmente por baixo.

Sophie balançou a cabeça. — A razão e a revolução nunca estão na mesma narrativa. O discurso do partido é bastante convincente se você é estúpido o suficiente para acreditar que exterminar todos os — traidores da raça e escravizar a raça humana é, na verdade, uma possibilidade. — Ela tomou o drink. — Pense nisso. Nenhuma regra que nós duas odiemos, nenhum segredo, nenhuma política. Nós podemos somente... Existir.

Eu olhei para ela. — Você está falando sério? Você acha que tudo isso é uma boa idéia?Que matar seres humanos e supernaturais em massa é necessário para uma nova ordem mundial? Eu pensei que você realmente *gostava* dos humanos.

— Relaxe, Isla. Eu não quero nenhuma parte dessa guerra louca. —Ela levantou a testa para mim. — E é isso que isso é, uma guerra. Pode não ser ainda, mas o ar tem esse gosto amargo como durante as revoltas dos demônios do início do século XX. Você não pode me dizer você não percebeu.

Eu revirei os olhos. — Claro que notei. Dez vampiros foram mortos em uma batalha sangrenta em Londres, menos de três dias atrás. Em seguida, em um estabelecimento similar em Praga. Os seres humanos estão desaparecendo em números recorde e a imprensa humana citando alguma doença endêmica? Sim, o mundo está virando uma merda. O que há de novo?

Ela colocou a mão sobre a minha. — O que há de novo é que acho que isso vai cobrir o mundo de sangue que irá manchar quase todo ser na comunidade sobrenatural antes que acabe. — Seu aperto apertou quase ao ponto de dor, o que me surpreendeu. Além de sua proeza mágica, a pequena bruxa era 100% humana, tão frágil e fraca como uma também.

Meu questionamento na sua força repentinamente desumana foi engolida quando peguei seus olhos.

Eles não eram dela.

Não. A faísca, o brilho pernicioso que se demorava nessas órbitas verdes desapareceram no curto momento em que olhei de seu rosto para a mão e voltei.

Eles estavam vagos. E antigos. A profundidade arrepiante naqueles olhos me fez estremecer.

— Inferno — declarou ela, sua voz corpulenta substituída por algo achatado, sem emoção. — O inferno se levantará das chamas do submundo e residirá naqueles que forem escolhidos. —Os olhos vagos concentraram-se no meu rosto congelado. — O único vampiro e o outro irão se entrelaçar. Isso se tornará o ponto em que o mundo se agarra no precipício. Sangue. É no sangue que a vida e a morte são decididas.

O silêncio desceu pesadamente, como uma capa sobre o bar movimentado. Era como se quem quer que fosse- certamente não era Sophie - tivesse sugado todo o barulho.

Então, como uma volta elástica voltando ao lugar, retornou. O barulho, o brilho nos olhos de Sophie. Sua mão deixou a minha.

Ela piscou algumas vezes e balançou a cabeça, como se estivesse limpando.

— Do que estávamos falando mesmo? O matador com quem você quer fazer coisas impertinentes, coisas que não incluem matar? —Ela sorriu maliciosamente, sugando o resto de sua bebida.

Eu fiquei pasma com ela. — Por favor, pelo amor de Lúcifer, me diz que você está brincando comigo agora?

Ela inclinou a cabeça confusa. — Não, eu vou realmente jogar um feitiço em você para fazer você revelar a identidade do assassino que chamou sua atenção.

— Caramba — eu murmurei. — Você honestamente não se lembra de falar sobre Nostradamus e todo o inferno, o fogo demoníaco e o escolhido? E talvez o fim do mundo?

Seus olhos se endureceram e o sorriso deixou seu rosto como se eu tivesse puxado o plugue em sua diversão.

— O que?

— Você não se lembra — eu deduzi, uma inquietação gelada serpenteando a minha coluna vertebral. — Ok, isso é totalmente assustador. Não está no bom caminho. Você está possuída? — Eu me inclinei para frente, olhando em seus olhos novamente para a faísca da chama que significaria a possessão do demônio.

Dizia muito que eu esperava que minha amiga estivesse possuída por um demônio em vez do contrário.

Ela recostou-se. — Não, não estou possuída por um demônio — disse ela.

Eu fiz uma careta. — Sim. Não temos tanta sorte.

Ela ergueu a testa. — Sorte? — ela repetiu. — Como eu ter um imbecil nojento a minha cabeça, me faz ter sorte?

Eu drenei minha bebida. — Porque isso teria sido relativamente fácil de lidar. Isso — gesticulei para seu rosto em um movimento circular — não é fácil de lidar.

— O que exatamente eu disse? — ela ordenou.

Eu repeti obedientemente, palavra por palavra.

Quando terminei, ela ficou mais pálida do que eu.

— Caralho — ela sussurrou, sua voz mal audível, até meus ouvidos.

Eu assenti. — Exatamente meus sentimentos. Você não tinha idéia de que você tinha a visão?

Ela balançou a cabeça. — Não. Eu nunca tive isso. Mas meus poderes estão mudando ultimamente — disse ela devagar.

— Mudando? — Eu tentei. — Tipo você decidir divulgar profecias ameaçadoras após alguns coquetéis?

Ela balançou a cabeça novamente. — Não. Esta seria uma primeira vez. — Sua cabeça agarrou-se. — Isso não vai mais longe.

Eu atravessei meu coração. — Vou levá-lo ao túmulo.

Ela franziu o cenho para mim, então respirou fundo. — Eu tenho ficado mais forte por alguns anos agora. Estive escondendo isso do conselho porque eu sei que mais poder significa mais perigo para mim. Já existe a ameaça de ligação, prisão e talvez até a morte na minha cabeça, e eles só sentem uma pequena quantidade de meu poder. — Ela segurou seu polegar e indicador juntos. — Se eles soubessem o quanto eu realmente tenho... — Ela estremeceu.

— Do que estamos falando aqui? — Perguntei, de repente, interessada. — Você estava me segurando? Você poderia realmente fazer o assassino se tornar repugnante para mim? — Eu parei e pensei nele. — E também um vampiro, já que tocamos no assunto.

— Ok, estamos voltando para isso, mas é um pouco mais do que isso — ela respondeu. — Eu meio que... Viajei no tempo outro dia.

Eu cuspi o gole que tinha acabado de tomar. Era preciso muito para me chocar. Eu apostaria que antes desse momento fosse, na verdade, impossível.

— Viajou no tempo? — gritei.

Ela pegou minha mão. — Shush — ela sibilou, olhando ao redor.

Ninguém se moveu, nem sequer percebeu. — Relaxe, seu pequeno feitiço está fazendo seu trabalho. Os humanos estão muito concentrados em esquecer de suas vidas miseráveis para perceberem que eles têm uma vida real Marty McFly no meio deles.

Ela estreitou os olhos. — Sim, *humanos* — ela esclareceu. — Mas isso pode não ser contra outra bruxa ou demônio. — Ela voltou a olhar novamente antes de relaxar quando ficou satisfeita, ninguém estava espionando.

— Ok, agora eu preciso de mais informações — comentei.

— Eu não tenho — ela admitiu. — Num segundo eu estava na minha sala de estar jogando GTA, depois eu estava na Inglaterra. Em 1902 — disse ela. — Foi só por uma fração de segundo, mas o tempo suficiente para eu impressionar seriamente alguns aristocratas com meus shorts e camiseta de Harry Potter.

Eu fiquei pasma com ela.

E não apenas por causa da camiseta de Harry Potter.

Viajar no tempo não era algo que acontecia, mesmo no mundo sobrenatural, onde as leis da natureza eram um pouco mais flexíveis do que os seres humanos acreditavam.

Havia lendas, é claro, mas todos tinham lendas. Vampiros tinham a história de origem que começamos com Ambrogio, o primeiro vampiro, amaldiçoado por um Apollo irritado para nunca sentir o calor da luz solar em sua pele. Então ele vendeu sua alma para Hades, a fim de banhar-se na luz mais uma vez. Então a irmã de Apolo, Artemis, a deusa da caça, decidiu conceder à criatura sem alma o castigo da imortalidade, andar pelo mundo sozinho sem alma. Ela o alimentou de seu sangue, com o Ichor dos deuses para sustentá-lo. Desde aquele primeiro gosto de Ichor, o único que continuaria com sua força e a imortalidade era sangue humano.

Em pouco tempo, Ambrogio pediu a Hades por um companheiro. Ele foi agraciado com Lilith, a antiga tentadora de um jardim onde as maçãs foram comidas. E assim começou a Linha**,** rastreando os deuses.

Ou assim foi a história.

Os lobisomens também tiveram os deuses gregos para agradecer, ou curar, por sua existência, como dizia a lenda. Um rei humano, obcecado com a idéia de imortalidade, foi aconselhado por uma bruxa de que comer um coração humano em toda lua cheia asseguraria a vida eterna. Claro, isso era uma besteira total, mas teve seu efeito pretendido. Jupiter ficou irritado por tais atrocidades contra os povos de seu país, decidindo que se o rei agisse como um animal para viver eternamente, ele sofreria a dolorosa

transformação a cada lua cheia para ganhar essa imortalidade. E ele tinha que lanchar os corações humanos.

Não tinha idéia do que os demônios tinham. Eles trancaram sua merda apertada.

Acho que você poderia dizer a Bíblia, se você mudasse tudo.

Mas a viagem no tempo... Minha mente foi para a Paris do século XVI.

Sophie me deu uma olhada. — Eu não posso controlar isso — disse ela suavemente. — Eu nem sei se vai acontecer novamente, e se isso não for exatamente uma ciência. Eu duvido que eu possa identificar tempos e locais. Desculpe, Isla.

Eu olhei para ela, só porque eu não conseguia olhar para mim mesma. Fraqueza, mesmo em frente dos amigos, poderia significar a morte.

Porque os amigos podem virar os inimigos em um piscar de olhos.

— Você consegue ler mentes também? — Eu gritei.

Ela balançou a cabeça. — Não. Na verdade, os vampiros, não. Mas eu posso ler o rosto do meu amigo,e eu sei que a capacidade de manipular o tempo é muito mais cobiçada quando o tempo era a única graça salvadora para alguém.

— Eu não tenho graça para salvar — eu gritei. — Eu não tenho graça. E a única maneira que eu poderia fazer com que a viagem no tempo seja acessível, se eu pudesse voltar e não entrar no Quinto Distrito Policial na primeira sexta-feira de novembro.

Ela me deu um longo olhar, mas não disse nada.

Ainda amigas. Por enquanto, pelo menos.

— Então, isso, combinado com o que acabei de ver... — Minha pele esfriou ainda mais.

Ela assentiu sombriamente. — Sim, um bilhete unidirecional de isolamento para o meu rabo profeta — ela terminou por mim.

As bruxas tinham profetas. As pessoas com a visão eram ligeiramente diferentes. Elas faziam feitiços, viam um futuro limitado que quase nunca era confiável. O futuro era uma coisa inconstante, determinado pelo livre arbítrio, que poderia mudar em um batimento cardíaco. Até mesmo a menor decisão era um efeito ondulante sobre todos os futuros disponíveis.

Profetas, pessoas que não precisavam de feitiços para ver o futuro e falavam em códigos e línguas como Sophie acabara de fazer, eram algo completamente diferente. Pelo que eu ouvi, suas previsões quase sempre se tornavam realidade. É verdade que era muito provável porque eram vagas e complicadas.

Mas eles eram recursos brilhantes para qualquer sobrenatural. Inumeráveis casos de profetas sendo arrebatados e ordenados por previsões estiveram presentes ao longo dos anos.

Você não poderia colocar um preço em conhecer o futuro. E o que não pode ser possuído com dinheiro geralmente é roubado com sangue.

As bruxas tomavam medidas para — proteger seus profetas. Eu digo "proteger" porque aqueles cadelas perversas só estavam protegendo uma coisa, elas mesmas. Todos tinham profetas em alguma ilha coberta de magia, pouco mais do que prisioneiro.

Eu podia ver por que Sophie não estava muito a fim de ir lá para um feriado indefinido.

— Bem, essa conversa nunca aconteceu — declarei, em pé.

Ela também estava parada. — Você vai partir?

Eu acenei com a cabeça, puxando minha bolsa no meu ombro. — Eu não quero mais ser ameaçada por nenhuma profecia. Odeio essas coisas com uma paixão. Eu sugiro que você compre um ingresso para Timbuktuaté que você descubra isso e possa controlá-lo para que você não vá descartar as previsões por toda parte. Esse pequeno presente é uma arma carregada, apontada para a cabeça. — Eu fiz uma pausa. — Eu já tenho uma facção assassina de vampiros para investigar e tentar não ser morta. Eu não quero

entrar no interrogatório das bruxas e matar a lista também. Meu calendário está super cheio.

Talvez eu tenha soado frívola, mas a distância era um luxo que eu estava me dando. Minha amiga estava numa merda profunda. Minha amiga mortal. O que significava, muito provavelmente, a morte. Eu teria adorado fazer o que pudesse para garantir que isso não acontecesse, mas não tinha varinha mágica.

Ela cruzou os braços. — Eu não vou fugir — ela decidiu.

Apertei minha sobrancelha para ela.

— Estamos no meio de uma revolução, certo? Bem, é hora de se revoltar. — Ela sorriu maliciosamente.

— Oh não, você não vai se juntar à causa e tentar me desmembrar também, vai? — Eu gemi.

— Não, vou lutar contra isso. E o conselho das bruxas.

— Manda ver — eu disse imediatamente. — Pensando bem, meu calendário acabou de ser limpo. Estou dentro. Uma vez que receber informações sobre esses idiotas sobrenaturais, é guerra. Eu sinto que estou fora do jogo por tempo suficiente. Uma boa batalha pode apimentar minha vida, desde que não arruíne minha manicure.

Ela sorriu para mim. — Estou feliz em ouvir. Nós não nos divertimos desde... Sempre. Além disso, eu posso investigar o lado das bruxas desta facção e voltar para você.

— Parece um plano, Marty — concordei. Menos trabalho para mim. Impressionante.

Ela franziu o cenho. — Não me chame assim.

— Ok, Marty.

Ela balançou a cabeça. Seu rosto se tornou perplexo como quando entramos no bar. Nosso feitiço deve ter se dissolvido porque todos os olhos masculinos e femininos foram para nós quando passamos. Eu não os culpava; éramos gostosas.

— Por que você está de repente arrancando-se de sua bolha narcisista para causar problemas você mesma com isso?

— Não sou narcisista — protestei.

Ela deu uma olhada quando entramos na rua.

— Tudo bem, eu sou totalmente — comentei. — Eu decidi abraçar meu filantropo interno.

Ela não comprou por um segundo.

Eu bufei. — Digamos que o mais novo membro da família real me fez sentir tudo quente e fofinho em direção à monarquia e fazendo sua oferta desde que mantenha minha cabeça em meus ombros.

Ela ficou boquiaberta. — Essa é uma história para outros doze cocktails.

Eu assenti. — Sim. Mas temos uma rebelião para anular, bruxas para matar e batalhas para lutar. Não vamos nos deixar levar, não é?

Ela sorriu. — Apenas mais um ano normal para nós.

— Sim. Vamos esperar que não seja o nosso último na Terra.

06

— Irmão. A que devo o descontentamento? — Eu perguntei, sem surpresa que ele estivesse parado no meio da minha sala de estar. Eu ainda estava um pouco irritada. Eu tinha tido excitação suficiente para a noite, aquilo com profecias, planos de batalha e um certo matador ocupando imóveis primários na minha cabeça. Era muito pedir para não ter meu irmão psicopata entrar para o chá?

— Não há bebês aqui para você drenar, nem seres humanos para aterrorizar e contaminar. Eu estou com medo de não ser divertido para os prazeres sádicos. — Pausei. — Eu tenho um quarto vermelho da dor, mas eu estou pensando que você não iria tão longe... E eu teria que me jogar dessa janela ao invés de lidar com o que, tenho certeza, são os mais terríveis últimos quinze segundos da vida de alguns pobres jovens humanos. — Eu vaguei para o meu bar, com a intenção de me derramar uma bebida para agüentar por longos períodos de tempo na presença do meu irmão.

Um aperto firme no meu pulso me impediu. O estalido abafado dos ossos do meu esqueleto ecoou na minha sala de estar.

Olhei para ele com os dentes cerrados. — Você nunca soube como jogar legal.

Seus olhos vidrados tremiam de raiva enquanto seu rosto ficava impassível. — O que você anda dizendo ao rei, Isla? — ele perguntou, apertando mais.

Não chorei, embora a dor fosse muito desagradável. A maioria dos vampiros não teve a força para me segurar em tal posição, e muito menos destruir a maioria dos ossos no meu pulso, mas meu irmão, infelizmente, compartilhava comigo o mais puro sangue de vampiro e era trezentos anos mais velho.

— Que você raspou seu peito e injetou-se com esteróides antes de virar, — eu disse docemente. — Mas foi sob coação, eu prometo. Preciso obedecer ao meu rei, certo? E ele perguntou.

Ele apertou mais forte antes de me deixar ir para que ele pudesse me revirar, me enviando voando através da sala e caindo na parede ao lado da minha televisão. Esforcei-me por me levantar enquanto ele vagamente caminhou em minha direção.

— Séculos que você tem sido uma desgraça para esta família — ele disse, com uma voz fria. — O constrangimento, isto com suas tendências de alimentação e propensão para os *seres humanos*. — Ele cuspiu a palavra como sua bota conectada com meu estômago. A dor irradiava pelo meu meio enquanto minha costela quebrou e perfurou um pulmão. — Você se comportará até o seu Despertar, se eu tiver que visitá-la diariamente para lembrá-la.

— Por que o Viktor não poderia ser o único a entregar as batidas? — Eu ofeguei. — Ele usa mocassins.

Evgeni se ajoelhou, segurando meu cabelo e puxando minha cabeça para trás, de modo que os músculos do meu pescoço gemeram em protesto. — Você acha que tudo é uma piada. Que você é intocável porque, embora nossa família possa desprezá-la, você ainda compartilha nosso sangue. Mas não vamos tolerar sua deslealdade.

Apertei o queixo, mandando-o voar na minha mesa de café, os destroços espalhando-se pelo quarto. Peguei uma perna de aço que

convenientemente pousou ao meu lado e coxeei até o corpo dele,segurando minhas costelas. Ele ainda estava se recuperando do choque, o que me deu a chance de incorporar o aço em sua cintura.

— Para assassinos, estupradores, sádicos e sociopatas, sua fixação com lealdade é risível. Apertei ainda mais o aço.

Minha mão superior não durou por muito tempo, mas senti uma pequena satisfação na careta de dor nas feições severas do meu irmão. Ele nunca poderia ter sido chamado de bonito, as maçãs do rosto angulares que cortavam muito alto no rosto, um maxilar que também era pontudo, uma cabeça calva que acentuava todas essas características e aqueles olhos brilhantes com crueldade vazia.

Ele puxou o aço sem um som e empurrou-se para cima. Em um movimento ele me teve contra a parede pelo meu pescoço.

Ele flexionou a mão, esticando os ossos da minha traquéia. — Nós somos os Rominskitoffs. Nosso nome, nossa família, é *tudo* o que temos. E você desonra isso. Vampiros devem ser governantes, não governados. Certamente não as grandes famílias. Os seres humanos devem se curvar a nós. Eles são os nossos inferiores — ele sibilou. —Nada mais do que bois. Seu amor por eles é doentio.

Olhei para ele. — Eu não adoro os humanos — gritei. — Eu nunca vou cometer esse erro novamente, irmão. Eles não são nada para mim. Assim como nosso nome de família ridículo. Embora eu goste dessas pequenas visitas para me informar o quão valorizada eu estou na nossa ótima família, qual é a sua desculpa desta vez? — Eu rasguei à medida que a pressão se intensificava.

— Como se você não soubesse — ele rosnou.

— Não sou boa em adivinhar — gritei. — Ou ler mente. Se eu fosse, eu não iria quer aventurar-se no saco de loucura que é a sua consciência.

Ele apertou mais apertado, tirando uma pequena vértebra.

— Você sabe porque. Você esteve passeando pela cidade, cutucando seu nariz onde você não deveria. Você vai parar, se você quer ficar mais longe

neste planeta por muito tempo. — Ele abruptamente me deixou ir e eu cambaleei em meus calcanhares com o impacto.

— Eu não perambulei. Eu deslizei graciosamente — argumentei, esfregando meu pescoço. — Com o que você se importa quanto tempo eu permaneço neste planeta? Essa visita é sobre isso? Papai te enviou aqui para, finalmente, retirar minha cabeça dos meus ombros? —Ele não o faria, se eu tivesse algo a fazer sobre isso. Eu não ia lutar agora, mas eu iria quando ele tentasse se tornar real. Essa violência não era nada. Jogo de criança.

Ele não se afastou muito de mim. — Não estou aqui para te matar, Isla, embora isso me trouxesse muito prazer em fazê-lo.

Coloquei minha mão sobre meu coração. — Seu amor pela sua irmã é absolutamente lindo.

Ele franziu o cenho. — Estou aqui para te dizer para parar o que está fazendo pelo rei. Pare antes que o Pai decida deixar de ser tão sentimental e insano para pensar que essa pequena raia rebelde é temporária e eu rasgue seu coração sozinho. — Ele deu um passo à frente, empurrando o punho no meu peito, apertando meu coração com firmeza.

Eu engasguei e fiz alguns sons tão sérios que não eram parecidos enquanto ele me espremia, a dor fazendo minha visão em branco. Ele não podia me matar dessa maneira, mas ele poderia tornar as coisas desagradáveis. Eu estava basicamente paralisada.

— Eu vou rasgar você em pedaços quando tivermos o poder de fazê-lo. Essa é uma promessa, irmã.

Eu encontrei seus olhos vazios com um olhar medido. — Já disse, irmão — eu sibilei, o ódio tornando minha voz irreconhecível.

O ar vazio substituiu a mão quando a porta do meu apartamento bateu.

Abaixei-me no chão, apertando meu peito. O sangue escorria de forma constante.

Eu gemi.

— Este é o meu suéter favorito — gritei no meu apartamento vazio.

O sangue ia parar. Já estava abrandando, mas meu suéter estava arruinado, assim como minha mesa de café.

Sentei-me com a cabeça para trás, fechando os olhos por um segundo.

Visitas desses dos meus irmãos não eram exatamente raras. Sempre que eu fazia algo particularmente humano, era tratada de mais do mesmo. Não era só ter certeza de que eu oscilava no lado direito do imoral que motivou tais visitas; Meus irmãos gostavam. A violência, infligindo dor. Eles eram sádicos.

Eu costumava pensar com a jovem esperança de que fosse sua maneira de mostrar que eles se importavam.

Agora eu sabia melhor.

Um barulho na minha porta me fez uma idiota.

Eu ignorei isso.

Não parou.

Suspirei, empurrando para cima. — Uma garota não pode sangrar em paz? — Eu chorei, mancando até a porta.

Havia apenas algumas pessoas que poderiam ser. Eu estava esperando por Sophie; ela poderia me curar, reparar minha mesa de café, e talvez salvar meu suéter. Talvez ela pudesse clicar nos dedos dela e livrar a terra da minha família com seus novos poderes. Um pensamento tão reconfortante.

Ou poderia ser Scott, que ainda estava me perseguindo. Ele provavelmente desmaiaria ou algo assim igualmente patético quando me visse. Isso quase valeria a pena a dor excruciante.

Quase.

Não pensei que fosse ele bater muito alto.

Eu não esperava ter um assassino sombrio e então horrorizado na minha porta da porta.

— Não, obrigada, eu não quero nenhum biscoito de escoteiras — eu disse, tentando fechar a porta na cara dele.

Sua bota de motocicleta parou e ele entrou, levando-me para dentro com os olhos abertos e um pouco em pânico. — Que merda? — Ele rosnou.

Olhei para a porta em que ele invadiu. — Eu preciso que Sophie faça um feitiço neste lugar contra convidados indesejados — murmurei para mim mesma. Eu poderia fazer isso há muito tempo para manter meus irmãos fora, mas gostava de suas pequenas visitas. Eu poderia dar apenas um pouco menos do que eu consegui, mas ainda foi satisfatório. Uma vez que eu mesmo rasguei todo o braço de Viktor. Demorou uma semana para crescer de volta.

Foi brilhante.

E meu pai até me ligou depois de dizer que talvez não estivesse perdido no fim das contas. Sim, essa era a minha família. O desmembramento de meus irmãos foi tolerado, se não encorajado, mas não matar humanos sempre que o humor me atingiu, era equivalente a traição.

Embora pareça que eles já estavam cometendo traição se meu irmão tivesse sido enviado para me assustar. Interessante. Eu tinha suspeitado tanto, mas isso era quase uma prova concreta.

Eu fiz uma nota mental para chamar o rei e entregar minha família, então pedir um assento na fila da frente para a execução.

— O que diabos aconteceu aqui? Você está morrendo, porra? — exigiu Thorne. Avolumando-se para frente, para meu horror e leve deleite, ele agarrou meu pescoço com uma mão, empurrando minhas mãos do meu tronco com a outra.

— Foda-se — ele cortou a cara, os olhos se aproximando no buraco no meu suéter.

— Eu sei. É caxemira, — gemi.

— Isla, seu maldito peito está *aberto*. — Seu rosto estóico traiu pouco, mas seus olhos eram selvagens, o rosto pálido. O aperto no meu pescoço limitou-se à violência. Mas não foi, o que me deixou perplexa.

Violência, eu entendia, esperava. Mas isso?

Eu assenti. — Sim, meu irmão é um completo babaca.

Ele pressionou a mão na minha ferida, como se fosse parar o sangramento. No processo de seus primeiros socorros, ele me escovou o peito. O contato me fez esquecer tudo sobre o fato vagamente doloroso de que minhas costelas estavam se tricotando de volta.

— Seu irmão fez isso? — ele cuspiu.

Infelizmente, rodeei os pulsos com as mãos e tirei-os do meu peito.

— Sim, ele é um espetáculo espantoso — eu disse, mancando para o bar, que felizmente ainda estava em um pedaço.

— Droga, Isla. Sente, porra — ele quase não rugiu para mim.

Olhei pelo ombro para o rosto de mármore. — Por quê? Se eu estivesse sentada, eu não seria capaz de tomar uma bebida, e eu *realmente* preciso beber.

Ele caminhou até mim, segurando meus quadris e me forçando a sentar no sofá. Eu fiz uma careta, depois nas manchas de sangue aquele abaixo de mim. — Ótimo. Estes eram provenientes da França. É por isso que não posso ter coisas legais. O sangue fica em tudo. Este é o quarto sofá que eles arruinaram. Além disso, esse espelho vintage. — Eu assenti com a cabeça para a esquina onde o espelho estava esmagado no meu tapete ao lado da minha parede arruinada. — Sete anos de azar — murmurei.

Thorne olhou para mim, sua boca ligeiramente aberta com choque ou confusão. Eu não tinha certeza de qual, desde que eu estava focada naquela boca e no maxilar afiado, perguntando-me que gosto teriam.

Não seu sangue, não, apenas *ele*.

Talvez Evgeni tenha agitado algo importante. Meu juízo não foi bem trancado e eu pensei que seria muito fácil perdê-lo no meio de uma discussão.

— Vou pegar sua bebida — ele cortou depois que ele escolheu suas características. Sua mão subiu para escovar minha bochecha, que eu acho que estava uma sombra de púrpura irritada. Em uma hora ou mais, estaria mais uma vez pálida. — Você não precisa de algum tipo de atenção médica? — Ele perguntou,sua voz apenas um pouco acima de um sussurro áspero.

Suspirei; seu toque era macio, sua proximidade à beira do desconfortável.

Eu desejava que ele estivesse segurando uma faca no meu pescoço. Isso teria facilitado as coisas.

Eu não era fácil, no entanto, e eu tinha um papel a desempenhar. Um que significava que eu tinha que agir como se o simples toque não estivesse me fazendo sentir algum tipo de caminho. O tipo errado.

Eu ri. — Um matador me perguntando se eu deveria obter atenção médica? Você não deveria aproveitar o meu estado enfraquecido e mergulhar uma adaga no meu coração ou algo assim?

Eu fiz uma pausa. — Entretanto, estou muito feliz de que você não esteja fazendo isso. Eu acho que isso está acabando um dia particularmente estranho.

— Ser brutalizada pelo seu fodido irmão é o que você chama de — dia estranho? — disse.

Eu dei de ombros, escondendo meu estremecimento com o movimento. Não bem o suficiente se seus olhos estreitados eram algo para passar. — Eu chamo isso de sábado.

Ele franziu o cenho para mim, seus olhos um coquetel de emoções. Em vez de me responder, ele virou suas costas e pisou no meu bar. Ele voltou em um segundo, segurando um uísque.

Peguei com uma sobrancelha levantada. — Como você sabe o que eu bebo?

Ele não abaixou o olhar, nem respondeu.

— Você está me seguindo — adivinhei. Por um momento, entrei em pânico com o pensamento de alguém ouvindo minha conversa com Sophie. Um assassino, nada menos. Isso não faria. Isso também significaria que eu teria que matá-lo, e a idéia de fazer tal coisa na verdade me fez sentir bile. Talvez eu tenha evitado matar humanos com carta branca como o resto da minha raça fazia, mas não quis dizer que eu não faria. Eu não podia me dar ao

luxo de me sentir doente com o pensamento de acabar com um. No entanto, eu fiz.

Eu relaxei um pouco quando percebi que eu teria sabido se ele estava me perseguindo. — Não, o sentido irritante de matador que eu tinha teria dificultado isso. — Para não mencionar o sentido de Thorne que eu parecia ter. — Você pagou um ser humano para me seguir. Eu diria uma bruxa ou um demônio, mas eu sei que vocês caça-vampiros os matam para si mesmos. Bem, a menos que você esteja matando, é isso.

Os matadores foram construídos com o propósito de matar vampiros, mas eles se diversificaram nos cem últimos anos, decidindo ir atrás de qualquer criatura sobrenatural que eles consideravam uma ameaça à raça humana.

Que eram todos, coincidentemente.

Então eles passaram de uma dor no traseiro de um vampiro para uma dor no traseiro de todos. Inimigo público número um no mundo sobrenatural.

Bem abaixo de mim, obviamente.

— Eu posso entender o motivo da perseguição, se eu me colocar em suas próprias botas justiceiras de moto, é claro — eu disse, minha voz leve, mas com uma vantagem. — De modo algum eu aprecio isso, no entanto. Mas vamos esquecer minha fúria fervendo agora mesmo. Vamos voltar para mim, usando meus poderes de persuasão para garantir que você tenha o desejo de me seguir novamente.

A ameaça rolou da minha língua tão fácil quanto uma palavra doce. A quem eu estava enganando? Ameaças de morte *eram* minhas palavras doces. — Eu suponho que você está realizando vigilância nas atividades nefastas que você está convencido de participar. O culto do diabo, matar crianças, ode costume. Mas eu não pensaria que minha preferência de bebida faria parte dos relatórios que você obtém, — eu continuei com uma sobrancelha levantada.

Ele olhou para mim, seu olhar inabalável.

Engoli minha bebida, deslocando-me desconfortavelmente enquanto meu corpo passava pelo processo de cura. Eu, obviamente, não ia trair a

extensão da minha dor para ele. Ele já havia atuado sobre o instinto masculino de que eu era uma mulher ferida em vez de uma vampira ferido; Eu não podia contar com ele, esquecendo a parte do vampiro por toda essa conversa. Conseqüentemente, eu agi como se o buraco no meu peito fosse pouco mais do que um corte de papel.

Nunca mostre fraqueza, física ou emocional. Era da maior importância que eu continuasse escondendo meus sentimentos em direção a seu pequeno show de ternura, ou sua presença em especial. Se eu deixasse até mesmo uma porção desse show nos meus olhos, temia que fosse mais fatal do que uma adaga no coração.

— Deve ser chato — continuei, — ser a seita mais odiada de humanos em todo o mundo superior e os submundos. Você não é convidado para nenhuma das boas festas.

Ele deu um passo à frente, sua fúria nos cobriu em seu perfume forte.Acostumada com o sotaque amargo, eu não me revoltei contra isso; na verdade, me relaxou. — Pare com essa merda — ele ordenou. — Você está sentada aí com uma ferida que parece perturbadora como se alguém tivesse posto o punho através de seu peito, agindo como se não fosse nada.

Eu sorri para ele. — Oh meu querido, doce e ingênuo matador. Não é nada. — Eu apontei para o meu peito quase curado. — Vampira. Significa que eu me curo bastante rápido. Eu sei que vocês, humanos, ficam sensíveis sobre coisas como — feridas mortais, mas não precisa se preocupar com sua pequena cabeça grosseiras obre mim. Vou sobreviver. Sempre sobrevivo. Privilégios por ser imortal. — Eu parei, erguendo meus ombros. — Agora você pode me dizer por que você está aqui, se não para me matar. Você verá que alguém já tentou essa noite e falhou. Minha paciência está se esgotando.

Ele deu um passo à frente, curvando-se para que suas mãos circundassem minha traquéia recém curada. O gesto em si era ameaçador, mas a pressão era pouco mais do que uma pitada. Mais erótico do que homicida.

— Eu deveria — ele sussurrou. — Eu deveria estar matando você. Eu deveria tê-la matado no primeiro momento em que coloquei os olhos em você. No segundo em que descobri que você assassinou aquele padre. Eu hesitei

porque... — Ele fez uma pausa e eu acalmei. Será que ele tentou – e falhou – me matar porque ele sentiu isso estranho também? Eu não sabia se o pensamento me reconfortava ou me assustava ainda mais.

— Porque você me jogou com sua história, e eu conversei um pouco com Lewis — ele continuou, e eu murchei. — Ele não disse merda sobre você, mas ele me avisou contra encaixar uma faca em seu peito. — Seu maxilar apertou. — Até me ameaçou, porra, se eu tentasse. Lewis é um bom homem. Ele sabe o que você é, e ainda a defendeu. Isso me fez parar.

Eu sorri. — Lewis e eu seguimos de volta — falei docemente. — Ele é como um pai para mim, porém seria mais correto dizer que eu sou como uma mãe para ele. Não importa o quão correto seja, você não vai sequer dizer isso se você não quer que eu rasgue sua garganta, — eu gaguejei.

Ele não hesitou na minha ameaça vazia. Isso me preocupou. Assim como a maneira que ele me olhava. O assassinato estava em seus olhos, mas essa preocupação confusa ainda persistia, uma combinação estranha e desconcertante. Ele apertou os dentes e ensinou sua expressão. — Eu não dou uma merda com que tipo de feitiço você o pegou, ou qualquer um que eu respeito diz sobre você. Não muda o que você é. Eu deveria ter ignorado ele e acabado com você no instante em que eu encontrei você com minha fodida irmã. — Seu punho apertou.

Eu poderia ter me extraído da situação tão fácil quanto respirar, mas eu estava meio que gostando disso. Eu sabia que ele era demais; seus olhos dançavam com desejo e ódio, a mais bonita das combinações.

— Como está a pequena cretina? — perguntei ocasionalmente. — Ela ainda está viva? Eu imagino que as chances dela não são boas se ela continuar fazendo coisas idiotas como perseguir vampiros. Você deve ter certeza de que sua gaiola está bloqueada o tempo todo.

Minhas palavras fizeram com que uma emoção ganhasse em seus olhos.

Ódio.

Ele apertou meu pescoço mais uma vez antes de ir e retroceder abruptamente.

— Você é um monstro — ele cuspiu, seus olhos escorrendo de desdém. A mudança em sua aura foi imediata, um choque de ódio cortando tudo enquanto deixava seus instintos naturais assumirem o controle. Eu precisava seguir o exemplo.

Eu franzi o cenho. — Eu me ressinto com isso. Já faz um tempo que eu dormi um bom dia, é verdade, mas acho que estou muito bem. Sangue e coragem de lado, obviamente.

Isso me preocupou um pouco que minha ferida demorava mais do que era favorável para curar, que estava ligado à falta de sono com que eu estava brincando. Podia tornar-se perigoso se eu não dormisse em breve, mas era ainda mais perigoso cair no abismo que estava. A frase —dormir como os mortos— originou-se com os vampiros, considerando que fizemos uma impressionante impressão de cadáver quando em laevisomnus. Como nossos corpos eram imortais e nossa força sobrenatural, nosso sono nos capturava e nos arrastava para o que num humano seria comparável a um coma. Não éramos capazes de despertar facilmente e nos tornávamos mais vulneráveis.

Por isso, neste momento tumultuado da minha vida, o assassinato tenta mais comum do que ofertas de encontros, tive que adiar o laevisomnus, apesar do quão perigoso era para acabar com mais do que eu já tinha.

Eu só teria que esperar que ninguém mais perfurasse minha caixa torácica nos próximos dias.

A forma de Thorne apertou, assim como o aperto na faca de prata sólida que ele puxara de sua jaqueta de couro. Eu não estava extremamente incomodada; se ele estava planejando usá-la, ele teria tentado e falhou até agora.

— Eu nasci e existo para exterminar seu tipo. A abominação que você é. A assassina que você é. A única razão pela qual sua cabeça vermelha não está deitada aos meus pés agora é porque eu preciso do que está dentro dela. Essa

é a única coisa que alivia meu desejo irresistível de arrancar sua cabeça maligna, anormal e repugnante.

Inclinei a cabeça e sorri para ele. — São sonetos assim que cada garota precisa ouvir. Isso me manterá fria à noite.

Eu me afastei do sofá, mantendo meu sorriso no lugar, enquanto a dor irradiava pela parte superior do meu tronco. Eu não gostava de estar em terreno desigual, ele se elevava sobre mim como se tivesse a mão superior.

Ele deu um passo para frente, então meus saltos pontudos estavam frente a frente com suas botas de motociclista. Eu precisei procurar manter o contato visual. Isso significou que meu olhar percorreu seu pescoço, inspecionando as veias pulsantes serpenteando até o maxilar afiado. Eu não estava olhando para elas com avidez. Bem, eu estava, mas não o tipo de fome de sangue. Algo que com certeza eu não deveria sentir pelo homem que tentaria me matar no momento em que ele tivesse a chance.

Você pensaria que meu corpo, mesmo minhas partes de baixo, iria perceber isso. Obviamente não.

— Você não é uma garota — ele rosnou, seus olhos cintilando meu corpo. Eu senti o olhar parar nos meus quadris, meus mamilos endurecendo-se enquanto seus olhos escuros os prendiam à atenção. — Não importa o tanto que você tenta mostrar isso externamente. Tentar parecer um fodido de um sonho molhado não faz mudar esse fato.

Suspirei e revirei os olhos. — Ugh. Suas mudanças de humor estão me dando torcicolo. Essa porcaria de 'você é um monstro anormal e devo aniquilá-lo' está ficando velha. —Eu girei meu dedo ao redor. — Podemos encerrar isso? Ameace meu corpo sem alma mais algumas vezes, amaldiçoe-me para a eternidade, e depois me diga para que você veio aqui. Eu tenho coisas para fazer.

Sua mandíbula bateu enquanto ele respirava na minha cara. Isso normalmente me irritaria. Algum humano suado soprando seu dióxido de carbono regurgitado na minha direção. Com ele, não. O contrário, na verdade. Eu lambi meus lábios, apesar de mim mesma.

Não deve morder o matador, Isla. Há o efeito colateral desagradável ser morta depois daquele pequeno lanche.

Ele observou meus lábios, e seu rosto mudou. Agora, eu vi muito. Mais precisamente porque minha visão era cem vezes melhor do que qualquer humano. E eu estive nesta terra por muito tempo o suficiente para me tornar uma especialista em pistas sociais. Se não estivesse enganada, fome, refletindo meu desejo sexual próprio, espreitava em seu olhar.

Então, ele se foi e ele recuou, agitando-se como se estivesse coberto de pó venenoso.

Ele cruzou os braços e fiz o meu melhor para não observar os pulsos de seus músculos quando ele fez assim. Eu tentei o meu melhor para não cobiçar os homens que ameaçavam a morte. Alguns consideraram isso preliminar, mas eu era uma garota antiquada. Eu preferia que meus homens não fossem homicidas. Pelo menos para mim.

— Há um vampiro andando pela cidade, transformando humanos. — Ele franziu o cenho para mim, então começou a andar na sala. —Pelo menos tentando. O que resta. — Ele parou, seus olhos cintilando com algo antes de voltarem para a prata endurecida. —Não é humano ou vampiro, ambos ainda não. Eles nunca sobrevivem. Pelo menos ainda não. Eles ficam mais fortes. O último sobreviveu o tempo suficiente para que pudéssemos levá-lo de volta para o médico e para tentar e drená-lo.

Todos os pensamentos de sexo e homicídio deixaram meu cérebro. — Isso é impossível — eu gritei. — Os vampiros não transformam os humanos. Apesar de ser ilegal até mesmo tentar, é biologicamente impossível. Parece o que um humano estúpido que assistiu muitos shows na televisão faria. — Eu dei uma olhada pontiaguda.

Seus olhos se estreitaram. — Eu não estou mentindo. Você acha que eu viria até você se eu tivesse outra opção?

Inclinei a cabeça. — Claro, porque você não pode ter o suficiente de mim. Uma pequena mentira sobre algo impossível é nenhum lugar perto da

coisa mais estranha que um homem fez para conseguir minha companhia. Até mesmo comecei um golpe militar para chamar minha atenção.

— Eu não estou mentindo. Eu não minto — ele gritou.

Eu ri. — Oh, isso é fofo. Todos mentem. Você está tentando me dizer que você é uma espécie de santo? Aqui está o segredo de um imortal que tem séculos sobre você. Ninguém, nem mesmo um assassino sexy e convencido, é um santo. *Todos* são pecadores.

Meu cérebro alcançou minha boca no momento em que parei de falar e sua estrutura sacudiu.

Porcaria. Acabei de chamar o assassino de sexy. Abortar, abortar!

Saltei no segundo que percebi a mudança no ar. — Agora que eu instruí você na sua falta de santidade, eu lhe ordeno sair agora.

Ele deu um passo à frente, seus olhos se concentrando nos meus. —Não vou sair — ele murmurou, sua voz um veludo.

Fiquei lá congelada como uma grande idiota estúpida. Eu decidi culpar o buraco no meu peito e meu pulso de cura, não o seu olhar sensual.

— Eu não vou a nenhum lugar até obter respostas — ele continuou, a voz firme.

Eu ensinei minha expressão. — Respostas? Para quê? Eu não sou um oráculo, e você não pode vir correndo aqui sempre que precisar saber qual pílula tomar. Eu aconselharei a vermelho, então talvez você leve esses óculos de xadrez azuis certinhos e veja o mundo pelo que é.

Ele deu um passo à frente. — Eu vejo o mundo pelo que é — ele sibilou. — Monstros correndo em todo o mundo, matando, mutilando, torturando sem qualquer justiça.

Eu olhei para ele, avançando para que eu pudesse envolver ele na minha nuvem de fúria.

— Você quer ver como são os monstros? — Eu sussurrei. — Você está no lugar errado, Buffy. Não vá procurar por vampiros, lobisomens ou demônios. A única coisa que eles têm em comum com os monstros é que a sua

depravação é por fora. Isso não é um monstro, é a realidade. Você quer um monstro —esconda-se sob sua cama, expulse o crucifixo real? Que tal você abrir um jornal, ligar a TV, fazer uma maldita pesquisa através de seus livros de história. Você encontrará seu monstro lá. — Eu gesticulei para o brilho da linha do céu, então inclinou-me para a frente ainda mais, de modo que sua respiração estava quente no meu rosto, sua fúria como um aquecedor. — Mas isso é muito assustador para assumir, então você nos persegue. Nós somos diferentes o suficiente que parece justificável matar-nos. Os seres humanos, por outro lado, são apenas muito parecidos com você para ser condenados e mortos. Com todas essas áreas cinzentas, você pode encontrar o pior monstro que você já encarou olhando para você no espelho.

Nossos olhares estavam trancados na intensidade do meu monólogo, a verdade pendurada no ar. Ou qualquer versão dela que estivesse mais próxima da realidade.

Os olhos dele giraram como um mercúrio. — Não estou aqui para debater a maldita depravação do mundo — ele resmungou finalmente. — Não, quero obter respostas reais. Não podemos ter vampiros correndo ao redor da cidade, drenando os seres humanos, bem como transformando-os. Então eu preciso saber quem está por trás disso.

Dobrei meus braços. — Quais drogas você tem tomado para pensar que, mesmo que eu soubesse, o que eu não acontece, eu iria dar com a língua nos dentes para um caçador de vampiros? O que fez você pensar que você iria sequer sair vivo daqui?

Ele deu um passo à frente novamente, tão perto que o seu batimento cardíaco na verdade fez meus dentes vibrarem, o gosto de sua proximidade rivalizando até mesmo com o sangue mais amargo. —Porque eu estive na sua presença três vezes — ele brincou. — Estive em torno de vampiros o suficiente para saber que duas vezes são demais. Você me mataria, você estaria morta.

Eu levantei a testa. — Eu estaria morta? Você certamente pensa muito em si mesmo. Arrogância aliada à estupidez é fatal, você sabe.

— Eu ainda estou respirando, não é? — Ele me perguntou, a voz rouca.

— Não me pergunte como — respondi.

Ele me encarou uma batida mais tempo antes que seu olhar fosse até minha boca, com os olhos encapuzados. Eu não conseguia ler mentes, mas estava certa de que ele estava considerando qual o meu gosto.

Ele se sacudiu, depois recuou uma vez mais. — Decidi assumir um risco calculado porvir aqui — ele disse depois que ele limpou a voz e a expressão dele.

— Você deve ser uma merda em matemática porque seus cálculos estão *por fora*. Na verdade, você seria uma pilha de sangue na esquina, se você tivesse aparecido há menos de três minutos. Meu irmão não gosta de humanos, e os matadores não duram um segundo ao seu redor. A menos que sejam muito mais bonitos que você. Então eles desejaram a morte antes do fim.

Ele curvou sua testa. — Como eu vejo, o fato de que eu o perdi significa que algo está funcionando aqui, fazendo-me pensar que eu fiz a escolha certa — ele observou.

— Embora eu lamente que eu não estivesse aqui quando ele estava, então eu poderia ter lhe dado o gosto de cobre por fazer isso. — Ele acenou com a cabeça para o meu peito, com a mandíbula tensa.

Eu ri. — E você faria o quê? Proteger minha honra? Se liga, matadorzinho. Ele é séculos mais velhos do que você, então eu inevitavelmente seria a única a proteger a *sua* honra.

Ele estreitou seu olhar. — Não parece comigo, como se você estivesse no topo.

Eu mudei meu olhar. — Querido, eu *sempre* saio no topo — eu ronronei.

Seus olhos cintilaram antes de se endurecerem. — Você vai me contar sobre vampiros transformando pessoas — ele ordenou.

Meu humor mudou e eu subi para frente, pressionando uma mão contra seu pescoço e outro em seu pulso, exercendo pressão suficiente para que sua faca encantada se esvaziasse inutilmente para o chão. Apertei o

suficiente para obstruir sua via aérea. — Você não entra na minha casa e me dá ordens — sussurrei. —Especialmente quando você tem alguma idéia deformada que você é uma combinação para mim. — Apertei mais forte. — O que você não é. Você faria bem em se lembrar disso.

Eu o soltei e ele voltou em um pé, sua respiração frenética enquanto seus pulmões sugavam o oxigênio de que tinham sido privados. Ele estreitou os olhos no chão. Eu segui seu olhar, pegando a faca antes que ele pudesse se mover. Apertei os dentes contra a dor que irradiava meu braço com o contato. Pressionei meu dedo na ponta. — Você tem uma bruxa com muita energia para encantar isso — eu disse, em relação à faca. A dor estava ficando perto de desconfortável, especialmente junto com as minhas feridas recentemente curadas.

Olhei para ver o seu olhar intencional sobre mim e a faca. Ele obviamente sabia o que devia fazer e como foi projetado para repelir os vampiros, mesmo que o tocassem. Quebrara pele e desenhar sangue significavam quantidades infernais de dor. Punção do coração ou do cérebrosignificava a morte.

Os membros não voltavam a crescer quando cortados com essas lâminas.

— Pequena arma estilosa — eu observei. — Tenho certeza de que você não pode escolher isso no Slayermart. Eu aposto que é valiosa. Uma herança de família, talvez?

Ele não disse uma palavra. Talvez ele não pudesse. Talvez eu tivesse espremido demais e danificado suas cordas vocais.

Minha culpa.

— Embora pareça que você está se separando muito disso, considerando que você deixou um pequeno ser humano pôr as mãos pegajosas sobre ela. — Eu fiz um som de desaprovação com a minha língua. — Você realmente deve prestar mais atenção em suas armas sobrenaturais e inestimáveis. Eu odiaria ver o que você fez com suas chaves. Eu fiz uma pausa, meus olhos se tornaram difíceis. — Eu também tenho certeza de que

provavelmente danifiquei seu orgulho de ter que voltar a cobrir a casa do clube com sua própria faca embutida na sua cintura, então você deve seguir com as ordens com cuidado. Melhor ainda, *nunca* me dê ordens novamente. Você não tem esse direito.

— Como diabos você ainda está segurando isso? — ele exigiu, horrorizado.

Eu sorri, joguei-o para a minha outra mão, de modo que a dor aumentou para os ossos que tinham acabado de se curar. — Oh, eu sou muito mais forte do que os pequenos vampiros com quem tenho certeza de que você está envolvido.Você está caçando um grande jogo agora, e você está bem fora de sua profundidade. Eu aconselharia você a voltar até a extremidade rasa antes de se afogar — avisei.

Ele apertou os dentes. — Eu não vou a qualquer lugar.

— Teimoso — eu observei.

— Determinado — ele respondeu.

Comece a encarar. Começou tudo de forma séria e parecido com a morte, mas em algum lugar nesse intervalo se tornou carnal. O ar ficou tão carregado ao nosso redor que não se conseguiria cortá-lo, nem mesmo com sua faca elegante.

Então não estávamos olhando fixamente. Estávamos nos beijando.

Não romance ou suave e doce. Foi um choque de nossas bocas e línguas. Ele provou amargo o suficiente para o que desejei mais. Ele tomou o controle na batalha. Eu deixei.

Por um momento.

Até que a explosão ecoou no meu crânio.

Batimento cardíaco.

Humano.

Desprendi-me imediatamente, atravessando o canto da sala, minha mão na minha boca.

Ele ficou ali, no meio da carnificina da minha sala de estar, com os olhos selvagens em mim. Eu tinha medo de que ele pudesse perseguir-me mais uma vez, mas ele não o fez. Ele ficou lá, olhando fixamente.

— Eu acho que é hora de você pegar isso. — Eu acenei com a cabeça para a faca no chão. — Você sabe a arma que tipos como o seu usam para lutar contra seus inimigos formais, também conhecida como: eu. E você sai. — Minha voz foi forte, firme, independente.

Ele permaneceu lá por um momento mais, congelado no lugar, o rápido aumento e queda do seu peito traindo sua emoção.

O meu estava preso. Isso, e eu não precisava respirar.

Então ele se moveu, pegando a faca e virando-se para a porta.

A batida de suas botas fez pouco para afogar seus batimentos cardíacos ensurdecedores. Ele parou na minha porta da frente.

— Isso não acabou — ele murmurou, baixo o suficiente para que ele soubesse que um ser humano não podia ouvir, masque eu poderia.

Então ele se foi.

07

— Ei, o Conselho de bruxa não queimou você ainda na fogueira, Marty? — Eu perguntei, enquanto me movia para baixo da Quinta Avenida, meu telefone grudado ao meu ouvido.

— Não. E não me chame assim, — Sophie sibilou.

Revirei os olhos debaixo dos meus óculos. Embora cobrissem metade do meu rosto, o sol ainda estava forte.

Eu *realmente* precisava dormir.

Levou tipo três horas para meus ferimentos curarem. E então mais duas para me sentir adequadamente recarregada. Parecia a velocidade humana.

Eu passei a maior parte do meu tempo no escritório, trabalhando. Eu não confiei em mim mesma para tentar tirar uma soneca. Eu tinha essa coceira estranha na parte de trás do meu pescoço como se alguém estivesse me observando. Como se eu estivesse bem atrasada para outra tentativa de assassinato.

Eu raspei meu pescoço distraidamente. — Tanto faz. Olha, eu preciso de uma informação. Você não está autorizada a rir dessa questão — ordenei.

— Não faço tais promessas.

Às vezes, era irritante como nós éramos parecidas. Suspirei. — Quão impossível é para transformar um humano?

Houve uma pausa e nenhuma risada. O que não era bom. O riso significava que a idéia toda era ridícula. Eu tomaria o sucesso do meu orgulho por uma garantia de longo prazo.

— Em um vampiro? — ela esclareceu.

Eu assenti.

Parecia ter sentido meu aceno de cabeça; talvez isso fosse parte de seus novos poderes de bruxa. Eu tinha necessidade de uma lista desses para que eu pudesse ver quais me adequavam para manipular.

— Quem te contou?

Eu me arrepiei. — Como você sabe que alguém me disse?

— Porque eu sei que, se você tropeçou em algum híbrido ou vampiro tentando transformar alguém, você não falaria tão calmamente, nem esperaria que eu risse. Estou deduzindo que foi uma dica que fez você me ligar.

Eu assobiei. — Você não é apenas um rosto bonito e uma bola de magia útil.

Eu senti seu escárnio pelo telefone.

— Então, é possível? Como pode ser? Sinto que, como vampira, deveria ter sabido sobre isso. — Sabia-se durante muito tempo, que 'transformar' os humanos estava no reino do fantástico. Alguns vampiros enlouquecidos tentaram em desespero depois que eles se apaixonaram por um humano e queriam compartilhar a imortalidade, mas você não poderia fazer alguém imortal. Você poderia matá-los tentando, no entanto. Foi tão ruim que, em um ponto, o Setor teve que proibir por completo.

Obviamente, alguém estava por aí quebrando as regras.

Normalmente, eu seria a primeiro a parabenizá-la, mas isso estava deixando um mau gosto em minha boca. E não era para fazer com o espancador da esposa que eu também tinha tomado para o café da manhã.

— Não. Pelo menos não foi até recentemente — Sophie respondeu. — Eu escutei murmúrios sobre isso, mas passou como lixo.

— Até? — Eu tentei, ouvindo algo em sua voz.

Ela suspirou. — Até que um cliente, um cliente humano, me fizesse procurar seu filho. Eu o encontrei esta manhã.

Ouvi um chocalho do que soava como uma gaiola no fundo e uma série de maldições.

— Você tem um *humano* preso? — deduzi.

— Não. Eu tenho um *vampiro* trancado.

— Diga-me que é um membro da minha família.

— Isla, acompanhe a conversa. Eu sei que você está ficando velha e senil, mas mesmo você pode somar dois e dois juntos.

Eu franzi o cenho. — Observe sua boca, jovem. Ninguém nunca ensinou você a respeitar seus anciãos?

— Somente todo mundo. E então, este vampiro inteligente e louco entrou na minha vida e me disse para acabar com todos.

— Merda — eu murmurei. — Eu disse isso.

Houve uma pausa quando juntei meus pensamentos.

— O vampiro que presenciei era, até três dias atrás, um humano — disse Sophie.

Parei tão abruptamente que um homem de terno com uma peruca entrou em mim.

Ele franziu o cenho de seu telefone. — Cuidado, senhora — ele grunhiu.

— Cuidado você, antes que eu decida que peruca é crime o suficiente para eu drená-lo seco — eu revidei, sorrindo com a presa.

Ele ficou branco e fugiu.

Voltei minha atenção para Sophie. — Agora, você está dizendo que você tem um maldito vampiro transformado acorrentado em seu escritório? — Eu não esperei sua resposta. — Eu estarei lá em dez.

***

O tinido do chocalho das barras e o silvo da boca do humano / vampiro misturavam-se para criar algum tipo de melodia perturbadora.

Comecei com a coisa selvagem, que estava batendo a cabeça contra as barras, olhos vermelho sem Sophie. Mais precisamente, o pescoço de Sophie.

Ela estava de pé ao meu lado, olhando o mesmo que eu. Não era humano; as presas alongadas e as córneas vermelho-sangue comunicaram isso. Também não era vampiro,apesar das presas e da sede de sangue óbvia. Em todos os meus anos eu não tinha visto um vampiro assim, até mesmo os loucos. Esta era uma abominação. Fiquei tentada a chamar de animal para a falta de qualquer forma de humanidade aos seus olhos, mas os animais eram naturais. Isso era algo inteiramente diferente. Meu corpo se revoltou da presença, meu sangue se curvando nas minhas veias.

— Existe alguma razão específica para você ter uma gaiola reforçada de aço sólido no meio de seu escritório? — Perguntei casualmente, observando como o assunto decidiu parar de esmagar sua cabeça, tentando arrancar as barras em vez disso.

Sophie virou a cabeça. — Você não gostaria de saber quantas vezes isso veio a calhar. Pago por si mesmo dentro de uma semana.

Seu escritório estava em uma área industrial do Brooklyn, aninhado entre armazéns e muito provavelmente lugares onde os golpes mafiosos ocorriam.

Era aconchegante.

A sala em que residia a gaiola foi decorada em Sophie pura. Em outras palavras, rock 'n' roll.

O armazém cavernoso era industrial, com vigas expostas e paredes de tijolos. O escritório de paredes de vidro no canto justapôs todo o tema, mas funcionou. Um tapete rolante e tela plana estavam em um canto da sala, uma enorme estante e uma cadeira bordada com a bandeira do Reino Unido na outra. As impressões abstratas espalharam as paredes, o meu favorito sendo um esboço de um pulso revestido de jóias segurando um dedo do meio.

Esquisito, a gaiola realmente se adequava ao tema inteiro.

— Está enfeitiçado? — adivinhei.

Ela assentiu.

— Como você o trouxe aqui? — perguntei, inclinando minha cabeça. Era como se parte de humanidade ou o pensamento consciente o tivessem deixado, seus olhos vermelhos vagos e frenéticos.

— Com amor, bons pensamentos e pó de fadas.

Eu girei minha cabeça para ela.

Ela sorriu. — Tudo bem, com um taser e talvez um pouco de mágica — admitiu.

Eu dei um olhar mais à gaiola. — Podemos falar em outro lugar? — solicitei. — Está me deixando louca.

Sophie assentiu e nós fomos para o escritório. Eu me afundei no seu sofá preto fosco, carregado com travesseiros de cópias contrastantes. Peguei com gratidão o uísque escocês que ela me ofereceu.

— Onde você o encontrou?

Ela se sentou em frente a mim. — Malditos esgotos. Drenando ratos. — Ela estalou o nariz. — Eu arruinei minhas botas de combate favoritas.

Eu me inclinei e apertei sua mão. — Vamos dar um momento para todos os acessórios perdidos na linha do dever — eu sussurrei, pensando no meu Jimmy Choo manchado de sangue.

Depois de um instante, pensei nisso. — Foi uma sorte que ele estivesse nos esgotos. Estou surpresa. Ele é quase louco de sedução de sangue, e deixá-

lo solto na população explodiria o gato sobrenatural fora da bolsa. Nenhum conselho, vampiro ou de outra forma poderia esconder isso e a multidão de corpos que criaria. Não na era dos telefones com câmera.

Esse fato me deixou desconfiada. Depois de quinhentos anos na Terra aprendi que não existia tanta sorte.

— Sim, é aí que isso fica estranho.

Levantei minha sobrancelha para ela. — É *aí* que isso fica estranho? O vampiro transformado com os olhos assustadores e o fato de que é o primeiro de seu tipo é apenas mais um dia no escritório para Sophie Walker?

Eu era apenas meio sarcástica; essa bruxa chegou a uma merda louca.

Por isso que éramos amigas.

Ela sorriu. — Me ouça. Ele estava contido, como se alguém o tivesse montado ali, certificando-se apenas de ter ratos suficientes para mantê-lo alimentado, embora não fosse suficiente para sustentar ele. Mas eles fizeram, mesmo que todos os outros vampiros não possam sobreviver em sangue animal. Eu não sei por quanto tempo ele esteve lá, ou se isso — ela assentiu através do vidro na direção da gaiola — é um resultado de ser trancado em um esgoto e morrendo de fome, mas estou pensando que não desde que ele não foi abandonado tempo bastante para que enlouquecesse. Estou supondo que a insanidade é um adorável efeito colateral de transformar um humano em um vampiro.

Respirei. — Sim, embora tenha sido feito agora.

Ela assentiu com gravidade, sabendo que isso era algo fundamental para nossa raça, e a raça humana por procuração. Se descobrissem que os seres humanos poderiam ser transformados, não só acabaria com milênios de crença, mas eu aposto que isso resultaria em muito mais dos monstros de olhos vermelhos correndo.

É por isso que ele não poderia sair.

Eu já tinha uma teoria de por que eles tinham sido criados, e por quem.

— Você os encontrou? Quem o estava segurando?

Era pedir demais, sério, apanhar não só o primeiro humano transformado em vampiro antes que ele pudesse se tornar infame, e aquele que o criou.

Sophie balançou a cabeça. — Não. Mas eu estou pensando que eles podem nos encontrar desde que seu animal de estimação está desaparecido.

Fiquei de pé, esvaziando o copo. — Bem, isso é bom, já que podemos matá-los e imaginar que este dia nunca aconteceu. — Eu só poderia desejar, mas havia um pouco mais do que um por cento de chance de que isso não estava conectado à tarefa atual em que eu estava. Eu realmente não precisava estar assim. Isso estava se tornando complicado o suficiente.

Sophie ficou parada, parecendo surpresa. — Você quer matá-los e enterrar isso?

— Bem, dã. Não é assim que você quer jogar? Você quer tentar enfeitiçá-lo e transformá-lo de novo? Você pode fazer isso, mesmo com sua nova energia? — Eu vagueei para seu bar do escritório, contemplando outra bebida.

— Já tentei — admitiu Sophie. — Nada. A única coisa que fiz foi arrasar seriamente comigo mesma. Acabei de imaginar que você gostaria... Não sei, contar a alguém. Então teríamos que lutar com isso.

— Dizer a quem? — perguntei. — Todos os meus amigos na comunidade de vampiros com quem eu sou tão leal? — Eu parei, pensando no rei vampiro do rei sexy como o pecado, eu tecnicamente deveria contar sobre isso.Então eu me concentrei no assassino mais sexy que o mais santo que apareceu no meu apartamento, falou sobre esta situação e depois me beijou. Meus lábios flamejaram na memória e eu a afastei. Não era hora.

A hora era nunca.

Nem o rei nem o caça vampiros estavam chegando perto disso.

Eu me virei. — Você estava testando sua mágica nova e modernosa sem mim? — Eu abaixei. — Por favor, diga-me pelo menos que você explodiu algo, ou alguém.

Ela riu. — Não há tal luxo. Preciso manter isso baixo, lembre-se.

— Ah, sim. Que maçante.

Ela curvou sua sobrancelha. — Nós temos certeza de que *maçante* é a palavra que vamos usar agora?

Dei de ombros. — É tudo relativo. E isso pode ser um toque mais de emocionante. Ele já está em uma cela. É como pegar um peixe em um barril.

Uma queda de metal e tiroteio soou abaixo enquanto gritos ecoavam pela escada.

Sophie revirou os olhos. — Você só precisou dizer isso, não foi?

Eu sorri e abaixei meu copo. Sophie vagamente drenou o dela e empurrou o sofá a um ritmo lento.

— Quantos? — ela perguntou informalmente.

Concentrei-me nas vozes aproximando-se e batendo as botas nas escadas. — Eu diria quatro — respondi.

— Sobrenatural?

Eu balancei minha cabeça. — Humanos. — Os batimentos cardíacos eram vibrações macias contra os sons irritantes abaixo, mas eles eram inconfundíveis.

Sophie suspirou. — *É* como pegar peixe em um barril. — Ela deu um passo adiante lentamente. — Eu acabei de reformar meu escritório. Podemos tentar não quebrar nada?

Eu assenti vagamente enquanto eu focava a coceira da coluna vertebral, congelando quando uma batida ecoada afugentou o som deles batendo na última porta.

— Caçadores de vampiros — eu disse às costas de Sophie.

Ela se virou, sua boca se curvando. — *Seu* matador?

— Ele não é *meu* matador — eu gritei.

— Claro — ela provocou. — Se ele fosse levá-la para um encontro, ele poderia apenas ter dado um toque, ou ele tem uma queda para o dramático?

Eu fiz uma careta e a empurrei para trás. — Cala a boca e vamos pegar a carne do matador.

Sua réplica ficou perdida quando os homens entraram na sala. Seu andar era fácil, medido, embora os quatro tenham mantido seus corpos e suas armas esticadas. Meu olhar os rastreou em um milissegundo. Todos encorpados e musculosos, de diferentes alturas e raças. Os seres humanos eram muito de uma grandeza, versões de produção em massa entre si. Menos *ele.*

Thorne estava dirigindo a pequena tripulação. Seu olhar azul-gelo se instalou em mim e seu corpo empurrou antes de educar sua expressão, apertando a garganta na arma pendurada no seu lado.

Embora ele tenha apagado seu rosto, seus olhos estavam trancados em mim. Eletricidade parecia saturar o ar enquanto a memória de seus lábios nos meus surgiu.

— Vocês estão procurando o clube S & M?— A voz de Sophie soou de meu lado. — Você entendeu errado. Fica ao lado. — Ela sorriu.

Eu me afastei do olhar magnético e estóico de Thorne para considerar o pelotão assassino. Todos eram atraentes, no convencional, sem pescoço, do tipo 'eu como esteróides no café da manhã'. A maioria estava usando camisetas e uniformes militares apertados. Menos Thorne, que estava vestindo aqueles jeans desbotados que faziam coisas maravilhosas para o seu traseiro.

Focus, Isla.

O matador que estava ao lado de Thorne me deu uma pausa; ele não estava vestindo a aparência de odioso como o resto deles. Seus olhos azuis estavam rígidos e focados, mas uma sombra de um sorriso tocou o canto de sua boca.

Ele era jovem. Muito jovem. Ele parecia quase velho o suficiente para beber, e como se ele pertencesse ao ferro de bombeamento da Califórnia na praia de Veneza. Seu cabelo loiro ardiloso era artisticamente em estilo em

picos em toda a cabeça, sua pele bronzeada apenas um pouco demais para ser matizada por coisas naturais como a luz solar. Seu tanquinho mergulhava muito baixo, expondo um peito musculoso e sem pelos. Ele tinha óculos de sol presos ao acaso no topo.

Eu balancei a cabeça com uma sombra de sorriso e depois mudei para Thorne. — Esta coisa perseguidora está ficando brutalmente assustador, cara. Além disso, acho que os perseguidores devem ser sutis e invisíveis. Atirar no lugar e trazer seus quatro companheiros ratos de academia meio que destrói o propósito — falei de forma suave.

O maxilar de Thorne apertou, mas ele não disse nada. Seu amigo sem pescoço o interrompeu.

Aquele se levava muito a sério.

— Você conhece essa sanguessuga, Thorne? — ele sibilou com desgosto.

Inclinei a cabeça. — Você não contou a seus amigos sobre mim? — Coloquei uma mão no meu peito. — Agora isso é simplesmente doloroso. — Eu considerei o assassino de cabeça calva. — Thorne e eu somos amigos.

O homem estreitou os olhos. — Por que ela ainda tem uma cabeça? — ele gritou com fúria.

— Irmão... — Thorne começou.

— Eu vou corrigir isso agora — grunhiu Sem Pescoço. Então uma faca atravessou o ar.

Peguei-a pelo cabo a centímetros de minha testa.

Eu sorri para Sem Pescoço, então para Thorne. — Eu gosto dele — decidi. Lidar com lançamento de facas em vez de amenidades era uma maneira de impressionar.

Eu joguei a faca em minhas mãos, escondendo o desconforto que veio com o movimento.

Os caçadores de vampiros ficaram obviamente surpresos com o fato de que eu poderia fazer isso, suas máscaras escorregando ligeiramente com descrença. Além de Thorne, cuja expressão ainda era esculpida em mármore.

Sophie estava sorrindo ao meu lado.

— Não seja muito difícil com ele, amigo — eu dirigi-me a Sem Pescoço. — Ele tentou e falhou, muitas vezes. — Eu não sabia por que estava mentindo por Thorne. Mentir era fácil para mim, mas era geralmente para me beneficiar, e não para outros. Não, sempre me beneficiava, e nunca humanos. Nunca matadores.

Havia uma primeira vez para tudo, obviamente.

—Eu sou mais rápida, melhor, mais forte e mais incrível do que qualquer assassino. É apenas um fato da vida. Ou morte, no meu caso. — Eu joguei a faca de volta para ele com uma velocidade vertiginosa. Isto era uma espécie de experiência para ver se seus reflexos eram rápidos o suficiente. Ele iria pegar, ou a faca se incorporaria no crânio. Gostaria de esperar o último.

Ele tentou com isso, mas impediu que ele acabasse com sua vida. Justo.

— Você deveria ter mais cuidado com aquelas lâminas extravagantes — eu instruí. — Eu tinha a impressão de que elas eram um pouco raras e importantes em todos os caçadores de vampiros como parte de sua descrição do trabalho, e você parece perdê-las mais do que eu perco minhas bolinhas de gude. —Eu dei uma piscadela. — O que é freqüente. Você conhece esses tumultos em Londres? Tudo eu.

Sophie soltou uma risada sufocada enquanto a criança musculada cedia a um pequeno sorriso. O resto deles não abriu um sorriso.

Thorne deu um passo à frente, olhos brilhando. — Basta — ele resmungou.

Eu fingi que a raiva pura e a autoridade em seu tom não me deixou um pouquinho excitada.

— Você está certo. Nós temos coisas para fazer, e tenho certeza de que você tem vampiros para matar. Agora que estabelecemos, sou demais para

você, é hora de correr e deixar os adultos voltarem aos seus empregos — eu disse.

O ruído da gaiola atrás de mim lembrou-me o trabalho urgente.

Todos os olhos foram para ele. Os olhos do pequeno se arregalaram, como se fosse a primeira vez que ele notou a enorme gaiola de metal no centro da sala. No entanto, eu era bastante chamativa, então eu entendi enquanto roubava o show.

— Não se importe com ele — Sophie entrou. — Ele é irritante se ele não recebe o café da manhã.

Thorne deu um passo à frente novamente, assim como seu bando, que apertou as garras nas suas armas.

Sophie e eu ficamos relaxadas, mas notei o leve brilho na mão direita. Ela estava pronta para atacar estes cinco tipos para bem longe, antes que eles pudessem dizer 'buh'.

Thorne não estava focado nisso, seu olhar de aço sobre mim.

— Você mentiu, porra— ele resmungou.

— E? — Eu perguntei, sem entender por que isso era um grande problema. — Espere, sobre o que eu menti? Quinhentos anos é muito tempo. Não consigo acompanhar todos eles.

Ele voltou mais uma vez, mais perto do que estava confortável, a mão de Sophie ardeu mais brilhante e os homens atrás dele perceberam, levantando suas armas. Os olhos de Thorne ainda estavam mim, como se nada mais na sala fosse importante.

Ele apontou o queixo atrás de mim. — Sobre ele.

Eu virei a cabeça; A coisa tinha um braço imundo estendido, como se estivesse alcançando Thorne. Ele podia, obviamente, cheirar o sangue, muito longe, para perceber que essa refeição em particular seria a sua última se ele se apegasse à deliciosa e duradoura carne do pescoço de Thorne. Ou seria? Perguntei-me ociosamente se essas coisas morreriam de beber sangue de caça-

vampiros. Se eu tivesse tempo, eu jogaria Sem Pescoço na gaiola para realizar um experimento.

— Você disse que não sabia sobre vampiros transformados. Você fodidamente se recusou a acreditar que eles sequer existissem. —Sua respiração e o peso de suas palavras flutuavam pelo ar. Eu podia provar sua fúria - amarga e deliciosa. — Você é uma das melhores atrizes — ele acusou.

Eu estraguei o nariz antes de considerar Thorne mais uma vez. — Obrigado, mas a Academia nunca me reconheceu. Um enorme descuido de sua parte. — Eu suspirei dramaticamente quando tornou-se evidente que ele não me achou divertida. Parecia que seus amigos iam começar a atirar se eu não cortasse a perseguição. — Eu não sabia sobre isso — assenti com a cabeça para a gaiola — até cerca de trinta minutos atrás, e você não é exatamente o primeiro na minha discagem rápida. Na verdade, eu nem tinha seu número. Eu duvido que procurar 'matador de vampiros mal-humorado e genial' nas página amarelas funcionariam. — Eu fiz uma pausa. —Ou talvez sim.

— Você está esperando que eu acredite nisso? — ele sibilou.

Suspirei novamente. — Francamente, não dou a mínima sobre o que você acredita ou não. Se te mantém quente à noite pensar que um grande homem alegre com problema de peso desce da sua chaminé e vê você dormir, faça isso. Mas eu tenho coisas para fazer, então, faça esse show em outro lugar. Aposto que vocês poderiam fazer uma matança numa festa de despedida de solteiros. — Eu abaixei as sobrancelhas para o garoto. — Apenas uma sugestão.

— Nós não vamos sair sem ele — ele declarou com força.

Eu me ericei. — Desculpe, temos direitos. Nós o encontramos primeiro. Quem acha, guarda, quem perde, chora. Mais sorte da próxima vez.

Seus olhos baixaram com fogo. — Ele não é um maldito objeto — ele sibilou. — É um ser humano.

Eu pisei para trás para que o resto de seu bando pudesse dar uma boa olhada. — Vocês acham que *isso* é um ser humano? Olhe bem, rapazes. — Deixei seus olhares rolarem na coisa de olhos vermelhos, presas longas que

tinha manchas de sangue ao redor de sua boca e uma trilha de gotejamento vermelho de sua testa. A camisa de botão branca que ele usara na vida estava rasgada e manchada com eu não quis saber o quê. Nada sobre isso traía qualquer senso de pensamento consciente.

— Isso não é um ser humano — declarei. — Isso não é sequer um vampiro. Esse é um animal que é perigoso para aquela mesma raça que vocês ficam entusiasmados em proteger. Portanto, ele precisa ser abatido.

Thorne agarrou sua arma. — Você não vai matá-lo. Essa é uma *pessoa*. Vamos levá-lo.

Eu me endireitei enquanto os homens atrás dele avançavam, preparados para uma briga.

Levantei minha testa. — Você e que exército?

Sem Pescoço zombou. — Uma vampira e uma bruxa pequena? Vocês não têm nenhuma chance.

Eu sorri. — Oh, é tão bom ver que a confusão misógina tem suportado poucos movimentos como o feminismo. Isso torna as coisas muito mais interessantes.

Eu dei uma olhada a Sophie.

Ela sorriu. — Você tem certeza de que não quer correr e treinar as pernas, beber um shake protéico? Última chance — ela ofereceu.

Sem Pescoço olhou para ela, dando um passo à frente.

As mãos de Sophie ficaram ainda ao seu lado, mas um dedo se empurrou.

Sem Pescoço congelou a meio passo, sua bota de combate pairando no ar. A única coisa que se moveu foram seus olhos, largos em seus soquetes enquanto eles se lançavam em pânico.

Sophie ficou sorrindo enquanto os homens ao seu redor estavam lentos para se aproximar, olhando entre ele e Sophie, confusos.

Outro idiota tinha suas calças de combate em torno de seus tornozelos. Eu engasguei um riso quando suas cuecas brancas apertadas foram reveladas.

Ela inclinou a cabeça. — Cuequinhas apertadas. — Que surpresa! — declarou sarcasticamente. Então seu olhar se moveu para baixo em suas pequenas crias. — Você deveria ter levado seriamente minha oferta — acrescentou. — Você realmente não deve ignorar o pior dia da semana.

— Os truques de estúdio não vão te salvar — o homem ao lado dele sibilou, dando um passo à frente com o seu levantamento de armas.

Sophie voltou a tocar sua mão e todas as suas armas voaram em várias decorações, atravessando o ar para flutuar na frente dela, apontando para os proprietários anteriores.

— Você está totalmente certo — disse Sophie docemente. — Os truques de estúdio não irão salvá-lo. Arrogância e estupidez certamente não vão.

O ar estava cheio de tensão enquanto os olhos irritados se acomodavam em Sophie. Eles não eram burros o suficiente para se mover.

O olhar de Thorne estava vazio enquanto ele olhava para Sophie, então para mim, segurando sua própria arma que não conseguiu voar para longe. Perguntei se isso era deliberado de Sophie. Ele estava medindo a situação calmamente. Ele não era estúpido.

— Vê sobre o que eu estava falando? — Eu perguntei a ele. — Pelo menos se você não estivesse tão pronto tornando-se o inimigo sobrenatural número um. Não só você iria para todos as boas festas, mas você provavelmente teria uma vida mais longa. — Eu dei uma olhada. — Como isso é, você está determinado a invadir festas que não foi convidado, fazendo exigências que você não tem o poder de reforçar, e então você é superado por duas mulheres.

Ele olhou para mim, depois focou em Sophie. — Você não quer matá-los. Eles são humanos.

Ela olhou para ele. — Humanos que esmagaram um escritório que acabei de remodelar. E o mutilaria só por isso. — Seu sorriso se intensificou. — Oh meu Deus. Você é o matador — ela exclamou, seus olhos se iluminando.

Olhei para ela. — Não agora, Sophie.

Ela riu. — Eu entendi totalmente. Ele é sexy — ela disse com apreciação.

Thorne ficou rígido.

Antes que as coisas pudessem ficar mais feias, uma explosão abalou o prédio e enviou a todos pelos ares. Isso não teria feito assim comigo por causa do meu saldo sobrenatural superior e porque eu era incrível, mas não era uma explosão natural. Assim, eu puxei o mais distante, concentrada no centro da gaiola de aço.

Minha espinha trincou quando o impacto esmagou os ossos e minha cabeça chicoteou de volta, sacudindo minha consciência.

Eu desmoronei no chão com uma quantidade moderada de dor, mas ainda consciente, o que era mais do que eu poderia dizer para meus irmãos humanos. Meu olhar preocupado encontrou Sophie inclinada a dois metros de distância de mim, apenas relaxando quando seu batimento cardíaco apagado me assegurou de que ela não estava morta.

A batida ecoando no fundo da minha mente permaneceu, mas ainda me encontrei colada a Thorne parar ter certeza de que ele ainda estava vivo. Seu grande corpo estava meio reto contra a parede do escritório de Sophie. Ele havia quebrado o vidro no impacto.

Sophie ficaria tão chateada com isso.

E a explosão em geral, que a pegou desprevenida.

E a mim, que estava chateada para admitir. Eu estava muito ocupada concentrando-me no humano estúpido cujos batimentos cardíacos obviamente afugentaram o pensamento coerente.

Eu me levantei, ignorando as dores de tiro na minha coluna enquanto eu fazia isso. Meu olhar estava focado nos quatro vampiros e na bruxa que se pavoneava pela porta.

Em um em particular.

— Earnshaw, que legal você dar uma passada, — eu disse docemente. Eu não traí um milésimo de surpresa, mas eu estava. Ele era de uma linha de Veia da classe média, não importante o suficiente para ser qualquer um. Ou assim eu pensei. Minhas preocupações anteriores se concretizaram com sua presença.

— Agora esta é uma festa. Não era a lista de convidados que eu escolheria, mas ainda assim.

Os matadores espalhados pela sala começaram a se mexer, a maioria pulando e começando as posições de batalha.

Incluindo Thorne.

Sophie ainda estava inconsciente e isso me preocupava, especialmente com o olhar escuro da bruxa sobre ela. Não duvidava que ela estivesse trabalhando para manter Sophie.

Engoli a preocupação do meu amigo, esperando que ela pudesse cuidar de si mesma e foquei em Earnshaw.

Ele certamente estava focado em mim, seus olhos negros se estreitavam de desgosto. — Eu lhe disse que eu estaria dando-lhe o que estava vindo para você, puta falsa — ele cuspiu.

Inclinei a cabeça. — Olá para você também. Você parece bem. Lanchar mais crianças faz maravilhas para essa aparência. Eu não posso dizer que isso vai fazer bem para essa coisa preta, horrivelmente enrugada que tem sorte o suficiente para ser sua alma — respondi.

As engrenagens estavam funcionando na minha mente. Ele era um excelente candidato para a nova revolução. Alguém cruel, estúpido da crença de que ele era o presente de Satanás para o vampiro, apesar de sua linhagem pobre e aparência menos impressionante.

— Você é tão convencida, pensando que salvar uma criança humana vai fazer qualquer coisa, exceto trazer sua morte final muito mais rápido — ele sibilou.

Eu assisti o corpo de Thorne virar quando ele pegou o significado por trás das palavras de Earnshaw. O olhar dele ficou enegrecido com as costas de Armani vestidas pelo vampiro.

Earnshaw não estava focado no assassino, no entanto. Felizmente. De jeito nenhum Thorne seria capaz de levá-lo em seu estado atual, embora eu soubesse que ele tentaria se vingar do vampiro que tentou matar sua irmã. Os seres humanos eram grandes em tais coisas.

— Você acha que *você* é quem vai trazer minha morte final? — Eu ri. — Eu acho que você esqueceu de que a última vez que nos encontramos, arruinei um par de sapatos. Por enterrá-los em seu rosto e demonstrando o quão fácil é para eu oferecer sua morte final. — Olhei para os outros três vampiros, parecendo mortos ainda, como era sua natureza, seus olhos predadores em cada matador no qual eles decidiram ficar na frente. Eu não reconheci qualquer um deles. Soldados, eu adivinhei, provavelmente, de segunda classe da Linha de Veia. Descartáveis. Os assassinos acima mencionados estavam agachados, prontos para atacar, apesar de apenas alguns deles terem armas.

Meio que culpa minha. Olhei para eles espalhados pelo corpo propenso de Sophie, sobre o qual a bruxa circulava enquanto murmurava.

Ignorando Earnshaw, lancei-me para o lado, com a intenção de quebrar o pescoço da bruxa. Nós tínhamos o suficiente para lidar sem que ela murmurasse maldições para fazer tudo muito mais complicado. Além disso, ela era responsável por aquela pequena explosão e me irritou imediatamente. Era por isso que ela tinha que morrer.

Meus movimentos teriam sido pouco mais do que um borrão para os olhos humanos. Earnshaw era muito lento e burro para me impedir, e duvidava que ele esperasse.

Mas, assim que cheguei à bruxa, bati numa parede invisível e uma mão de garras espremeu meu coração.

Ela se virou, revelando um rosto pálido e bonito. Lábios vermelhos corados com a cor de sangue, uma cortina de seda preta caindo pelos ombros dela.

Ela sorriu, a beleza cintilando por apenas um momento, o tempo suficiente para eu vislumbrar seu verdadeiro rosto. A pele enrugada e fina em papel, pontilhada com manchas de idade e olhos vítreos, uma boca cheia de morte apodrecida.

Tinha desaparecido novamente quando ela pisou em minha direção, seu longo vestido preto arrastando ao chão.

Eu mexi contra as mãos invisíveis, a profundidade de seu poder pulsando através de mim. Ela o tinha mascarado até esse ponto. A magia negra tinha uma qualidade amarga, podre e suja. O gosto da morte. A morte era a única coisa que tornava possível essa magia. A morte de inúmeras pessoas, e o acordo para a alma da bruxa quando ela se entregasse ao abismo das artes das trevas.

A morte me envolveu quando a mão espremida mais apertada, um som estrangulando em erupção da minha boca enquanto lutei contra a magia.

Ela era velha. Muito possivelmente mais antiga do que eu. O que não era um bom sinal.

Antigas bruxas, especialmente as que praticavam magia negra, podiam teoricamente matar um vampiro.

O gelo no meu sangue e a pequena ruptura das células no meu corpo, pequenas mortes, todos eles estavam comunicando isso.

O eco dos calcanhares de Earnshaw soou através da sala coberta de morte enquanto ele fazia o seu caminho até mim.

— Seu excesso de confiança sempre foi terrivelmente pouco atraente, mesmo quando estávamos crianças — ele afirmou, sua respiração quente no meu rosto.

Earnshaw tinha ido a Mortimeus, a antiga escola que ainda operava nas planícies da Sibéria. O único lugar para o qual qualquer criança vampiro que tinha uma linhagem ia. Earnshaw nunca foi popular porque seu sangue não era tão puro como a maioria do resto da classe.

Isso, e ele era um total babaca.

— Seu rosto sempre foi assustadoramente atraente — eu sibilei.

Eu lutei interiormente enquanto sua mão de dedos longos seguia o lado de meus quadris, escovando meus seios. — Não importa o quão desejável você seja, você sempre será repulsiva para os *verdadeiros* vampiros. Sua morte me fará um herói. — Ele olhou para a gaiola. — Entre outras coisas.

Até então, eu estava preocupada com a dor da magia negra pulsando através de mim que eu não tinha notado o silêncio. O completo silêncio.

O olhar de todos na sala, incluindo Thorne, cujo olhar pesado tinha estado em mim, foi para a gaiola.

O animal dentro dele não era mais selvagem. Estava parado, como estátua, seu rosto em branco e seus olhos vermelhos focados em Earnshaw.

Eu pensei que a batida selvagem e carnal tinha sido perturbadora, mas isso, isso foi pior.

Especialmente porque eu sabia o que isso significava.

— Você é o criador dele. — O arrepio frio da percepção se instalou sobre o que isso significava.

Earnshaw bateu palmas, o som saltando das paredes de concreto em uma provocação.

— Sim, Isla. Eu sou o primeiro vampiro existente para transformar um ser humano.

Eu zombei do olhar orgulhoso de seu rosto. — Você não vai receber medalhas, psicopata — eu sibilei com os dentes cerrados. — Isso não é um vampiro. Ou um humano. Você conseguiu poluir nossa raça mais do que eu poderia. Isso é uma abominação.

Ele deu um passo à frente, seus olhos cintilando de fúria. — Não, isso está salvando nossa raça — ele murmurou. — Estou criando soldados que responderão a um mestre e destruirão aqueles que nos fazem oposição com ferocidade inflexível.

Eu apertei meu olhar para ele. — Você nunca vai fazer nada desse tipo. Vampiros insanos nunca fazem os livros de história. Mas eles morrem. Muito. Aqui estou esperando que eu seja a que vai fazer isso acontecer.

Earnshaw não era mestre. Ele era uma cobaia. Quem estava executando o show era suficientemente inteligente para usar alguém descartável e iludido o suficiente para tentar tal coisa.

Ele sorriu para mim, suas presas alongadas ligeiramente. — Como você vai me matar quando você já vai estar morta?

Seus olhos se moveram para a bruxa, e houve uma queda forte quando a gaiola foi destrancada. Eu observei enquanto a criatura se movia, quase deslizou, em direção a Earnshaw e a mim.

O cheiro de morte e o sangue rançoso se intensificaram quando ele parou, um olhar vazio em Earnshaw.

— Mestre — grunhiu, voz crua e distorcida, como se não pudesse saborear a palavra devidamente.

Earnshaw acariciou o cabelo emaranhado e sujo que já havia sido loiro, depois se virou para mim. — A causa vai ganhar. O mundo queimará. E os vampiros que são traidores da nossa raça serão punidos. Vamos assumir o nosso devido lugar como governantes.

Eu lutava contra a dor para sorrir. — Esse é um pequeno discurso bacana. Você o escreveu você mesmo? Aposto que eles fizeram você praticá-lo na sede antes que eles deixassem você sair.

Ele me revirou com uma velocidade que eu facilmente poderia esquivar se não estivesse paralisada pela mágica da bruxa. Por assim dizer, o impacto enviou meu corpo se precipitando no chão.

A dor era quase perceptível contra qualquer outra coisa no meu sistema, mas o gesto em si era importante. Earnshaw estava tentando mostrar sua força. Embora a força fosse não o que esse gesto significava; era fraqueza. Como se estivesse tomando um humano desamparado e transformando-os... Nisso.

— Bater-me quando você tem a sua bruxa de estimação me tornando imobilizada é bastante semelhante a progredir em crianças humanas indefesas. Um pouco patético, — eu sibilei. Eu estava tentando atrapalhá-lo para que a bruxa me libertasse. Então eu poderia matar o imbecil, e então talvez ele parasse de falar.

Ele ficou acima de mim, sorrindo, seu olhar viajando pela sala para os assassinos estóicos. Thorne estava nos observando, respirando pesadamente através de dentes cerrados, as veias em seu pescoço pulsando. Sua fúria misturada com a morte no ar.

— Talvez não a matemos... Ainda — meditou Earnshaw. — Eu acho que preciso notificar o movimento de quão depravado seu relacionamento com os humanos se tornou. Na companhia de caça vampiros — ele cuspiu. — Mesmo para você, isso é desprezível. Eu gosto de ser parte de qualquer que seja o castigo que o mestre evocar por tal traição.

Ele olhou para a bruxa, dando-lhe um rápido aceno com a cabeça, antes de virar o calcanhar.

Eu lutei para me levantar, o peso da magia ainda era uma força de dor principal, tornando-me pequena, mais do que paralisada.

— Mate-os todos — ordenou Earnshaw aos vampiros de frente para os matadores.

Ele me deu um último sorriso. — Eu vou te ver em breve — prometeu.

Então, ele, seu animal de estimação e a bruxa foram embora.

Recebi a rápida saída de Earnshaw, mas a bruxa era intrigante. Eles não podiam desaparecer em puffs de fumaça, nem tinham a velocidade aumentada que os vampiros tinham.

Preocupante.

Mas, pelo menos, eu não estava paralisada com dor excruciante e tinha controle sobre minhas funções motoras.

O baque de carne contra carne, grunhidos e o cheiro de sangue fresco me fizeram saltar na vertical.

Os matadores estavam de frente com os vampiros restantes. Mesmo sem as armas deles eles não estavam fazendo muito mal. Sem Pescoço com a faca estava bem, e Thorne estava segurando a sua própria, mas o resto provavelmente morreria.

Se eu não fizesse alguma coisa.

Mordi o lábio e olhei para Sophie. Ela ainda estava imóvel, mas respirava.

Eu olhei de volta para a luta.

Será que eu realmente vou salvar os matadores? Quero dizer, eu fiz algumas decisões questionáveis e nunca me encolhi com o vampirismo convencional, mas isso estava afundando.

Earnshaw já estava fugindo para seu mestre, se eu não o pegasse primeiro. Eu poderia deixá-los ao seu destino e rastrear Earnshaw para descobrir quem era o — mestre —, ou pelo menos matá-lo antes do meu segredo sujo ter saído. Seria a coisa inteligente a fazer.

O garoto deu um golpe selvagem no peito e avançou atrás de mim antes de se amassar para o chão.

— Foda-se — amaldiçoei, então estendi o braço para impedir que o vampiro começasse a acabar com o filho.

Meu braço virou-se ligeiramente sobre o impacto, o que o mandou de volta uns centímetros.

Os olhos do vampiro brilharam com desgosto.

— Traidora da raça — ele sibilou.

Eu revirei os olhos. — Venha com novos insultos, por favor. — Eu pisei e agarrei seu pescoço, então começou o trabalho nojento de separar sua cabeça.

Uma vez que ele estava deitado em duas partes abaixo de mim, eu comecei a me condenar mais aos olhos de tudo o que era profano.

O resto dos vampiros eram jovens. Estúpidos. Fracos. Mesmo me recuperando da mágica da bruxa, eu pude vencê-los. Claro, eles conseguiram alguns golpes de sorte e estragaram meu cabelo, mas foi trabalho de criança.

Depois de eu acertar o último pescoço, os sons ensurdecedores da batalha diminuíram em um aumento, como se um vácuo tivesse sugado todo o som da sala.

Os caçadores de vampiros sangrando estavam espalhados pela sala, respirando pesadamente. Sem Pescoço estava segurando o braço contra o peito, o que sugeriu que estava quebrado. O osso saindo da pele também foi uma doação morta. Parabéns para ele, porém; ele ainda tinha que fazer um som, mesmo que seu rosto se encolhesse ligeiramente com uma careta de dor.

Os outros dois estavam de pé um pouco atordoados, olhando para os corpos no chão em confusão.

Idiotas.

O ar mudou, o golpe que tinha sido o pano de fundo de todo esse evento tornando-se ensurdecedor.

Thorne estava na minha frente, parecendo ligeiramente sinuoso, mas de outra forma ileso. E totalmente sexy.

Olhei para a forma como a camiseta se agarrava aos seus abdominais antes de me lembrar que não era o melhor momento para me perguntar que gosto teriam. O nevoeiro da morte era pesado sobre a sala, pulsando com o seu peso.

Por outro lado, talvez este fosse precisamente o momento. Meu estômago formigou com o pensamento.

— Você está bem? — Ele me perguntou, seu olhar tremendo por mim com preocupação.

Eu fiz uma careta para ele. — Eu sou imortal. Minha cabeça ainda está ligada ao meu corpo? — Eu não esperava uma resposta à minha pergunta retórica. — Então eu estou bem. — Meus olhos se dirigiram para o canto da

sala. — Embora eu não possa dizer o mesmo do seu amigo. Ele parece estar sangrando

— Eu adicionei com um tom entediado, tirando o pó da minha jaqueta. Era de marca, porra. Se ela manchasse, eu ia cuspir fogo naqueles cretinos.

Ele se moveu rapidamente, e eu tentei o meu melhor para não babar no movimento fluido de seus músculos salientes. Ele estava todo suado e coberto de sangue pela luta. Lambi meus lábios.

— Pelo amor de Deus, Isla — ele gritou, pressionando sua mão no ombro de seu amigo irritante. — Uma ajudinha?

Eu revirei os olhos e me mexi para o canto da sala, pisando com um corpo gemendo enquanto ia. Não tinha decapitado todos os vampiros, apenas quebrei o pescoço; geralmente tornavam-se imóveis para uma quantidade decente de tempo, mas aquele estava se curando muito rapidamente.

Ele ainda ficaria paralisado por pelo menos outros vinte minutos. Meu calcanhar pode ter deslizado em sua palma, e ele emitiu outro grunhido de agonia. — Isso é pela minha jaqueta — informei a ele.

Thorne olhou para mim, toda preocupação desaparecendo de suas características. Somente irritação e ódio permaneceram. Bom. Eu poda lidar com isso. A preocupação e o calor eram preocupantes e um pouco inquietante; Nós éramos inimigos imortais, afinal de contas.

— De qualquer forma, mova-se a um ritmo vagaroso — ele resmungou. — Não é como se a vida dele está pendurada por um fio.

Revirei os olhos novamente, dobrando-me cautelosamente para escapar do pior do sangue. Isto não era como se eu estivesse tentada a morder ou a qualquer coisa; seria preciso uma fome muito grande para esquecer o sangue assassino igualado a morte dolorosa e lenta. Não, eu simplesmente não queria minha jaqueta arruinada.

— Por que coisas assim acontecem nos dias que eu uso branco? — Eu perguntei a ninguém em particular.

Tanto ele como seu amigo pálido me encararam. Parecia que ele poderia tentar colocar uma estaca em mim ali mesmo.

— Tudo bem, tudo bem, não pegue suas calças em um monte, meninos. Vocês humanos são sempre tão sérios sobre feridas mortais. — Eu afaguei a mão de Thorne, inspecionando o garoto. Ele teve o azar de ser esfaqueado com a própria lâmina, pelo jeito. Ou isso, ou os vampiros haviam levado suas próprias armas. Os vampiros não precisavam de armas. Isso deu credibilidade a uma teoria ligeiramente perturbadora de que eles esperavam que os caçadores de vampiros estivessem lá. Desde que não poderíamos morder os matadores sem o efeito colateral desagradável de certa morte, alguns vampiros decidiram ir todo humano com armas e facas. Os que eram jovens ou fracos e não sabiam como lutar se as presas não estivessem envolvidas.

Eu não era um deles.

— Isso atingiu uma artéria — eu murmurei, observando o fluxo de sangue e o bronzeado do miúdo se dissipando numa taxa alarmante.

— Porra — Thorne sibilou. Era uma palavra, pronunciada calmamente, mas tinha peso suficiente como se ele gritasse.

Os olhos do garoto correram pela sala, sem ver antes de se instalarem em Thorne. — Eu vou morrer? — ele perguntou, a sua voz grossa e molhada.

— Provavelmente — falei com honestidade.

Thorne apertou o queixo. — Não, você não vai morrer — prometeu. Sua voz era tão firme, tão cheia de autoridade que eu poderia ter acreditado que o garoto não estava perdendo sangue suficiente para contradizê-lo. Eu tinha visto sangramentos suficientes no meu tempo. Tinha sido a causa da maioria deles. Ele tinha cerca de dois minutos restantes, no máximo.

Os olhos do garoto ficaram vagos novamente.

O olhar de Thorne se estreitou contra mim. — Você não pode fazer nada? — ele sibilou.

Dei de ombros. — Eu costumo ser aquela que causa esses tipos de feridas. Minha experiência não se traduz em curá-los. E antes de perguntar, meu sangue também não funciona. Essa merda é real apenas em Hollywood.

Ele franziu o cenho para mim.

— Eu posso curá-lo — uma voz grunhiu atrás de mim.

Olhei para uma Sophie com aspecto trêmulo. Ela estava quase tão pálida quanto o garoto. — Oi, Bela Adormecida — cumprimentei, e depois fiz uma careta para ela. — Se você não se importa de eu dizer, você está uma linda sombra de cinza. Eu não gosto das suas chances de salvar esse. A morte está na descrição do trabalho, de qualquer maneira. — Eu coloquei minhas mãos em um gesto 'não se pode ganhar todas'.

O brilho de Thorne era pesado na parte de trás do meu pescoço, mas eu ignorei isso.

Ela deu a língua para mim, um sinal de que ela não estava completamente tocada, e me afastou do caminho.

Thorne se irritou quando ela se aproximou. Os homens atrás dele, que se reuniam em torno de seu camarada moribundo, apertaram suas armas recentemente recuperadas.

Eu dei a ambos e a Thorne um olhar. — O que você acha que ela vai fazer, machucá-lo mortalmente ainda mais? — perguntei sarcasticamente.

Eles franziram o cenho para mim.

Sophie deu a Thorne um olhar fixo. — Eu salvarei seu amigo. Apesar do que você pensa, eu valorizo a vida humana. Mesmo caça vampiros. Mesmo caçadores de vampiros que invadem o meu escritório e deixam tudo em conflito. Eu sou um doce assim. Tenho o poder de salvá-lo. Você vai deixá-lo morrer por causa de seu orgulho ou arrogância?

Crédito para ele, Thorne nem precisou de um milésimo de segundo para pensar, inclinando-se imediatamente de volta a Sophie enquanto levantava as mãos para os homens atrás dele.

Eles não pareciam felizes, mas ele deveria estar no comando, já que eles obedeciam.

Sophie começou a murmurar enquanto respirava e o gosto de sua magia foi imediato. O gosto rançoso e amargo da morte que se demorou no ar foi substituído pela luz e sabor doce da magia da vida. Não era exatamente magia branca, o que sugere que Sophie era pura e boa, mas o tipo cinzento obscuro que era mais complexo.

A dureza deixou os corpos dos humanos. Eu duvidava que eles pudessem se orgulhar da mesma consciência da magia que podíamos, mas isso não significava que não os afetava. Mesmo mortais inconscientes notariam a diferença, a espessura do ar. Eles iriam reconhecê-la, mas acalmaria seus cérebros, tornando os pensamentos suaves nas bordas.

Bem, esse lance, de qualquer forma.

A merda de Minerva que me agarrara antes quase que certamente os teria enlouquecido, mesmo contato indireto com ele. Tiveram sorte de que a explosão inicial tinha me separado deles o suficiente para que não fossem contaminados pela magia.

Eu não tive tanta sorte, obviamente. Mesmo com a doçura da magia da vida de Sophie, meus pensamentos eram afiados e desconfortáveis nas bordas.

Eu também estava dançando com loucura, mas felizmente eu já estava no lado errado da sanidade, então eu poderia resistir. Ou, pelo menos, acomodá-la. Esse era o problema; pessoas completamente sãs eram geralmente as mais fracas, as que ficavam loucas mais facilmente. Porque elas viviam a vida na ponta da espada, a sanidade não era algo que elas poderiam agarrar com ambas as mãos. Era melhor ser um pouco louca, então, quando o mundo te deixasse muito louca, você saberia como lidar com isso.

Fogo com fogo e tudo isso.

Num piscar de um olho humano, o garoto recuperou o bronzeado anormal e a coerência vieram de volta aos seus brilhantes olhos azuis. O sangue manchando sua pele e a camiseta arruinada permaneceram, mas sua força havia secado.

Ele se sentou abruptamente, Thorne colocou uma mão em seu peito. — Calma, Chace — ele murmurou.

Claro que o nome dele era Chace.

O garoto piscou. — Eu estou vivo? — ele perguntou.

Eu revirei os olhos. — Sim. Eu não posso dizer o mesmo para seus óculos de sol — eu cortei, acenando com a cabeça para a bagunça amassada ao lado dele. — No entanto, você não pode ter tudo. A menos que você seja eu.

Sophie recostou-se, espantosamente mais pálida. Ela tirou as mãos antes de empurrar. — Ok, você pode sair agora. E nunca mais façamos isso novamente. Existe uma razão pela qual ninguém gosta de matadores. Eles arruínam perfeitamente os bons escritórios e fazem isso para que meu último caso seja roubado de mim. — Ela olhou para a gaiola vazia, então tropeçou ligeiramente.

Movi-me para colocar a mão no cotovelo. — E você sugou o poder da minha bruxa favorita — acrescentei, franzindo o cenho. — Os divertidos são realmente difíceis de encontrar. — Eu fiquei piscando para ela, no entanto uma corrente de preocupação contaminou minha voz.

Ela me deu um sorriso fraco.

Thorne ajudou o filho. Ele olhou para Sophie, seus olhos se suavizando.

Eu era uma pessoa ruim por ter ciúmes de praticamente minha única amiga estar na recepção final desse olhar? Sim, sim, eu estava.

— Obrigado — ele disse calmamente, sua voz suave e áspera ao mesmo tempo.

Quando seus olhos se moveram para mim, eles se endureceram instantaneamente. E maldição, se isso não doesse um pouco. — Esse vampiro. Quem engendrou isso...

— Coisa? Atrocidade? Abominação? — Eu terminei por ele enquanto lutava para encontrar a palavra.

Ele olhou para mim. — Esse *ser humano* — ele disse com os dentes cerrados. — Você sabe onde encontrá-lo?

— Não — eu disse docemente. — Eu não me associo a esses tipos de vampiros. Você sabe, aqueles que prometeram me matar. Me chame de louca. Você não seria o primeiro. Ou o 300º.

Claro que sabia onde encontrar o Earnshaw. Mais precisamente, eu sabia onde encontrar alguém que sabia onde encontrá-lo. De jeito nenhum no inferno, eu ia falar com o assassino, porém. Ele já estava muito envolvido nisso. E ele não deveria estar envolvido por uma grande quantidade de razões, número um sendo ele colocou-o na minha órbita e me submeteu a uma estranha conexão que parecíamos ter. Quanto mais eu o via, menos conseguia pensar sobre coisas que não o envolviam.

Ou o seu abdômen.

Ou suas mãos grandes.

Ou o seu, sem dúvida.

— Nós não vamos matá-la? — Sem Pescoço sibilou, interrompendo meu pensamento. Ele agarrou sua faca com a mão não ferida.

Coloquei minhas mãos nos meus quadris. — Bem, isso é grosseiro. Falar em me matar logo após eu salvar suas vidas sem valor.

Thorne abriu a boca para dizer algo, mas o garoto o espancou. Seu olhar azul estava entre mim e Sophie desde que ele deixou a porta da morte.

— Nós não vamos matá-las. — Sua voz era mais profunda e muito mais adulta do que parecia.

Todas as cabeças se viraram para ele.

— Ela nos salvou. — Ele assentiu com a cabeça para Sophie. — E a bruxa me salvou.

Sem Pescoço pisou uma polegada, e Thorne posicionou seu corpo um pouco, então ele estava entre nós.

O gesto era, obviamente, instintivo e intrigante. Perplexo porque quase parecia que era para me proteger.

Mas isso era louco. Eu não precisava de proteção.

O amigo dele, sim.

— Você não tem idéia do que ela é? — Ele não esperou por uma resposta. — Uma *vampira*. — Ele enunciou a palavra com cuidado e com aversão.

— Boa apresentação. — Eu dei uma pausa lenta.

— Venderia sua própria mãe por uma caneca de sangue — ele sibilou, como se eu não tivesse falado.

Eu fiz uma careta para ele. — Claro que eu não venderia minha própria mãe — retruquei com espelhamento da aversão. — Eu daria a você de graça — acrescentei sinceramente. — Na verdade, eu pagaria a você para matá-la.

Sophie soltou uma risada sufocada. Os olhos de Chace brilharam como se ele não tivesse quase chutado o balde momentos antes. Os braços de Thorne estavam cruzados firmemente sobre seu peito, seu rosto cuidadosamente em branco. Mas sua aura iluminou ligeiramente, com diversão se não estivesse enganada.

Sem Pescoço não foi divertido. — Ela é tudo o que somos treinados para matar.

Eu revirei os olhos. — Que sorte que eles têm você para lembrá-los de todo o seu propósito na vida.

Chace sacudiu a cabeça loura para Sem Pescoço. — Somos treinados para matar o mal — argumentou ele. — Até onde eu sei, ela não é má. — Sua voz era firme. Resoluta.

Eu ri. — Criança, não existe algo assim como o mal. Ou bem. Isso é o que vocês, caçadores de vampiros convencidos, precisam aprender. Não é assim. Agora, você já ia sair?

Olhei para Thorne, que parecia que ia empurrar a questão do vampiro transformado.

Começamos em um olhar fixo e então, socorro, eu iria encolher as vértebras de Sem Pescoço, se eles me dessem mais problemas. Eu estava muito

cansada, quase tinha sido morta por uma bruxa e arruinei minha jaqueta favorita. Eu não estava com disposição.

— Vamos achar esse humano — ele prometeu antes de virar as costas.

— Boa sorte com isso. Se você fizer isso, não vou estar lá para salvar a pele de vocês e vocês todos irão, inevitavelmente, morrer. — Eu parei quando Sem Pescoço zombou de mim. — Vou te enviar um texto com qualquer local que eu chegar, apenas para acelerar o processo.

Não houve nenhuma resposta, exceto pelo eco do golpe de aço fechando.

— Tudo virou merda muito rapidamente — declarou Sophie, os olhos escaneando os pedaços do vampiro que estavam espalhados por seu escritório.

Não consegui sacudir o frio nos meus ossos da magia negra; parecia que tinham furado e se instalado na minha medula. Isso e o fato de eu me sentir doente com o que eu fiz. Matei vampiros para proteger os caçadores de vampiros.

Isso era demais, mesmo para mim.

O alvo na minha cabeça aumentaria muito quando isso se tornasse público.

O que significava que eu precisava encontrar Earnshaw urgente.

O que significava que laevisomnus precisava ser empurrado para trás outro dia. Não era bom. Especialmente se eu fosse lutar, quanto mais tempo eu estivesse sem ele,mais lento eu curaria.

Outra motivação para não ter contato físico. Isso, e meu guarda-roupa não precisaria sofrer tão desnecessariamente.

Olhei para Sophie. — Você está bem, bruxinha? Minerva, amante da escuridão, reservou a maioria de sua força para mim, mas ela estava murmurando um som em Latim sinistro sobre sua forma adormecida. — Eu dei uma olhada geral nela. — Você não vai para o lado escuro ou crescer chifres, vai?

Ela revirou os olhos para mim. — Dane-se.

Eu dei uma olhada. — Cuidado, Hermione. Faz um tempo que eu lutei e a luta tirou isso de mim. Embora eu não seja para carne ferida. Diga-me que você não está prestes a cair morta ou qualquer coisa para que eu possa acompanhar a minha existência de mortos-vivos.

Ela sorriu. — Estou bem. É preciso mais do que quatro vampiros, quatro caça-vampiros e uma bruxa de magia negra vadia para me derrubar.

— Fico feliz em ouvir isso. Embora tecnicamente eu seja aquela que acabou com os quatro vampiros, e manteve a bruxa ocupada. Você praticamente dormiu o tempo todo — eu brinquei.

Ela me deu a língua.

Minha mente envolveu a bruxa, pensamentos desagradáveis. A mera presença dela em minha mente era errada, anormal. — Estou pensando que não é o último que ouvimos falar dela. E estou pensando que ela vai estar por volta de Earnshaw, que eu tenho que ir e matar porque eu não posso deixá-lo falar sobre eu matar vampiros para salvar matadores. Isso vai matar minha imagem.

— Sua imagem? — ela repetiu com uma forte dose de sarcasmo.

Eu fiz uma careta e assenti com a cabeça. — *Seja como for.* Alguma dica ou granada de espadas que eu possa jogar nela para parar a segunda rodada da coisa de seqüestrar mentes? Eu não fui fã disso na primeira vez.

O frio que se instalou sobre os meus ossos e o sabor do túmulo na minha língua ainda estavam para recuar. Eu não gostava disso. Em absoluto. Mas eu tinha que empurrar goela abaixo.

Sophie franziu o cenho para mim, seus olhos esmeralda tornando-se um falcão e brilhando ligeiramente enquanto ela me olhava. — O que exatamente ela fez? — perguntou lentamente.

— Pegou um atiçador quente invisível, o atolou no meu coração, depois congelou meu sangue e jogou Hacky Sack[8] com minha psique — eu falei com alegria.

Eu precisava encontrar um lanche para mim, urgente. O sangue quente faria maravilhas para um arrepio. Minha viagem para Succor funcionaria duas vezes: pegar um lanche e receber minhas informações sobre Earnshaw. Eu geralmente não gostava das putas de sangue empregadas por tais estabelecimentos, mas eu não estava em posição de escolher.

Minha mente cansada iluminou uma imagem de Thorne, inabalável. Mais precisamente, do pescoço pulsante de Thorne. O desejo branco-quente queimou meu corpo com a perspectiva de prová-lo.

Uma parte muito estrangeira de mim estava certa de que seu sangue afugentaria o frio que tinha perfurado na minha medula óssea.

Por sorte, uma parte menos estrangeira de mim ainda lembrava quão tóxico era seu sangue e isso uma tal refeição acolheria o túmulo, não o combateria.

Sophie se aproximou, ainda me encarando enquanto fazia planos de jantar. — Eu posso senti-la, sua magia. Vai ficar com o ar aqui, impresso nele por semanas. Ela é poderosa — ela deduziu, o rosto dela pendeu. — E o que ela trabalhou em você não é nada que já vi antes.

Um calor gentil fazia cócegas na borda do meu cérebro.

Retrocedi, erguendo as mãos. — Uau! Se você vai me investigar com magia, pelo menos, leve-me para jantar primeiro.

Embora confiasse em Sophie - bem, tanto quanto confiava em alguém, não queria nenhuma magia mais no saco de gatos selvagens que era atualmente minha consciência. Eu os tinha domesticado por cerca de quinhentos anos e essa bruxa os havia deixado mais selvagens.

[8] Ou **footbag** é um esporte inventado em 1972 nos Estados Unidos, caracteristicamente de baixo impacto e que tem por objetivo manter uma pequena bola no ar por meio de chutes.

Eu rasgaria seu baço somente por isso. Parecia que o canto da minha mente que sustentava o que quer que tenha deixado do meu coração e encaixado, essas memórias quentes proibidas foram desbloqueadas. A expressão corajosa da perda permeava a paisagem da minha mente.

Eu podia sentir o cheiro de seu sangue. Sua morte. A batida dos batimentos cardíacos, e depois a um silêncio ensurdecedor que se seguiu.

— Isla. — Sophie estendeu os dedos na minha frente.

Eu mexi, apenas metade de mim voltando para o momento, a outra metade ainda estava nas embreagens do passado.

— Estou bem — espiei defensivamente.

Ela franziu a testa para mim. — Eu não acho que você esteja. Há algo sobre esse feitiço... Era magia negra. Magia da morte. Não tenho certeza de que possa entender o que ela fez. — Seu olhar ficou vidrado enquanto olhava para dentro, não vendo mais o quarto. Eu podia ver as ondulações no ar, enquanto a manipulava para revelar os fios de magia que atravessavam o mundo, despercebida para a maioria. Era assustador, e eu não gostava do cintilar da escuridão sombria partindo meu corpo como um mau cheiro.

Eu apertei meus dedos na frente de seu rosto. A sombra desapareceu, mas sua frieza permaneceu.

— Bem, você não precisa entender. Você precisa se livrar disso. —Eu varri minhas mãos em volta dos corpos.

Ela curvou uma sobrancelha para mim. — Eu acho que você não vai ser voluntária para a limpeza?

Olhei para ela com choque. — Eu não limpo bagunças, somente as faço. Além disso, eu tenho um vampiro, uma bruxa e uma coisa humana-transformada-em-vampiro para matar. E uma guerra para terminar. — Eu olhei de volta. — Você não pode apenas, tipo, estalar seus dedos com uma mágica e mandá-los para o limbo?

Ela riu, um som musical e agradável. Tal som deveria ter vindo deu ma senhora inglesa na década de 1900 que corava em torno dos homens, e era tão

pura quanto o dia era longo, não uma bruxa desleixada com tatuagens que atualmente usava uma camiseta desbotada de Def Leppard como um vestido.

— Isso realmente não funciona assim.

Acenei com a mão quando abriu a boca sem dúvida para falar sobre física e a Mãe Natureza e a força pulsante subjacente a tudo no universo. — Guarde a lição mágica. Eu tenho questões urgentes. Eu ligo para você se eu não for morta ou enlouquecida.

Ela deu um passo à frente quando comecei a sair, agarrando meu braço.

O toque de sua magia me fez estremecer ligeiramente, e ela franziu o cenho para o movimento antes de mover os olhos para os meus. —Eu irei.

— Oh não, você não vai — eu disse com firmeza. — Você acabou de ser nocauteada e eu acho que você não está uma bruxa completa. Eu não vou ser responsável por sua morte. Tenho sangue suficiente em minhas mãos. — Eu olhei para baixo. — E minha jaqueta. Além disso, onde eu encontraria minha próxima companheira de drinques que é divertida e não tem medo de usar sua magia para o mau? Você fica aqui. — Minha mente deu um comichão com uma sensação de desconforto. — Tenho um mau pressentimento de que tudo isso está longe de terminar, então vamos mantê-lo no banco por enquanto. Vamos jogar o jogo longo.

Ela franziu o cenho para mim, cruzando os braços. — Você não vai sozinha. Você não é compatível com aquela bruxa. Eu sou. Há apenas um sanguessuga que eu também posso contar como um dos meus únicos amigos que rasgarão a garganta de alguém se eu pedir a eles. Você não poderá fazer isso depois você estiver babando de um feitiço que sugou seu cérebro fora de seus ouvidos.

Eu fiquei pálida. Ou eu esperava que tivesse, já que eu não era assim. — Eles podem fazer isso?

Ela me deu uma olhada.

Eu arquivei aquilo para mais tarde, para usar em um ou ambos os meus irmãos.

Eu endireitei minha coluna vertebral. — Eu tenho experiência no assunto. Eu sei como lidar comigo mesma. E eu sei quando alguém está morto em seus pés, perdoe a expressão. — Eu dei à sua face cinza um olhar pontudo. —Você não está em condição. Fique aqui, ligue para o meu... — Eu me peguei antes de dizer a palavra 'amigo' para Scott e deixe-o cuidar disso. — Gesticulei. — Ele tem essa coisa de adoração do vilão por mim, então ele fará isso sem perguntas. Avisando, ele fica chato após cinco segundos de estar na sua presença, então tente não enfeitiçá-lo, — eu instruí. — E então, tome um Gatorade ou transe, recarregue, e vamos fazer um novo plano para deter vampiros loucos que parecem tentar transformar humanos em escravos guerreiros de vampiros.

Eu pisquei para ela e saí pela porta.

Sua careta ardia nas minhas costas, mas ela não me seguiu.

Porque ela sabia que eu estava certa.

Eu sempre estava.

E eu estava sentindo que a noite ia ficar muito mais escura antes de ver um alvorecer vermelho.

08

— Isso foi surpreendente — Uma voz rouca ronronou assim que eu o soltei.

Revirei os olhos, enxugando a boca de forma recatada antes de ficar de pé de um dos sofás mais fofos que tinham na parte de trás de Succor. A iluminação era baixa e a decoração era ‘sanguessuga chique' em outras palavras, um monte de tapeçarias vermelhas e de veludo e do século XVIII.

Que nojo.

— Espere, não vá. Você pode continuar — continuou a voz, a vantagem do desespero levemente doentia.

Olhei por cima do ombro para o homem esparramado no sofá. Seus braços musculosos estavam estendidos para mim, um viciado em busca de uma solução. O sangue gotejava em uma linha finado torso esculpido. Nossas presas tinham um agente anticoagulante nelas, se considerássemos usá-la, mas ele não pediu.

Apesar de sua aparência externa, seu rosto de aparência clássica, cabelo loiro arenoso e físico esteticamente agradável, ele era um viciado. Marcas de incisão gêmeas dispersas em torno de seu pescoço em vários estágios de cura, alguns serpenteando seu antebraço musculoso,brilhando na luz baixa.

Eu fiz uma careta para ele. — Continue? — eu repeti. — Eu estou cheia e você já está seriamente anêmico. Faça um jantar de bife e talvez uma vida? Um que não inclua ficar acidentalmente drenada como um risco de trabalho.

Seus olhos vidrados comunicaram que ele mal me ouviu, seus braços ainda estavam estendidos.

Revirei os olhos e liguei os calcanhares. Estava saciada, mas ainda mergulhava, para ser se eu fosse honesto. Eu parei propositalmente, apesar de todo instinto no meu corpo ter me encorajado, para manter-me enchendo com o calor de sua alma para perseguir o frio toque da morte que ainda me agarrava do feitiço da bruxa.

Não é legal.

Você não deveria matar os — anfitriões — lá. Foi bastante desapontado por Fabian, e eu já estava em gelo fino com meus colegas vampiros, esperando a coisa toda do 'eu' e coisa do matador para sair. Era melhor não quebrar as regras. O que era uma droga porque a única diversão com as regras, era quebrá-las.

Eu também tinha essa regra sobre não matar humanos inocentes. Embora isso fosse patético, ele não era um assassino ou estuprador, então ele não iria morrer pelas minhas mãos.

Eu olhei para trás uma vez mais na forma caída no sofá.

Ele morreu pelas mãos de alguém, no entanto.

Quando as regras estruturadas do Succor tornaram-se muito rígidas para o seu vício e ele foi para as ruas que procuram uma doideira maior, mais profunda. Quando ele foi aos clubes que não tinham regras contra assassinato.

Suspirei enquanto fechava a porta.

— Não é problema seu, Isla — murmurei para mim mesma enquanto o baú do clube principal filtrava pelo corredor pouco iluminado.

Succor era um dos clubes mais populares e tradicionais da cidade. Ele fazia fronteira com os lobos, de modo que a clientela era sempre interessante.

Muitos vinham aqui para ficarem ligados antes de fazer algo estúpido como passear no Third, procurando causar algum problema com os lobos.

Ok, essa fui eu. Eu fiz isso uma vez. Ok, duas vezes, mas eu estava entediada. Na terceira vez, tive uma boa razão. Não consigo pensar nisso agora, mas tenho certeza que foi válido.

Mas esta visita era sobre negócios. O que eu havia dito a Fabian quando entrei e as conversas circundantes se apagaram ligeiramente. Não bastava que um humano percebesse; na verdade, os mal vestidos vagando com bandejas de bebidas e pescoço com cicatrizes sequer gaguejavam em seus passos. Mas eu ouvi os murmúrios.

— Isla Rominskitoff. Ouvi dizer que ela namora humanos — uma voz sibilou.

— Não há recompensas que valessem a pena levá-la.

— Alguém disse que ela pode se transformar em um morcego.

Aquela me fez resmungar. Vampiros não podiam se transformar em nada além de cinzas se alguém tivesse um lança-chamas e bastante gasolina. Metamorfose era algo que tinha desaparecido da comunidade sobrenatural.

Eu girei em torno do meu cenário recém-descoberto enquanto os olhos mortos-vivos me inflamavam com o seu medo, desgosto, mal-estar e ódio. — E eu casei com um lobisomem no outro dia — exclamei para ninguém em particular, depois esfreguei minha barriga. — Agora eu estou carregando seu filho. Estou apostando no que um filhote de lobo com presas fará... — Fabian agarrou minha mão antes que eu pudesse continuar, escandalosamente.

— Isla, eu não quero nenhum problema — ele sibilou, me puxando para um canto escuro, com os olhos ardendo por aí.

Eu revirei os olhos. — Agora, essa é uma mentira total. Você ama problemas.

Ele olhou para mim. — Não. Eu não. — Ele fez uma pausa, lambendo os lábios. — Não quando eu tenho clientes importantes aqui nesta noite. Você precisa sair.

Eu abaixei. — Eu prometo que eu me comportarei — eu minto. — Acabei de tomar um pouco de bebida e então vou estar fora do seu cabelo. — Olhei para o couro cabeludo calvo e de volta para os olhos dele. — Ou fora de suas... Sobrancelhas — corrigi, concentrando-me nas lagartas peludas enquadrando seu pequeno rosto comprimido.

Seu olhar se aprofundou e ele me encarou por um longo tempo. Eu sorri de volta. Ele suspirou e ergueu o braço para mexer um dedo gordinho.

Um homem atraente e de cabelos arenosos apareceu, seus olhos preguiçosos atentos a mim.

— Tristan, você cuidará de Isla em uma de nossas salas privadas — ele perguntou com força.

Tristan passou por mim. — Seria uma honra para mim — ele resmungou.

Jesus.

E ele me levou para uma sala privada que cheirava a sangue e sonhos perdidos.

Agora que eu estava satisfeita com Tristan e senti como se eu precisasse de um banho, eu estava pronta para quebrar minha promessa a Fabian sobre a coisa problemática e escutar ao redor do bar para obter informações sobre Earnshaw. Um desses vampiros saberia onde ele tinha se enfiado. Ou talvez isso fosse uma ilusão. Eu provavelmente teria que ir para Six, e eu estava evitando esse lugar. Não tinha uma regra de não violência e era mais do que provável que estivesse cheio de vampiros que queriam me matar. Eu tinha tido o suficiente de combates mortais para o dia. Além disso, eu precisava de uma soneca um pouco cruel. O sangue só poderia me recarregar até agora.

Estava ficando difícil de lutar contra a atração do laevisomnus desde que eu estava muito tempo sendo consecutivamente consciente, mas tinha medo de perder, ok? Você não poderia me culpar, considerando toda a emoção com que fui tratada ultimamente. Se o mundo acabasse assim brilhante e violentamente, como Sophie havia previsto, queria ter um assento

na primeira fila e um cocktail enquanto olhava, não perder porque eu tive que tirar um cochilo numa discoteca.

Mas era melhor perder o 'fim do mundo' do que estar permanentemente no chão porque a minha falta de sono se traduzia em cicatrização e reflexos mais lentos. Não é bom com tantos humanos malditos, vampiros e bruxas tentando me matar.

Pensei com carinho nos lobisomens por um segundo; nenhum dos irmãos peludos tentou me matar em pelo menos uma década.

Talvez eu pudesse usar um para arranhar a coceira sempre presente que já estava cozinhando em fogo brando desde que eu tinha conhecido Thorne.

Eca. Pensando bem, eu nunca conseguiria suportar o cheiro de cachorro molhado.

Porque eu estava recuando na minha cabeça, o par de olhos bonitos e reprovadores que pareciam que apareceram do seio das sombras me surpreendiam.

Abaixei-me de saltar de volta. Somente. — Jeeves — eu disse suavemente. De jeito nenhum eu lhe daria a satisfação de saber que ele me surpreendeu. — Não em algum lugar que eu imagino que você estivesse jantando. — Joguei minha cabeça de volta para a porta. — Mas eu tenho uma sensação que você gosta deles jovens, musculosos e masculinos. — Eu pisquei um pouco para ele. — Ele está pronto e esperando. Eu vou resfriá-lo para você.

Eu tentei dar uma volta ao redor dele, mas ele combinou meu movimento. Eu fiz uma careta no extremo vampiro em seu terno de três peças que parecia ter arrancado do set de *Downton Abbey*. Eles não os criaram mais. Então, novamente, ele era a versão viva - ou a versão morta - do mordomo.

— Minha paciência, geralmente, de papel fino, agora não existe, já que eu tive um dia difícil, preenchido com muitas pessoas tentando me matar e não pessoas suficientes que matei. Eu não forçaria, Jeeves.

Ele estava aborrecido com um rosto em branco. — O rei deseja vê-la.

Eu levantei uma testa. — O rei está aqui? Por que ele quer se misturar com os vampiros que freqüentam esses lugares? Certamente, ele poderia apenas pedir. — Eu parei, ponderando. —Então ele é a importante clientela de que Fabian estava falando. Bem, se eu fosse ele, eu não teria me deixado entrar pela porta. Deixar-me entrar enquanto ele tem o rei sob seu teto? Admiro essa insanidade.

Jeeves ficou parado, impaciência irradiando dele.

Eu olhei para cima e para baixo. — Esse é um truque limpo. Você está comunicando o seu não reservado desgosto e desaprovação de mim sem pronunciar tanto como uma maldição. Admirável.

Ele beliscou ligeiramente o lábio. — Você me seguirá ao rei, ou devo persuadi-la? — ele perguntou com força.

Eu sorri. — Oh, eu adoraria ver você tentar me persuadir, mas eu odiaria arruinar seu terno.

Eu gesticulei adiante. — Primeiro você.

Ele me deu mais um olhar antes de deslizar para frente, seus pés mal tocando o tapete cor de sangue.

Nós arriscamos até o final do corredor, passando por portas de cada lado, protegendo gemidos sutis e os sons molhados de sangue. Duas portas duplas ornamentadas ficavam no final do corredor.

Inclinei a cabeça. — Eu sempre me perguntei o que estava por trás disso. Eu pensei que era só onde Fabian escondia os corpos.

Seu único histórico ligeiramente sangrento sempre foi suspeito para mim. Humanos eram tão frágeis; Eu não acreditava que apenas um punhado morresse nos anos que ele possuía e operou este lugar.

Jeeves me ignorou e abriu a porta.

O doce cheiro de sangue misturado com o cheiro lenhoso de nosso justo governante me assaltou assim que entrei.

O quarto não tinha sido decorado pelo designer de interiores de Drácula, ao invés, uma refrescante tomada moderna. As luzes eram mais

brilhantes do que as escuras nos corredores e os móveis eram brancos e luxuosos. Isso me fez pensar nos meus sofás esquecidos com carinho. Talvez eu pudesse comprá-los de Fabian. Ou pelo menos providenciar para que eles sejam roubados por mim.

A sala era muito maior do que parecia, mas mesmo assim o homem sentado nomeio do sofá, com uma humana mal vestida, espalhada ao seu lado, parecia dominar tudo. Havia uma pequena e elegante cozinha no canto e uma cama de dossel escondida um pouco por uma cortina transparente.

A suíte presidencial.

O rei estava bem barbeado, vestindo um terno preto e uma camisa preta desabotoada, expondo seu pescoço grosso e musculoso.

— Isla, que agradável surpresa — ele me saudou, voz suave. Acariciou-me com a sua suavidade, tão diferente do ataque de garganta de Thorne.

Eu me endireitei, empurrando o caçador de vampiros da minha mente. — Sua Graça, o prazer é todo meu — eu disse docemente.

Ele curvou sua sobrancelha para minha saudação, conhecendo-me o bastante para entender que isso estava encharcado de sarcasmo.

— Eu não pensaria que este seria um estabelecimento que você freqüentasse — continuou ele. — Considerando seus... Hábitos alimentares. — Seus olhos cintilaram e, embora ele tenha mantido sua voz uniforme e suave, era evidente que o rei estava me provocando.

Não era um monarca tão enfadonho no fim das contas.

Entrei no quarto, seus olhos viajavam pelo meu comprimento enquanto eu fazia isso. Eu mentalmente me felicitei por me vestir para a batalha e na moda. Minha calça jeans de preta de couro e as botas Balenciaga inclinadas me abraçavam em todos os lugares certos, assim como minha camiseta preta estilo bustiê.

Eu estava parecendo Kate Beckinsale em *Underworld.* Apesar do meu ódio aos filmes de cultura pop que massacravam nossa história e antepassados, gostava dos trajes.

— Ditto — eu disse enquanto eu caminhava e me servi uma bebida da bancada de prata sólida. O uísque era coisa fina, em uma garrafa de cristal muito parecida com a minha. Tudo na sala gritava dinheiro. Dos tapetes de pele de carneiro aos pisos de mármore. Fabian não poupou em decoração para fazer o clube parecer elegante, mas mesmo ele não gastaria tanta grana. Não, a menos que tivesse um propósito.

Eu encontrei os olhos esmeralda. — Eu não preciso do clichê 'vem sempre aqui' muitas vezes — porque estou adivinhando que — eu girei meu dedo ao redor da sala — é feito e proposto especialmente para você.

Ele me seguiu com os olhos enquanto distraidamente alisava a humana que estava voltada para ele. Era um pouco perturbador o modo como ele o fazia, a forma como os humanos interagem com um animal. Não há suficientes cérebros para chamar sua atenção completa, mas uma espécie de atenção distraída.

Embora a mulher que usava um vestido vermelho sem costas coberto de lantejoulas não esta vivesse fazendo muito para a inteligência; ela estava acariciando o pescoço dele em silêncio, como um felino.

— É bom sair e escapar dos burocratas de vez em quando.

Foi minha vez de franzir minha testa. — E você vem aqui. E associa-se a isso? — Eu assenti com a cabeça para ela. — Acalma as pregas do meu coração de ver que você é como nós plebeus. Um otário por causa de um rosto bonito, cabeça vazia e uma veia disposta.

— São os homens de cabeça vazia que causam o menor perigo — disse ele suavemente, seus olhos se moveram sobre mim com força. — Eles podem não ser tão satisfatórios quanto os que prometem o caos, mas pelo menos eles não começam motins neste mesmo estabelecimento sobre um ser humano estrela do pop, se não me engano?

Eu sorri. Eu fiz isso. Eu simplesmente não suportava vampiros insultando minha garota Britney.

Eu sorri. — Você não ouviu? O caos é a coisa mais absolutamente orgásmica oferecida no mundo imortal. — Eu arrastei o copo dos meus lábios

até meus seios, rolando a pele e me divertindo no calor no olhar do rei, a única coisa em seu rosto impassível dando sua reação. — Então, os rumores são verdadeiros, então? — Eu perguntei casualmente, movendo meu copo de volta aos meus lábios.

O olhar de Rick ficou no meu peito por uma fração de segundo antes de encontrar meus olhos mais uma vez.

— Você a alimentou com seu sangue. — Eu assenti com a cabeça para a garota. — E tem algum tipo de qualidade que faz isso pecado não só no lado azul, mas no lado hipnótico. Aqui estava eu pensando que os contos de fadas sobre o sangue do rei poder transmitir o Ichor original da própria Artemis fosse uma besteira.

Seus olhos ficaram em branco, sua única reação. — E o que fez você chegar a esta conclusão? Uma que a maioria dos vampiros na sociedade demitiria como parte de sua insanidade e uma que pode provocar a sua morte antecipada — acrescentou, com a intenção clara.

Não diga a ninguém, ou não só todos pensam que você está mais louco, mas eles vão dizer isso em seu funeral.

Eu sorri e toquei minha cabeça castanha. — Não apenas um chapeleiro, Rick.

Uma sombra de sorriso passou em sua boca, embora houvesse uma vantagem que veio comigo apontando o meu conhecimento.

Foi um palpite de sorte, honestamente. E eu estava mais que um pouco deslumbrada que as lendas fossem verdadeiras. Se eu fosse inteligente, eu teria mantido minhas perguntas para mim. Mas a curiosidade matou o gato.

Eu só esperava que não matasse a Isla.

— A experiência de beber de um humano que metabolizou sangue de vampiro é um pouco... Única — disse ele depois de um longo silêncio, sua voz grossa e livre de qualquer tipo de desapego de sua ameaça de morte tinha incomodado. Inclinou o pescoço da menina para que o cabelo loiro caísse como uma cortina sobre o rosto, revelando seu pescoço de porcelana e livre de manchas.

Eu observei com surpresa que não revelei. Nenhuma marca de presas. No entanto, o ligeiro rubor de suas bochechas e aumento na temperatura corporal significava que ele se alimentara recentemente.

Curioso.

— Agora que você está trabalhando para mim... — Rick continuou.

Eu estreitei meus olhos. — Estou trabalhando para *mim* — corrigi. — Seus interesses e os meus interesses acabam por se alinhar, e agora adicionei incentivo para garantir que eu entregue você aos culpados. Eu suponho que sua promessa de limpá-los da face desta terra, independentemente de sua linha de veia, continua?

Quanto mais eu pensava em maneiras de garantir que minha família não fizesse mal com suas promessas em relação ao meu Despertar, mais eu percebia que entregá-los ao rei depois que descobrisse que a traição deles era a melhor maneira de me livrar deles. E para ter certeza de que não era amarrado pelas outras 'famílias nobres' e as conexões que meu pai tinha no Setor se eu conseguisse acabar com um ou todos eles.

O rei não teria escolha senão executar-me sob pressão contínua da proeminente linha de veia e o próprio Setor. Embora a sociedade de vampiros não fosse uma democracia, também não era uma ditadura. Se o rei não ouvisse essas famílias e o setor, ele não permaneceria rei por muito tempo. O que não seria bom em face da rebelião que ganharia mais apoiantes.

Ele não se moveu da posição dele no sofá, mas seus olhos se endureceram. — Eu sou um vampiro de palavra — ele respondeu. — O acrescentou incentivo? — Sua voz tinha uma vantagem. — Você está com problemas, Isla?

Eu sorvi minha bebida. — Não mais do que o habitual. E qualquer problema em que eu esteja é devido à pequena tarefa que eu estou fazendo para o meu rei.

Ele levantou uma testa. — O rei a quem você deve servir — ele apontou.

— Sim, aparentemente — concordei com frustração.

Seus olhos escureceram. — Sua absoluta lealdade não vai sem recompensa. — Sua mão percorreu descendo o pescoço impecável da humana muda. — Você já se alimentou de um ser humano que tenha sangue de vampiro metabolizado? — ele perguntou, a voz grossa.

Eu assisti ele acariciar o pescoço da mulher, senti o pulso de seus batimentos cardíacos chegar através da sala, o cheiro de seu sangue era mais do que qualquer coisa que eu experimentara.

— Não posso dizer que tenho — eu respondi, minha voz grossa.

Seus olhos estavam os meus. — Poucos sem a mais pura concentração de Ichor em seu sangue o fizeram — ele me disse. — É uma experiência diferente de qualquer outra no mundo. Uma que eu sinto que você ganhou.

Abaixei o meu copo, as presas já se estenderam um pouco enquanto o abismo não preenchido por Tristan abriu-se mais uma vez. O aroma do sangue no ar, misturado com o próprio perfume do rei, prometeu algo que poderia perseguir qualquer frieza que permaneceu dos acontecimentos do dia.

Eu me aproximei, meus olhos encapuzados. — Eu nunca digo não à sobremesa — eu murmurei, mudando-me para sentar do outro lado da humana. Ela sorriu para mim, seus olhos girando com euforia. Os meus tocaram os oceanos esmeralda do rei, então foquei na veia pulsante abaixo do queixo dela.

Sem outra palavra, afundei minhas presas na pele flexível do pescoço, ambrosia explodindo na minha língua. O sangue de Tristan era uma garrafa de vinho de dois dólares em comparação com o doce vintage sem preço com o qual me tratava. Eu afundei meu corpo mais perto e a sensação de outro sendo alimentado também me deu um pouco de espaço para uma pausa.

Tampouco o braço do rei no meu braço, macio e erótico, misturando-se com a sensação ao contrário de qualquer coisa que eu já experimentara. Seu sangue era mais doce do que qualquer ser humano, correndo através do meu sistema com uma profundidade de calor que não poderia ser mortal.

A mão de Rick se moveu para as minhas costas, pressionando-me para que meu corpo afixasse contra a mulher enquanto ele se alimentava de seu pulso.

Eu fui engolida com a experiência em si, derrubando o buraco de coelho e voando ao mesmo tempo.

Tão rápido quanto a euforia me assaltou com sua magnificência, desapareceu. O lento trabalho de seus batimentos cardíacos significava o fim da experiência. Desejei drená-la para secar, segurar sobre isso para sempre, mas achei isso em mim para parar. A presença do rei insinuava algo senão algo erótico que não lhe pertencia.

O rosto de Thorne assaltou minha mente antes de expulsar a esquina.

Eu me inclinei para trás, meu corpo cantando com o sangue e ansiando mais ao mesmo tempo.

Todo instinto que eu tinha era afiado, meus sentidos pegando cada aroma no ar. O cheiro sedutor de Rick me sobrecarregou, mas não afogou o perfume barato de um hóspede no salão ou o derramamento de um doce coquetel doce, quando dois vampiros tinham um pequeno desacordo sobre quem teve que provar um humano primeiro.

Era como se eu tivesse recebido o presente de laevisomnus e os benefícios que acompanhavam, sem a vulnerabilidade estendida.

Rick afastou a mulher meio drenada com pouco mais do que um movimento de seu pulso.

Sua mão permaneceu nas minhas costas, olhos colados aos meus. — Inesquecível, não é? — perguntou ele, atravessando a sede de sangue no ar.

Eu fiquei consumida com o olhar por um momento. Então eu me arrastei do sofá para a porta em um segundo.

— Certamente — concordei. — Melhor do que o café expresso que eu estava pensando em ir mais tarde.

Ele não pareceu surpreso com meu movimento repentino, seu rosto uma máscara cuidadosamente educada.

Embora seus olhos brilhassem.

Eu fiquei em pé na porta com Rick, meus olhos se recusando a deixar os dele enquanto o calor de seu sangue e dos humanos pulsaram em torno do meu corpo, separando-se completamente de mim. O pulso viajou para baixo e me fez cavar minhas unhas nas minhas palmas até o ponto de dor para não pular nele ali mesmo.

As cordas de seu pescoço moveram-se fluidamente enquanto ele engoliu, não por necessidade, é claro, mas porque ele podia provar isso, minha excitação. Seus olhos eram quase negros como os seus.

Eu pisquei e saudei a raiva fira familiar que se misturava com o sangue estrangeiro. — Você acabou de tentar e me violar com uma humana contaminada? — Eu gritei com indignação.

Seus próprios olhos ficaram escuros, mas ficaram difíceis. — Eu nunca tomaria uma mulher, humana ou vampira, de má vontade para minha cama — ele me informou, sua voz de aço líquido, avançando,então nossos corpos tocaram.

Mesmo que eu não respirasse, o cheiro de sua própria excitação me nublou, assim como o pulso de seu corpo.

— Seus sentimentos não são de seu sangue. Nenhum vampiro teve essa reação à minha. Até os poucos que experimentaram isso não fizeram isso. — Ele inclinou a cabeça para mim. — Você é diferente. Especial.

Movi meu cabelo para evitar o impacto dessa palavra e o poder por trás disso enquanto se estabeleceu sob minha pele. — Sim, estou bem ciente. Eu sou especial, e é por isso que você me chantageou em uma missão de espionagem que rapidamente está se transformando em uma missão de suicídio. Tentando ver se eu ainda sou especial além do túmulo?

A transição da sedução para rei foi rápida até para meus olhos. Seu corpo ficou rígido, os olhos em branco com a sugestão mais sutil de malícia. — Alguém tentou matar você novamente hoje? — A suavidade de seu tom não se conectou com o fogo em seus olhos. —Isso está se tornando um hábito.

Eu cruzei meus braços. — Sim, um hábito desagradável.

Ele me olhou. — As ameaças de morte significam que você está chegando a algum lugar. O que você tem?

Mastiguei sua pergunta. — Um vampiro que pode me levar a mais informações, e ao conhecimento de que a rebelião não é exclusivamente de natureza vampírica. Embora isso já estivesse aparente pelos lobisomens que trabalham com os vampiros que atacaram o Majestic. — Eu fiz uma pausa, recusando-me a abaixar os olhos dele. — O que implora a questão de por que você tem euzinha envolvida em vez de chamar uma conferência sobrenatural da ONU. Ou criando uma força tarefa de elite com seus novos aliados.

Deixei de lado a parte sobre o vampiro transformado. E o matador que conseguiu tornar-se envolvido em todo esse desastre. E que provavelmente seria executado pelo Rei, no segundo que descobrisse que Thorne estava envolvido. Daí o meu silêncio sobre o assunto. A morte de Thorne fez a frieza do túmulo me arrepiar mais uma vez, lutando com o calor do sangue que acabara de consumir.

Os olhos de Rick procuraram os meus, como se ele tivesse a capacidade de provar meu engano. Que ele poderia entrar em minha mente e tirar meus pensamentos traidores de caçadores de vampiros das profundezas.

Tal qualidade não existia, apesar do seu sangue esquisito, o que era bom considerando que o truque do salão resultaria na separação da cabeça dos meus ombros.

— Mesmo alguém tão narcisista como você deve saber que cada espécie não joga bem com outros. Juntá-los sem iniciar outra guerra, é difícil. Levou tudo para não transformar a aliança atual em um banho de sangue e mesmo agora, a política leva muito tempo para fazer as coisas — ele disse com força. — Enquanto eles tentam fazer o que é lógico, eu sempre faça o ilógico. Geralmente funciona melhor.

Inclinei a cabeça. — Eu sou o ilógico?

Ele me deu uma olhada.

— Sim, tudo bem, não é uma surpresa. Mas eu não vou ser usada por você se você ficar arquitetando me seduzir em vez de me deixar fazer o que eu vim aqui fazer.

— E o que foi isso?

Eu esqueci por um segundo, sua voz de sexo líquido.

— Preciso de informações de um patrono — afirmei finalmente, depois de procurar que os confins do meu cérebro não fossem reféns de Thorne e Rick.

Ele ficou onde ele estava por uma vez por um segundo antes de voltar da porta silenciosamente.

Eu acho que os reis não dizem adeus.

Segurei o punho antes que a voz sexual voltasse, um calafrio na nuca com sua presença.

— E isso não é sedução, Isla. Sedução resultaria em você se contorcendo nua embaixo de mim enquanto tomo sua buceta e seu pescoço ao mesmo tempo que você nem se lembraria de seu próprio nome.

Eu me dei um tapinha mental nas minhas costas por nem sequer parar quando abri a porta e caminhei pelo corredor a um ritmo medido.

Os reis podem não dizer adeus, mas eles definitivamente fazem você não querer isso.

***

— Você tem certeza de que não sabe onde está Earnshaw? — Eu perguntei ao vampiro sangrando agradavelmente. — Eu estava tão certa de que vocês dois eram colegas. Porque, de acordo com uma variedade de fonte dos mortos-vivos, vocês mataram um pré-escolar juntos, há menos de uma semana. — Meu tom de conversa conseguiu esconder meu desagrado.

Não seria bom mostrar fraqueza, como o desgosto pelos assassinatos de crianças na frente de qualquer um. Certamente, não de Glint.

Ele era o que eu atualmente tinha amarrado a uma cadeira no escritório de Fabian, os fios de cobre fazendo o vapor entrar em erupção nos pedaços de pele que tocavam diretamente. Estava pronto e esperando por mim na minha bolsa e fiquei lá enquanto eu passava pela sala principal da Succor.

A maioria dos clientes me deu um amplo espaço e depois um mais amplo, uma vez que soube que eu estava procurando por Glint. Ele e eu não estávamos exatamente em todas as melhores listas de convidados. Ele, porque era de uma classe operária da Vein Line e seu sadismo era escurecido até para os vampiros; ele não tinha a aristocracia para recorrer. Eu, porque eu tinha a aristocracia para recorrer, mas tinha uma reputação desagradável por não ser sádica o suficiente. Éramos almas gêmeas. Ou, pelo menos, foi do que o convenci quando o levei para o escritório de Fabian comas pálpebras agitadas que prometiam sexo. O fato de que ele veio tão prontamente e agiu surpreso quando eu agarrei seu pescoço e o refreei me fez sentir toda quente e distorcida. Earnshaw ainda estava para dizer-lhe que eu era inimigo público número um.

Bem, ele já sabia disso, é claro. Eu não teria dúvidas de que ele provavelmente teria tentado ter seu caminho perverso comigo, e depois me decapitar. Isso não ia acontecer.

Eu já tinha cortado cinco de seus dedos e tinha que dar ao cara; ele ainda estava para gritar através deles sendo cortados e crescendo de volta.

— Nenhum som, hã? — Eu perguntei à sua expressão de mármore. — Todo esse sangue de bebê faz de você um grande vampiro mau?

Eu me inclinei para que meus seios derramassem em sua visão, fazendo um rápido trabalho de seu designer antes de libertar a carne de suas calças.

Era bom saber que as meninas ainda faziam subir o vampiro que eu estava torturando.

Eu palpitei seu comprimento não impressionante, dando-lhe um olhar pouco entusiasmado. — Que tal eu começara cortar coisas que vão ser muito

mais difíceis de regenerar? — Ofereci, minha voz um ronronar. A lâmina cortou a base, uma pequena gota de sangue florescendo quando seu corpo se endureceu.

— Porra — ele sibilou. — Você é uma cadela.

Inclinei a cabeça para ele. — Isso é o melhor que você pode fazer? Bem, deixa-me completamente desapontada.

Ele zombou e eu peguei a lâmina. Ele soltou um grunhido mudo.

Eu sorri.

— Porra — ele repetiu. — Ele vai me matar por te contar.

— E eu vou te matar se você não fizer isso. Mas não antes de cortar o seu mais impensável apontar e fazer você crescer de novo e de novo até me aborrecer. — Eu dei-lhe um olhar. — E quando se trata de duas das minhas coisas favoritas, tortura e... — eu dei-lhe um aperto que o fez emitir outro grunhido cheio de dor — ...Eu raramente me aborreço.

Seu olhar estava saturado de ódio. — Ele vai te matar.

Coloquei minha mão no meu peito, ainda segurando a lâmina. —Então você não me disse porque você está preocupado? Você não é o psicopata mais doce que eu já torturei? Não se preocupe, colega, eu posso cuidar de mim mesma. Especialmente com alguém tão patético como Earnshaw.

Dica de outro brilho de Glint. Infelizmente, ele era bastante atraente, mesmo sob o véu de dor e ódio. Ele era alto e magro, não muito com grandes músculos, mas forte, provou pela luta para levá-lo amarrado à cadeira.

Seu rosto era anguloso e áspero de uma forma que o impedisse de ser convencionalmente bonito, mas o deixava atraente se não soubesse que ele drenava bebês. Ele sacudiu a cortina de cabelo preto que havia caído sobre seus olhos.

— Não com o que ele tem. Não com o exército que estamos construindo, — ele grunhiu. — Nós vamos limpar todas as raças e traidores da raça do planeta. E o mestre se certificará de que todo mundo tenha uma volta com você antes de lhe conceder a misericórdia da morte.

Eu ri. — Bem, esse é um encontro que eu simplesmente não consigo aguardar o suficiente. Este som do — mestre — como se ele fosse uma explosão. Importa-se de me dizer quem é ele?

Ele olhou para mim de uma maneira que teria derretido a pele do meu rosto.

Mas ele não podia, então eu estava dourado.

Apertei com mais força. — Eu tenho a noite toda e não há nada de bom na TV — eu rondei, minha intenção clara. — A tortura é muito mais divertida do que os programas de zumbis de TV, não importa quão quente seja o humano com a besta.

Sua determinação durou mais um aperto brutal e um possivelmente desmembramento mais brutal.

Então eu tinha um local para encontrar-se com o Earnshaw. Estava se tornando uma noite particularmente produtiva.

09

— Você não me diz onde você está, eu vou fazer um feitiço de seguimento em você agora — uma irritada Sophie disparou pelo telefone.

Eu revirei os olhos, observando a mansão aparentemente abandonada, a poucos quilômetros de distância de onde as bordas finais de Nova York se rendiam à região selvagem.

A mansão de tijolos que se encontrava sentada desolada por trás de ferro forjado curvado e quebrado era uma sombra de opulência e vigor que há muito deixara este lugar. Em vez disso, uma quietude que nem os mortos conseguiram reproduzir permaneceu.

Esse foi o primeiro erro deles.

Uma noite vazia nunca era calma. A ausência de humanos, ou vampiros neste caso, dava ao ar uma qualidade diferente, e animais selvagens e criaturas que se afastaram de presenças anormais prosperavam com domínio sobre a escuridão.

Nem uma lâmina de grama se moveu na noite amena.

O silêncio não era natural.

Os terrenos espalhados da cidade de Nova Iorque podiam não ser um lugar sobre o qual sequer os desabrigados à procura de abrigo tropeçariam,

mas a discrepância do silêncio ecoando funcionava como um farol piscando. Eu não precisava menos do que a casa que filtrava a ameaça em sua quietude para saber que Glint me havia dado a mercadoria.

E eu devolvi o favor, concedendo-lhe uma morte muito mais rápida do que ele merecia.

— Você não seria tão estúpida para desperdiçar um feitiço para me encontrar — retruquei. Minha voz carregou o ar imóvel e recuou do distúrbio. — Além disso, estou adivinhando que minha localização atual será coberta de olhos mágicos.

A respiração penetrante afiada de Sophie cortou a noite magicamente silenciosa. — A bruxa está aí?

Eu olhei para a escuridão, pequeno problema para mim enquanto eu olhava as bordas do excesso de vegetação do jardim por sinais de vida. Ou morte.

Não havia nenhum. Mas não havia erro na amargura ao ar que se misturava coma quietude, enviando ondas de preconceito pelas minhas costas.

O calor do meu lanche com o rei desapareceu assim que esse sentimento cobriu minha pele e aquele abismo de bocejo apareceu mais uma vez, a morte também era picante na minha língua.

Eu não disse a Sophie tudo isso, é claro. — Estou achando que sim. Earnshaw é muito fraco para estar em algum lugar sem proteção mágica e ele não é estúpido. Ele saberia que eu viria para ele.

— Sim, bem, ele não é o único que não é estúpido — disse Sophie.

Eu me endireitei. — O que isso significa?

— Isso significa que eu acho que você é incrivelmente tapada para marchar em uma situação sem backup e nenhuma idéia do que você vai enfrentar. Ah, sim, além de uma bruxa que pratica magia negra.Você sabe, uma das únicas magias que realmente poderiam *matá-la* — ela sibilou no telefone.

— Eu vou desligar o telefone agora. Você soa como eu imagino que minha mãe soaria se, você sabe, ela não quisesse que eu morresse. Assim, eu assumiria que ela iria encorajar-me a entrar e a esperar minhas decisões ruins me matarem. Eu vou seguir seus conselhos e ainda espero decepcioná-la por aparecer morta-viva. Vejo você em breve. Ou nunca. Te pego do outro lado, bruxinha. Todas as minhas bolsas e sapatos estão sendo deixados para você por minha vontade.

Com isso, desliguei, empurrando meu telefone para dentro do bolso do jeans. Toquei o dedo na faca de cobre no meu cinto.

Eu não gostava de ter armas comigo. Em absoluto. Na verdade, eu estava com vergonha de estar carregando isso, mais a espada amarrada às minhas costas, estilo samurai. Mas, embora Sophie pensasse que eu era tapada por entrar em uma situação tão incerta, eu não era suicida. O contrário, na verdade. Pegar Earnshaw e bombear para obter informações que espero que me guiem mais perto da prova em que minha família estava dentro, essa era uma perspectiva muito atraente para continuar a abençoar esta terra com minha presença. Eu sabia que minha melhor aposta seria matar a bruxa antes que ela tivesse a chance de acenar sua varinha mágica.

Daí a arma no meu outro quadril.

As bruxas ainda eram humanas no sentido mortal da palavra. Elas não exigiam armas especiais, como vampiros precisavam de cobre, ou lobisomens precisavam de prata, ou os demônios precisavam de uma faca abençoada por um verdadeiro padre. Não, nada faria. Inferno, elas poderiam tropeçar em uma esteira de banho e quebrar o pescoço se elas tivessem azar. Sua única proteção contra a morte era sua magia. Quanto mais forte a bruxa, menos provável era que ela morresse.

Eu aproveitei um desafio.

Depois de uma cuidadosa consideração sobre como conduzir um ataque furtivo, tomei a minha decisão de apertar o caminho de calçada quebrado e bater na porta da frente de madeira torta. Eu já tinha feito uma bagunça imensa chutando a cerca de ferro forjado, então se eles tivessem alarmes de roubo mágicos, eu tinha certeza de que eu já os tinha desligado.

Não há necessidade de se parecer com uma babaca rastejando quando soubessem que eu estava lá.

Pouco antes de eu estar prestes a dar o primeiro passo no caminho, um boom familiar ecoou em minha cabeça e meus sentidos explodiram, o gosto da morte substituído por algo diferente. E igualmente perigoso.

Soltei um suspiro exagerado e dei uma voltinha, as mãos nos meus quadris.

— Buffy, o que você e a turma do Scooby estão fazendo aqui? Você não recebeu o suficiente de uma dica sobre o quão fora do alcance você estava hoje cedo? — Eu perguntei, irritada quando Thorne e alguns matadores de mais cedo se aproximaram de mim.

Eles tinham a coisa furtiva para baixo. Se eu não fosse uma vampira com uma conexão anormal com o assassino de cara dura e de corpo duro que atualmente estava olhando furtivamente para mim, eles teriam derretido na escuridão.

— Isla. — O grunhido de raiva, a forma como sua raiva rolou sobre meu nome, fez meus joelhos enfraquecerem em uma reação irritante. — O que diabos? — ele continuou quando ele parou as botas a poucos metros de mim. Seus caçadores de vampiros haviam deixado de lado muito mais longe, suas mãos nas armas em seus cintos. Eles tinham muito mais do que eu. Então, novamente, eu era mais forte do que eles.

E mais atraente e inteligente. Tudo bem melhor do que eles, na verdade.

— Aqueles simplesmente vão abater seus namorados, você sabe — eu respondi por Thorne,balançando a cabeça para o arsenal no cinto.

Espiei uma granada e decidi que seria útil.

Eu tinha arrancado o cinto de Sem Pescoço e estava de volta à frente de Thorne antes de qualquer um deles poder sequer piscar. Era vagamente impressionante que ele ainda estivesse lá, embora ele tivesse um papel em seu braço traindo sua lesão e estupidez. Precisaria de um aperto suave de um vampiro para rasgar isso e tirar vantagem dele. Esse vampiro poderia ser eu.

Eu joguei a granada entre minhas mãos enquanto eles levavam a lentidão humana usual para entender o que aconteceu.

Bem, a maioria deles. Os olhos de Thorne pareciam que eles seguiram toda a minha jornada.

O que era impossível é claro. Seus olhos humanos não teriam visto nada além de um borrão.

Então, por que ele parecia como se tivesse observado tudo como se o tempo em si tivesse diminuído?

O sangue drogado de Rick, eu decidi. Essa poderia ser a única opção.

Eu sorri enquanto Sem Pescoço me amaldiçoava, avançando abruptamente até que a mão de Thorne em seu peitoral o deteve.

— Obrigada. Eu esqueci totalmente os explosivos. Eles geralmente estão sempre na minha bolsa, mas... — eu gesticulei para baixo em minha roupa apertada, iluminada pelo luar escuro —... Uma bolsa não combina e eu não tenho muitos bolsos. — Eu dei uma piscada. — Então vou enviar uma cesta de frutas como agradecimento.

Meu sarcasmo era um escudo do súbito calor fundido proveniente de Thorne enquanto ele tomava em cada centímetro da minha roupa.

Não é a hora.

Nunca foi a hora.

Ele parecia se sacudir, pisando e deixando Sem pescoço e respirando pesadamente pelo nariz como um touro.

— O que você está fazendo aqui? — Thorne perguntou, sua voz de veludo áspero.

— Saí para uma caminhada ao luar. Talvez algum assassinato. Você sabe, o habitual. Você deveria ir antes que um de vocês tropece e quebre um pescoço. — Eu olhei para trás de Thorne. — Isto é, os de vocês que realmente têm pescoços. — Eu dei um olhar pontudo para Sem Pescoço antes de me concentrar em Thorne e suas íris cintilantes. — Este bairro é perigoso para

aqueles com uma batida do coração. — Minha própria voz suavizou a ameaça como se fosse uma sedução.

— Você sabe o que está lá — ele deduziu em vez de abordar minhas palavras.

— Onde? — Eu joguei burro.

A raiva brilhante em seus olhos me disse que ele não comprou.

Eu revirei os olhos. — Sim, eu sei o que está lá. E eu também sei que não é da sua conta, a menos que você queira partir cedo deste mundo e não ver seu próximo aniversário.

Dei de ombros. — Mas, seja o que for, pelo menos então não terei que me preocupar em lhe dar um presente.

Sua respiração fazia cócegas no rosto com uma carícia violenta. —Essa é a segunda vez que você me ameaçou. Não haverá um terceiro — prometeu.

Apertei minha sobrancelha para ele. — Eu não estou ameaçando você. Na verdade, eu estou *ajudando* você. Ou tentando. Vocês humanos parecem dobrados no céu em sua própria destruição. Intrometendo-se com coisas muito mais fortes do que você, que poderiam arrancar seus pescoços em um piscar de seus olhos inúteis.

Com uma mão na granada, eu arrastei o semicírculo áspero mais uma vez, parando com a boca no pescoço de um matador. —Morto — eu murmurei. Eu tinha ido antes que qualquer um pudesse sequer acompanhar a minha sombra. Passando para o próximo, fiz o mesmo. — Morto — eu repeti. Quando me mudei para Sem Pescoço, talvez tenha dado um aperto suave- você sabe, por diversão. —Morto — eu disse a ele alegremente, alimentando sua pura fúria e frustração.

E então, no que teria sido um flash de nada para ele, eu tinha a minha mão ao redor do pescoço de Thorne, nem sequer circundando os cordões musculosos, mas agarrando-o com força o suficiente para comunicar o meu ponto.

— Morto — eu murmurei. Meus olhos se trancaram com os dele.

Para seu crédito, ele quase não se encolheu.

Eu não poderia dizer o mesmo para a sua turma de garotos.

O ar cheio de hostilidade humana e o som inconfundível de expor armas.

Os matadores encontraram suas posições de ataque, apenas cerca de quatro segundos tarde demais.

Olhei atrás dele para os dois homens que haviam avançado e o terceiro que estava tentando para vir atrás de mim.

Eu usei minha outra mão para puxar a arma do meu cinto e apontá-la para ele. — Primeiro, agradeço você para se certificar de que esta arma seja realmente usada, já que eu tive medo de ter trazido para nada. Em segundo lugar, tenho certeza de que não gostaria de arrancar uma bala da sua córnea, então eu pararia se eu fosse você. — Eu olhei para Sem Pescoço e para o outro humano. — E um passo garante que o pescoçinho muito bonito do seu líder estupidamente sem medo seja quebrado.

Eles pararam.

— Aí está um bom matador. Não é tão difícil, é? — Eu olhei de volta para Thorne, que estava parado em pé, notavelmente calmo. Seu olhar de aço não tinha sequer me deixado. E a nuvem reconfortante de sua raiva era um cheiro agradável para beijar as bordas da minha psique. Minha mão já estava explodindo com calor no meu aperto em sua pele, vibrando enquanto seus batimentos cardíacos empurraram minha mão com sua cadência constante.

— Eu não vou matá-lo porque eu tenho peixes maiores para fritar. Mas eu aconselharia você a estar em seu caminho alegre e ir procurar gatinhos para serem salvos das árvores ou algo igualmente humano que não tenha nada a ver com a política de vampiros. — Eu o deixei sorrir. — Corra.

Ele não correu. Nem moveu um músculo. A única coisa que ele fez foi falar. E não para mim.

— Afastem-se — ele cortou os homens ainda agachados para atacar. Houve uma pausa carregada antes que o fizessem.

— Essa é a segunda vez que essa cadela ameaçou nossas vidas e a segunda vez que você me impediu de derrubar a porra essa buceta, — Sem Pescoço grunhiu.

Franzi o cenho para a linguagem feia, e em uma inesperada mudança de eventos, Thorne mudou-se mais rápido do que eu, escapando do meu controle com uma facilidade que deveria ter sido impossível.

Suas mãos estavam ao redor do... Bem, pescoço de Sem Pescoço, grande o suficiente para circundar a extensão e levantá-lo levemente do chão.

— E essa é a segunda vez que você questionou a *porra de uma ordem direta* — ele mordeu, sua raiva como uma chama aberta.

Curiosamente, o gosto disso, o grande volume, diminuiu sua fúria anterior comigo.

Engoliu-a.

Eu não tive tempo para inspecionar essa pequena irregularidade porque ele deixou Sem Pescoço cair, que deixou sair um balbucio.

Quando ele se endireitou, a fúria era palpável, mas a noite silenciosa ficou silenciosa novamente.

Isto é, além do grito da testosterona masculina.

— Você e Stephens tomam as costas, reconhecimento apenas. Entrem lá. Aguardem meu sinal. — Ele olhou para o homem para o qual eu ainda tinha a minha arma apontada.

— Lenex, eu quero você no perímetro ocidental, pela floresta. — Ele acenou com a cabeça para onde a casa se erguia em uma área arborizada, estranha para Nova York, mesmo nos arredores. O que não era estranho sobre essa noite, no entanto?

— Eu irei na frente — ele terminou. — Com Isla.

Suas instruções eram uma provocação, um desafio para eu argumentar. Como os olhos que os colavam em mim enquanto seus pequenos soldados de brinquedo voltavam para a escuridão.

Eu apontei o dedo no olhar se retraindo de Sem Pescoço. — Tenha uma boa morte.

Uma vez que seus batimentos cardíacos desapareceram na noite, Thorne não desperdiçou tempo em me apoiar contra a cerca de ferro que cercava a propriedade.

Eu o deixei, curiosa para onde estava indo. E talvez um pouco animada. Ele era como aquelas drogas com as quais os humanos destruíam seus corpos. Eu não tinha entendido o fascínio de perseguir uma viagem que só o distrairia do estrago que estava causando em seu corpo, sua vida. Eu entendia agora.

Tudo o que eu queria era uma dose, as conseqüências que se danassem.

Ele colocou as mãos em ambos os lados do ferro, me encaixando.

— Você sabia onde este vampiro estava escondido durante todo esse tempo — ele acusou através dos dentes trincados.

Dei de ombros. Eu não ia disfarçar e dizer que eu não tinha na época.

— Você me disse...

— Eu menti. — Eu revirei os olhos com a expressão em seu rosto. —O que foi? Eu não sou uma esnobe moral. Eu sou uma vampira. Eu minto tão fácil quanto eu respiro. Ou não respiro, como é o caso.

Sua respiração estava quente no meu rosto. Um inferno. — Você ia entrar lá, sozinha?

Eu revirei os olhos. — Sim. Sim, eu *ia*. E agora eu tenho que me esquivar dos cadáveres dos seus camaradas caídos, sem dúvida. Tão inconveniente.

Ele franziu as sobrancelhas para mim. — Por quê?

Eu soprei uma respiração impaciente. — Porque eu aprendi algo que tenho certeza de que você vai aprender através de sangue e dor porque você é muito superior para ouvir um vampiro. Pessoas, vampiro ou de outra forma, atrasam você. Se você quer um trabalho correto, ou errado neste caso, faça você mesmo. Menos pessoas morrem. — Eu parei. — Ou mais, dependendo

do objetivo. Mas seja qual for a missão, é melhor não se preocupar com a jugular de outra pessoa, exceto a sua. Ah, e se você não notou, eu sou tipo um lobo solitário. È como eu gosto, é claro, e o único ser forte e não irritante o suficiente para vir comigo está recarregando suas baterias de bruxa. Como ela teve que usar o último suco para salvar seu amigo idiota. — Eu dei ele um olhar acusador. — Agora, o tempo da história acabou? Posso fazer o que eu venho fazer e também fingir que você não existe, até você realmente não exista?

Ele não se moveu e não o fiz. Apesar dos meus protestos, a necessidade urgente de matar uma bruxa, um vampiro e se aproximando de matar minha família, além do amargo fragmento de magia no ar e o frio inabalável nos meus ossos - eu não queria me mover. O corpo de Thorne estava quase pressionando o meu, a eletricidade chicoteando a noite. Os batimentos cardíacos que deveriam ter agido como um impedimento para me aproximar dele parece um aproximar mais perto.

— Isso não é o que eu queria saber — ele disse, sua voz grossa. —Por que você está aqui? Fazendo isso? Você não me parece mercenária, e você com certeza não é uma maldita cidadã preocupada. Qual é o seu jogo aqui?

Recuperei minha lógica de volta ao lugar. — O meu jogo não é o seu maldito negócio — eu bati. — Os matadores não têm o luxo de respirar ao meu redor, então eu fico com as perguntas perto do seu peito, você sabe, se você quer que ele contenha esse seu maldito coração batendo.

Com isso, coloquei o próprio peito no tópico de nossa conversa. Eu tentei e falhei, para não apreciar os cortes duros de seus músculos.

Afastei-me dele antes que eu pudesse fazer qualquer coisa estúpida, como lambê-los.

— Eu tenho coisas para fazer, coisas para matar. Eu não vou mais conversar. Se você vai entrar, fique fora do meu caminho. E se você morrer, tente não fazê-lo em um momento inoportuno, — eu instruí,dando a minha voz uma qualidade plana e desinteressada, de modo a não trair nada do que esse intercâmbio estava fazendo para o meu interior.

O cruzamento de suas botas no chão irregular significava o seguimento dos meus passos. Isso e o calor fundido de seu olhar em minha bunda e os trovões de seus batimentos cardíacos, é claro.

No meu esforço para me concentrar em qualquer coisa além disso, eu olhei para o chão sob meus pés. Uma boa coisa também, porque inclinava-se quase verticalmente e veio até me encontrar.

Ou teria, não tivessem armas de ferro me pegado e me puxado para cima.

Os olhos de Thorne brilhavam com algo que me levou uma fração de segundo para reconhecer.

Preocupação.

— Isla — ele rosnou, suas mãos apertadas em meus ombros.

O aperto era mais forte do que deveria ter sido, ao ponto de quase doer. Sobre o que eu pensaria mais tarde, mas estava agradecida por agora. Nada era mais útil para limpar a cabeça do que dor.

Eu me tirei do alcance dele. Ou tentei.

— O que diabos acabou de acontecer? — Ele exigiu, suas mãos agarrando meus braços enquanto seus olhos apertaram minha atenção.

— Eu tropecei — eu menti. — Estas pedras são um risco para a saúde e a segurança. Eu poderia processar o dono. Eu vou matá-lo em vez disso. — Eu sorri para ele, encontrando força suficiente para me arrancar de seu aperto e retomar a minha jornada.

Não tomei medidas cuidadosas que trouxessem fraqueza, embora o mundo ainda estivesse girando ligeiramente.

— Isla — ele sibilou, não mais nas minhas costas, mas continuava comigo enquanto nos aproximamos da porta. Estava carregada com algo forte. Algo escuro que parecia mais sujo quanto mais perto chegávamos.

— Há algo de errado com você — ele respondeu. — Os vampiros não viajam.

Olhei para ele. — Eles fazem quando estão sendo distraídos por um assassino que os beija em vez de matá-los. Por que você fez isso, Buffy? — Eu perguntei docemente.

A minha pergunta teve o efeito pretendido de fazê-lo se calar. Eu não pensei que ele gostaria de ser lembrado de chupar o rosto com a criatura morta que ele nasceu para matar, não importa quão atraente ela era.

O problema era, o tiro meio que saiu pela culatra, enviando calor formigando minha coluna vertebral no chão elétrico em resposta ao corpo de Thorne. A irritação, a fúria e a excitação criaram um coquetel melhor do que sequer o meu barman favorito poderia.

Sua distração foi apenas momentânea, como antes de chegar à porta que ondulava com a quantidade de magia encoberta sobre ela, ele pisou na minha frente. A visão era indiscutivelmente melhor, mas não estava lá para vistas agradáveis e confusas de matadores cortados de mármore.

— Você tem certeza de que você não nasceu apenas para me irritar, não para me matar? — Eu gritei. — Você está conseguindo, e eu posso até morrer apenas por me afastar de você.

Sua mandíbula endureceu. — Você não vai entrar lá — ele declarou.

Eu ri do jeito que ele cruzou os braços, como se esse gesto cimentasse sua palavra como lei.

Machos.

— Sim. Sim, eu vou. E eu arrancaria sua clavícula apenas por pensar que você tem algum tipo de autoridade sobre mim, mas tenho coisas melhores para fazer.

Com essa nota, acenei a granada que tinha acabado de puxar o pino na nossa frente.

— Eu me afastaria um pouco se você gostasse de todos os seus membros anexados ao seu corpo — instruí suavemente.

Eu joguei a granada na porta. Para o olho não praticado, parecia restrito, mas a magia era tangível. Infelizmente, eu não tinha uma bruxa, então eu estava esperando uma granada para funcionar.

O ar vibrou e os restos da porta voaram pelo ar com as chamas que piscaram ao meu redor.

Não o suficiente para chamuscar minhas sobrancelhas, felizmente. E não o suficiente para rivalizar com o calor do olhar de Thorne.

Problemas, mas um pensamento para mais tarde. Ou nunca.

Talvez a explosão o tivesse matado; então eu não teria que me preocupar com a atração e o pânico inabalável ao pensar em sua morte.

— Jesus — seu grito silencioso carregado de fúria foi suficiente para satisfazer minha preocupação de que ele tivesse morrido.

Dei um passo à frente pelos escombros, me preparando enquanto atravessava o limiar.

Uma leve inclinação e sombra da dor insidiosa no início daquele dia, mas nada que eu não conseguisse lidar.

As granadas dobraram como quebradores de feitiço quando um não estava na posse de uma bruxa. Conveniente saber.

— Olá, alguém em casa? — Eu chamei entrando no vestíbulo escuro. — A porta estava aberta.

A batida do silêncio não me enganou; A entrada estava vazia, mas a casa não estava. O espaço cavernoso tinha sido perturbado na vida após a morte, por criaturas tão mortas como a casa era grande.

Um ritmo cardíaco no andar de cima.

— Bruxinha Poo, desça — chamei docemente.

— Se você não percebeu, esse era o sinal — Thorne sibilou no dispositivo em seu pulso.

Três batidas cardíacas entraram nos níveis inferiores de várias entradas. Não eram nas quais eu estava focada.

— Você acha que o elemento da maldita surpresa pode ter nos dado a vantagem considerando que estamos superados em número - Thorne sibilou, seu corpo apertado no que eu adivinhei era a sua posição de batalha.

Eu dei um olhar apreciativo às veias ondulando em seus antebraços antes de estar um pouco surpresa que ele marcou o número de vampiros tão rapidamente.

— Você perdeu o elemento surpresa no momento em que você e os ogros estabanados que você chama de amigos pisaram o perímetro, com toda a respiração e circulação de sangue — respondi, atravessando o vestíbulo para uma sala de estar. — Além disso, eu os surpreendi. Granada em vez de campainha.

O vestíbulo era grande e decorado com uma opulência desmoronada, um mau cheiro de mofo e poeira tecendo através da magia amarga que o perturbava.

O vampiro que se lançou na minha frente, sibilando e atacando, era pouco mais do que um aborrecimento.

Os próximos dois foram um pouco mais de um esforço para subjugar, e eu franzi o cenho para Thorne enquanto ele puxou o terceiro para fora do ar e encaixou sua lâmina em sua têmpora.

— Eu não preciso de sua ajuda — protestei, exatamente quando outro vampiro deu um chute certeiro no meu peito que me enviou atravessando uma parede.

Eu aterrissei em uma sala de estar, coberta de poeira, minhas costelas protestando do pedaço de madeira saindo delas. Eu arranquei, afiando os dentes na dor enquanto metade do meu interior, e tecido da minha camiseta, foi com ele.

Por sorte eu estava usando uma roupa substituível nessa hora.

Batimentos de carne com carne e o som inconfundível e cheiro de morte do outro espaço ecoou e, em seguida, houve um silêncio anormal mais uma vez.

Thorne apareceu no arco que eu criei.

— Você estava dizendo? — Ele me perguntou, sua voz uniforme, embora eu vislumbrasse um brilho em seus olhos.

Eu me empurrei com uma careta, estremecendo em protesto da minha cintura se curando, depois o ataquei e ao GI Joes que vagara pela carnificina, respirando pesadamente.

Empurrei o peito de Sem Pescoço e o mandei no chão para apaziguar um pouco da minha irritação.

Isso ajudava.

Quando subi as escadas, eu me virei. O silêncio de antes reinou mais uma vez, enquanto o vagão de boas vindas do vampiro foi despachado. O aumento dos batimentos cardíacos e a pesada respiração atrás de mim era um sinal revelador de que os caçadores de vampiros ainda estavam com vida.

— Aqui é onde você dá o fora — eu disse a Thorne, que era minha sombra um passo atrás de mim.

Seu sorriso, ou a sombra dele que não poderia ter sido devido a mim segurando seu amigo, desapareceu.

— Nós não vamos a qualquer lugar.

— Só porque você mostrou essa natureza que não fodeu completamente, tornando você capaz de maltratar alguns bebês vampiros, não significa que você possa lidar com o que está lá em cima. — Eu apontei para o telhado.

— E você se importa? — ele desafiou.

— Não, mas eu sei que, uma vez que eu cuidar de tudo isso, eu vou ter que matá-lo ou deixar você inconsciente para conseguir o que eu vim buscar. E eu *sempre* consigo o que eu quero. Contanto que você saiba disso, fique à vontade. Eu aconselharia você a manter seus braços dentro do transporte em todos os momentos, ou é provável que sejam arrancados.

Cheguei ao topo da escada mais rápido do que o resto de Robin Wood e seus homens, mas não tão rápido quanto eu poderia ter sido. Eu os senti esperando no final do longo corredor.

A arma de Thorne foi levantada, seu corpo ligeiramente na frente do meu assim que ele pegou um vislumbre.

A segunda vez ele me protegia com seu corpo por instinto.

O resto dos caça-vampiros se reuniu atrás de nós, o aumento rápido em suas já trovejantes batidas de coração traindo o medo deles ao ver o pacote de esquisitos de olhos vermelhos em pé, estóicos, à beira do corredor. Esperando.

O estrondo mais ruidoso de todos eles ficou constante. Ou Thorne tinha controle excepcional sobre suas batidas por minuto, ou ele não estava com medo.

Não tive tempo de pensar nisso, porque um comando silencioso tocou no ar e as abominações de olhos vermelhos avançaram.

Eu estava vagamente surpresa e enervada que não havia apenas o que estava esperando. Não incomodava muito que um vampiro relativamente sem importância tivesse tantas pessoas sob seu comando.

Agora que os testes foram feitos, eles estariam se certificando de que mais jogadores fundamentais na rebelião conseguissem sua própria gangue de monstros de olhos vermelhos.

Os balaços ecoaram pelo corredor e vários corpos que se aproximavam se precipitaram no chão.

Outro rapidamente tomou o lugar do caído.

Eles estariam em nós em segundos.

— Isla — gritou Thorne, sua voz um grito, mesmo que navegasse no ar com pouco mais do que um sussurro. — Há muitos deles.

Eu olhei a horda. Isso era o que eles eram, um enxame de animais que se aproximava, sem poder cerebral que não fosse ataque e morte.

Podíamos ter um pensamento mais coerente, mas seus números e o fato de eles não foram pesados por coisas como a preocupação por sua própria sobrevivência lhes davam uma distinta vantagem.

Eu sorri, balançando-me nos calcanhares ligeiramente. Olhei para Thorne. — Eu pareço preocupada?

Os primeiros que tentaram me segurar deram adeus às suas cabeças em um segundo. Sons de tiroteios de perto ainda salpicaram o ar, juntamente com grunhidos de esforço. Eu despachei as criaturas facilmente. Eles eram mais fortes que os humanos, mas não por muito. O seu perigo vinha com a falta de preocupação com sua própria sobrevivência. Eles estavam servindo seu mestre, que tinha ordenado que eles atacassem.

Os assassinos não eram tão inúteis quanto eu esperava; ninguém morrera ainda, e a horda estava diminuindo.

Eu puxei na parte de trás de uma criatura que estava prestes a tomar uma refeição do pescoço de Thorne enquanto suas costas estavam viradas, lutando contra outros dois.

O rasgo de seu pescoço coincidiu com Thorne terminando os dois no tempo para ele me testemunhar salvando sua pele.

Apertei a sobrancelha enquanto os olhos brilhavam para os meus. —De nada. — Meu olhar se dirigiu para a lacuna nas forças atacantes. — Eu vou assumir que você consegue daqui.

— Isla — ele rugiu, mas o resto de seu grito foi perdido quando eu deixei a diminuição da batalha para trás em busca da presa mais importante.

Não percebi o muro de concreto da magia até eu correr diretamente nele.

Então, em vez de olhar para o grande quarto com uma cama antiga com um dossel e uma penteadeira, eu estava olhando para as teias de aranha que cobriam os projetos ornamentados no teto.

Meu crânio fraturado tornava um pouco difícil de mover, assim como minhas costelas quebradas.

Não eram o que me preocupava. Era o jeito que meu sangue parecia passar por cinzas e algo que eu não tinha percebido foi plantado dentro de mim começou a florescer.

Um feitiço que eu meio que conhecia era lá e escolhido para ignorar.

Um que tinha gosto decididamente de minha morte.

Se fosse um desenho animado, provavelmente teria pássaros batendo na minha cabeça enquanto eu afastava a premonição fria da minha própria morte.

Eu me lancei rapidamente o suficiente para afastar um ataque por um borrão de dentes e estalando.

Não suficientemente rápido. Os dentes afundaram no meu antebraço em vez do meu pescoço, o que era preferível, mas não menos doloroso.

Seu aperto era o de um pitbull, mas eu recuperei isso puxando seu pescoço, jogando o seu corpo para a parede.

— Obrigado por me convidar para o chá — falei a Earnshaw, que estava de pé ao lado de sua bruxa. Seus braços estavam dobrados e ele estava vestido com um terno de três peças, sorrindo de modo presunçoso.

— Você não está enganando ninguém, você sabe. É vergonhoso, realmente, se esconder atrás de uma bruxa porque você está com muito medo de lutar contra mim mesma.

Seu olhar foi selvagem. — Não, é inteligente — ele sibilou. — O que é horrível é você se alinhar com caçadores de vampiros.

Obviamente, Thorne tinha se juntado à festa. Eu esperava que demorasse mais para lutara precipitação da primeira onda. Eu precisava parar de subestimá-lo e seu time apenas por ser humano.

Seu calor ao meu lado deu sua localização e eu olhei para ele. Eu podia sentir o sangue e eu precisava garantir que não viesse dele. Fiquei satisfeita por ele estar manchado com vermelho, mas não o dele. Eu não me importaria com o resto dos assassinos.

Seu olhar centrou-se no meu braço sangrento, depois para cima em direção a minha cintura, onde seus olhos se abaixaram. Olhei para onde minha costela saltava da minha pele.

Suspirei e coloquei minha mão, empurrando-a de novo com uma queda e afundando minhas presa sem meus lábios para abafar qualquer grito que iria foder totalmente a minha rotina de maldade.

Não perdi os olhos arregalados do time de Thorne enquanto eu fazia assim, não tendo tempo para sorrir aos meus admiradores não tão secretos. Eu mudei minha atenção para Earnshaw.

— Eu não estou exatamente me alinhando com eles. Eles estão me perseguindo. Eu encolhi os ombros.

— Você pode culpá-los?

Dei um passo à frente, para pegar a conversa e sair da presença de Thorne.

— Agora você gostaria de se render agora e me dizer qual é o seu plano malicioso e malvado, ou nós temos que fazer o caminho proverbial duro?

Earnshaw sorriu, seu olhar indo para a porta adjacente que acabei de notar. Ele não disse nada, mas a forma como o ar engrossou com o seu olhar fez com que algum comando não verbal deslizasse sobre mim. Parecia errado, ralado contra a minha pele, do jeito que o cheiro que a bruxa fazia. Seu feitiço estava emaranhado no meu interior e lutei para evitar a careta em meu rosto e as memórias no compartimento.

Eu não sabia exatamente o que era, mas o cadáver sem vida de Jonathan estava tentando agarrara si mesmo fora do meu subconsciente, então eu achei que não era bom.

A porta se abriu.

— Ótimo — murmurei quando as inúmeras abominações foram filtradas, seus olhos vermelhos, selvagens. O primeiro lote foi obviamente projetado para destruir intrusos. Este era o esquadrão da morte.

— É o caminho mais difícil.

Thorne e seus homens trabalharam batalhando as criaturas que saíram da porta como palhaços de um carro em miniatura. Para cada um deles, mais eram substituídos.

A bruxa provavelmente os tinha camuflado, de modo que eu não consegui sentir o ataque iminente.

Lá estava o forro prateado que consegui desembainhar minha espada nas minhas costas e chicotear através da horda com rapidez para salvar os assassinos valentes, porém idiotas, de pelo menos três golpes mortais. Eu cortei a cabeça de uma mulher que mordia, ou o que costumava ser uma mulher, apenas antes de afundar as presas no pescoço de Thorne. Ele tirou o seu próprio adversário antes de se virar para ver o sangue escorrendo da espada que salvou sua vida.

Eu sorri para ele através da picada de magia negra na minha barriga. — Segunda vez esta noite. Você me deve uma cerveja. Tome conta do resto por conta própria, certo? Eu tenho uma cadela para matar.

Eu girei, saindo da pequena área designada para a batalha e para dentro da parte da sala onde Earnshaw e sua bruxa observavam com caras impassíveis. Earnshaw sorriu e meu olhar voltou para ver mais criaturas se derramando, os matadores lutando para mantê-los no compartimento. Eu deveria ter voltado para ajudar, mas eu temia que a sombra escura que cobria a minha espinha pudesse me consumir se a bruxa não morresse logo. E a forma como uma das criaturas estalando atingiram o espaço entre mim e ele mostrou que eu não poderia mesmo se eu quisesse; Eu estava em algum tipo de círculo de feitiços com Earnshaw e sua bruxa de estimação.

Os matadores estavam por conta própria. Para encontrar suas mortes, presumivelmente.

Eu engoli a cinza nisso.

— Então, Minerva, não fomos devidamente apresentadas — falei com a bruxa no mesmo vestido preto e fluido de antes. Ela estava sorrindo sedutoramente para mim, seu glamour em pleno efeito. A luz da lua cintilou de uma janela na sala para fazer sua pele de glitter com diamantes, destacando

seus lábios rosados e figura delgada. — Eu vi seu verdadeiro rosto. Eu sei que você não está ganhando nenhum concurso de beleza, então isso... — eu acenei minha mão em seu corpo —... É completamente desnecessário.

O sorriso dela não diminuiu enquanto a dor branca e quente irradiava da minha linha do cabelo para os meus dedos dos pés. Eu não fiz um som, apesar de me colocar de joelhos, o rugido disso nos meus ouvidos se afogando tudo fora.

Eu pisquei o quarto empoeirado de volta à existência para ver a renda preta se arrasando ao redor do chão para descansar na minha cara. Os dedos de pregos longos tiraram sangue do meu queixo enquanto ela puxava para cima até encontrar seus olhos.

Seus olhos negros.

— Meu nome é Belladonna, sua cadela insolente — ela me informou, suas palavras, um chicote. — Isto será a última coisa que você ouvirá antes de conhecer sua morte final. — Ela fez uma pausa, inclinando a cabeça. — Isso depois de você nadar no sangue e dor do seu passado.

A sala ondulou, virou-se para o papel e caiu como um fundo falso em um filme de Hollywood.

Foi substituído por uma casa que não existia em qualquer lugar, exceto nas memórias que eu gostaria de ter banido.

Movia-se enquanto eu me movia, meus pés escorregadios levando passos sem pressa em direção à porta.

Minhas saias incharam no ar suave do verão, e minha mão levantou-se para escovar uma mecha de cabelo que escapou dos meus grampos.

— Não! — O meu eu interior gritou na memória, a marca do eu humano.

Eu estava presa em sua cabeça, pensando em seus pensamentos. Dentro de mim era eu, mas estava presa nessa sombra de uma memória que provava muito pior porque era real.

Meu espartilho cavou na minha cintura, minhas costelas protestando por serem constrangidas de tal maneira, e eu tinha uma dor em meus pés enquanto caminhava da cidade, decidindo me maravilhar com o deleite no dia. Para banhar-me na felicidade.

Minha pele queimou um pouco, como eu tinha ido sem um chapéu e a dureza do sol do meio-dia causou estragos na minha pele pálida.

Tudo isso, mais a batida do meu coração, parecia tão real, como se os últimos quinhentos anos tivessem sido um sonho e eu ainda era humana em Paris. Apaixonada.

Eu assisti com horror quando minha mão torceu a maçaneta da porta, minha visão inclinando-me com a cabeça quando eu lembrei da confusão de estar um pouco entreaberta.

Peguei as bordas da mente, tentando encontrar uma saída. Isto era um feitiço, magia; tinha que haver um caminho, uma porta escondida para fora desta prisão.

Então o cheiro me assaltou. Mesmo os meus sentimentos humanos fracos reconheceram isso. Apressou meus passos e transformou em gelo tudo o que já havia sido sangue quente em minhas veias.

Uma vez que vi o primeiro corpo, o estômago mexeu com náuseas. Meus olhos espalhados nossa grande sala de desenho.

Sangue misturado com o padrão rosa de nossos tapetes.

— Celeste — eu sussurrei, passando minha governanta, a garganta aberta e o verde de seus olhos se abriram no último olhar vazio da morte.

Meus passos estavam no piloto automático. Dor mordida com dormência no mais desagradável e horrível dos sentimentos.

Esparramado no chão em algum tipo de decoração brutal estava todo mundo que eu já conheci e de quem me tornei amiga em Paris.

Pessoas que me deram o dom da esperança. Que talvez eu tivesse uma vida em vez de uma morte.

Suas mortes foram a maneira mais segura de matar essa esperança.

E quando meus olhos lançaram a pessoa final, soltei um grito estrangulado.

A dor e a agonia irradiaram todo o meu corpo enquanto eu subia pelos membros caídos.

— Não, não, não — o passado de mim entoou, sua voz tão cheia de cruel agonia que me encolhi dentro da minha própria cabeça.

Mãos balançando pairavam sobre o cadáver ensangüentado e mutilado do meu marido, sem tocá-lo. Eu não queria tornar isso real, como se fosse o meu toque que o matasse em vez da poça de sangue manchando meu vestido branco.

Eu me acordei e coloquei minha mão em sua bochecha, então gritei. Ecoou através dos cantos da minha caveira e eu me encolhi no meu lugar.

A dor irradiava pelo meu corpo e meu coração batia a uma velocidade que não parecia humana.

Porque não era.

Eu provei isso quando parou e uma mão invisível fechou minha garganta, esmagando os ossos e me roubando o ar.

Ainda dentro da minha cabeça, observando isso acontecer, não posso dizer quanto tempo demorou para eu morrer.

Muito tempo.

Eu engasguei por ar, como se estivesse saindo do submarino, voltando para a sala, para os ruídos de batalha e sangue.

O sorriso sardônico de Belladonna foi tudo que eu vi.

— Não estou nem perto de terminar — ela sussurrou.

Eu pensei ter ouvido uma voz masculina abaixo do meu nome antes de ser sugada uma vez mais.

— Por favor — implorou uma voz assustada.

Olhei para o humano sujo de joelhos, agarrando sua jovem esposa às suas costas, como se ele pudesse protegê-la.

Eu ri do rosto de seu terror, achando divertido. Ou fingindo, pelo menos. Os sentimentos não eram algo com que eu estava atormentada. Somente a morte. Eu lidava com isso. Provei. Sobrevivi.

Deixei seus corpos sem vida na foz do beco em Praga, sem um segundo pensamento.

Um vento brutal atravessou meu rosto frio enquanto eu pululava no tempo e no espaço. Eu lutei por uma posição para sair do vórtice.

Não houve fuga.

Somente a morte.

As ruas inglesas eram barulhentas enquanto lutava contra o desejo de matar todos os humanos quase moviam pelas ruas como ratos. Eu consegui engolir minha raiva para manter meus olhos no meu alvo.

Outro casal.

Rindo. Apaixonado.

Tolos.

Era meu trabalho educá-los sobre a mortalidade de sua felicidade. E para fazer um favor para eles de se observar mutuamente.

Eu engasguei com a dor das mortes que minha pessoa morta causou. Afugentando-se neles.

— Já teve o suficiente? — Ela ronronou.

Eu sorri pela dor. Ela estava apenas usando as memórias como uma distração, então eu não percebi que seu feitiço estava me apodrecendo de dentro para fora. — Foda-se — eu sussurrei.

Seu olhar piscou por um momento antes que ela murmurasse o latim em voz baixa.

Uma nova e poderosa onda de agonia lavou-me, fazendo o feitiço no escritório de Sophie parecer uma peça infantil. Eu não conseguia segurar meu grito, tanto quanto eu queria. Para o meu espanto, ao olhar para a minha mão, a pele não estava sendo esfolada do meu corpo.

Embora eu pudesse ver o vapor subindo dos meus braços de porcelana, que agora tinha um tom vermelho para eles.

Esta cadela estava literalmente fazendo meu sangue ferver.

Eu estava muito consciente de que eu estava morrendo, e na frente de um idiota como Earnshaw, que estava sorrindo o tempo todo.

Não era o momento de glória que eu tinha imaginado.

Eu queria lutar mais; no entanto, essa bruxa não só tinha poder, mas ela obviamente foi a garota má em Salem porque sabia como realmente trazer alguém de joelhos.

Como acabar com alguém, torná-los primeiro mentalmente fracos.

Usar o cérebro de alguém contra ela era uma maneira infalível de conseguir sua morte no caminho.

Eu a teria admirado não fosse ela uma bruxa sádica, de magia negra e horrível.

Não só minha mente se enfraqueceu, mas seu feitiço me deixou paralisada.

Levei um segundo para ouvir além da fervura do meu próprio sangue.

— Isla — uma voz abafada rugiu.

Eu estiquei minha cabeça com o mesmo esforço que levaria para mover um pequeno prédio.

Meus olhos se encontraram com os de Thorne. Ele estava alternando batendo no vidro invisível e inquebrável entre nós enquanto golpeava os vampiros transformados.

O sangue escorria de um corte em sua têmpora, os braços musculosos decorados com cortes rasgados de marcas de presas.

Seu punho ensangüentado se conectou com a parede mais uma vez.

— Não deixe essa cadela te matar — ele ordenou, sua voz um grito através da espessura do ar.

Foi o movimento de seu pulso que o enviou voando para as hordas de vampiros estalando que fez isso.

Eu arranquei através da dor e levantei a arma que eu tinha tanta certeza de que não usaria. Não teria funcionado, sua atenção ainda não estava em Thorne. Mas a bala a atingiu entre os olhos, quebrando o feitiço e me dando um momento para me afastar do sombrio abraço da ceifadora.

Eu não corri o risco dela voltar com magia necromante, usando minha última força para arrancar a cabeça de seus ombros. No instante em que o fiz, o aperto rançoso de seu feitiço recuou como uma maré. Não foi um estalo imediato como eu esperava, o que me desapontou.

Meu sangue coçou com os efeitos posteriores do feitiço e me virei para Earnshaw, sorrindo.

— Não tão presunçoso sem as saias da sua bruxa para se esconder atrás, não é? — Eu perguntei a ele.

Se os vampiros pudessem empalidecer, Earnshaw teria ficado branco como uma folha. Ele piscou, porém, fazendo careta.

— Você vai morrer por isso — ele prometeu. — *Ele* vai se certificar disso.

Eu inclinei minha cabeça. — Grande conversa vinda de alguém a poucos centímetros de distância da morte.

Eu odiava que tal afirmação não fosse justamente verdadeira. Tanto quanto eu queria arrancar sua cabeça e usá-la como um apoio para os pés quando eu finalmente conseguisse me sentar, eu raciocinei que o rei poderia querer ter uma conversa com ele. Não era esse o ponto de eu quase morrer? Para dar orei o que ele queria, então eu *realmente* não morreria? Eu teria que ligar para Sophie para que ela fizesse algum trabalho de borracha nas memórias de Earnshaw sobre mim e os assassinos. Não faria bem em que ele revelasse isso sob tortura.

Não era nada bom.

Os olhos arregalados de Earnshaw foram para trás quando o último estalo revelador de osso ecoou ar.

— Não — foi seu sussurro estrangulado.

Eu olhei para trás. Os olhos de Thorne imediatamente encontraram os meus, o coquetel de emoções neles quase parando todos os outros pensamentos que eu tinha. Seu peito se expandiu rapidamente e caiu como esforço de respirar.

Não é de admirar, já que ele estava quase até os joelhos com cadáveres.

Nenhum dos quais eram de seus próprios homens, surpreendentemente. Fiquei um pouco desapontada que a única coisa que Sem Pescoço estava amamentando era um olho enegrecido e uma ferida de mordida particularmente desagradável perto do ombro dele.

Se eles tivessem tão somente mirado um pouco mais alto.

— Parece que todas as suas abominações deram tchau, Dr. Frankenstein — eu disse, voltando meu olhar para Earnshaw. — Eu diria que sinto muito, mas eu não sinto e você é um idiota que tem o que mereceu, então eu vou apenas fazer isso.

Eu corri para frente esperando uma luta fácil, mas quando você encurrala um predador, você os encontra no seu mais forte.

E eu detesto admitir que eu estava no meu ponto mais fraco.

Não só o feitiço da bruxa tinha me drenado, mas minha falta de sono significava que meu tempo de recuperação estava atrasado.

O que significava que era mais fácil para as presas de Earnshaw se ligarem ao meu pescoço e rasgar fora metade da minha garganta.

A dor era branca e quente e imediata. Felizmente isso me irritou o suficiente para arrancar seu pescoço e dificultar mais feridas mortais.

Ele caiu no chão aos meus pés.

Eu olhei para o seu corpo, segurando uma mão na minha jugular que ainda tinha que parar o sangramento. Líquido frio jorrou pelo meu pescoço e

cobriu a frente do meu corpo. A dor ainda tinha que retroceder, pois o sangue não parava de fluir em segundos como era normal.

Não é de admirar que os humanos fossem tão desgraçados.

— Isla — uma voz rosnou ao meu lado.

— Por favor, me diga que você tem alguma forma de restrições de vampiro em seus cintos de Batman — eu disse por resposta à preocupação.

Uma pausa.

— Restrições?

Eu balancei a cabeça ainda sangrando, ignorando a dor lancinante que veio com o movimento. Foi intenso o suficiente para virar meu estômago. Vomitar sangue era a última coisa que eu queria fazer; eu precisava segurar o máximo que pudesse, considerando que as únicas pessoas com pulsos no quarto me matariam mais do que a bruxa poderia com apenas um gosto do sangue deles.

— Sim. Eu não estou envelhecendo aqui, mas cada vez mais irritada, — eu respondi. — Eu não posso matá-lo tanto quanto eu gostaria. Eu preciso dele vivo para informação. — Eu estendi minha mão e mexi meus dedos impacientes. — Restrições.

Fora da minha periferia, Thorne assentiu. Um de seus homens disparou para a frente, entregando-me as algemas de cobre tão rapidamente quanto humanamente possível antes de sair da minha presença.

Ele era o garoto para quem eu tinha apontado a arma. Parecia que ele não podia perdoar e esquecer.

Eu lutei contra a maneira como a sala ficava borrada ao redor para algemar Earnshaw, a queimadura do cobre nada comparada com o inferno que acabara de recuar de todas as partes do meu corpo. Ele estaria curado em cerca de vinte minutos, então eu precisava dele em trânsito, ou idealmente fora do meu cabelo, antes disso.

Fiquei em pé, mais uma vez tentando me convencer de que o mundo não deveria estar girando. Minha perda de sangue finalmente diminuiu,

apenas um gotejamento lento escapava das minhas mãos que ainda estavam segurando meu pescoço junto.

— Um de vocês, jovens cativos, pode levá-lo até o carro para mim? Eu acho que isso é o mínimo que vocês poderiam fazer, já que eu fiz todo o trabalho pesado na noite — eu perguntei, minha voz clara.

O ar estava carregado, e só então me ocorreu que eu estava ferida e seriamente enfraquecida na presença de quatro caça-vampiros sedentos de sangue, saindo do alto de cortar inúmeros vampiros.

Se eu fosse servir minha cabeça em uma bandeja de prata, essa era a chance deles.

O corpo de Thorne endureceu ao meu lado e eu pude sentir a percepção de suas emoções.

Não sutilmente, ele se afastou, me levando com ele e posicionando seu corpo na frente do meu enquanto mantinha os olhos em seus homens.

Terceira vez. Estava se tornando um hábito. E eu estava começando a gostar disso.

— Derrube-o — ele rosnou para Sem Pescoço. Ele não esperou por uma resposta antes que ele olhasse para os outros dois. — Eu quero que vocês dois peguem um desses — ele acenou para os cadáveres espalhados a seus pés — E o leve para Silver. Nós não queremos estar aqui quando reforços vierem.

Seu comando era claro. Os dois primeiros farfalharam para continuar, as musculosas pele de azeitona um içando o corpo por cima do ombro em um movimento suave. Eles me deram uma última olhada de desgosto. Eu pisquei para eles.

Sem Pescoço ainda estava olhando para Thorne. — E você, comandante? O que você vai fazer?

Thorne endureceu ao seu lado. — Saber o que estou fazendo não fazia parte de seus pedidos, Erik. Você vai me desobedecer?

A questão pairou no ar. Não foi perdido por mim que Erik estava segurando sua faca de cobre tão apertado que sua mão carnuda ficou branca.

Minha visão ficou embaçada. Eu tinha certeza que ele não se clonou, então não era uma coisa boa que eu visse dois assassinos furiosos e malucos.

Eles se fundiram de volta em um quando ele deu um passo à frente. Thorne enrijeceu, só um pouco, mas o suficiente para deixar claro que ele desafiaria um dos seus se eles me atacassem.

Em vez de assistir os dois caçadores de vampiros lutarem, o que mesmo no meu estado enfraquecido eu aproveitaria, Erik passou correndo por nós, tratando-me com a amargura de sua raiva antes de levantar Earnshaw.

— O meu é o conversível vermelho cereja no meio-fio, Mercedes — eu disse a ele docemente. — Atrás está bem. E se você arranhar meu carro, eu vou arrancar sua garganta. Um leve tom molhado na minha voz, graças à minha garganta sendo arrancada. — E ao contrário de mim, você não vai ficar aqui conversando depois que eu fizer isso.

Erik me deu um olhar tão cheio de ódio que o ar rodou com o gosto rançoso da emoção.

Então ele olhou para Thorne, esperando que ele desafiasse meu pedido. Thorne dobrou seus braços. Eles estavam cobertos de sangue, serpenteando seus bíceps musculosos como algum tipo de tatuagem. Estava delicioso.

— Faça isso — ele disse. — Então volte para o complexo.

Erik teve uma luta interna em soltar o sanguessuga, esfaquear seu comandante e então terminar de arrancar minha cabeça. Estava claro como o dia. O ar carregado novamente, mas Thorne manteve os braços cruzados.

Chegando a sua decisão, Erik se virou e desceu as escadas, envolto em sua manta de ódio.

Thorne e eu ficamos em silêncio, a morte permeando o ar, o resto da magia negra infiltrando-se nas tábuas do assoalho.

Meu estômago ainda enrolado com frieza gelada que não tinha sido banida com a bruxa.

Isso e a perda de sangue da ferida que não parecia querer curar.

Eu precisava de uma bolsa de sangue fresca. Eu olhei para os tendões pulsantes no pescoço de Thorne, sangue me chamando, me hipnotizando com o batimento cardíaco trovejante dele.

O que não fazia sentido algum. Instintivamente, eu deveria saber que o sangue dele me mataria. Em vez disso, eu ansiava como se fosse a única coisa que me manteria nesta terra.

Eu precisava sair daqui. — Ok, tão divertido quanto foi, nunca vamos fazer isso de novo. Você realmente sabe como mostrar a uma garota uma má hora, — eu disse, tentando dar a volta nele. Ele rodopiou e me empurrou contra a parede em um momento. Minhas reações foram perigosamente lentas, porque eu deixei. Foi a ferida mortal no meu pescoço que deixou ele me encaixotar na mesma posição como eu tinha ficado lá fora, ou foi outra coisa? O olhar sombrio encapuzado em seus olhos cinzentos o gosto dele que se misturava com o gosto da morte? Seu corpo que tinha meu sangue cantando como senão estivesse fervendo embaixo da minha pele momentos antes?

— Você não vai a lugar nenhum — ele rosnou. A selvageria de seu tom não combinava como sua mão manchada de sangue chegou até o meu pescoço, roçando a carne que estava se unindo de volta junto.

Seus olhos estavam grudados na ferida que estava se tornando pouco mais que um arranhão, a dor que irradiava através do meu corpo silenciou para uma coceira desconfortável.

Nos romances e sonetos e naqueles filmes de romance terríveis, as pessoas falavam sobre o tempo parando ou diminuindo a velocidade. Eu queria drenar essas pessoas, ou a pessoa que inventou o conceito de algum tipo de conexão emocional, substituindo a física.

A magia poderia fazer isso, assim como alguns vampiros fortes, manipulando o fio do tempo para dobrar isso. Nada louco, apenas alguns segundos aqui ou ali. Todas as forças sobrenaturais, mas havia uma razão para o conceito.

Razão não existia aqui. No momento em que o tempo se tornou um molde que Thorne esculpiu com sua respiração e seu coração batendo. Sua cabeça abaixou em direção ao meu pescoço, seu cabelo escuro caindo ao redor dele enquanto seus lábios se prendiam suavemente sobre a pele recém curada. Beijando-a. Colocando sua boca sobre minha pele manchada de sangue, como se seus lábios humanos tivessem um poder que o sangue vampiro não tinha. Eles poderiam curá-lo e afugentar o frio que começara a recuar com sua proximidade.

No segundo em que ele fez contato, todo o meu corpo ficou iluminado com um calor que não podia ser rivalizado por uma chama aberta. Derreteu o gelo no meu estômago como se eu tivesse drenado uma centena de humanos.

Quando sua cabeça levantou e seus olhos famintos encontraram os meus, o tempo voltou e tudo aconteceu em um borrão. Seus lábios eram marcas por conta própria enquanto suas mãos seguravam meus lados, um baixo grunhido vibrando de sua garganta.

Eu passei meus braços em volta do seu pescoço, mergulhando minhas mãos em seu cabelo, puxando brutalmente para ele como ele me levantou e imediatamente me jogou brutalmente na cama que era tudo, menos esquecida no meio da batalha.

Seu corpo cobriu o meu antes que eu tivesse um segundo para perseguir qualquer aparência de sanidade restante na minha psique.

Seus lábios incendiaram os meus enquanto seu corpo estava colado ao meu. Se isso fosse insanidade, então eu ficaria feliz em usar uma jaqueta careta.

Ele rasgou minha blusa, então segurou meus seios por um segundo glorioso antes que a roupa se fosse em uma lágrima de tecido e meu último fragmento de razão.

Thorne soltou um assobio baixo enquanto examinava meu sutiã de renda vermelho-sangue, com os olhos brilhando.

— Porra, você é magnífica, Isla — ele murmurou.

Então ele abaixou a boca de modo que se estabeleceu no topo da fina renda que cobria meu mamilo.

Eu agarrei seu cabelo, enfiando minhas unhas através dele e puxando com força enquanto ele alimentava as chamas dentro de mim. Eu tinha certeza que a suspensão da cama serviria como graveto para acender e queimar tudo isso até o chão. Eu não teria piscado se isso acontecesse, desde que o corpo de Thorne ficasse no meu.

Eu poderia lidar com qualquer coisa, desde que seu cheiro estivesse perto o suficiente para provar, seu batimento cardíaco sacudindo minha alma, me dando a vida que estivera ausente por quinhentos anos de morta viva

Sua boca se moveu para baixo, saboreando, saboreando e adorando seu caminho até o cós da minha calça jeans. Seu toque, seus lábios, a energia fluindo através dele - nada disso foi gentil. Seus dentes roçaram minha barriga rudemente, seu aperto nos meus quadris firmes o suficiente para imprimir hematomas na minha pele pálida. Contusões que permaneceriam mais tempo do que o habitual, mas que eu ficaria feliz em manter como tatuagens de seu toque.

A cortina de seu cabelo caiu para trás e os olhos ferozes encontraram os meus.

Eles ficaram assim, trancados em um olhar brutal, enquanto ele arrancava minhas botas e jeans em um movimento que foi um borrão até para os meus olhos.

Eu estava muito drogada com o toque dele para registrar a estranheza disso. Meus olhos o devoraram, sangue e hematomas apimentando seu corpo musculoso, restos de uma batalha que acontecera há muito tempo atrás. Eu me movi rapidamente, capturando-o e virando-nos para que ele estivesse de costas e eu o montasse, meu núcleo de lingerie pressionando em sua dureza áspera envolto em jeans.

Minha testa colidiu contra a dele. — Eu te disse, eu fico melhor no topo — eu ronronei, minha voz mal reconhecível.

Seus olhos eram de mercúrio quando ele segurou meu rosto com uma ferocidade que eu afundei. Então em outro borrão e uma quantidade deliciosa de dor, minhas costas pressionaram no tecido áspero da cama, o corpo inteiro de Thorne pressionando o meu.

— Este é um lugar em que você não consegue estar no comando — ele rosnou. Ele torceu o meu mamilo e, em seguida, moveu-se para baixo, libertando-se de seu jeans, enquanto o resto dele ficou vestido.

Ele se inclinou, capturando meu lábio inferior em seus dentes e mordendo com força suficiente para tirar sangue.

— Você não se rende a ninguém além de mim — ele raspou contra o meu lábio sangrando. Então ele cobriu minha boca com a minha própria, provando meu sangue ao mesmo tempo em que ele avançou em mim.

Sexo e morte eram as duas partes mais naturais da vida. Naturais, necessárias e melhores se sentimentos não estivessem envolvidos em nenhuma.

No entanto, no momento em que Thorne e eu nos conectamos, foi algo além do natural.

Sobrenatural.

Ele bateu em mim com uma ferocidade que rivalizava com a de qualquer vampiro, demônio ou lobisomem. Eu agarrei suas costas, segurando com tudo que eu tinha, afundando minhas unhas através do tecido de sua camiseta, então eu arranhei sua pele, tirando sangue.

Ele soltou um silvo e sua batida se intensificou, sua boca pairando a centímetros da minha enquanto seu sangue permanecia no ar. O aroma disso, junto com o cheiro dele, me fez focar nas veias em seu pescoço, ansiando por afundar minhas presas e provar seu sangue na minha língua enquanto ele pulsava em mim.

Eu até encontraria a morte que isso prometia no momento.

Como se ele sentisse isso, a mão de Thorne circulou meu próprio pescoço, levantando meu olhar para olhos de mercúrio.

— Você olha para mim, Isla — ele rosnou. — Eu.

Eu obedeci, não ansiando mais pelo sabor do sangue dele.

Nem o gosto do túmulo que veio com ele.

Eu queria mais. E no momento em que o fogo que ele construiu atingiu o ponto de ruptura, eu percebi que ele, dentro de mim, me levando em meio aos cadáveres que criamos, não era nada sobrenatural.

Era natural.

E isso era fatal.

Então não havia nada além de luz branca ofuscante quando meu clímax assumiu cada centímetro de pensamento coerente, minha mente agarrando-se aos grunhidos de prazer de Thorne enquanto eu ordenhava seu próprio final.

O ar era doce e amargo e maravilhoso com nossos aromas combinados, com o pulso de sua emoção.

Consegui afastar a luz branca até o mercúrio dominar minha visão.

Com uma gentileza que contrastava com o aperto brutal de antes, Thorne escovou meu cabelo do meu rosto com uma lentidão agonizante, observando sua jornada enquanto seguia pela minha bochecha.

Meu mundo ficou embaçado nas bordas, o rosto de Thorne a única coisa na clareza austera e chocante. Machucada e manchada com os resultados de danos que sempre existiriam, contanto que ele fosse humano.

O realismo de seu rosto decorado com os símbolos da mortalidade serviu de presságios que enviou uma força fria de premonição através do calor que ele criou.

— Essas delícias violentas têm finais violentos — murmurei quase para mim mesma.

Ele segurou meu queixo, seus olhos cinzentos de aço oceanos para se perderem. Afogarem-se. — Tudo tem um final violento, Isla. Vida. Morte, como se vê. Até a paz é violência embalada de forma diferente. — Ele segurou

meu rosto com mais força, sua outra mão cavando dolorosamente meu quadril. — Mas a violência não é a melhor parte? — Ele rosnou.

O borrão nas bordas da minha visão tornou-se mais dominante com suas palavras. O alívio da própria violência que eu desejava de seu toque. Então eu desisti.

Eu me rendi

Nos braços de Thorne, era o lugar mais fatal e mais seguro para fazê-lo.

10

Acordar em um instante de pânico e agarrar a minha garganta em chamas não era minha idéia de uma boa maneira de começar a noite.

Cada instinto em todo o meu ser vibrava com inquietação enquanto eu surgia na consciência num ambiente desconhecido. A sede selvagem de chamas descamando minha garganta de carne tornava difícil entender por que eu estava em um quarto pequeno e escassamente decorado.

Uma coisa que notei foi o cheiro amadeirado que serpenteava dos lençóis cinzentos nos quais eu estava emaranhada.

Thorne.

Imagens de corpos furiosos colidindo juntos em um acoplamento brutal entre o sangue e os cadáveres espalhados pelo chão fizeram consumir em chamas em outro lugar.

Em um lugar bem mais abaixo.

Foi apenas tardiamente que percebi que estava nua, exceto por uma camisa que imprimia o cheiro de Thorne na minha pele flamejante, pressionando meus seios.

Se eu não estivesse meio louca de sede, poderia ter parado para refletir por que eu estava com a camisa de Thorne, no que eu imaginava que era o quarto de Thorne. Como era, eu pensava em apenas uma coisa.

Sangue.

Nem em décadas, talvez séculos, eu estive tão despojada de meus instintos mais básicos.

Anos em que a única coisa que significava algo era preencher o vazio coma alma de tantos humanos quanto possível.

O batucar no quarto ao lado me fez saltar da cama e correr para a porta antes de entender o que aconteceu.

Eu me peguei com a mão na maçaneta enquanto vozes baixas flutuavam através doar e fizeram cócegas nos meus ouvidos.

Se eu tivesse um pouquinho de menos autocontrole, teria ignorado e ido em busca de um grande café da manhã. Em vez disso, parei.

— Normal? — Uma voz estrondosa me cercou em sua carícia áspera e o grunhido inconfundível e cheio de fúria de Thorne ecoou pela sala. — Ela tem estado tão quieta quanto a porra de um cadáver por quase a porra de uma semana, — ele assobiou. — Não temos idéia se ela vai acordar porque ela não tem um batimento cardíaco. Precisamos da bruxa de volta aqui.

Uma semana? Eu sentia como se eu estivesse em uma dieta sem sangue por pelo menos um ano. Eu olhei para o meu braço, ainda suave e sem falhas. Mas minhas mãos tinham uma ruga, o que seria invisível aos olhos humanos. Quando os vampiros ficavam muito tempo sem sangue, eles começavam a murchar como uma ameixa. Vampiros jovens não podiam durar um dia. Depois de passarem um século, eles melhoravam.

Eu? Eu poderia agüentar mais do que uma semana. Era desconfortável, mas nada mais do que modelos emaciados se sentiam em uma base diária. No entanto, eu não podia agüentar tanto tempo sem sangue quando eu perdi muito de uma ferida aberta no meu pescoço e aquela maldita bruxa tinha evaporado.

— Não podemos trazer a bruxa para cá — argumentou uma voz mais profunda e suave. A pontada no meu pescoço me disse que ele era um matador também. — Nós temos calor suficiente sobre nós por termos uma maldita *vampira* em casa. Outro no celeiro. Infiltrar a bruxa uma segunda vez vai estar perto do impossível. Você sabe que Erik está observando este lugar. Ele ainda é leal, apesar de ser um idiota, então ele ainda deve informar qualquer pessoa fora da unidade sobre você trabalhar com um vampiro. Mas se ele soubesse que você tem uma em sua *cama*? Houve uma pausa e um farfalhar de movimento enquanto o palestrante andava de um lado para o outro. — Deus, Thorne, o que você estava pensando, trazendo uma sanguessuga aqui? Você sabe que o conselho pode tomar suas tiras por isso. — Raiva e a frustração borbulhavam da voz anteriormente suave. — Eu sei que ela tem algo em você, mano, mas *não é fodidamente bom*.

Eu concordei com ele lá. Mesmo agora, a mera presença de Thorne fazia o meu corpo em sintonia coma onda de fúria e tons de preocupação ondulando através de seu corpo rígido como uma tempestade. Eu podia saborear suas emoções com mais clareza do que eu tinha comprado sozinha. Os batimentos cardíaco eram altos o suficiente para residir no meu próprio peito. E a onda de sangue em volta do seu sistema cantou para mim com uma melodia que me fez segurar a maçaneta da porta com força suficiente para encaixá-la fora.

Eu olhei para baixo, imaginando se tinha acabado de anunciar minha presença.

O grito estridente de Thorne, somado à sua erupção vulcânica de minhas emoções afogou o som.

— Eu sei, porra — ele rugiu.

O silêncio banhava a sala com sua clareza tentadora e confrontadora.

Eu tentei engolir as chamas na minha garganta.

— Então vamos lá e resolver o problema colocando uma faca em sua têmpora.

A outra voz estava mais uma vez calma.

Eu sorri contra o fogo. Eu gostei desse cara. Bem, eu gostaria, se ele não estivesse discutindo o meu assassinato. Mas eu gostei de sua sede de sangue.

A fúria de Thorne atravessou as paredes e encharcou o quarto em que eu estava.

— Você a toca, eu coloco minha faca em seu coração — Thorne pronunciou em uma voz tão enganosamente suave você pensaria que era o sussurro de um amante - se você fosse denso, isso é. Até mesmo uma pessoa surda poderia sentir a promessa da morte no ar.

Ele varreu ao meu redor, seu significado permeando minha sede de sangue.

O outro matador soltou uma risada rouca. — Só *você* se apaixonaria pela criatura que você nasceu para matar.

Eu atravessei a porta antes que minha escuta me levasse a algum lugar de onde eu não poderia vir de volta.

Amor e Thorne?

Não.

O amor era uma sentença de morte.

Eu podia já ter morrido, mas não queria que fosse literal.

Corri por um corredor salpicado de fotografias para chegar a uma pequena sala de estar em plano aberto de sala e cozinha. As portas de vidro que levavam a um alpendre revelavam um gramado que serpenteava em densas florestas.

Dois olhares masculinos se concentraram em mim. Eu devolvi o favor. Thorne estava perto do homem musculoso na frente dele, obviamente necessário para sua ameaça de morte. Suas mãos ainda estavam enroladas em punhos, e as veias expostas de sua camiseta preta pulsavam com a maneira como ele segurava a si mesmo. Sua calça jeans era preta em vez de seu habitual jeans desbotado. Eu me preparei contra o seu olhar cinzento e o olhar selvagem gravado em suas feições.

Eu me concentrei no homem ao lado dele. Era como olhar para a noite e o dia. Onde Thorne era escuro, suas feições esculpidas em mármore, o cabelo loiro desse matador era curto, mas bagunçado artisticamente, seu nariz torto de ser quebrado muitas vezes. Ele estava coberto da garganta ao tornozelo em tatuagens, vibrantes e vivas em sua pele musculada, visíveis em torno de sua regata apertada e de seus shorts de surfista. A pele debaixo das tatuagens estava bronzeada, e eu meio que esperava ele para me dar a saudação — fica frio, enquanto tagarelava em um sotaque californiano.

Minha leitura deles levou apenas alguns segundos, mas causou uma agonia física de ignorar o pulso no pescoço de Thorne e o chamado de seu sangue. Curiosamente, o surfista matador era tão apetitoso quanto papelão molhado.

— Eu não acho que estamos mais no Kansas, Toto — falei para o cachorro imaginário aos meus pés.

Os olhos do matador surfista saltaram um pouco com as minhas palavras. Mais uma vez o seu olhar percorreu sobre as minhas pernas expostas, a camiseta de Thorne engolindo meu torso, mas apenas cobrindo minha bunda. Meu cabelo não estava bagunçado porque eu fiquei completamente quieta quando dormi, a ausência de cabelo de cama era uma das grandes coisas sobre ser morta-viva. Minhas madeixas ruivas caiam nas minhas costas como se eu tivesse acabado de sair de um comercial de xampu.

— Eu entendo — ele disse imediatamente.

Thorne soltou um som de aviso em sua garganta enquanto seu olhar espelhava o de seu amigo, embora fosse seguido por uma sombra de seu toque fantasma. Memórias das mãos ásperas me imobilizando enquanto ele perfurava implacavelmente em mim.

Minhas memórias foram interrompidas por outra sensação de fome que correu pelo meu tronco com o poder de me dobrar. Eu fiquei de pé, mas o sorriso sardônico cintilou do meu rosto.

Thorne percebeu e já estava na metade do quarto quando isso bateu. Sua respiração era quente no meu rosto no momento em que ele veio na minha frente.

— Isla — ele murmurou. — Você está viva.

Inclinei a cabeça, ignorando a dor no estômago e a queimação na garganta. Eu não podia mostrar fraqueza. Nem mesmo na frente do homem que me devastou dentro de uma polegada da minha vida após a morte uma semana antes, então me abrigou através de laevisomnus e ameaçou o que eu adivinhei que era um amigo íntimo que sugeriu me matar durante o sono.

E ele pode ou não me amar.

— Não tecnicamente — respondi despreocupadamente, como se o último pensamento não tivesse me arrepiado até os ossos. — Mas eu não estou morta, por isso parabéns para mim. — Eu dei-lhe um sinal de positivo.

— Você poderia me dizer onde estamos, como cheguei aqui e então gentilmente me direcionar para o meu carro?

Seu olhar se tornou estrondoso. — Você poderia me dizer como você entrou em colapso nos meus malditos braços e nem mesmo uma veia aberta te acordou em uma semana? Emoções cintilavam ao redor dele como um manto negro.

Minha cabeça se levantou. — Veia aberta? Odeio quebrá-lo para você, amigo, mas a menos que você estivesse tentando me matar de verdade, sua veia aberta não faria muito — eu menti.

Sua proximidade me fez traçar a jornada do sangue bombeando através dele com cada batida de seu coração. Eu ansiava por isso. Afundar minhas presas em seu pescoço era a promessa de algo ainda mais do que o sangue que Rick me dera uma semana atrás.

Nirvana, talvez.

Morte certamente.

Mas o desejo era tão forte que tive que cravar minhas unhas nas palmas das mãos e abri-las apenas para ficasse enraizada no lugar.

Seus olhos endureceram. — Não fui eu — ele admitiu com os dentes cerrados.

— Idem com o garoto surfista aí. — Eu balancei a cabeça para o assassino que estava assistindo a troca com interesse. — Sem ofensa — acrescentei. — Eu tenho certeza de que seu sangue me deixaria toda derretida se não fosse pela coisa toda — tóxica para os vampiros.

Embora seu sangue não estivesse cantando para mim como o de Thorne. Mesmo enquanto eu seguia sua jornada em torno de seu corpo, o cheiro dele fez meu corpo faminto recuar. Mesmo Thorne era um oásis no deserto. Não era bom.

Ele sorriu largamente. — Ninguém, linda sanguessuga.

A maneira como ele usava — sanguessuga — como carinho me fez sorrir.

— Sophie — continuou Thorne.

Voltei minha atenção para os olhos cinzentos e tempestuosos que procuravam meu rosto como um homem procurando por manchas de ouro em uma panela.

— Sophie estava aqui? — Eu perguntei, olhando ao redor no caso de eu ter perdido a minha não-exatamente-invisível melhor amiga. —Ela está bem?

Thorne acenou com a cabeça uma vez, unindo suas feições com a minha preocupação.

— Não lhe disse para não se preocupar com um vaso que você quebrou segundos depois?

Sua testa franziu ainda mais. — Não.

Thorne obviamente não tinha visto *Matrix*.

— Não fez viagens inexplicadas para a Nova York colonial? — Eu continuei. Era um risco sequer sugerir os poderes que poderiam matá-la se descobrisse, mas se eles soubessem sobre eles, eu sentiria a mentira no ar. Então eu teria que fazer algo sobre o conhecimento.

Thorne olhou para mim como se estivesse se perguntando onde ele poderia conseguir uma camisa de força para vampiro a curto prazo.

Isso era bom. Foi um olhar que eu tenho no regular.

— Isla — ele cortou, sua voz cheia da autoridade com que ele tinha comandado seus homens e meu corpo.

Meu estômago mergulhou, abrindo caminho para um novo tipo de fome.

Apenas por um segundo; então meus instintos básicos de sangue assumiram.

— Explicação — ele exigiu.

Eu soltei um suspiro exagerado. Eu não precisava, mas era o marcador humano para aborrecimento. — Se você não percebeu, eu estava envolvida em alguma atividade extenuante na casa dos horrores, — eu respondi, e seus olhos brilharam. — Matar bruxas que têm mil anos sobre mim e podem ferver meu sangue me derrubou.

Eu assisti quando os olhos de Thorne explodiram por um motivo diferente.

— Ela *ferveu* seu sangue? — Ele repetiu, seu baixo ruído cortando o ar como lâminas de navalha.

Eu assenti. — Não é uma experiência que eu recomendaria.

Thorne não olhou para trás. — Silver, fora — ele ordenou. — Vá colocar esse vampiro do celeiro no carro de Isla, pronto para o transporte. — Ele fez uma pausa, os olhos nunca deixando os meus. — Guarde cobre suficiente para que esteja fora de ação por um tempo. Um longo tempo.

Meu estômago mergulhou com diferentes dores de fome em suas palavras.

Silver sorriu e me deu um queixo levantado. Eu pisquei para ele. — Prazer em conhecê-lo. — Eu não pude resistir a colocar o polegar e o dedo mindinho para cima, sacudindo-os em despedida. — Fica frio, mano — eu disse.

Sua risada o seguiu quando ele saiu da porta de correr de vidro. — O mesmo para você, sanguessuga, — ele murmurou, sabendo que eu podia ouvir.

— Eu gosto muito mais dele do que Sem Pescoço — informei a Thorne. — Por que você não o leva em missões? Parece-me que ele é menos propenso a ser morto do que Sem Pescoço, por mim, é isso.

Thorne me olhou. — Silver trabalha no laboratório. Ele não sai no campo a menos que necessário.

Eu levantei minha testa. Sua aparência certamente não se traduzia 'cientista', mas, novamente, as aparências raramente davam insight à pessoa verdadeira por baixo.

— Ele tem dissecado as aberrações de olhos vermelhos com as quais nos enredamos na semana passada? — Eu deduzi.

Thorne acenou com a cabeça uma vez.

Eu lutei além da minha necessidade por seu sangue. E o toque dele. — Ele encontrou alguma coisa?

A questão pairou no ar enquanto Thorne observava meu rosto com uma intensidade que me sacudiu. — Mais tarde — ele rosnou. —Agora ele se foi. E você está acordada.

Suas mãos subiram para enquadrar meu pescoço e sua boca se prendeu na minha, me beijando com um fervor que me fez esquecer minha sede de sangue.

Eca, isso me fez esquecer que eu era uma maldita vampira.

Se fosse possível para eu ficar sem fôlego quando ele me deixasse ir, eu ficaria.

Se eu fosse humana, o aperto dele no meu pescoço teria quebrado meus ossos.

— Você não faz isso de novo — ele ordenou, sua boca a centímetros da minha. — Você só... — sua mandíbula endureceu. — Você quer me dizer

porque pareceu que você tinha *morrido* em meus braços no segundo depois que você me fez sentir mais vivo do que mil batalhas poderiam ter?

Eu puxei suas palavras, o efeito retardado do beijo, o fato de que eu estava sendo segurada por um matador.

— Como eu disse antes, passei por muita coisa. Você sabe, amaldiçoada com magia negra pela segunda vez no dia, garganta arrancada, então... — Eu agradeci a tudo que era profano pela minha incapacidade de corar. Nunca em minha vida de mortos-vivos eu fui casta ao discutir sexo.

Nesse caso, no entanto, me senti como uma virgem de catorze anos.

Eu decidi pular a parte da fornicação da noite. — Eu não dormi em... — Eu parei, calculando mentalmente. — Dois meses. — Merda, tinha sido tanto tempo assim? — Normalmente não seria um grande problema, mas eu tive mais lesões e perda de sangue nas últimas duas semanas do que eu tinha visto nos últimos dois anos. — Fiz uma pausa novamente. — Oh espere, houve o tempo que demônio quebrou todos os ossos nas minhas costas. Isso não envolveu exatamente sangue, ou batalha.

A fúria encobriu o ar mais uma vez quando ele leu nas entrelinhas.

Thorne era do tipo ciumento.

Fingi que isso não me deixou um pouco quente enquanto eu olhava para ele. — De qualquer forma, os vampiros não precisam nem perto da mesma quantidade de sono que os humanos. Oito horas a cada período de vinte e quatro horas? Como você faz alguma coisa? — Eu acenei com a mão em um gesto desdenhoso antes que ele pudesse. — Jovens vampiros precisam de mais tempo, talvez duas vezes por semana, mas rapidamente torna-se menos necessário desde que você não sofra muitos ferimentos. Se você nunca dormiu com um vampiro antes — dei um olhar aguçado no queixo de granito — o que estou apostando que você não fez, você não saberia que a expressão — dormia como os mortos — de fato possui verdade. Os vampiros têm um metabolismo elevado, apesar de estarem tecnicamente mortos, para permanecer *mortos-vivos*, temos que entrar em um sono mais profundo que o REM. É o mais próximo que chegamos de tirar o 'morto' de mortos-vivos. A

razão para todos pensarem que os vampiros dormiam em caixões foi porque humanos estúpidos tropeçaram em um vampiro tirando uma soneca, o colocaram em um caixão, e depois o enterraram. E os vampiros não têm consciência quando estão sob o manto de laevisomnus, nenhum controle. Nada menos que cobre através do coração poderia acordá-los tempo suficiente para matá-los. — Dei uma olhada para Thorne. — É por isso que eu estou dando a um assassino tal informação faz minha vida já perdida sob a lei do vampiro, então eu apreciaria que você mantivesse esse pequeno pedaço de informação para si mesmo.

Seus olhos brilharam, mas ele não respondeu.

Eu estalei meus dedos na frente do rosto dele. — Terra para Buffy — eu bati. — Você pode me deixar saber que você não vai tagarelar como uma garota da fraternidade com um segredo para que eu possa ter certeza de que não tenha que arrancar sua língua num futuro próximo?

— Eu não vou contar a ninguém, Isla — ele prometeu, embora seus olhos prometessem mais do que isso.

Eu olhei para eles por um período de tempo que ainda era muito longo.

Felizmente a queimação na minha garganta se tornou muito confusa para ignorar. — Ótimo. Agora eu tenho que ir.

Thorne apertou meus braços no segundo em que as palavras saíram da minha boca. Meus músculos gritaram em protesto e êxtase com o aperto. Meu cérebro intrigado sobre a força sobre-humana por trás disso. — Que porra é essa, Isla? Você não vai a lugar nenhum. Não até você me dizer exatamente o que diabos está acontecendo para fazer tantas pessoas tentarem tirar você desta terra — ele ordenou.

Seu coração não era mais uma cadência constante como antes, como era quando ele estava lutando contra uma horda de abominações sedentas de sangue com a intenção de acabar com ele. Não, começou a trovejar no segundo em que ele colocou as mãos em mim.

Eu encontrei seus olhos, embora seu pescoço me tentasse a contemplar o pulso. Eu não fiz. Se eu fizesse isso, estava tudo acabado.

— Isso é apenas a minha vida — eu disse com firmeza. — Tudo bem, é um pouco mais excitante do que o habitual, mas é assunto meu. Não seu. E você provavelmente vai morrer se continuar a tentar lutar em uma guerra que vai engolir você em um abismo antes mesmo de começar.

Suas mãos flexionaram. — Então é uma guerra — ele murmurou.

Eu fiquei em silêncio.

— Entre vampiros? — Ele sondou.

Eu olhei para ele. — Oh querido, é muito maior que isso. Grande demais para você.

Ele se moveu então seu corpo roçou o meu. — E, no entanto, aqui estou eu. Porque você está nomeio disso, ter sua garganta arrancada e seu sangue fervendo quando você parece a última pessoa a ser um soldado.

Eu saltei meu queixo para cima. — Você está certo. Eu não sou uma pessoa. Eu sou uma *vampira*. A criatura sem alma que você está destinado a matar, lembra? — Eu abri minha boca para que minhas presas se alongassem, o puxão em sua garganta quase difícil de ignorar. Seus olhos eram minha âncora.

— Isso não tem nada a ver com você — eu continuei friamente.

Seus olhos escureceram. — Tem a ver com você, o que significa que tem tudo a ver comigo.

Eu não agüentei mais. A batida do coração trovejante, o desejo irresistível de cometer o que era equivalente ao suicídio apenas para ter um gostinho de Thorne. Principalmente, eu não pude lidar com o que ele estava implicando.

Nós.

Eu encontrei minha força e coloquei duas mãos em seu peito antes de empurrá-lo violentamente então ele quase voou pela sala, aterrissando solidamente na parede à nossa frente. Gesso choveu sobre ele da força do impacto, mas ele ficou em pé.

Eu passei para frente com um olhar cuidadosamente vazio no rosto enquanto ele limpava o sangue de sua testa. Toda a minha força foi de permanecer impassível e fria para lutar contra o inferno que seu sangue oferecia.

Ele olhou para mim, com os punhos ao lado do corpo.

— Você precisa ficar longe de mim — eu o avisei. — Desta guerra. Porque eu prometo a você, se os vampiros do outro lado não matarem você por se envolver, então eu vou.

Minha voz era firme. Um estranho teria notado a força dessa promessa.

Eu queria acreditar que era verdade, mas eu sabia que provavelmente afundaria minhas presas em seu pescoço e beberia minha morte antes que eu desse a dele.

Foi um longo momento antes de falar. Tempo suficiente para eu sair e fazer a coisa inteligente.

O mais inteligente teria sido matá-lo. Incapaz de fazer isso, eu deveria ter ido embora. Eu não fiz nada. Apenas esperei enquanto a areia na ampulheta passava.

— Você quer perder sua humanidade porque tudo está ficando um pouco real demais, tudo bem. — Seus olhos cauterizados nos meus. — Mas eu vou segurar isso para você, até que você esteja pronto para encontrá-lo novamente — ele prometeu.

— Você vai ficar segurando isso até que seu coração ecoando pare de bater, então — eu disse friamente. — A humanidade é um efeito colateral assustador da mortalidade. E eu não pretendo abraçara mortalidade a qualquer momento em breve. Que é onde você e eu diferimos. A mortalidade é inevitável para você, então você tem que lidar com essa humanidade irritante. Eu? Eu posso evitar a mortalidade completamente, e a dor e os horrores que vêm com isso. E a morte. Isso é o grande que vou evitar. Para evitá-la, evito ligações com humanos. Portanto, isso — eu acenei minhas mãos entre nós — precisa chegar a um fim.

— Um fim? — Ele repetiu, a voz rouca.

Eu assenti.

Ele avançou, suas mãos emoldurando meu rosto em um aperto que eu imaginei que poderia quebrar uma frágil mandíbula humana.

Eu não era humana. Seu toque era mais um lembrete.

— Não há porra de fim para nós — ele rosnou, seu olhar tatuando minha alma. — Sem fim. Até a morte não significa o corte disso. Nós. Nada vai fazer isso, baby. Algo tão inconseqüente quanto uma visita do Ceifador, com certeza não vai me afastar de você. E nós dois sabemos, por viver neste mundo, que a morte está longe de ser final.

Eu fiz uma careta para ele, levantando minha mão como se acariciasse seu pulso segurando o meu, mas ao invés disso exercendo pressão para fazê-lo deixar ir.

— Minha morte está longe de ser final. A sua, por outro lado? Fatal.

Com isso, finalmente encontrei meu senso e fui embora.

***

— Jeeves, nunca estive mais feliz em ver você. — Eu dei-lhe um sorriso ofuscante.

Ele não devolveu. — O corpo do traidor? — ele perguntou uniformemente, como se perguntasse onde eu coloquei as compras.

Meu sorriso não piscou. Eu balancei a cabeça para o tronco. —Cuidado para não desalojar a cabeça de seus ombros. Há apenas um tendão mantendo-a ligada. Eu posso ter uma pequena faca feliz. Eu pisquei para ele. O cobre líquido que Silver injetou em seu sistema era tecnicamente o suficiente para mantê-lo paralisado com uma dor angustiante, mas eu estava chateada na hora, então eu tirei isso dele.

Eu era geralmente mais agradável com uma quantidade decente de sangue em mim. Eu tive que dispersar o meu café da manhã em três campistas

diferentes que pararam em uma parada de descanso para consultar um mapa. Eu reprimi a queimação na minha garganta e peguei o mapa deles para encontrar o caminho para a cidade.

Eu devia a Silver um grande favor, considerando que ele fez com que Earnshaw ficasse no meu porta-malas e eu fui capaz de deixar a propriedade isolada de Thorne em um redemoinho de poeira. Embora eu tenha dado uma olhada ao redor e deduzido que a razão para o local isolado era porque eu estava profundamente no território do caçador de vampiros.

Eu não pensei em por que os matadores não tinham ido contra meus desejos e matado o vampiro; foi o que eles fizeram, não foi? Eu passei toda a viagem de uma hora e meia de volta à cidade conseguindo não pensar em Thorne. Eu não ia deixá-lo invadir minha mente na garagem, muito menos na frente de Jeeves.

Eu me preocupei que ele pudesse sentir meus pensamentos traidores. Ele correu diretamente para o seu rei para deixá-lo saber que eu tinha lutado feio com o nosso único inimigo e eu estaria morta antes da minha cabeça bater o chão.

Eu mantive meu sorriso ofuscante. — Eu estou supondo que Rick está lá em cima, sentindo-se em casa?

Jeeves manteve seu olhar fixo. — Seu rei lhe dá o privilégio de sua presença e algo quase inédito, sua paciência — disse ele, sua voz o mais próximo de um castigo que eu já ouvi falar.

Eu não pude deixar de estender meu sorriso. — O que eu posso dizer Jeeves? Vale a pena esperar por mim. Pisquei para ele, então me virei para o elevador. A última coisa que eu queria fazer era dividir um espaço fechado com a desaprovação de Jeeves, Earnshaw e Jeeves por mim.

Minha previsão estava correta. Rick estava no que eu considero ser o seu lugar normal enquanto eu entrava no apartamento, espalmado no meu mais novo sofá vermelho-sangue - achei que poderia não mostrar muito manchas de sangue - pés na minha nova mesa de café, que era de aço reforçado, não de vidro. Ele estava vestido em um terno que era, sem dúvida,

feito sob medida; a maneira como moldava em cada elevação de seu corpo era nada menos que magia. Havia uma camisa preta por baixo, aberta em sua garganta. Ele estava barbeado, deixando sua cicatriz ainda mais pronunciada.

— Como você conseguiu isso? — Eu cumprimentei, sentindo-me ousada e suicida, obviamente.

Eu fiz uma escavação sutil, mas ninguém sabia como o rei conseguiu a cicatriz.

Ele arqueou uma sobrancelha. — Meu pai — disse ele sem emoção. — Ser um príncipe não era o que as massas idiotas de humanos imaginam que seja.

Eu assenti. — Eu não imagino que fosse.

Nada mais foi dito, embora não precisasse ser. O simples fato de que ele ofereceu a informação tão prontamente foi um gesto suficiente.

— Não há necessidade de se vestir para a minha antiga eu — eu disse, mudando de assunto antes de caminhar até o bar. — Você está me fazendo consciente do meu estado de nudez. — Eu tive pouca escolha sobre o que vestir, mas felizmente eu mantinha uma muda de roupa no meu carro. Chegar cheirando a um humano matador podia não ser o melhor plano se eu quisesse sobreviver a noite. Ainda assim, a única coisa que eu poderia manter no meu carro e não ter rugas eram leggings de cashmere e um casaco branco de cashmere amanteigado, que drapejava na metade da coxa. Era casual chique para o inverno e contrastava com minha pele leitosa e cabelos ruivos, mas não exatamente o que a pessoa usava para cumprimentar o rei. Ou qualquer um dessa categoria. Eu posso ter me adaptado à maioria das mudanças da humanidade, mas essa tendência assustadora de deixar a casa em pouco mais do que um roupão me matava. Jeans me fazia positivamente homicida.

Á exceção de Thorne.

Eu podia sentir o gosto do olhar faminto de Rick enquanto servia meu uísque. Meu estômago se agitou, ainda assim não respondeu como deveria — *Não, Isla. Cale-se*.

Thorne não existia para mim. Ele não podia. Caso contrário, ele não existiria para ninguém.

Eu drenei meu copo sem sequer me virar.

— Discordo. Você parece bastante atraente de branco, — ele argumentou, sua voz aveludada. — Inocente e pura. Angelical.

Eu me virei, arqueando minha testa com o olhar de sedução em seu rosto. — Se eu sou um anjo, isso faz de você o diabo? — eu retruquei.

Ele estava fora do sofá e na minha frente em poucos segundos. — Oh não, Isla. Eu sou muito mais perigoso do que isso — ele prometeu.

Por que isso soava como uma ameaça? Ele não conseguia ler minha mente, então eu estava segura.

Além disso, eu tinha parado no escritório de Sophie no caminho de volta para a cidade. As memórias de Earnshaw sobre mim e qualquer matador não existiam mais.

Como qualquer impressão persistente de seu cheiro na minha pele. Sophie tinha levantado mais de uma sobrancelha com isso, mas felizmente ela leu meu rosto e não fez nenhuma pergunta. Apesar da magia que roubou o perfume dele, sombras de seu toque permaneciam em todos os lugares, tatuadas em minha mente.

Sophie não conseguiu se livrar disso.

Infelizmente.

Eu só teria que viver com isso. Ou morrer com isso, dependendo de como tudo isso acontecesse.

Eu bebi minha bebida. — Você certamente tem tantos inimigos quanto o homem lá embaixo — eu brinquei, ignorando a ameaça e o sexo líquido em sua voz. — Embora você esteja abaixo de um vampiro, uma bruxa desagradável e cerca de cem humanos que eles conseguiram transformar em vampiros, — eu adicionei casualmente.

Seus olhos se tornaram glaciais, toda a sedução se foi deles. Este era o rei de todos vampiros na minha frente, livre de insinuações e piedade. O que

restou foi um frio coração assassino. Você não dominava milhões de monstros sem se tornar um você mesmo.

Isso me enervava, e apesar de não querer admitir isso, me assustava também. A ir anem sequer era direcionada a mim. Mais uma razão para nunca mais ver Thorne - morte certa.

Agora, por que a faca atravessou a cavidade onde meu coração poderia estar com esse pensamento?

— Eles conseguiram transformar seres humanos em vampiros? — Ele me perguntou, sua voz baixa, mas poderia quebrar o vidro no meu apartamento se não fosse à prova de estilhaços. Eu aprendi o caminho difícil porque foi necessário.

Eu assenti em resposta. — Eles não têm muita inteligência além de 'atacar' e servir Sua Majestade — eu disse a ele. — Mas forte o suficiente para causar aborrecimento em uma guerra, se chegar a isso. Obviamente, eles precisariam de números grandes, o que é um problema em si.

Alguns humanos desaparecidos era uma coisa, mas se eles estavam com a intenção de usá-los, como eu pensava, seriam equivalentes a um pequeno país. Isso não seria exatamente passar despercebido.

— Como eles fizeram isso? — Ele assobiou. — Vampiros vêm tentando e falhando há séculos. Perdendo a cabeça por fazer isso.

Dei de ombros. — Desculpe, acima do meu salário. — Percebi que Thorne não tinha me dado a verdade sobre o que Silver encontrou com os que ele dissecou e só esperava que os cientistas vampiros pudessem descobrir isso. Se nós não pudéssemos fazer o que os humanos podiam, então nós merecemos ser extintos.

Como se na sugestão, Jeeves entrou com o corpo de Earnshaw içado por cima do ombro. — Mas aqui está a pessoa que pode descrever em detalhes o processo que ele usou para criar esses abominações, ao mesmo tempo que cometer traição. — Eu estendi minha mão. —Eu tenho certeza que você e seus servos têm poderes de persuasão. Eu vou deixar isso para você. Eu estendi

minhas unhas marrons. —Manicure significa que eu tenho que desistir de tortura por enquanto, embora seja um dos meus passatempos favoritos.

Mesmo em sua fúria, o canto da boca de Rick se contraiu.

Eu movi meu olhar. — Você pode ver onde você está segurando ele? — Eu perguntei. — Ele está pingando em todo o meu tapete favorito. Eu olhei para Rick. — Por que é isso, desde que você veio na minha vida, manchas de sangue apareceram em todas as minhas coisas favoritas?

Rick me deu uma olhada. — Porque as melhores coisas sempre vêm cobertas de sangue.

Eu ia apenas deixar aquela mosca passar por cima da minha cabeça.

— O que você gostaria que eu fizesse com ele, senhor? — Jeeves perguntou, intencionalmente me ignorando.

Ele não gostaria quando eu arrancasse suas mãos por ser tão idiota.

— Leve-o para casa, Sven — disse Rick. Ele olhou para mim. — Eu não tenho minions para fazer a tortura. Eu faço tudo sozinho. Não só eu sou o melhor em infligir dor, mas é um impedimento para aqueles que pensam em cruzar comigo. Até os mais insensíveis dos meus homens têm misericórdia. — Ele me deu um olhar aguçado. —Eu não.

Mais uma vez a ameaça implícita me deixou desconfortável. — eu deixo um assassino me foder sem sentido e temos um sinal de conexão não natural colado na minha cabeça?

— Bem, meu trabalho aqui está terminado — eu disse em seu lugar. — Vou me aposentar agora. Será que eu ganho um relógio de ouro e uma pensão?

Eu teria que encontrar outro jeito de colocar meus pais no chão; esta pequena tarefa mais do que provavelmente iria me fazer provar o túmulo se eu não parasse. Eu nem consegui decidir tirar umas férias prolongadas desde que eu sabia que meus pais estariam esperando por isso.

Rick olhou para mim. — Você não terminou — ele me disse.

Eu olhei para ele. — Eu não terminei? — Eu repeti. — Eu encontrei uma pista sólida sobre como esta facção está ganhando força e quase morri... Fiz uma pausa para calcular mentalmente. —... Três vezes no processo. Eu *terminei*.

Ele balançou sua cabeça. — Você se mostrou talentosa, obtendo resultados que nem os meus mais confiáveis soldados seriam capazes de se vangloriar.

— É tudo apenas uma besteira — argumentei. — É só uma questão de tempo antes de um dos muitos, *muitos* atentados em minha vida ser bem sucedido. Seus benefícios para a saúde também são ruins.

— Você pode lidar com isso — ele respondeu.

— A bruxa que quase me matou iria implorar para diferir — eu atirei de volta, cruzando os braços.

Seu rosto mudou, apenas ligeiramente, mas era palpável.

— Bruxa?

Eu assenti. — Uma desagradável também. Por que os idiotas em Salem a pegaram? — Eu torci meu nariz. — Beetlejuice ou algo assim era o nome dela.

O gelo encheu a sala. — Belladonna? — Ele corrigiu em uma voz áspera.

Eu apontei para ele. — Sim. É isso aí. O que é isso? O nome de uma garrafa barata de vinho?

Ele não me achou engraçada. — Não — ele murmurou os olhos distantes. — O nome de uma bruxa em uma antiga seita pensada estar banida deste mundo. Trancada a sete chaves na última das guerras.

Eu levantei minha testa. — Tem mais dela? — Eu perguntei, sem saborear o pensamento de conhecer qualquer outra bruxa como ela.

Ele assentiu uma vez. — Ela é apenas a mais fraca delas.

— Ótimo — eu murmurei. — Ela era poderosa o suficiente para me dar uma aversão permanente para cadelas com chapéus pontudos. — Isso não inclui Sophie, obviamente. Ela tinha um gosto muito melhor em chapelaria. Mas era melhor para o rei não saber que eu tinha uma bruxa do meu lado.

Seja lá que lado fosse.

Ele ficou pensativo por um longo tempo, considerando minhas palavras enquanto eu considerava as dele. Não era um bom presságio que algumas bruxas banidas pelo seu próprio tipo em aliança com vampiros tinham quebrado fora de sua jaula. Não era nada bom.

Rick emergiu de sua própria cabeça na mesma época que eu.

Sua expressão permaneceu a mesma, mas seus olhos viajaram pelo meu corpo com preocupação. — É por isso que você não entra em contato há uma semana? — ele deduziu.

Eu assenti. — Necessitei de uma pequena soneca para recarregar as baterias.

Seus olhos procuraram meu rosto. — No entanto, você não se envolveu em laevisomnus aqui — disse ele.

Eu balancei a cabeça. — Muito tráfego de pedestres.

Seus olhos de esmeralda brilharam. — Posso perguntar sobre a localização do seu sono?

Eu levantei minha testa. — Nem sob sua não morte.

Outra sombra de sorriso. — Eu ofereceria meus aposentos para segurança garantida. Se você assim desejasse.

Eu andei até o bar. — Segurança é uma ilusão. E eu estou supondo que residir em qualquer lugar perto do rei, os vampiros loucos e as bruxas planejando derrubar é a coisa mais distante disto.

Sua mão agarrou meu pulso antes que eu pudesse derramar minha bebida. — Eu posso te proteger, Isla — ele prometeu, sua voz grossa.

Eu olhei para ele. — Eu não preciso de um homem para me proteger. Na verdade, parece que ultimamente eu tenho sido a protetora. — Eu dei a ele um olhar aguçado para lembrá-lo do Majestic e de todos os trabalhos de bastidores que eu estava fazendo. Eu não mencionei o trabalho por trás das cenas salvando caçadores de vampiros, embora esse negócio de agente duplo estivesse se esgotando. Além disso, eu nem sabia para qual lado eu era leal. — Eu vou dispensar — eu disse finalmente, arrancando-me de seu alcance.

— Eu percebo que essa tarefa se tornou um tanto aborrecida — ele começou.

Eu levantei minha testa para ele. — Aborrecimento? Não, um aborrecimento é o meu cabelo ficar preso em meu brilho labial em um dia ventoso. Isso — eu acenei minha mão ao redor da sala — é a porra de uma catástrofe. Um tsunami que você trouxe para minha vida, começou a destruir tudo e então tentando me convencer de que é apenas uma pequena onda. Você está delirando se você acha que eu vou fazer mais dessa merda. Iludido de um jeito ruim, não o tipo quente de louco que me deixa contorcendo com a sensualidade da insanidade carnal e desenfreada. Não, o tipo que requer medicação ou eutanásia, — eu disse.

Seus olhos, que tinham acabado de meia-noite sobre a parte — formigamento — do meu monólogo, provocaram com fome e perigo, e ele estava no meu espaço em uma fração de segundo.

Eu estava preparada, minha mão apertada ao redor da lâmina dentro do meu casaco, que eu posso ou não ter emprestado do meu —amigo— o assassino. Não era como se ele fosse notar; pelo que parece ele não guardou as melhores guias da única arma que o impediria de matar criaturas que ele nasceu para exterminar.

Eu decidi que estaria em melhores mãos comigo.

— Você se esquece, Isla — ele murmurou, sua voz ainda mais profunda e sinuosa com significado. — Se você ameaçar seu rei ou desobedecê-lo, não importa se você o envolveu na sua versão de sedução. Esse ato em si resultará em morte. — Sua mão foi para uma gavinha do meu cabelo. — A única coisa que você fez com suas artimanhas femininas me deixou certo de que vou te

foder antes de te punir, — ele murmurou, sua ameaça terrivelmente mórbida e erótica ao mesmo tempo.

Ele não disse mais nada, não se mexeu, apenas ficou olhando para mim naquele olhar horrivelmente vazio, embora de alguma forma carregado.

Eu não queria voltar atrás. Porra, eu era uma Rominskitoff; nossa família não recuava.

Eu não recuei para ninguém de fora da dita família nos últimos quatrocentos e cinqüenta anos.

Minha mente gaguejou em um certo assassino que não só estava respirando, mas cujos lábios eu ainda provei por conta própria. Cujo corpo ainda estava impresso em cada um dos meus poros.

Eu esperava que o rei não pegasse seu cheiro residual. Então nós pararíamos a porção de sedução da noite e passaríamos para a execução. Pode ser desaprovado casar e dormir com humanos, mas não era ilegal. Caçadores de vampiros, por outro lado? Mesmo tendo uma conversa com um que não terminou em você quebrando o pescoço pode ser punido com prisão.

Dormir com um?

Sim, morte certa.

Parecia que dois homens - um mortal, um imortal - estavam produzindo várias formas de entrega. Um pode ser o fim final da minha existência, o outro possivelmente prometer o começo. O problema era que eu não conseguia distinguir um do outro.

Meu aperto afrouxou na lâmina, então a liberei completamente.

Seu rosto não mudou, mas ele relaxou um pouco e deu um passo para trás.

— Boa escolha, Isla — disse ele, traindo o conhecimento da minha pequena arma.

Droga, eu pensei que era tão furtiva.

Ele recuou, abotoando a frente da jaqueta, com os olhos em mim. —Eu tenho um evento em meu complexo em dois dias. Você vai me acompanhar.

Eu cruzei meus braços. Nós passamos de ameaças de morte para encontros em um piscar de olhos.

Prática padrão para reis que por acaso eram vampiros, eu presumi. — Eu vou agora? — Eu desafiei. — Eu sei que sou uma opção tentadora e atraente para um encontro, mas há uma razão que seu pequeno baile no mês passado foi a primeira vez que você me viu em um desses. Eu evito qualquer reunião burocrática de vampiros como eu faço com Birkenstocks. Eles não são do meu jeito e os vampiros que assistem são inferiores aos demônios em minha opinião. Eu estava bem comportada no último principalmente porque eu não estava lá por muito tempo e minha família tinha... —Eu tentei pensar em uma maneira de amenizar o fato de que eles ameaçaram assassinar crianças se eu não tivesse ido. — Um pouco de incentivo para eu participar — eu terminei. — Desta vez, se Lúcifer está se sentindo generoso, eles não vão participar e, portanto, eu não tenho incentivo.

Seu olhar gelado pousou no meu. — Além do comando do seu rei.

Eu levantei uma sobrancelha para ele. — Você realmente precisa *comandar* para si mesmo um encontro? Você é um monarca de boa aparência, eu tenho certeza de que você pode conseguir uma linda vampira de uma família melhor que é muito mais popular em seus círculos escolhidos. E uma que provavelmente não vai decapitar vários convidados por causa do tédio antes do fim da noite, — eu disse, meio brincando. Havia uma razão pela qual as pessoas ficavam desconfortáveis de me ver em tais encontros, independentemente do fato de que o último incidente aconteceu bem mais de um século atrás.

Ele deu um passo à frente. — Você virá — declarou ele. — Eu não preciso comandar qualquer coisa quando se trata de encontros ou do quarto. A maioria das mulheres faz fila pelo primeiro e implora pelo último.

Eu dei a ele um olhar uniforme. — Eu não imploro — eu disse a ele, com voz firme.

Essa frieza assassina voltou aos seus olhos.

— Mesmo pela sua vida? — perguntou ele, a promessa emaranhada de morte se eu me recusasse o que ficou por dizer.

Eu inclinei meu queixo para cima. — Especialmente pela minha vida.

Nossa conexão era tangível o suficiente para ser cortada com uma lâmina antes de uma sombra de sorriso rastejar no canto de seus lábios. — Sua força me deixa mais ansioso para quebrar você — ele murmurou.

Eu sorri para ele. — Eu não quebro facilmente. Ou de jeito nenhum.

— Eu não duvido — ele retornou. — Minhas intenções não são completamente nobres em querer você neste encontro.

Eu levantei minha testa mais uma vez. — Não brinca — eu disse sarcasticamente. — Eu não tinha a impressão de que *qualquer* de suas intenções fosse nobre .

Ele escolheu ignorar isso, felizmente para mim, eu imaginei. — Eu propositadamente convidei a maioria das pessoas de quem eu suspeito para este encontro, eu não posso ir em frente e fazer qualquer tipo de investigação neles já que eu vou ser visto o tempo todo. É por isso que você estará a meu serviço. Bem, talvez não o motivo todo — corrigiu ele. — Mesmo o rei não pode quebrar a Theoxenia e conduzir violência contra aqueles a quem ele convidou sob seu teto e compartilhou sangue com ele.

Theoxenia era a mais antiga e mais preciosa de todas as leis da nossa raça. Até o mais rebelde dos vampiros - eu - obedecia. Era mitologia grega antiga, onde a nossa raça nasceu sem dúvida, que a hospitalidade seja concedida aos convidados de uma coleta de sangue. Estendida para aqueles que aceitaram essa hospitalidade e compartilharam sangue mortal com o anfitrião. Ou qualquer forma de hospitalidade oferecida pelo anfitrião. Se eles derramassem o sangue de Ambrogio depois disso, eles perderiam sua imortalidade. Daí o fato de que eu ainda estava para matar alguém em uma reunião de sangue.

Até agora, ao que parece.

Eu ofereci-lhe um sorriso malicioso. — Então o rei me quer em sua festa para quebrar a mais antiga de todas as leis dos vampiros? Estou me animando com a idéia agora.

Ele avançou. — Não quebrá-la — ele assobiou. — Simplesmente contorná-la. Mas vou quebrar sua cabeça fora do seu pescoço se você falar isso com alguém. — Sua voz suavizou a ameaça.

Eu continuei sorrindo. — Por que é claro. São apenas os melhores segredos que oferecem a morte como punição por compartilhá-los.

Ele recuou, a máscara firmemente. — Vou mandar um carro para você à meia-noite. — Ele deu uma olhada no meu traje. — Por mais atraente que seja o branco, acho que isso exige algo um pouco mais...

— Pecaminoso? — Eu terminei por ele.

Seus olhos brilharam. — Muito bem — ele concordou antes de girar em seus calcanhares.

Eu não consegui um momento de paz. Eu tinha que ir às compras.

Para algo que eu esperava que não morresse.



11

Como uma viciada em vampiros e alta costura, meu armário estava cheio de pecado. Mas eu precisava de algo que comunicaria isso enquanto me oferecia movimento suficiente para na festa, se fosse necessário.

O que provou ser um desafio no começo. Por que designers não oferecem vestidos que sirvam para batalha de jogos da morte estava além de mim.

Todas as melhores festas terminaram em derramamento de sangue. A roupa deveria ser projetada para esse fato.

Enquanto eu andava pela amena Quinta Avenida, meu perfeito vestido pecaminoso e lutador balançando ao vento, meu telefone tocou. Eu já atendi chamadas da Sophie depois que eu fora da presença do rei, para tranqüilizá-la de que ele não havia me executado.

Ainda.

— Você tem certeza de que está bem? — Sophie perguntou pela centésima vez.

— Ninguém nunca me descreve como *bem*, Soph. — Eu andei pela rua, curtindo a verdade que eu tinha tido seis horas sem incidentes desde que saí

da presença de Thorne. Eu ignorei a parte de mim que ansiava por essa presença.

Uma grande parte.

— Pessoas e vampiros me descrevem como linda, inesquecível, maníaca, assassina, mas nunca meramente bem.

Ela bufou. — Narcisismo em pleno andamento significa tudo bem — ela murmurou. Então houve uma pausa carregada. — E você a matou? A bruxa?

— Sim, eu fiz. Nem um pouco cedo demais também. Peça desagradável de trabalho aquele. E aparentemente não é a única da espécie dela, — eu refleti, lembrando das palavras de Rick.

— O quê? — Sophie quase assobiou ao telefone.

— O que você sabe sobre uma bruxa chamada Belladonna?

Estática encheu a linha, um som crepitante me fazendo arrancar o telefone do meu ouvido para certificar-me de que não explodira. Quando eu estava satisfeita que não, eu coloquei de volta. Ainda havia silêncio.

Eu esperei.

— Você está dizendo que é quem ela era? — Sophie sussurrou.

Dei de ombros. — Pelo visto. E é certo que ela tem alguns companheiros de merda que podem estar andando por aí?

— Sim, Isla — disse Sophie, sua voz tão plana como eu já ouvi. Encheu-me de pressentimento.

— Não é bom, é? — Eu imaginei.

— Não. Nada bom.

Eu revirei meus olhos. — Claro. Eu matei uma. O resto deve ser uma brisa.

Sugestão outra pausa. — E ela não usou magia antes de morrer?

Eu zombei. — Claro que sim. Ela pode ter sido uma megera má e sádica, mas ela era inteligente. Ainda bem que sou mais inteligente. E mais forte. E muito, muito mais bonita. Você não ia querer vê-la por trás de sua máscara. Era como Donald Trump sem a maquiagem. Estremeci, alcançando o foyer do meu prédio.

Silêncio pelo telefone.

Eu parei. — Bruxinha? Você caiu morta aí? — Eu perguntei.

— Não — disse Sophie, voz estranha. — Estou muito viva e feliz que você também esteja.

Eu ri. — Bem, de certa forma.

— E você estava com Thorne. Durante toda a semana? — Ela mudou de assunto em uma velocidade de vampiro.

Eu fiquei tensa. — Sim, eu estava. Deitada inconsciente e morta, se você não se lembra, — eu bati.

— Mas você acordou lá. — Eu ouvi o sorriso em sua voz. — E com ele. Em sua cama.

— Sim, e eu levantei, pensei em drená-lo e seu amigo assassino, pensei melhor, e fui embora.

— Isso é tudo?

Eu fiz uma careta para ela, desejando que ela pudesse ver o meu olhar mortal. — Isso é tudo — eu assobiei.

E eu posso ter tido o sexo mais incrível da minha vida após a morte em uma casa abandonada repleta de cadáveres depois que matamos uma bruxa que quase me matou. Então quando eu acordei, ele declarou algo perigoso como o seu amor eterno por mim. Eu com certeza não ia dizer isso a ela. Eu estava a caminho de me convencer de que isso nunca aconteceu. Quinhentos anos me fizeram muito bem em negação por causa da autopreservação.

O amor nunca foi imortal. Especialmente com um mortal. Ele morreria, uma morte feia e sangrenta.

Eu era a única coisa que não.

Eu não posso morrer, o que significa que não posso amar. Porque a eternidade com a sombra, com o fantasma de um amor morto, era um para sempre da morte.

— Ceeerto.

— Tanto faz. Precisamos nos concentrar em pegar esses nojentos que transformam humanos e conspiram contra a nossa raça para que eu possa voltar à minha vida normal e pacífica.

Sophie bufou. — Você não conheceria o normal se isso rasgasse sua garganta.

— Bem, um vampiro decididamente anormal veio até mim há menos de uma semana e rasgou minha garganta fora. É quase a mesma coisa.

— E pacífica? A paz para você é quando você tem apenas um membro da sua família tentando te matar enquanto você ataca um demônio e luta contra um lobisomem.

— Isso tudo não aconteceu ao mesmo tempo — argumentei por uma questão de clareza. Até eu tinha limites. — Foi espalhado por uma semana.

Sophie riu. — Ok, então para nos levar de volta a nossa vida pacífica, eu vou começar a trabalhar em descobrir quem na minha comunidade ajuda os vampiros a transformar humanos. Aposto meus ingressos para o Metallica que ela não estava trabalhando sozinha.

Eu me animei. — Você tem ingressos para o Metallica?

— Já tem um para você. É um bom incentivo para sobreviver à semana.

Sophie já estava fazendo seu trabalho, então eu tinha que fazer o meu.

O que significava subjugar meu louco perseguidor mestiço assim que entrasse no meu apartamento e respondesse seu sétimo telefonema. Eu ignorei os primeiros seis.

— Isla — ele praticamente gritou ao telefone.

Eu apertei meu nariz. — Se fosse possível para meus tímpanos estourarem, eu acho que você faria isso —respondi.

Ele me ignorou.

— Onde você esteve? — Ele perguntou. — Eu não tinha ouvido falar de você em uma semana. Eu pensei em você estava morta. De verdade. — Ele sussurrou a última parte como se dizer isso em voz alta tirasse a morte após a vida de seu alcance.

— Não morta, apenas ocupada. — Eu não elaborei. Não era que eu não confiasse em Scott; afinal, ele fez tudo o que pôde para ajudar Sophie e manteve a boca fechada. Ele era como um leal filhote de cachorro, embora naquele momento eu achasse que chutá-lo poderia não tirá-lo da minha perna friccionada. Isto era, ou matá-lo ou acostumar-me com ele.

— Bem, eu posso ajudar com o que você precisar. Nós vamos sair para procurar humanos hoje à noite? Eu já encontrei alguns que poderíamos usar. Além disso, tenho analisado vampiros que não foram registrados em nenhuma morte, especialmente aquelas com volumes anteriormente altos. Eu estou pensando que eles poderiam ser os que estão transformando os humanos...

— Jesus Cristo, — eu assobiei com Scott, refletindo sobre meus pensamentos anteriores. — Você não diz merda assim por telefone enquanto você está em um prédio cheio de malditos vampiros que estão procurando por uma razão para te matar, — eu bati. — Silêncio vale ouro. Nós nos encontraremos depois que eu fora esta reunião traiçoeira amanhã à noite. Eu tenho uma montanha de trabalho para fazer pelo meu trabalho real e então tenho que parar uma guerra de vampiros. Eu não posso ser sua babá também. Por enquanto, tente não fazer qualquer coisa idiota que te mataria ou, pior ainda, me envolva.

Eu desliguei antes que ele pintasse um alvo ainda maior em suas costas.

O meu já estava ficando muito difícil de esconder.

***

Eu olhei para o meu telefone, grata pelo alívio de passar seis horas imóvel,olhando para a tela do meu computador. Os eventos das últimas vinte e quatro horas atormentaram minha mente. Não puramente as memórias de sangue que aquela bruxa infernal trouxe à superfície, apesar de quem e senti um pouco... Desligada.

Não, não foi isso. Ou a batalha. Foi Thorne. Cada centímetro da minha mente parecia estar consumida com o assassino.

O humano, eu cantava para mim mesma. Apesar do fato de que era punível com a morte associar-se com caçadores de vampiros, não seguia minha regra de — não humanos—. Havia uma razão por que eu só me prostituí em torno da comunidade sobrenatural nos últimos séculos - os humanos morriam. As ligações não morriam com eles, no entanto. Elas ficaram comigo e com a minha mente imortal; daí a razão por que era um pouco desequilibrado.

O pensamento de Thorne morrendo me fez querer jogar minha mesa para fora da minha janela.

O que era precisamente porque ele era perigoso para mim e para os pedestres quarenta andares abaixo.

Eu girei na minha cadeira enquanto pegava meu telefone. — Fala — respondi.

— Isla?

Eu revirei meus olhos.

— Papai Noel? — Eu sussurrei de volta.

Houve uma pausa carregada. — Sim, esta é Isla — Rick deduziu suavemente.

— Você está me ligando? O rei, em pessoa? Você não tem servos para isso? — Eu perguntei.

Outra pausa. — Tenho. Eles ligam para mim.

Eu olhei para o horizonte. — Você acabou de fazer uma piada? Oh meu Deus, você fez. Que dia maravilhoso para ser morta-viva.

— Earnshaw falou cortando Rick, obviamente não gostando de conversa fiada.

Eu relaxei na minha cadeira. — Claro que sim. Ele é um covarde. Os covardes falam. Qual é o babado? — Eu mantive minha voz uniforme; este era o momento da verdade para ver se os feitiços de Sophie funcionaram. Eu iria matá-la se não o fizesse e isso me mataria.

— Nada de importante. Além de como seus... Discípulos foram feitos — explicou ele, não dizendo abertamente — os humanos ele os transformou em vampiros. — O fato de que ele era cauteloso para falar sobre isso pelo telefone significava que ele estava cauteloso com aqueles que poderiam ouvi-lo. Que um mundo em que ele vivia, quando eu era a única em quem ele podia confiar.

Isso não significava coisas boas.

— Você vai me encher nesta bola miserável que você está jogando, tenho certeza — eu murmurei, estremecendo na perspectiva.

— De fato — ele concordou.

— A menos que você queira que eu vá lutar contra animais sanguinários e uma bruxa de novo e quase morrer? Eu posso fazer isso ao invés, — eu ofereci esperançosamente.

— Não, Isla. Seu trabalho amanhã à noite é me acompanhar e se infiltrar nos traidores.

Eu revirei meus olhos. — James Bond fez parecer muito mais divertido. O que mais Earnshaw tem que eu posso realmente usar? — Eu perguntei.

— A maioria de seus negócios foram feitos através de um intermediário em Extermius — Rick explicou.

Eu inclinei minha testa. — Interessante, mas não totalmente surpreendente. A clientela nesse bar não é de amantes da raça humana. Eu vou dar uma olhada. Trabalho noturno amanhã?

— Isla — ele avisou.

Eu cerrei meus dentes. — Bem.

Rick não falou, mas eu podia ouvir o farfalhar de roupas e o eco constante de passos no outro lado do telefone.

— Não, você desliga primeiro — eu arrulhei, minha voz doce de sacarina.

— O quê? — Sua voz suave foi marcada pela confusão.

Eu girei na minha cadeira. — Oh, se não estivéssemos jogando esse jogo humano para ver quem poderia cortara conversa fascinante que estamos tendo atualmente? Eu pensei que você estava lutando para desligar.

Seu suspiro ondulou através do telefone. — Tem mais uma coisa. É de pouca importância e na verdade, uma coisa que esses canalhas estão fazendo pode nos beneficiar.

— O que poderia ser isso? Matar o humano responsável por estes shows desgraçados de *American Idols*? Bravo.

Ele me ignorou, como estava se tornando seu hábito. —Aparentemente, eles estão atacando o complexo dos caçadores de vampiros, em cerca de... Ele fez uma pausa como se estivesse olhando para o relógio. — doze minutos. Eu enviaria uma equipe para capturar os rebeldes, mas provavelmente eles seriam soldados irracionais que sabem pouco mais que Earnshaw. Eu vou esperar até que eles exterminem essas pragas, e então talvez eu mande alguém para pegar as sobras — ele meditou.

Eu engoli a cinza na minha garganta. — Oh, não se incomode com isso — eu disse, minha voz fácil. — Eu mesma amo um bom genocídio matador. Eu tenho uma hora livre na minha agenda, então eu vou sacar e interrogar, depois me livrar das sobras — eu ofereci.

Houve uma pausa. — Eu pensei que você estivesse insatisfeita por estar envolvido nisso mais do que você tinha que estar, — ele respondeu, a voz plana, mas questionando, no entanto.

— Infeliz seria um eufemismo — eu zombei. — Mas eu não faço as coisas pela metade, então agora que estou dentro, posso muito bem estar completamente dentro. E isso pode realmente ser divertido.

— Eu vou lhe atribuir uma equipe — disse ele depois que ele digeriu minhas palavras. Algo que eu estava aprendendo sobre o rei era que ele tomava muito cuidado em analisar cada palavra de uma conversa antes de responder. Era perigoso, especialmente porque eu tinha que ir a um esforço extremo para disfarçar o pânico irracional na minha barriga.

— Ugh. Não, obrigada. Os sujeitos só vão transformar minha diversão em algo tipo arrancar minhas presas, — eu respondi. — Eu trabalho melhor sozinha.

— Sua confiança é admirável, mas sua morte seria... Inconveniente, então não vou permitir que você vá sozinha, — ele disse firmemente.

Eu cerrei meu punho. — Eu não me dou bem com pessoas me permitindo ou proibindo que eu faça coisas, nem duvidando das minhas habilidades loucas, — eu disse através das minhas presas. —Mas desde que a sua preocupação aquece meu coração, eu não vou sozinha. Embora eu não leve seu Recruta Jeeves. Eu tenho meu próprio time.

— Você tem um *time*? — Ele me perguntou, a incredulidade clara em seu tom. — Uma coleção de vampiros que não quer que você veja a sepultura?

Eu teria sorrido, se não fosse pelo gosto amargo da morte na minha língua. Eu fiquei de pé rapidamente encolhendo os ombros na minha jaqueta de couro e correndo pelo meu escritório. Meus funcionários olharam para cima na brisa que sussurrava papéis em suas mesas, mas seus olhos humanos não viam nada. — Se eu não conhecesse melhor você, Rick, eu pensaria que você acabou de fazer algo parecido com uma piada — eu disse enquanto contornava o elevador para lançar os quarenta lances de escada que me levaram para chegar ao estacionamento. — Eu tenho uma equipe — eu menti.

Scott era um mestiço que provavelmente não sabia como lutar contra uma ComicCon, mas ele era melhor que nada.Na verdade, ele era pior do que nada, considerando que eu provavelmente teria que gastar metade do meu tempo salvando-o da morte, mas eu não podia mentir para o rei. Eu sabia que seus ouvidos experientes ouviriam isso, mesmo da minha própria boca treinada. Então eu fui para uma variação da verdade.

— Como quiser — ele cedeu, surpreendentemente. — Mas se você morrer nessa luta, eu serei o mais descontente.

Eu entrei no meu carro, não perdendo tempo em rugir pela garagem. — Bem, prefiro morrer do que desagradar a você, senhor, então eu vou ficar deste lado da terra, pelo menos até você terminar comigo — eu respondi docemente.

— Nesse caso, indefinidamente — ele me respondeu, sua voz rouca em vez de suave.

Eu estreitei meus olhos para a resposta, mas não tive tempo para questioná-la quando fui recebida com ar morto do outro lado da linha.

Eu olhei para o meu celular. — Ele não poderia simplesmente dizer adeus de vez em quando? — perguntei-me enquanto discava para o mestiço que viria correndo quando eu ligasse.

Eu só esperava que não o fizesse correr para a morte dele.

Ou a minha.

Ou para a de Thorne.

O último me fez pressionar o meu pé com mais força no acelerador, mesmo sem considerar por que o pensamento de Thorne a dois metros fazia o meu corpo inteiro estremecer.

***

Eu senti o cheiro do sangue no ar antes mesmo de puxar a estrada de terra para o complexo que eu explorei antes que eu deixasse a casa de Thorne. Eu pensei que seria bom conhecera estrutura para um dia chuvoso.

E estava chovendo horrores.

A casa de Thorne era pequena e isolada, floresta por todos os lados, exceto pelo celeiro e a estrada de terra que entrava e saía dela. A poucos minutos estava o que parecia ser um pequeno assentamento suburbano no meio do nada. Estava aninhado nas árvores e fora de quaisquer rodovias principais para que ninguém pudesse se deparar com isso. Na época, eu estava me concentrando na queimadura da minha garganta, então eu não pude fazer muita espionagem, mas a pequena comunidade parecia estar cheia de matadores.

— Isso é excitante. — A voz de Scott cortou o gosto amargo que enchia o interiordo carro enquanto eu derrapei pela estrada.

Pela primeira vez, fiquei grata por sua conversa. Eu dei a ele um olhar de lado. — Emocionante? — repeti.

Ele balançou a cabeça, batendo os dedos na coxa com uma mão, a outra segurando a lâmina de cobre que eu tinha dado a ele. Eu me decidi por uma arma que eu tinha nas costas, equipada com balas de cobre, não o colocando além para se matar antes mesmo de chegarmos à batalha. Se os sons de carne e gritos rasgados fossem alguma coisa, a batalha estava bem no jogo e os matadores não estavam indo bem.

Em absoluto.

Agarrei o volante, calculando que tinha cerca de um minuto até alcançá-los.

Esperava que eles pudessem agüentar tanto tempo. Mas um minuto era um longo e letal trecho de tempo em uma batalha, especialmente para os seres humanos.

— Sim, ver ação — Scott balbuciou. — E trabalhando para o rei. Quero dizer... Uau. Eu nunca pensei que eu estaria em uma posição tão importante... Bem, nunca, — ele respirou.

Eu olhei para ele novamente. — Não é uma posição importante se você morrer enquanto faz isso. Faça-me um favor e não faça isso —pedi. — Tem certeza de que você tem conhecimento aceitável de como usar essa coisa? — Eu perguntei incerta, olhando para a lâmina.

Trinta segundos.

Ele balançou a cabeça, mas eu não senti falta do ligeiro tremor em seus olhos.

Ele não tinha idéia.

— Acerte-os com o final pontudo — eu instruí. — Na têmpora, de preferência. O coração não é ideal porque não é tão fácil encontrá-lo quando não está batendo e você provavelmente vai ter sua garganta arrancada enquanto você está tentando desalojá-la da costela de um vampiro muito irritado.

Ele olhou para a lâmina. — Têmpora. Entendi.

Dez segundos.

— Ok, está quase na hora. Você está aqui mais como um corpo extra. Eu não espero heroísmo.

Eu podia ver um borrão de corpos à frente. O sangue era inconfundível naquele tempo.

— E lembre-se, não mate os assassinos. Apenas vampiros, — eu disse a ele com firmeza.

Para seu crédito, ele nem sequer questionou. Apenas outro aceno.

Eu bati meus freios antes de atingir um prédio.

— Ok, está na hora. Lembre-se, o seu principal incentivo é não morrer — lembrei a ele.

Eu estava fora do carro e tirando o pescoço de um vampiro desonesto assim que a última palavra saiu da minha boca. Sangue e morte cercaram meu corpo enquanto eu olhava o aglomerado de casas, cheio de lixo com corpos de humanos e vampiros em vários estados de morte. Eu examinei a luta ouvindo

o batimento cardíaco batendo que se tornara a trilha sonora para a maioria dos meus pensamentos.

Fui levada de volta a um prédio antes de ter tempo para isso.

Porque eu estava distraída, eu deixei o vampiro esmagar minha clavícula. Eu ignorei a dor e foquei em saltar a tempo de encontrar outro ataque.

Agora que eu estava focada, eu podia ver que não era outro vampiro que tinha quebrado minha clavícula e me irritou, mas uma aberração de olhos vermelhos com os dentes estalando e desconcertante quantidade de força. Eu não me lembro deles empacotando a mesma quantidade de soco na mansão.

Não tendo tempo para contemplá-lo, concentrei-me em despachá-lo rapidamente.

O rasgo da carne era satisfatório. Eu mudei para o meu próximo alvo, assim como ele estava se debruçando sobre uma mulher lutando por sua faca, sangue cobrindo seu rosto. A vampira contorceu-se para o lado e ela olhou para mim em choque atordoado.

Eu sorri para ela. — De nada. — Então eu chutei a faca em suas mãos e fui sobre salvar o dia.

Quando eu fiz um reconhecimento preguiçoso do composto, eu contei pelo menos quarenta batimentos cardíacos na comuna dispersa. Agora eles teriam sorte de ter vinte.

Eu cerrei os dentes quando testemunhei um pequeno humano de aparência familiar nomeio da batalha, segurando uma faca manchada de sangue.

Eu peguei a aberração de olhos vermelhos indo para ela antes de pegá-la e correr para um edifício que parecia não ter a menor chance de matá-la.

Seus olhos se arregalaram quando eu a coloquei no meio do quarto. — Isla — ela respirou.

Eu ignorei isso e separei a mão dela da minha. — Fique aqui — eu pedi. — E pelo amor de Lilith, não morra.

Eu a deixei em casa, mas não antes de pegar uma cômoda e colocá-la do lado de fora da porta.

Eu olhei através da batalha, os olhos vidrados sobre os matadores. Notei uma cabeleira familiar arrancando uma lâmina do templo de um vampiro caído. Assobiei e, surpreendentemente, ele se virou. Eu puxei a arma do meu cinto e joguei para ele.

Ele pegou no reflexo, olhando para baixo, depois para mim.

— Mais eficaz do que isso. — Eu balancei a cabeça para a faca antes de jogar-lhe um clipe extra.

Um estrondo baixo vibrou pelas minhas costelas e eu me virei para ver Thorne atacando dois idiotas de olhos vermelhos, sangue escorrendo pela sua têmpora e mais manchando sua camiseta cinza. O cheiro absoluto dele flutuou através da batalha, misturado com o sabor amargo da morte no ar, e me seduziu com sua doçura. Seus músculos incharam quando ele derrubou o primeiro que o atacou, então o outro em um movimento suave e sem pressa que contra dizia o simples fato de que ele era humano e, apesar dessas coisas não serem verdadeiras, ainda eram fortes. Muito mais forte do que ele deveria ter sido. Seus movimentos eram certos, propositais, feitos sem hesitação e exemplificando sua experiência no combate a agressores da persuasão com presas.

Depois que ele fez um trabalho curto de colocar uma lâmina em cada uma de suas têmporas, seus olhos encontraram os meus. O caos parou ao nosso redor, como se tivéssemos atravessado uma fresta a tempo. Seu olhar arregalou-se e ardeu sobre meu corpo que, até então, estava em estado perpétuo de frio.

Saudei as chamas e consegui arrancar a fenda que eu desejava permanecer dentro. Havia uma batalha a ser travada.

Minha visão de Thorne foi obstruída por uma abominação imprudente, com intenção de rasgar minha garganta. Eu devolvi o favor antes de ir para Thorne.

— O que você está fazendo aqui? — Ele rosnou enquanto nós dois atacamos em separado.

Eu despachei o meu e circulei atrás dele para estalar o pescoço. —Não é óbvio? — perguntei depois que o vampiro caiu no chão, nos deixando de frente um para o outro. Thorne estava respirando fortemente, seus olhos encontraram os meus.

Eu sorri para ele. — Estou dando um passeio para salvar o dia. — Dei a ele uma piscadela antes de fazer uma varredura na batalha. Os assassinos restantes estavam ensangüentados, e seus batimentos cardíacos vacilantes me disseram que eles não durariam muito.

Toda a área entre as casas estava cheia de híbridos de olhos vermelhos. Do pouco que eu aprendi sobre eles, eu sabia que eles não estariam trabalhando por vontade própria. O Senhor deles tinha que estar por perto.

Eu olhei de volta para Thorne. — Você faz o seu melhor para garantir que seus amigos não se tornem cadáveres decorando este lugar, e eu vou encontrar o vampiro com os controles para todos eles. Eu gesticulei para o corpo contraído aos meus pés. — E desligá-los.

A mão de Thorne agarrou a minha antes que eu pudesse deixá-lo, esperando que não se tornasse um cadáver.

— Estou meio ocupada...

Eu fui cortada pela pressão rápida e brutal de seus lábios contra os meus.

O fogo que havia fervido com seu olhar se tornou um inferno na pequena coleção de segundos que sua boca estava na minha.

Ele me liberou. — Tenha cuidado — ele exigiu mais ou menos.

— Eu nunca tenho cuidado — eu respondi antes de virar para a área que estava livre de batimentos cardíacos e tinha uma quietude fria que não era natural para tal batalha. O fogo rapidamente encharcou na minha barriga quando localizei a fonte.

Corri pela porta, contornando a cômoda descartada que outrora estava bloqueando, e chegando a uma parada abrupta quando vi uma figura pálida a centímetros de distância de uma menor.

Ambas as cabeças se lançaram para mim. Um foi frenético e ligeiramente em pânico, o outro, frio, e soltou-se com um sorriso magro esticado em seu rosto.

— Então os rumores são verdadeiros — ela ronronou. — Isla Rominskitoff está batendo para o outro time.

Eu olhei para ela. — Eu fiz, no passado, mas agora eu gosto de homens. Você vai ter que encontrar outro tapete para mastigar.

Ela arqueou a sobrancelha, cruzando os braços casualmente. —Ainda tão grosseira como sempre.

— Melhor que do que morta — retruquei. — Que é o que você vai estar em cerca de dois segundos e meio.

Ela sorriu. — Oh, eu não teria tanta certeza.

Meus olhos se fixaram na criança que parecia decidida a morrer antes de chegar à puberdade.

— Corra, sua pequena idiota — eu assobiei.

Para dar-lhe crédito, ela fez isso na hora certa.

O vampiro na minha frente atacou. Eu estava pronta para isso, mas nós ainda batemos as paredes da casa, cada um de nós se agachando na grama do lado de fora.

Eu me endireitei, rodeando-a, assim como ela. — Seu útero vazio deve ter sido preocupante se você teve que criar essas abominações, — eu disse, acenando com a cabeça para os olhos vermelhos que permaneceram. — Lamento dizer que seus filhos são idiotas.

O punho que bateu no meu maxilar era esperado, mas a dor ainda não era desejável. Eu capturei a mão dela e agarrei-a de modo que o pulso só fosse preso por um tendão teimoso.

Eu sorri com o grito de dor e limpei o sangue da minha boca.

Eu bati outro punho em seu peito, cingindo suas costelas para que elas se quebrassem para dentro.

Ela caiu no chão e eu fiquei em pé sobre ela. — Isso foi tão fácil, é apenas embaraçoso, — eu disse a ela, preparando-me para separar sua brilhante cabeça preta de seu corpo.

Através da dor em seu rosto comprimido, ela sorriu. — Ao contrário de você, não sou fácil.

Foi então que um corpo caiu nas minhas costas e caiu em cima de mim na grama. Eu evitei os dentes, embora não totalmente enquanto eles rasgaram o meu pescoço o suficiente para inteligente. Eu fiz uma careta para o vampiro antes de colocar minhas mãos em ambos os lados de sua cabeça e torcer.

Eu o joguei de lado e foi então que percebi o motivo do sorriso da cadela.

Cada olho vermelho no local havia abandonado sua batalha com os matadores e estava focado em mim.

Ótimo.

— Escondida atrás de seus lacaios? — Eu perguntei, conversando, enquanto lutava contra a primeira onda deles. — Isso é apenas covarde.

— Isso é sobrevivência — ela sussurrou através dos corpos. — Estes são os guerreiros de um novo amanhã. Isso me colocará a favor do mestre se eu for o único a livrá-lo da puta de Rominskitoff.

Eu cerrei meus dentes enquanto lutava contra eles. Os sons de tiros fizeram minha cabeça virar momentaneamente para ver Thorne atravessando a horda.

— Tire você e sua banda da alegria de matadores daqui, — eu cerrei. — Eu estou no controle.

Ele não olhou para mim. — Sem chance do caralho.

Eu bufei e continuei despachando a parede de olhos vermelhos.

Não me escapou que alguns caçadores de vampiros, incluindo a mulher de cabelo grisalho do início da batalha, juntaram-se à briga. E o garoto. O pateta.

Apesar disso, e dos meus esforços, parecia que as coisas não terminariam bem. Eu só poderia combater tantos, enquanto a carne arrancada estava sendo rasgada tão rapidamente quanto se curava, comunicou-se.

Eu encontrei os olhos de Thorne mais uma vez. Eles eram duros, determinados. Mas a resignação cintilava neles, um reconhecimento do destino inevitável.

Bem quando eu estava prestes a abrir a boca e sussurrar um adeus que teria soado muito semelhante a uma declaração de uma emoção que eu tinha amaldiçoado séculos antes, cada corpo estalando congelou. Como um robô que teve seus interruptores puxados, todos eles simplesmente pararam, muito retos, com os olhos anteriormente frenéticos vazios e sem ver.

E então todos eles caíram no chão em uma sincronia anticlimática.

Eu pisquei no chão, então olhei para a área onde eu ouvi pela última vez a triunfante voz do vampiro feminino.

Meus olhos não me prepararam para o que eu vi.

Scott sorriu para mim, metade do rosto de menino coberto de sangue. Ele tinha uma ferida abertas eu ombro e sua calça cáqui estava rasgada além do conserto, uma bênção, na minha opinião. E ele tinha uma lâmina embutida na têmpora do vampiro que quase me derrotou.

Então ele me deu um sinal de positivo.

O silêncio assentou pesadamente sobre os sobreviventes restantes, que eu poderia contar como sendo cerca de três a menos do que o número que havia lá quando cheguei.

A atmosfera mórbida da morte era sufocante, mas tudo em que me concentrei foi a estupidez do sorriso de Scotty os olhares dos matadores mestiços que salvaram a todos.

Sua morte era preferível, mas agora não havia ninguém para interrogar, o que nos trouxe de volta para um quadrado. Você não podia interrogar um cadáver.

— Isla! — Uma pequena voz gritou, e então algo se ligou à minha cintura.

O cheiro de chiclete irradiava dos cachos de morango. Eu levantei minhas mãos para assegurar que eu não fiz contato, enfiando o nariz em Thorne, que estava em pé no meio dos corpos dispersos, seu peito se movendo pesadamente, seu corpo manchado de sangue. —*Tire* isso de mim — eu gritei.

— Eu sabia que você viria — disse ela, olhando para mim através das aberturas em seu cabelo.

Thorne cruzou os braços manchados de sangue, os olhos em branco, mas se eu não estava enganada, havia um brilho nos olhos dele. Eu olhei para ele. — Sua irmã inocente e frágil está tocando uma criatura da noite, um demônio que bebe sangue, um monstro - eu disse a ele. — Você não deveria estar fazendo algo sobre isso?

Ele levantou a sobrancelha. — Eu *estou* fazendo algo.

Eu olhei para a cabeça do cabelo novamente. — Você pode me libertar agora. Tenho certeza de que sua gratidão foi comunicada.

Ela me deu um último aperto e então sorriu para mim, sem piscar para os corpos espalhados ao redor dela.

— Você é muito estranha — observei.

Deu um sorriso maior. — Obrigada.

— Não foi um elogio — eu murmurei.

Olhei de relance para Scott, que assistia a essa troca com cuidado. Eu não perdi o fato de que ele não atacou os assassinos restantes, que estavam olhando para nós com olhares de desconforto. Havia a dúvida se eles atacariam ou não, ainda que nós salvamos suas vidas.

Séculos de inimigos mortais não eram cancelados com uma batalha.

Embora Scott não fosse tão versado na lei dos caçadores de vampiros como eu, eu sabia que ele entendia que isso era incomum, para dizer o mínimo. Mas ele não piscou que estávamos salvando os matadores.

E talvez eu fosse louca, mas eu confiava nele para atender meus comandos e manter o que aconteceu lá no bloqueio. Ele pode ter uma boca grande, mas segredos não escapariam dela.

Eu estava apostando minha vida após a morte nisso.

Thorne deu um passo à frente, puxando a irmã para dentro do seu abraço, beijando a cabeça dela. — Você fez bem hoje, garota — ele murmurou. — Mas eu quero que você vá com Kathy para o esconderijo, — ele instruiu enquanto a deixava ir.

Uma mulher manchada de sangue, de jeans e camiseta, deu um passo à frente. Ela sorriu calorosamente para a menina e, em seguida, para Thorne com um brilho definido em seus olhos.

Eu fechei meus punhos.

Eu odiava Kathy.

— Claro, Thorne. Você tem, — ela se virou para mim, os olhos não mais brilhantes, mas frios e presunçosos. — Lixo para tirar.

Ela pegou a mão da garota.

Não se deve matar o assassino.

Por quê? Eu não fazia idéia.

Então meus olhos se fixaram nos cinza acinzentados.

Oh, era por isso.

— Por que você está aqui? — ele me perguntou, a palavra ecoando ao ar livre.

Eu fingi não notar a maneira como os assassinos cansados e manchados de sangue prestaram atenção àquela pergunta. Dei de ombros. — Eu estava na vizinhança.

Ele estreitou os olhos, mas então um humano desconhecido deu um passo à frente, seu rosto inchado com o que eu imaginei ser uma maçã do rosto quebrada enquanto ele mancava obviamente. As roupas dele estavam rasgadas e havia várias áreas de pele rasgada onde os olhos vermelhos tinham conseguido agarrar. Era impressionante que ele ainda estivesse de pé, muito menos me encarando com tal olhar de ódio que deve ter feito esforço físico para manter.

— O que importa porque ela está aqui? — Ele assobiou. — Ela precisa morrer. Exatamente como seus amigos que nos atacaram. *Mataram* Brody, Susan, Alexia.

Perda e raiva eram uma combinação perigosa.

— Amigos? — Eu repeti baixinho. — Sim, os zumbis vampiros sem mente com que acabei de matar arruinando meus sapatos eram meus amigos. Nós apenas fingimos lutar e matar uns aos outros, mas eu estarei compartilhando uma veia com todos eles de volta à nossa mansão de concreto onde sacrificamos cabras no regular. Revirei os olhos. — Quão tapado é você? Eu apenas arrisquei minha vida após a morte para salvar seu miserável ser. — Obrigado — é a palavra que você está procurando. Eu também aceito vouchers da Barneys. Sabia que ele tinha sofrido uma perda e deveria ser tratado com cuidado, mas eu não era esse vampiro. Eu salvei suas vidas; isso foi francamente maternal para mim. Paparicá-los por perder pessoas era uma maneira infalível de promover a suavidade e a humanidade que assegurariam sua extinção.

Ele deu um passo à frente, segurando sua faca. Scott estava ao meu lado em um instante quando alguns outros homens apertaram seus corpos, prontos para atacar.

Thorne pegou o homem do ar antes que ele pudesse fazer qualquer coisa suicida.

— Não, irmão — Thorne murmurou.

Eu segurei o pulso de Scott. — Calma — eu disse, minha voz baixa demais para os ouvidos humanos.

Ele rolou para frente em seus calcanhares. — Eles estão pensando em atacar. Depois de nós os *salvarmos*. Sua voz estava encoberta de incredulidade.

Eu dei a ele um olhar de lado. — Isso não é o cinema, Scotty. Não nos agradecem por nossas boas ações. Ou medalhas. Ou até mesmo um jantar de bife. Uma faca nas costas é o único agradecimento que eles nos dariam mesmo se passássemos cem anos fazendo isso. Nós somos monstros - para eles, de qualquer maneira. — Dei de ombros. — Eles são os que têm um instantâneo do tempo nesta terra, então conceitos complicados não são algo que seus cérebros pequenos compreendem. Bem contra o mal é o mundo em que essas pessoas vivem. Isso as ajuda a esquecer de que elas são terrivelmente mortais. E o mal do qual eles estão tão convencidos que é único para o sobrenatural é muito mais desenfreado em sua própria raça.

Os olhos de Thorne, e os de todos ao redor, estavam em mim.

— Vocês querem sobreviver? — perguntei ao grupo. — Eu sugiro que vocês aprendam a enfrentar os vampiros quando eles decidirem vir procurar vocês. Buscando-os nas sombras como o que vocês fazem há séculos não significa nada quando algo assim acontece. —Levantei minhas mãos. — Tenho certeza de que suas cabeças estão muito longe para vocês perceberem que coisas estão acontecendo no mundo sobrenatural. Coisas que provavelmente significam que cada um de vocês tem uma chance menor que ideal de sobreviver, a menos que vocês se adaptem. A menos que vocês aprendam.

A mulher que eu ajudei deu um passo adiante, o rosto dela cuidadosamente em branco. Não estava quente, mas estava desprovido do ódio salpicado pelo grupo. — Aprender o que?

Eu sorri para ela, mostrando as presas. — Como lutar como um vampiro.

Ela inclinou a cabeça. — Como devemos aprender isso?

Dei de ombros. — Abasteçam-se de Bram Stoker, façam uma maratona de *Crepúsculo*. Como eu deveria saber? Eu fiz a minha parte pela humanidade. Olhei para a minha esquerda. — Vamos, Scotty. Eu estou ansiosa por filé mignon.

Eu estava planejando sair sem nem olhar para Thorne, mas uma voz rouca me parou.

— Você pode nos ensinar.

Eu me virei, meus olhos pegando o garoto, Chace, que conseguiu sobreviver. Parabéns para ele.

O ar ficou estático e mortalmente quieto.

— Desculpa. Eu não fui para a faculdade para um diploma de professor. Apenas o mal e o assassinato. — Eu pisquei para eles. —Mas eu sou inteligente o suficiente para saber que ensinar caçadores de vampiros a lutar contra vampiros é além de louco, até para mim, e eu faço Henrique VIII parecer bem ajustado. Além disso, eu conheço uma armadilha quando eu vejo uma, e minha mais nova líder de torcida será tão provável aprender de mim quanto ele iria enfiar uma lâmina de cobre na minha têmpora, ou morrer tentando se o seu líder destemido não estivesse segurando ele de volta.

O olhar de Thorne disparou do garoto para mim.

Chace se adiantou. — Mas você não é como eles. — Ele olhou para os restos da mulher que Scott matou.

Eu sacudi meu cabelo. — Claro que não sou. Eu tenho muito melhor gosto em vinho e sapatos.

Grilos

Multidão resistente.

— Você disse que algo está vindo — continuou ele. — Uma guerra.

Eu levantei minha testa. — Eu não usei essa palavra, mas você não é tão ingênuo quanto eu pensei.

Eu não entrei em detalhes na sugestão dele, como eu sabia que eles estavam esperando que eu fizesse.

— E você está lutando por humanos nesta guerra — ele sondou. Não foi uma pergunta.

Eu cruzei meus braços. — Não. Eu estou lutando por *mim* — eu corrigi. — Sobrevivência é o objetivo principal. Salvar você foi um efeito colateral infeliz.

Mentira, mas pelo menos eu fiz isso de forma convincente.

O desconforto percorreu o grupo enquanto digeriam minhas palavras.

— Bem, então, você vai precisar de todos os corpos que você pode conseguir para combater essa guerra — as mulheres cortaram.

Eu assenti. — Mortos-vivos. Eles são menos frágeis que os seus. —Fiz um gesto para um homem com um pulso obviamente quebrado, pálido e quase sem consciência. — Eu não estou aqui para fazer novos amigos. Especialmente não com caçadores de vampiros. E eu não vou segurar suas mãos e ajudar vocês a fazerem seu trabalho. Isso foi uma coisa única. Eu aconselho vocês a começarem a praticar muito mais, ou sair da esquiva. Eu não vou ao resgate da próxima vez. Eu dei a eles um olhar aguçado. — Haverá uma próxima vez.

Chace parecia como se ele pudesse abrir a boca para argumentar, mas alguém empurrou o garoto rudemente.

Eu cruzei meus braços. — Sem Pescoço. Estou surpresa e, se for sincera, um pouco desapontada de que você não teve sua artéria femoral rasgada por uma dessas criaturas. — Eu chutei uma com as minhas sandálias arruinadas.

Sua careta de retorno era um prazer quando combinada com um olho roxo inchado e sua fealdade geral. — Foda-se. Sua desagradável boceta de vampiro — cuspiu ele. — Nós não precisamos de você.

Ele provavelmente teria dito mais, mas eu estalando seu gesso manchado de sangue fez com que ele parasse.

— Paus e pedras não vão quebrar meus ossos — eu recitei. — Mas você sabe o que *vai* machucar você? — Eu quebrei novamente o braço que apenas começara a se curar.

Esperei um momento para me banhar em seus gritos.

— Me insultar. Você faria bem em lembrar disso. Eu olhei para ele. — E não use essa palavra para insultar qualquer mulher nunca mais.

Eu recuei, me divertindo com o choque aberto e desgosto na maioria dos rostos dos matadores. Isso era mais parecido.

Eu olhei para Scott. —V ocê pode me fazer um favor e levar Madre Teresa até lá para as pessoas certas para que eles possam identificá-la e esperamos que isso não seja uma viagem desperdiçada? —perguntei a ele docemente, acenando para o cadáver de um vampiro. — Eu me moveria rapidamente, Scotty. O ar está virando por aqui, — acrescentei, observando a maneira como os assassinos pareciam muito chateados comigo quebrando o braço de Sem Pescoço. Eu não conseguia entender por quê; com certeza ele não poderia ser tão querido.

Scott acenou com a cabeça uma vez, correndo para o corpo e colocando-o por cima do ombro. Ele fez uma pausa, o olhar desconfortável em seu rosto manchado de sangue. —Você vai ficar bem sozinha? — ele perguntou.

Eu revirei meus olhos. — Acho que vou permanecer morta-viva sem a sua proteção — respondi secamente — Vá, — eu insisti, então parei. — Seria melhor jogar as vítimas fatais dos caça vampiros para o nosso amigo.

Não seria bom para o rei Rick saber que nós deixamos os assassinos vivos. Que os salvamos. E não me escapou que Scott estava cometendo traição por mim sem piscar. Depois que eu não fui nada, além de má para ele. Foi comovente. Não que eu comece a ser legal com ele ou qualquer coisa selvagem.

Scott assentiu mais uma vez, depois foi embora.

Eu sorri para a multidão furiosa. — Obrigada pela sua paciência. Agora eu tenho que falar com o seu líder. Tentem não morrer no ínterim.

Nessa nota, eu peguei o braço de Thorne e o arrastei para a casa no exterior do assentamento. Eu tinha entrado no lugar onde o sonho americano tinha vomitado em todos os lugares antes de Thorne arrancar seu braço do meu, seus olhos selvagens.

— Eu não posso acreditar que você fez isso — ele sussurrou.

Sua fúria encheu a sala de estar da casa vazia.

— O que, salvei você e a maioria de seus amigos?

Sua boca afinou. — Quebrou o braço de Erik na frente de todos que tinham acabado de assistir seus amigos morrerem.

Suspirei. — Vampira, lembra? Se você continuar esperando que eu me torne boa porque minha dieta é um pouco diferente dos meus contemporâneos, você vai ficar grisalho e velho. — Fiz uma pausa. — Não, na verdade, espere bem aqui para que isso aconteça. Eu seria muito mais capaz de viver minha morte sem a sombra de um assassino e o fedor de sua auto justificação me seguindo por aí.

Ele me olhou. — Você está mentindo — ele rosnou.

— Oh, eu quase sempre minto. Mas não sobre isso.

Ele deu um passo à frente e eu me preparei para recuar. — Tudo sobre você é uma contradição — ele murmurou. — Seu sangue é tão gelado que, às vezes, eu acho que você poderia congelar uma cachoeira, mas você faz o meu maldito sangue se transformar em Hades. Você é cruel, mas a bondade é um efeito colateral dessa crueldade. Você deveria ser feia para mim, mas porra, você é a criatura mais linda em quem eu já coloquei os olhos. Você deveria me fazer recuar em desgosto, mas preciso de tudo o que tenho para não arrancar essas roupas de você e provar cada centímetro da sua maldita pele. — Seus olhos ardiam de desejo. — Você quer que todos pensem que você teria um gosto amargo, mas eu sei de fato que é o mel mais doce que eu já tive na minha língua.

— Você é algum tipo de harmonia distorcida. Tudo o que você é sua própria existência deveria deixá-la rude e áspera. Em vez disso, você é tão fodidamente suave, tão malditamente bonita. Essa harmonia me faz incapaz de te matar como eu deveria fazer. Faz isso impossível, na verdade. Essa harmonia traz você para os meus sonhos fodidos, então eu não consigo pregar os olhos sem ver seu rosto. Essa harmonia vai ser fatal para mim, e eu não consigo encontrar razão em mim para dar a mínima sobre isso.

Seus lábios estavam nos meus no segundo em que ele terminou. Seus dedos rasgaram meu cabelo, puxando as raízes enquanto machucava meus lábios com seu beijo, me puxando para ele com a outra mão.

Eu afundei nele, o fogo, o toque pelo qual eu estava ansiando. Parecia que por séculos. Então eu encontrei juízo. Razão.

Eu me puxei de volta, correndo para o meio da sala para que houvesse um sofá entrenós.

— Não podemos ir lá de novo — afirmei.

Seus olhos brilhavam e ele se moveu ao redor do sofá.

Eu estendi minhas presas, me rebelando contra o corpo que o ansiava. — Estou falando sério. Eu acabei de assinar minha sentença de morte, ajudando você. Se você tentar me beijar de novo, eu vou te matar.

Ele parou, nunca tirando os olhos de mim. — Não podemos fazer isso agora — ele resmungou finalmente.

— Nós não podemos fazer isso nunca — eu corrigi.

Ele estreitou as sobrancelhas. — Nós temos que conversar. Você não pode escapar disso, Isla. Mas por enquanto, eu tenho mortos para enterrar, feridos para atender e um conselho para responder.

Apesar do meu humor, meus ouvidos se animaram. — Conselho? Aqui eu estava pensando que matadores eram brutos desorganizados com pouca ou nenhuma habilidade organizacional.

Thorne ficou parado. — De manhã. Alvorecer. Seu apartamento.

Eu dei a ele meu melhor olhar. — Eu pensei que nós discutimos o seu destino se você continuar a ilusão de que você tem o direito de me comandar — eu disse, minha voz um sussurro que seguiu em frente com a promessa da morte.

Ou pelo menos desmembramento.

Thorne me olhou. Então ele ergueu os braços musculosos e manchados de sangue.

— Você quer me matar? Faça isso — ele desafiou, com um brilho nos olhos.

Eu olhei para ele, para as cordas em seu pescoço, os rasgos e lágrimas em sua pele da batalha.

O sangue que cantou para mim durante toda a troca, manchava sua pele. As cicatrizes e a carne musculosa de seus braços me permitindo fazer o que estava em minha natureza.

A natureza era o problema. Ela pode ter nos projetado para sermos inimigos, mas ela também fez aquela linha muito perto dos amantes. Uma que, uma vez cruzada, você não poderia voltar.

Os olhos de Thorne queimaram nos meus quando ele baixou os braços. —Não acho que sim—, ele resmungou, sua voz vibrando no ar. — Alvorecer. Seu apartamento - repetiu ele. Depois de um último olhar preenchido com a promessa e o fogo do inferno, ele virou o calcanhar e saiu.

12

Eu assisti o alvorecer beijar o horizonte escuro com a sua presença enquanto o abraço legal da noite circulava meu corpo.

Eu estava no meu apartamento. Na varanda. Esperando por ele. Como uma idiota.

Isso foi depois que eu passei a noite garantindo o silêncio de Scott e depois mentindo pelos cotovelos para Rick sobre o que aconteceu na batalha. O fato de que eu ainda estava lá para esperar por Thorne em vez de uma lembrança para ele dizia que minhas mentiras estavam se agüentando. Por agora.

A festa da noite seguinte poderia ser transformada na celebração da minha morte final se eu não tivesse cuidado.

Eu estava me equilibrando na ponta de uma faca. E havia apenas tanto tempo que eu podia fazer isso antes de tirar sangue.

Isso sempre terminaria em sangue.

Mesmo assim, lá estava eu. Esperando pelo amanhecer. Esperando por Thorne. Esperando pela morte.

A pulsação de um batimento cardíaco precedeu a abertura e fechamento da porta da frente que eu deixei destravada. Seu perfume filtrou pelo ar e me envolveu como um amante familiar. Não um condenado.

Houve uma ligeira pausa antes que os ecos de suas botas se misturassem com o eco de seu batimento cardíaco atravessando a minha sala de estar até a varanda.

Seus olhos correram por mim. Eu não estava de armadura. Nem mesmo minha roupa de grife. Ele poderia cortar através de tudo como manteiga. Então, ao invés disso, eu estava usando uma camiseta branca e shorts de algodão. Meu cabelo estava emaranhado em cima da minha cabeça, meu rosto livre de maquiagem.

E o calor em seu olhar me disse que ele me considerava como se eu estivesse vestindo asas e andando por uma passarela.

Isso me aqueceu. Até o núcleo.

Fatal.

— Você está aqui — ele observou.

Eu levantei minha testa. — É o meu apartamento.

Ele não respondeu, apenas pisou na varanda e ficou a poucos metros de mim, recusando-se a reconhecer as cores dançantes do nascer do sol. Em vez disso, seus olhos nunca se desviaram do meu rosto.

Ficamos assim por muito tempo. Havia muito a dizer, o grande número de palavras talvez a razão pela qual nenhum de nós falou.

Mas eu não acho que foi isso.

Porque lá na imobilidade de um amanhecer de Nova York, táxis correndo pela rua, sirenes ecoando pelos espaços entre os prédios, seus batimentos cardíacos firmes e ruidosos, foi o mais tranquilo, o maior descanso que tivemos na presença um do outro desde que tínhamos nos conhecido.

Eu me banhei naquela quietude. Deixei-me, mesmo por um momento, afundar no abraço de seu perfume, suas emoções, sua presença. E me dei uma lasca do luxo oferecido a humanos - simplicidade.

Mas apenas uma lasca.

Esse simples silêncio que era dado apenas àqueles que estavam sobrecarregados com a inevitabilidade da morte. Quando você não tinha isso, quando a eternidade se estendia diante de você, nada era simples.

— Metade da minha equipe quer sua cabeça — ele começou. — A outra metade quer o seu número.

Eu sorri contra as navalhas no meu peito. — Dê o meu número para a metade que quer a minha cabeça, — eu disse a ele. — Problema resolvido.

Ele cruzou os braços sobre o peito. — Esta merda não vai ser resolvida pela sua boca inteligente.

Eu olhei para ele. — Pelo menos, vai tornar isso menos aborrecido. — Eu me agarrei a minha irreverência porque o ar ao nosso redor estava ficando mais carregado, elétrico, como a atmosfera antes de uma tempestade.

— Você salvou minha família hoje — declarou ele. — Minha irmã.

Eu resisti ao impulso de me contorcer com a declaração. — Como eles morreram? — Perguntei, ao invés de abordar os agradecimentos não expressos. — Seus pais. — Era uma informação simples que trouxe a percepção de que eu não sabia nada sobre sua vida. Só que isso terminaria. Isso deveria ter sido tudo que eu precisava saber, mas fiz a pergunta.

O gosto do ar ficou amargo com minhas palavras, mas seu rosto não mudou. — Vampiros. Lucille tinha três anos. Eles quase a pegaram também... — Seus olhos foram para longe. — Eu cheguei lá a tempo. Ou pelo menos não tarde demais para ela. Eles estavam muito longe. Ele respirou fundo. — Eu tenho cuidado dela desde então. Treinando-a para ter certeza de que ela não terá o mesmo destino que nossa família.

— Ela não mora com você? — perguntei, lembrando apenas o cheiro residual de chiclete em sua casa.

Ele balançou a cabeça, passando a mão pela boca. — Não, não em tempo integral. É também perigoso para ela. — Ele me deu um olhar aguçado.

— Ela mora com a irmã do meu pai. A única versão de uma mãe que ela tem agora.

A dor permaneceu em suas palavras, um eco por trás delas que ainda tinha que ser entorpecido pela passagem dos anos. A raiva e o ódio o alimentaram, mantiveram-no vivo.

Eu assenti. — Faz sentido.

Ele inclinou a cabeça. — O que?

— Seu ódio pela raça inteira de vampiros. Eles tiraram sua família de você. Não é lógico, como poderia ter sido tão provável para um maníaco homicida matá-los, ou para eles serem atropelados por um ônibus, que por sua vez não faria você odiar os motoristas de ônibus para o resto de sua vida. Na verdade, era mais provável que você, pelo menos, fosse morto por algo sobrenatural. Então você poderia unir o ódio e o mal a uma criatura sobrenatural ao invés de admitir que o mal não precisa do sobrenatural para existir. É mais fácil anexá-lo a nós do que admitir viver dentro dos humanos. — Fiz uma pausa. — O que acontece durante a noite não é o que você deve combater. Talvez seja o que resta quando o sol nasce. — Meu olhar foi para o amanhecer próximo antes de cintilar de volta para ele.

Seu corpo não vacilou com minhas palavras, mas seus olhos se tornaram líquidos e suas emoções tornaram-se um redemoinho de contradições. Raiva. Ódio. Luxúria.

Ele ficou em silêncio por um longo tempo. Eu esperei.

— Por que você faz isso? — Ele perguntou suavemente. Perigosamente.

— Limitar lá embaixo, Buffy. Eu faço muitas coisas diferentes por muitas razões diferentes. — Eu pensei nisso por um momento. —Risque isso. Eu faço mais coisas por uma simples razão - porque eu posso.

Seu rosto ficou impassível. Ilegível. Isso me enervou porque ele era uma criança, um humano infantil, mas ele disfarçava suas emoções melhor do que um imortal de duzentos anos de idade.

Na verdade, tudo sobre ele se rebelava contra o fato de que ele era um humano, de que ele não era tão antigo quanto algumas das minhas bolsas.

— Matar monstros. Sobreviver a eles — esclareceu ele.

Sua linha de questionamento foi inesperada, mas eu rolei com ela.

Eu dei a ele uma olhada. — Você não ouviu? Eu *sou* um monstro. Um reconhece o outro, e certamente um mata o outro. E querido, eu posso estar envolta em um pacote atraente aquela natureza destinada a comunicar o contrário, mas eu sou um monstro. Você faria bem em lembrar-se disso.

Minhas palavras contradiziam minha declaração anterior, mas se eu o lembrasse do que provavelmente tinha sido batido para ele desde que nasceu, talvez ele fizesse a coisa certa e fosse embora. Eu?Eu sempre fiz a coisa errada. Como rezar para que ele não saísse por aquela porta.

Ele estava do outro lado da varanda no começo da minha resposta, talvez até no final. Então não estava. Então ele estava no meu espaço, me pressionando contra o corrimão da varanda, seu fogo imprimindo na minha pele fria, afugentando o frio que era natural para mim.

Sua forma era apertada, mas cantarolando com alguma coisa. Algo perigoso, semelhante ao zumbido que eu estava lutando. Cada centímetro de seu corpo segurava o meu como sua escrava. Eu não conseguia me mexer mesmo que eu desejasse.

— Não — ele murmurou, os olhos cinzentos procurando meu rosto. — Eu costumava pensar isso. Mas eu estava errado. Eu não tenho vergonha de admitir isso. Seu dedo era um fantasma enquanto ele descia pela minha bochecha. — De fato, eu nunca estive tão feliz por ter estado tão errado quanto eu fui sobre você. — Ele fez uma pausa. — Mas nunca as coisas foram mais complicadas do que são agora. Crenças que estiveram em vigor por séculos foram alteradas por causa do que você fez esta noite.

Eu ri. — Sim, e eu acabei de me foder por isso. Condenei a mim mesma aos olhos da minha raça irrevogavelmente. Não que eu esteja perdendo o sono por isso. Vamos apenas esperar a guerra que se aproxima fazer essa pequena

transgressão escorregar pelas rachaduras e me manter aqui por mais um pouco, pelo menos.

Ele segurou meu pescoço. — Você não vai a lugar nenhum — ele prometeu.

Eu levantei minha testa. — Você não tem o poder de fazer esses tipos de declarações — eu respondi, desejando que eu estivesse errado, pela primeira vez. — Há uma guerra chegando. Está sendo preparada há séculos. Foi travada nas sombras até que não havia escolha a não ser trazê-la à luz. Eu não sei o meu destino, mas as chances estão contra mim. Não há nada que você possa fazer para mudar isso.

Ele olhou para mim. — Há tudo o que *você* pode fazer para mudar isso — ele desafiou.

— Não. Eu solidifiquei meu destino. Estou envolvida até o final, provavelmente. Eu não corro e eu tenho um interesse pessoal em ganhar esta batalha, se não a guerra. — Se eu pudesse encontrar uma maneira de expor minha família e depois executá-los, consideraria isso uma vitória.

— Eu também — Thorne rosnou, os olhos em mim.

— Não — argumentei duramente. — Você não. Já passou da hora de acabar com essa loucura. De você realmente tentar agir como se você tivesse algum valor sobre sua própria vida. — Eu tentei me debater de seu aperto, mas ele me parou. Eu poderia ter quebrado, mas eu era egoísta e decidi banhar-me no sentimento até que não fosse nada mais que uma sombra. Pois seria. Em breve.

— Não há lugar para os humanos nesta guerra. — Eu olhei para ele. — Não há lugar para você, em qualquer lugar nesta vida. Minha vida. Minha vida imortal. Além de um buraco em um terreno e uma lápide. E eu não vou me responsabilizar por isso.

— Você não vai me dispensar assim. Como se eu não fosse nada. Como se não fôssemos nada.

— É o que deveríamos ser — argumentei.

— Deveria ser, talvez — ele concordou. — Mas não o que somos. Não o que você é para mim. E você é minha. Ele escovou minha boca com o polegar. — Isso me diz toda a verdade que preciso saber que eu sou seu homem. — Ele arrastou os dedos pelo meu queixo, meu pescoço, para se acomodar em meu peito. A vibração do seu coração através de suas mãos me deu a ilusão de que o meu estava batendo.

Eu não tinha tempo para ilusões.

— Eu não posso ter um homem — eu sibilei.

— Você não precisa de um homem — ele concordou, sua mão nunca deixando meu peito, seus olhos nunca deixando os meus. — Você é uma tempestade, um vulcão, uma porra de batalha. Todo dia com você é uma briga contra uma força incomparável. Beleza. Ele acariciou uma mecha do meu cabelo. — Para possuir essa beleza, não se pode simplesmente ser um homem, porque você vem com uma briga. Uma guerra. Então você precisa de uma porra de um guerreiro que não vai lutar batalhas para você, mas que vai lutar a batalha que é você. O homem que vai ficar sangrando e quebrado e fazer amizade com o Anjo da Morte que baterá na porta todos os dias em que ele estiver com você. Ele fará tudo isso com um sorriso no rosto e fogo em sua barriga, porque um verdadeiro guerreiro implora a batalha final. Isso é o que você é, Isla - a batalha final. *Minha* batalha final. Ele descansou a cabeça contra a minha. — E eu não me rendo. Para ninguém. Não por você. Nem *para* você. Então lute por nós tanto quanto você quiser. Você pode ser mais forte do que eu, mas você não vai ganhar a menos que você termine.

Foi um desafio, inabalável, que me levaria um segundo para aceitar. Ganhar. Apesar da força intrigante que ele tinha para me manter no lugar, para se manter vivo apesar de todas as probabilidades, ele estava certo. Eu era mais forte.

Em teoria.

Eu não era forte o suficiente para fazer o que eu deveria ter feito e arrebentar o pescoço dele. Eu não pude fazer isso mais cedo do que quebrar a mim mesma.

— Temos que acabar com isso — eu sussurrei contra o vendaval de suas emoções. — Eu não posso... — Eu procurei pela palavra. Aquela que eu jurei que nunca usaria.

— Me amar? — Ele terminou por mim.

Eu pisquei contra a garantia de suas palavras. Sua vontade de expressá-las. — Porque você ama. Eu sei porque, apesar de tudo, eu amo você, Isla. Você não pode mudar isso. Você tem que viver com isso, ou morrer com isso.

Suas palavras encheram o amanhecer e engoliram o sol, ou pelo menos parecia.

— Onde você acha que isso pode ir, Thorne? — Eu assobiei. — O que você acha que fazemos aqui?Eu não vou deixar esse amor ser a âncora que me puxa para o abismo e amaldiçoa todos nós. Eu já estou amaldiçoada, mas até eu tenho que traçar a linha em algum lugar. E eu acho que isso seja o que for, não é apenas maldição, mas destruição. Para nós dois. — Eu nunca deixo meu olhar cair do dele. — Você quer uma vida que é violenta e curta apenas por causa desse órgão inútil em seu peito? Você quer dor e sofrimento para segui-lo contanto que você agarre esta romântica noção de que o amor conquista tudo? Notícias de última hora, amigo - *vai* conquistar tudo. Tudo. Você, eu, todo mundo que você se importa. Porque é uma batalha amarga contra tudo que nossas duas raças representam. Uma vampira e um assassino não são românticos, nem emotivos. É morte. Dor. Feiúra. E eu não estou pronta para nada disso. E eu certamente não estou disposta a dar a você a maldição que meu amor vai trazer.

Eu contive o desejo de engolir uma respiração enorme com o maremoto das minhas palavras, permanecendo ainda sua escrava. Em seu brilho.

— É por isso? — Ele disse finalmente. — Por que você se opõe a mim? Porque você está focada na minha mortalidade é uma sentença de morte para isso, para nós?

Dei a seu olhar ardente um olhar homogêneo. — Isso não é suficiente? — Eu zombei.

Ele avançou. — E se isso não fosse um problema?

Eu olhei para ele. — E se, são para imbecis e republicanos.

— Jesus, Isla. Responda a pergunta — ele rosnou.

Eu saltei meu queixo para cima. — Eu não responderei a pergunta ridícula porque *é* um problema.Você é mortal. Eu não sou. O ponto é discutível.

Ele soltou um suspiro de impaciência, então segurou meu rosto, trazendo nossos rostos juntos. — E se eu pudesse te dizer que não era o caso? E se a mortalidade fosse uma coisa com a qual não estivéssemos os dois atormentados?

Algo floresceu no meu estômago. Algo quente e desconfortável.

Esperança.

Eu fiz uma careta para ele. — Eu pediria os detalhes — respondi.

Ele estreitou as sobrancelhas. — Eu não posso te dar isso — ele cortou. — Agora não. Ainda não. Ele acariciou minha bochecha com uma gentileza inabalável. — Eu estou pedindo que você confie em mim.

Eu me preparei contra o toque, a esperança florescente no meu estômago, a maneira como a sua a presença queimava o resto do mundo. — Eu não confio em ninguém. Você morre fazendo isso, —eu disse finalmente.

Ele apertou meu queixo, a gentileza se foi, substituída por uma urgência brutal. — Eu não estou perguntando se você confia em alguém, — ele rosnou. — Eu estou pedindo para você confiar *em mim*.

As palavras pairaram no ar como um presságio. Como uma porta aberta que se eu pisasse, não havia como voltar atrás. Mas talvez eu já tivesse passado por essa porta no segundo em que decidi não matá-lo naquele beco. Talvez eu já estivesse longe demais. Andando por uma estrada que tinha um fim. Finalmente.

— Ok — eu sussurrei, a palavra arremessando aquela porta e batendo a tranca da casa. — Eu vou. Não é bom. Nem mesmo por muito tempo. Ou pouco — acrescentei. — Eu não sou paciente.

Seus olhos eram de mercúrio líquido. — Eu notei — ele disse secamente.

Eu acariciava a veia pulsante em seu pescoço à toa. — Mas para o registro, estamos dizendo que você não pode morrer?

Ele agarrou meu pulso com força, virando minha palma na mão para trazê-la à boca. — Todo mundo pode morrer, Isla. Até você, —ele respondeu, voz grossa. — Estou dizendo que é mais difícil me mandar para o túmulo do que a maioria. Que eu estive por mais tempo do que você pensa e que agora, nos anos em que estive nesta terra, nunca tive mais para viver.

Eu queria fazer muitas perguntas. Muitas. Quanto tempo ele esteve nesta terra? O que era a semântica de sua declaração vaga com uma pitada de imortalidade? Ele respirava. Seu coração batia. Ele podia se machucar quase tão facilmente quanto um humano, mas ele se curava rapidamente. Eu queria saber exatamente o que ele era.

Mas as perguntas morreram na minha língua quando ele tomou por conta própria, empurrando a boca sobre a minha.

A urgência de consolidar o que acabara de ser declarado naquela varanda estava além de qualquer coisa que eu já experimentara. Nós éramos um choque de vontades, da natureza, lutando uns contra os outros pela mão superior.

Tirei a jaqueta de Thorne, jogando-a no chão antes de pegar minha mão nas costas, a pele nua flexionando e pulsando sob o meu toque.

Ele rosnou em sua garganta quando ele separou sua boca da minha e arrancou minha blusa fora, o ar beijando meus seios expostos.

A camiseta saiu voando da sacada, descendo por trinta andares, Thorne anexou ele mesmo ao meu peito, as mãos na parte de trás do meu pescoço.

Eu corri meus dedos pelo seu cabelo escuro enquanto ele descia, rapidamente me despojando dos meus shorts de algodão e calcinha, então fiquei nua na minha varanda.

Eu raciocinei que um madrugador tomando seu café da manhã em qualquer número do edifício ao redor do meu poderia ter nos visto. Eu simplesmente não me importava. Minha única necessidade era rasgara camisa de Thorne do corpo dele, que foi exatamente o que eu fiz, expondo o largo, marcado, e musculoso espaço de seu peito. Eu ansiava por explorar os cumes de seu abdômen com meus lábios, mas no segundo em que sua camisa estava fora, Thorne me puxou para ele, engessando a boca na minha mais uma vez, me levantando.

Eu passei minhas pernas ao redor de sua cintura, entregando todo o controle para ele enquanto ele pressionava minhas costas levemente no corrimão.

Ele usou uma mão para se livrar de seu jeans, seu torso nu pressionando o meu, o fogo e o gelo de nossos corpos se encontrando em uma harmonia fatal.

Ele ficou parado na minha entrada, os lábios pairando sobre os meus, os olhos colados em mim. — Você confia em mim? — Ele murmurou, me segurando para ele. Eu estava à sua mercê, pairando na beira da varanda com apenas os braços ao meu redor me impedindo de cair.

Eu não hesitei. — Com a minha morte.

Ele uniu seus lábios aos meus e se lançou em mim.

***

— Nós concordamos em pecador, não demoníaco — Rick murmurou em meu ouvido enquanto deslizávamos pela festa. — O próprio Diabo pode se levantar e decidir tomar você como sua rainha, e eu teria que lutar com ele por essa honra.

— Rainha? — Eu repeti sarcasticamente. — Eu acho que uma coroa ficaria bem na minha brilhante cabeça.

Eu engoli o meu sorriso com a variedade de mandíbulas de mortos-vivos em perigo batendo no chão. A elite vampírica se sobressaía em esconder emoções sob seus rostos pálidos e quase sempre bonitos; minha teoria era porque eles não as tinham. Mas eles se traíram naquela noite, embora eu tivesse que entregá-lo para eles, já que o último lugar que eu esperava estar era no braço do rei em uma dessas coisas.

Mas lá estava eu.

As surpresas não eram fantásticas?

— Além disso, o diabo já está aqui — acrescentei, acenando para o canto da sala. Em quem eu precisava estar focada em vez de refazer os eventos do dia anterior. Eu estava lá por um propósito, ou seja, não morrer. De preferência para definir sobre o desaparecimento da mulher para quem eu estava olhando diretamente agora. — E é uma mulher. Infelizmente a que me deu à luz.

Eu não tinha visto muitas expressões no rosto da minha mãe. Na verdade, até esse momento eu não tinha certeza de que ela era capaz de transmitir qualquer coisa além de repugnância e indiferença.

Mas lá estávamos nós, observando a onda de choque sobre suas geralmente cuidadosamente feições estudadas enganosamente jovens. O jeito que ela agarrava sua flauta de sangue me fazia pensar que ela não tinha certeza se estava feliz que a filha que ela odiava estivesse no braço do rei, ou furiosa.

Tudo dependia se ela estava de fato envolvida na conspiração para assassinar o dito rei, e por procuração, eu. Apesar de minha morte provavelmente estragar suas promessas de me fazer ser estuprada para fins de reprodução.

Rick seguiu meus olhos. — Bem, mesmo que ela esteja fazendo o trabalho de esconder sua coroa como a Rainha de Hades, há outro rei lá embaixo que adoraria substituir sua mãe por um modelo mais novo e decididamente mais interessante — ele murmurou, sua boca tocando minha orelha.

— Oh, eu odiaria lutar contra o Diabo pela minha antiga eu — eu respondi. — Quem estivesse no topo ficaria seriamente decepcionado quando eles percebessem que, independentemente da vitória sangrenta, eu não sou um troféu que pode ser arrebatado como os despojos da guerra. Provavelmente eu lutaria mais do que o próprio Diabo se alguém tentasse me possuir. E querido, eu venceria. Dei-lhe um olhar desafiador.

Minhas palavras não eram exatamente verdade. O diabo ou o rei dos vampiros podia não ser capaz de me possuir, mas um matador humano, sim. Corpo e alma. Ele teve certeza disso quando ele passou o dia todo imprimindo-se em mim, nenhum de nós vindo em busca de ar, embora um de nós realmente precisasse disso para sobreviver.

Não se falou muito, então a semântica de sua própria vida imortal não foi discutida.

E quando chegou a hora dele sair, ele segurou meu rosto e aqueles olhos irradiaram uma preocupação que eu nunca tinha experimentado. Ninguém se preocupou com um vampiro. Até ele.

— Esta festa, será perigoso? — ele perguntou.

— Com sorte — eu respondi. — Caso contrário, será terrivelmente aborrecido.

Sua boca afinou. —Você é imortal, mas não invencível. Lembre-se disso, — ele ordenou,acariciando meu rosto. — E você é importante. Lembre-se disso também. Sua vida não é algo a ser arriscado facilmente. — Ele pressionou seus lábios nos meus ferozmente. —Você virá para mim quando tiver terminado.

Eu afastei o calor de seu beijo enquanto lutava contra o seu sangue. — Eu pensei que nós tínhamos estabelecido que eu não gostava de receber ordens por aí.

Seus olhos escureceram. — Não. Depois de hoje, estabelecemos o quanto você gosta de receber ordens. — Ele ficou por mais uma batida, depois saiu.

— Metade dos homens nesta sala estão considerando traição para arrancá-la dos meus braços — O rei continuou, trazendo-me de volta ao presente. Seus lábios estavam no meu ouvido para se certificar de que ninguém poderia pegar a conversa.

— A outra metade, eu estou supondo, já estava considerando traição e eles vão mais provavelmente ainda me arrancar de seus braços, apenas o tempo suficiente para me executar, — eu murmurei de volta.

Sua mão apertou a minha. — Oh, mesmo aqueles com o ódio mais ardente em suas veias por você não poderia acabar com a sua vida antes de rasgar esse vestido fora do seu corpo e violar você de todas as formas possíveis.

Eu estava vestindo vermelho. Vermelho sangue. Ele abraçava cada curva como uma segunda pele, suas correias fazendo bem para segurar meus peitos apesar do tecido fino. Era simples, mas se movia com o meu corpo em vez de limitá-lo, e a divisão que subia pela minha coxa e quase até a cintura tornava muito aparente que eu não estava usando roupas íntimas. Apenas algumas fitas habilmente colocadas mantinham minha modéstia. Ou teriam, se eu tivesse alguma.

Por assim dizer, seria perfeito em uma luta, minha melhor arma sendo a distração.

Suspirei. — Oh, senhor, Shakespeare não era páreo para você. Suas palavras são sonetos.

Ele riu, seu peito vibrando quando ele o fez.

O som ricocheteou nas paredes e cortou a conversa falsa.

Até eu tive um momento de choque antes de recuperar minha cara de paisagem. O rei não sorria. Ou ria. Eu apostaria que a habilidade havia sido drenada dele no nascimento. As sombras de sorrisos que eu tinha visto desde que ele fez amizade comigo eram incomuns o suficiente, mas nesse tipo de evento, ele era mais propenso a lançar alguém através do coração do que rir.

Mas a noite ainda era uma criança.

Minha mãe deslizou, acenando com a cabeça para aqueles que a encontravam, parecendo que viu o passarinho verde. Ou o sangue. Sua filha que uma vez a envergonhara havia fisgado a baleia.

Aos olhos dela, pelo menos.

— Alerta nível um — eu murmurei para Rick. — Prepare-se.

Ele endureceu até que ele seguiu meu olhar, seus olhos cintilando com a menor diversão enquanto minha mãe se aproximava.

Ela colocou um sorriso quase genuíno, me surpreendendo que seus músculos faciais ainda se moviam dessa maneira. — Isla — ela disse calorosamente, como se fosse normal. Ela se aproximou para me dar beijos no ar. Quando ela me soltou, olhou entre mim e o rei antes de baixar a cabeça. — Senhor — ela cumprimentou.

Meus irmãos ficaram para trás, um segurando um humano com medo em seus olhos e tristeza em sua alma. Seus olhos estavam mascarados de ódio. Eu devolvi o favor. Propriedade humana não era permitida em tais reuniões, a menos que não saíssem pelas portas em que entraram.

Não muitos vampiros aderiram a drenar humanos nesses eventos, não neste século pelo menos. A maioria se tornara mais progressista, mesmo que apenas pela privacidade de seus hábitos de matar.

Não meus irmãos.

Eu engoli minha raiva e mais uma vez prometi a mim mesma que eu colocaria uma lâmina através de seus corações.

Não a tempo de salvar o humano, porém.

Eu aprendi a engolir qualquer dor que vinha com esse pensamento. Você não pode salvar todos.

Ele assentiu. — Alyona, — Rick cumprimentou, seus olhos em Viktor e o humano grosseiramente colado ao seu lado antes de se concentrar em minha mãe. Embora seu tom experiente estivesse cheio de respeito, eu podia sentir o desagrado que o sustentava.

Minha mãe olhou entre nós mais uma vez, incapaz de manter a alegria calculada em seu rosto. Eu aposto que ela estava planejando a melhor maneira de se tornar a rainha mãe e começar a dominação do mundo.

— Minha querida.

Eu olhei ao redor, me perguntando a quem ela estava se dirigindo. Quando ficou aparente que ela estava falando comigo, eu olhei de volta para ela.

— Este é o último lugar que eu esperava ver você, com o rei em seu braço também — minha mãe continuou, ignorando minha pausa prolongada.

— Sim, bem, parece que o inferno congelou — eu respondi, tomando minha bebida. Eu então inclinei minha cabeça e dei-lhe um sorriso simpático. — Eu sinto muito que isso signifique que você não poderá retornar para casa no futuro próximo.

Seu olho piscou ligeiramente, mas o resto de sua máscara permaneceu no lugar. Ela olhou para Rick.

— Minha filha, a brincalhona. Ela deve lhe dar acesso de risos, senhor.

O rosto de Rick ficou em branco. — Ela me mantém entretido — ele respondeu com desdém. — Infelizmente, não estou aqui para me divertir. Eu estou aqui para ser o anfitrião. — Ele recuou, assentindo levemente. — Se você nos der licença, devo levar a Isla para divertir o resto dos convidados. Ela é a minha bobo da corte, afinal de contas.

Eu engasguei com o vinho que estava tomando no tom seco e uniforme que acompanhava as palavras.

Rick ignorou, acenando para minha mãe em despedida antes de me arrastar.

Eu acenei para ela com o meu copo, ainda engolindo o riso.

Rick nos guiou através das multidões até que estivéssemos a uma distância segura.

— Você leva jeito com mães sádicas — eu elogiei. — Você tem uma também?

Ele manteve os olhos em branco. — Eu não tenho mãe. Se você lembrar de suas aulas de história, o Rei da Linha de Veia mata a rainha quando ela dá à luz um herdeiro.

Um fora mais uma vez.

— Ah, sim. Eu me esqueci desse pedaço assustadoramente brutal da história — respondi. — Provavelmente fez um favor para você, no entanto. Se este ambiente é algo para passar, ela teria sido uma cobra de qualquer forma.

Eu provavelmente deveria ter dito a ele que sentia muito por sua perda ou ter tido cuidado. Eu não sou cuidadosa.

Rick olhou para mim. — Nos meus anos como príncipe, então rei, nenhum vampiro foi tão cruel sobre minha mãe — observou ele.

Eu bebi minha bebida. — O que posso dizer? Eu sou única.

Ele riu mais uma vez.

Eu examinei a multidão, todos os quais estavam olhando para nós enquanto tentavam fingir que eles não estavam.

Inclinei-me. — Por mais divertido que seja, é difícil espiar enquanto estou com o Rei — murmurei. — Talvez você devesse sair e executar ou pelo menos esfolar algumas pessoas e causar distração para que eu possa fazer o meu trabalho.

O rosto de Rick ficou em branco. — Sim, acho que você está certa. — Ele fez uma pausa. — Mas antes de fazer isso, eu gostaria de te mostrar uma coisa.

Ele nos dirigiu através da multidão e para a borda da sala.

Eu levantei minha testa. — Vamos brincar de médico com todos os seus convidados com audiência distante? — eu provoquei. — Ora, você é um monarca desobediente.

Rick me ignorou, tudo menos pela pequena subida de sua boca.

Continuamos por um corredor encharcado nas mesmas armadilhas da riqueza aristocrática, tapeçarias sem gosto e datadas ao lado de pinturas de homens velhos, gordos e chatos.

— Você precisa de um decorador deste século — observei. — Ou pelo menos uma pessoa que não vai para o Conde D chique.

Rick ainda estava em silêncio.

Era enervante, estar em sua presença e não ter sequer uma pequena avaliação de seus pensamentos. Como se ele fosse uma estátua de mármore que andava e falava. E bebia sangue. E alternadamente me ameaçava com a morte e flertava comigo.

A mão de mármore abriu uma porta para uma escada que descia.

— Primeiro você — disse ele, assentindo.

— Idade antes da beleza — eu desafiei, não gostando de ir para o que era mais provável que fosse uma masmorra sem possibilidade de fuga.

Rick me deu um olhar duro.

Eu soltei um suspiro. — Tudo bem, mas se você está me levando para cá para me matar, eu vou me chatear. Embora eu deva dizer, estou vestida de maneira atraente para a morte.

Eu pisei meu salto vermelho no primeiro degrau de pedra, depois outro. O ligeiro eco da porta se fechando atrás de Rick não era o som da minha desgraça. Nós descemos em silêncio, um lento gotejar de água em algum lugar nas entranhas da mansão, a única trilha sonora.

O ar estava úmido e cheirava a pedra e mofo. E algo mais.

Morte.

Eu parei no fundo, um longo corredor bocejando na minha frente, várias formas alinhando as paredes.

Rick parou ao meu lado. — Bem-vinda à galeria — disse ele, voz plana, em seguida, colocou sua mão na parte inferior das costas, me empurrando para frente.

Um vampiro enrugado e emaciado nos cumprimentou. Poderia ter sido homem ou mulher com cabelo na altura dos ombros, desgrenhado e grudado. Seu rosto estava comprimido e enrugado, como um cadáver desidratado. Os olhos estavam assustadoramente vivos, embora, silenciosamente implorando enquanto seus dedos, que estavam acorrentados acima de sua cabeça com fio de cobre, se contorciam.

Continuamos andando. O próximo foi igual.

E o próximo.

Suas roupas eram a única coisa que traíam sua idade. Foi como passar por uma horrível cápsula do tempo das tendências do século XXI.

Eu não disse uma palavra durante a jornada.

Nós paramos na frente de uma vampira menos parecida com uma ameixa do que os outros. O cabelo dela caía em suas costas, ainda brilhante e saudável. O vestido de noite que ela usava estava imaculado, ainda que um pouco manchado de sangue.

— Oi, Selene. Bom tempo que estamos tendo, — eu a cumprimentei alegremente.

Silêncio.

Rick escovou meu lado. — Para aqueles que são culpados e sem mais uso para fins informativos, cortamos suas línguas com lâminas encantadas — afirmou.

Eu assenti. — Boa decisão. Selene nunca teve nada que valesse a pena dizer de qualquer maneira.

Os olhos dela estreitaram-se com ódio.

Rick nos dirigiu para outro vampiro. Precisou de esforço para manter meu rosto em branco como ódio que a anã da Selene me cumprimentou.

— Earnshaw. Parecendo bem — eu disse.

Seus olhos se arregalaram, embora seu corpo permanecesse como estátua.

Ele estava coberto de sangue emaranhado e alguns ferimentos ainda estavam escancarados, mostrando que eles tinham sido feitos por uma lâmina encantada.

— Nós o enfeitiçamos em silêncio quando não estamos interrogando-o.

Eu parei. — Você está o interrogando?

Rick assentiu na minha periferia. — Ele é o único membro verdadeiro da rebelião que temos capturado vivo. Tenho certeza de que há mais coisas que ele não está nos dizendo.

Engoli em seco, esperando que as pequenas barreiras de Sophie resistissem, ou eu estaria em um mundo de problemas.

— Você me trouxe aqui para uma melhor companhia do que os convidados no andar de cima ou apenas um alongamento geral das pernas? — Eu perguntei.

Mesmo no escuro eu ainda peguei cada centímetro das feições de Rick quando ele se virou para mim. Elas estavam cravadas como a pedra que nos rodeia, seus olhos brilhando verdes na luz fraca. — Eu trouxe você aqui para mostrar que eu levo a traição muito a sério. E aqueles que me traem, não têm a misericórdia de uma morte rápida.

Consegui conter meu pânico com o peso de suas palavras e o que não foi dito.

— Então, você se sentirá reconfortado em saber que os envolvidos nisso receberão a punição mais prudente — continuou ele.

Escondi meu alívio como se escondesse meu medo quando voltamos para as escadas. — Sim. Isso tudo foi tão reconfortante, - eu brinquei.

— E nós estamos aqui embaixo, porque este é o único lugar onde não seremos ouvidos. — Seu olhar tremulou para os vampiros ao nosso redor. — Pelo menos não por quem nunca mais vai ver a luz do dia.

Eu cruzei meus braços contra o frio no ar e ainda outra premonição fria de morte.

Pela picada do meu polegar, algo malvado vem desse jeito.

— Você descobriu como eles fizeram — eu supus.

Rick assentiu com a cabeça uma vez. — Não é um processo exclusivamente de vampiros.

Eu fiz o meu melhor para não ficar boquiaberta com isso.

— Vampiros que pegaram amantes humanos e que quiseram passar o dom da imortalidade têm tentado isso há anos, isso é verdade — Rick continuou. — Mas desde o amanhecer de nossa raça, tivemos pouco mais do que uma tentativa de paz com outras criaturas sobrenaturais. A não ser por algumas exceções. Ele me deu um olhar aguçado. — Agora parece que há um objetivo comum entre eles.

— Nova ordem mundial, escravização humana. Eu ouvi a propaganda — eu cuspi. — Eu estou cansada do maldito roteiro publicitário. Olhei para Earnshaw, depois para Selene. — Rebelião é sempre entrincheirada no romance da revolução no começo, mas a realidade logo se aproxima e fode todas as idéias românticas, substituindo-as por sangue e brutalidade. Não há nada romântico sobre uma revolução, até uma boa, uma necessária. A morte é a única certeza. É o sacrifício da coisa. Apenas em alguns casos, a morte é por uma causa digna disso. A maioria da época, a morte serve como um cemitério para construir um inferno. É isso que eles estão tentando fazer, criar um cemitério de ossos, e colocá-los como mártires para criar mais sepulturas.

Rick me olhou. — Eu não discordo — disse ele finalmente. —Embora eu não tenha entendido você ser tão... Apaixonada por eles.

A sedução envolveu-se em torno da morte no ar, da qual eu teria sido partidária se o toque de Thorne ainda não estivesse firmemente ao redor do meu coração.

— Chame-me de tradicional, mas eu fico um pouco apaixonada por um grupo de pessoas que tentam me matar e aos meus amigos, além de criar abominações que são uma vergonha para os humanos e vampiros também — eu respondi. — Agora me diga como eles são feitos para que possamos desfazê-los.

Rick olhou para Earnshaw. — Eles podem ser mortos por muitos dos mesmos processos usados para matar um vampiro. O cobre tem um efeito discreto, mas ainda é fatal na cabeça ou coração. — Ele fez uma pausa. — Eles só podem ser feitos por um vampiro cuja linha de veia tem conexão direta com Ambrogio. Sangue nobre.

Outra pausa, talvez para suportar o peso da traição. Linhagens nobres têm sido aqueles mais próximos da linhagem real por milênios.

— Faz sentido — eu murmurei.

Os olhos de Rick ficaram glaciais. — Faz sentido que as linhas de veia mais fiéis à coroa sejam as únicas a tentar derrubá-la? — Sua voz engrossou com um sotaque antigo quando a fúria pegou o melhor dele.

Eu assenti. — A proximidade deles com você nessas festas não vem do amor, mas do ciúme. Ganância. Os mais leais são geralmente os mais perversos. Não são nossos inimigos que esperar que nos traiam, mas nossos amigos. Pois não esperamos lealdade de nossos inimigos, não é?A traição só nasce da lealdade. Olhe para Judas. E Brutus. E Brad Pitt.

O olhar de Rick não estava mais com raiva. — Você vê muito mais que seus olhos e sua boca deixam transparecer — disse ele finalmente.

Eu esperei que ele continuasse.

— Uma vez que o sangue da linha de veia foi inserido no ser humano morto, uma bruxa, um poderoso com magia antiga, deve replicar o feitiço de morte. Não é uma morte mortal, mas a morte do vampiro, — Rick continuou.

— E eu estou supondo que é onde Belladonna e seus companheiros de quarto entram — eu supus.

Ele assentiu. — Sim. Eles são provavelmente os únicos no planeta com magia negra o suficiente fazer essas coisas. É por isso que eles foram originalmente banidos. O que eles praticavam foi trazido diante do próprio Hades.

Outro arrepio caiu sobre mim. Ou dentro de mim, a flor da morte que havia permanecido desde matar Belladonna.

— Matar as bruxas vai ser, obviamente, o topo da nossa lista de tarefas — eu disse, em vez de trair meu calafrio.

— Primeiro devemos separar os traidores — disse Rick.

Eu olhei para o telhado. — Estou pensando que você tem a maioria deles lá em cima como está.

— Eu temo que seja assim — Rick concordou. — Embora eles vão se arrepender do dia em que eles consideraram o pensamento em me bater de frente. Nenhuma linha de veia estará segura. Eu vou exterminar cada uma das últimos grandes famílias se for necessário — prometeu.

Eu sorri abertamente. — Parece divertido. Vamos.

Antes que eu pudesse dar um passo, fui pressionada contra a pedra áspera, o corpo de Rick imprimido em cada centímetro de mim. Meu corpo respondeu; embora eu estivesse morta, eu não estava no chão.

— Séculos nesta terra, cercados por esses vampiros, e eu ainda tenho que encontrar um como você. Sua respiração estava gelada no meu rosto. — Forte o suficiente para lutar por si mesma e outros, uma boca mais afiada do que as lâminas que eu uso para decapitar meus inimigos, e estranhamente misericordiosa com a raça tão estúpida quanto mortal — continuou ele.

Eu não sabia bem o que dizer, então, pela primeira vez, eu cobri minhas apostas e fiquei em silêncio.

— Você poderia ser minha rainha — ele me convidou, sua voz ausente daquele desapego que era sempre presente, mesmo quando ele tentava me seduzir.

A força de sua voz rouca era magnética, trazendo consigo as emoções que ele mantinha escondido.

Eu as deixo me lavarem. Se eu não tivesse sido pregada a outro que agarrava suas mãos ao redor do meu coração que não batia, elas poderiam ter me balançado. Mesmo agora, eu me encontrei provando a promessa em seus lábios.

— Uma rainha. — Eu deixei a palavra rolar sobre a minha língua. —*Sua* rainha. E de onde vem essa oferta? Você não me conhece.

Sim, Rick flertou comigo, mas foi desinteressado e frio, e veio na mesma sentença como uma ameaça de morte. Agora eu estava recebendo a oferta de uma coroa?

Ele manteve o olhar em mim. — Eu sei que você é única e forte o suficiente para manter o meu interesse e favorecer para os séculos vindouros. Que o pensamento de se deitar com você é tão atraente quanto exterminar todo traidor com minhas próprias mãos. — Sua mão era um fantasma de gelo no meu queixo.

Eu considerei seu olhar. — Interesse, favor, sexo — eu meditei. — E o amor? Você não procura por isso em uma rainha?

Seu corpo era de pedra. — Somos imortais, Isla. Sabemos que o amor é um conto de fadas que os humanos se apegam a fim de sobreviver em suas vidas miseráveis. Nós sabemos que isso não existe.

A garantia de seu tom disfarçou a dor enterrada debaixo dela. Provavelmente não teria reconhecido, a menos que eles tivessem provado a volta rançosa de um amor morto em seus pés.

Em vez de abordar isso, eu assenti. — Não, não existe. Mas a razão, sim, e você parece ter isso. Ainda assim você me convida para ser sua rainha, mesmo com o que você sabe de mim?

Seus olhos brilhavam. — Sim, por causa do que eu testemunhei em você — ele sussurrou. — Você seria a vampira mais poderosa desta terra. Depois de derrotarmos os rebeldes, é claro.

— Ser uma rainha através de um homem não é como eu gostaria de ganhar poder — eu disse. — De fato, o poder é a última coisa que eu teria como sua rainha. Seria sugado de mim quando eu fosse moldada para encaixar a coroa que vem com o título. Veja, eu gosto de jóias e coisas brilhantes tanto quanto a próxima garota, mas só se elas forem feitas para mim. E essa coroa que você está oferecendo? É feita para outra pessoa, alguém

que eu teria que mudar para garantir que caiba na minha cabeça. E Sua Alteza, eu não mudo. Nem para um homem, nem para um vampiro, nem para um rei.

Sua máscara retornou, embora ele não tirasse os olhos de mim. — Curioso. Estou interessado em ser o primeiro homem, vampiro e rei, a mudar isso.

Ele não disse outra coisa, apenas se virou e subiu as escadas.

13

— Bem, me derrubou com um sopro — um sotaque áspero explodiu sobre a conversa macia, várias cabeças se transformando em desgosto.

Sorri imediatamente, o que foi bom; depois da noite que eu tive, eu estava precisando de um sorriso. Depois da pequena visita lá embaixo, e da oferta de uma coroa em meio aos vampiros apodrecendo que enganaram o rei, eu estava me sentindo um pouco monótona. E mais do que um pouco nervosa que Earnshaw ainda estava lá embaixo, com conhecimento que poderia me arruinar.

— Mova-se. Dê o fora do meu caminho antes que eu use minhas presas para tirar esse pau de sua bunda, — a voz continuou quando uma forma grande pisou no meio da multidão. Uma cabeça ruiva virou-se para uma mulher em um vestido roxo que mostrava mais decote que mesmo eu ficaria confortável em mostrar, o que dizia muito. — Eu posso fazer isso para você mais tarde, menina, mas eu tenho certeza de que você vai gostar. — Seu grosso sotaque escocês enrolou em torno das palavras em uma carícia áspera que fez a mulher esquecer de sua grosseria, concentrando-se nesse sotaque e nos músculos que não poderiam ser contidos sob o seu terno cinza.

Eu não precisava ver seus olhos para saber que ele deu a ela o sorriso característico que ele aperfeiçoou ao longo dos séculos para obter a calcinha feminina.

Ele se virou para fechar seu olhar castanho com o meu, e a sua boca abriu-se em um sorriso cheio.

— Isla, como eu morro e não respiro, *é* você — declarou ele, limpando os últimos metros em meros segundos e me puxando para seu abraço esmagador de ossos.

Eu não uso isso como figura de linguagem também; um punhado de minhas costelas quebrou com a forçado abraço. É claro que ele ouviu, mas me deu um último aperto, porque ele era um idiota.

— Isso é por me deixar na mão com aqueles lobisomens há dois séculos — ele rosnou no meu ouvido.

Eu ri quando ele me soltou, minhas costelas ardendo quando elas não conseguiram se curar com a velocidade normal.

Parecia muito comum ultimamente, como se meu corpo estivesse me punindo por minhas relações com um humano. — Você está tentando me dizer que precisava de mim para salvar você de algum cachorro crescido? — Eu olhei para ele de cima abaixo. — Parece que eles não roubaram nenhuma parte importante. Além disso, eu tinha uma festa para ir com Marie Antoinette. Ainda bem que fui também, já que foi a última que ela esteve.

Duncan parecia bem. Cem anos se passaram desde que eu vi o vampiro escocês, mas poderia ter sido uma semana. Suas mechas castanhas queimavam seu colarinho, selvagem e áspero, emoldurando seu rosto duro e suas feições masculinas afiadas. Tudo sobre ele — sua estatura, os músculos que eu conhecia eram mais do que impressionantes, gritava homem.

E ele usou isso, mais seu sotaque, para sua completa vantagem. O highlander tinha dormido com mais mulheres nos séculos do que ele matou criaturas sobrenaturais, o que dizia muito, já que ele era um assassino de aluguel.

Ele balançou sua cabeça. — Ainda fere meu orgulho que uma mulher bonita como você não podia esperar para ficar longe de mim.

Eu sorri para ele. — Você ou os dentes de sangue de lobisomens sedentos de sangue. Foi um golpe.

Ele sorriu de volta, suas mãos descansando em meus quadris. —Bem, eu estou mais do que feliz por estar em uma circunstância onde eu não estou empunhando uma espada ou distraído por vira-latas sarnentos para que eu possa totalmente admirar sua magnificência, — declarou ele, os olhos percorrendo meu corpo em uma carícia física.

Embora o olhar, a voz e o aperto suave de mãos grandes na minha cintura possam ter sido uma combinação vencedora para 99 por cento das mulheres no planeta, humana ou vampira, eu simplesmente não senti isso. Eu nunca tive com Duncan, desde que nos encontramos enquanto ele estava caçando na Europa Oriental por volta de 1700, embora ele tivesse tido a intenção de se deitar comigo. Quando ele não conseguiu, ele se contentou em me deixar ajudá-lo quando eu estava entediada e sentia vontade de matar coisas. Claro, ele ainda tentou implacavelmente fazer amor comigo, incapaz de acreditar que eu estava imune ao seu charme.

— Você é fodidamente gloriosa — ele murmurou, encontrando meus olhos. — O que levanta a questão, por que diabos você está aqui com todos esses idiotas?

Eu dei a ele uma olhada. — Você não acreditaria em mim se eu te contasse. Basta dizer que não é por escolha — eu disse baixo o suficiente para que só pudéssemos ouvir.

Felizmente o resto da população decidiu se distanciar de nós dois; não importa o quão desesperados eles estavam para descobrir as informações entre mim e orei, eles não queriam se dar bem com os gostos de Duncan. Outra razão pela qual eu gostava dele: vampiro imbecil repelente.

Seus olhos se transformaram de um provocador de lotação a assassino implacável que eu sabia que ele era.

— Quem *diabos* eu preciso matar quem te forçou a vir para lugares como este, onde seus *pais*, de todos os vampiros, comparecerão? — ele gritou, sua voz tão baixa quanto a minha.

Ele conhecia minha história sórdida com mamãe e papai e era bem versado no banho de sangue que foi o meu nascimento de vampiro.

— Esta seria eu — uma voz suave cortou, e eu senti a presença de Rick nas minhas costas. Eu virei a cabeça um pouco para vê-lo dar a Duncan um olhar duro, e às mãos do escocês nos meus quadris um ainda mais difícil.

Para seu crédito, Duncan não tirou as mãos de mim. — Figuras — ele zombou. — Você tem bom gosto, Alteza, eu tenho que concordar. Mas até você e toda a sua maldita guarda real não poderia conter isto. E infelizmente, se você tentasse, não terminaria gentil para você, — ele disse.

Eu levantei minha testa quando ouvi um par de suspiros ao nosso redor. Isso foi o mais próximo de uma ameaça aberta que você poderia obter sem ameaçar abertamente o rei. Eu conhecia três homens negros que já haviam fechado atrás de mim enquanto eu observava mais dois ombros através da multidão atrás de Duncan. Eu fiquei tensa, pronta para derrubá-los, se fosse necessário. A despeito de qualquer lealdade que eu senti que o rei tinha ganhado, Duncan teve a minha imediatamente; Eu derrotaria o rei ele mesmo, e sua guarda, se chegasse a isso.

Era justo, já que ele fez o mesmo por mim uma ou duas vezes. Ou três vezes. É verdade que os monarcas tinham estado na persuasão humana, então não era exatamente desgastante como eu temia que qualquer batalha neste salão de baile pudesse ser.

Rick fez um movimento com sua mão, o que fez os guardas se afastarem e me salvarem de meu vestido estragar meu vestido até agora.

Ele me surpreendeu sorrindo e puxando Duncan para um abraço de homem. — Eu não suspeito que iria, velho amigo, — ele disse enquanto acariciava suas costas. Eu sorri quando ouvi as costelas de Duncan se quebrarem.

Seus olhos brilharam ligeiramente e encontraram os meus. — Karma — eu falei para ele.

Ele pronunciou uma palavra imunda em gaélico antes de Rick soltá-lo.

— Mas, considerando que ela não parece estar tendo a reação normal a tudo o que é Duncan Campbell, eu não acho que isso vai acabar bem pra você também — continuou ele, imitando o sotaque de Duncan perfeitamente.

Eu olhei entre os dois. — Vocês dois se conhecem? — Eu perguntei incrédula.

O caçador de recompensas que uma vez disse — O único bom monarca é aquele que você pode ferrar. O resto deve ser empalado — e o rei que eu imaginei não aceitava gentilmente essas pessoas.

Duncan me mostrou suas presas. — Tive um contrato com ele uma vez, deu uma chance. — encolheu os ombros. — Decidi ter uma cerveja com ele depois que ele fez uma boa luta.

— Depois que eu bati em você, você quer dizer — corrigiu Rick secamente.

— Você aceitou um contrato para matar o rei da nossa raça? E ainda estão de alguma forma em pé aqui falando sobre isso? — Eu esclareci.

— Bem, ele não era o rei então. E para ser justo, eu não sabia quem ele era até que eu a meio caminho de terminar o trabalho. Não poderia parar, então, eu poderia?

— Jesus — eu murmurei. — Como você ainda está aqui, está além de mim.

Rick me deu um meio sorriso. — Eu acredito que pura teimosia e obstinação, Isla. Além disso, eu não me surpreenderia que ele encante uma bruxa para enfeitiçá-lo para ter certeza de que nenhuma tentativa de assassinato seja bem sucedida.

Seus olhos apenas piscaram levemente enquanto o resto dele permanecia impassível, embora o calor fosse o máximo que ele tenha revelado em todo o tempo em que eu o conhecia.

Eu bufei. — Duncan não se envolve com bruxas. Elas são o único tipo de mulher por quem ele não se prostitui, provavelmente porque ele teve um incidente improvável com uma mulher maldita e desprezada, — eu disse, sorrindo para Duncan antes de continuar. — E se tal feitiço existisse, eu teria encantado minha própria bruxa para fazer isso. As tentativas de assassinato são todas boas e divertidas, mas como tratamentos faciais, muitos em um período de tempo muito curto são simplesmente taxativos.

Duncan levantou uma sobrancelha enquanto seus olhos brilhavam de raiva. — E quem, meu amor, é estúpido o suficiente para tentar matar algo tão lindo quanto você? E onde eles descansam a cabeça? Então eu posso cortá-las, é claro. — Ele tocou o cinto onde estava sua faca de cobre longa e afiada. Estava amarrada. Ele nunca ia a lugar algum sem ela, usava até quando dormia com mulheres.

Não que eu soubesse em primeira mão.

Obviamente, eu não pude responder a sua pergunta porque nessa hora da noite, a sala explodiu.

Agora, claro, eu não esperava ser jogada no ar, nem atingida por um tiro de bola de fogo, então eu não aterrissei em um agachamento de gato como seria esperado de um vampiro por qualquer fã do *Submundo*. Não, eu bati em uma parede dolorosamente e caí em uma mesa de vidro, estilhaços encaixando-se na minha pele e arruinando a porra do meu vestido.

O calor excruciante e a queimadura da minha pele me disseram que eu estava perto o suficiente da explosão para ter a camada superior da minha pele queimada, mas não perto o suficiente para ser soprada em pedaços como alguns tinham sido.

O único braço deitado ao meu lado me disse isso.

Os vampiros podiam ser capazes de crescer membros de novo, mas eles não poderiam sobreviver sendo desintegrados.

Foi o que eu disse a mim mesma enquanto rangia os dentes contra a dor agonizante pulsando através do meu corpo inteiro. Há sempre um forro de prata, mesmo no meio de queimaduras de terceiro grau.

Um rápido olhar me disse que meus braços eram os piores, quase carbonizados até os ossos. O máximo de minha pele exposta no meu vestido, que era muito, foi retirada, então eu parecia um extra em um filme de terror de grau B.

Fumaça acrílica permeava o ar, e com base na tosse de qualquer humano vivo, estava sufocando alguém na sala que precisava de seus pulmões para respirar. Por sorte, eu precisava deles apenas para fins de amaldiçoar.

Eu me arrastei até os meus pés, rangendo os dentes com a dor lancinante que veio com o movimento. Rasgando um pedaço de vidro do meu peito, eu gritei: — Quem detonou essa bomba filha da puta, ou vai me comprar um novo vestido e sapatos, ou vai morrer uma morte *muito* terrível.

Os gritos frenéticos e as saídas rápidas dos menos corajosos dos convidados dificultaram o impacto do meu grito. Então um corpo veio em direção à minha recém curada barriga.

Eu fui batida em uma parede mais uma vez, mas dessa vez eu não caí para baixo.

A mão na minha garganta garantiu isso.

Em meio aos gritos, os sons inconfundíveis da batalha comunicaram que era uma emboscada. Alguém estúpido e descarado o suficiente para atacar a festa do rei, quebrando alei sagrada dos vampiros.

Eu lutei contra a mão na minha garganta, cada movimento dos meus membros rasgando as queimaduras da minha pele que estava tentando se recuperar. Eles já teriam sido meio curados senão fosse essa bruxa ordinária.

Mesmo com o meu aumento da visão, eu mal conseguia distinguir o meu atacante através da fumaça espessa, além do fato de que ele era forte o suficiente para esmagar meu pescoço, e eu podia provar sua satisfação de ouvir meus ossos racharem quando ele fez isso.

Uau, o homem tentando seu maldito rasgar na minha cabeça depois de tentar me explodir em pedaços não eram meu maior fã. Chocante.

Eu cerrei meus dentes com a dor e chutei com meus calcanhares, que estavam, de alguma forma, ainda firmemente em meus pés. Eu os tinha revestidos com cobre para o caso de uma situação assim.

Eu consegui lançar meu atacante através do peito e afundar meus calcanhares em seu coração.

A mão na minha garganta flexionou e apertou ao ponto de se preocupar antes que ele me liberasse, e eu consegui pousar com os pés trêmulos.

Eu não tive tempo para me recuperar, enquanto os sons ecoavam pela sala cheia de fumaça denunciavam uma batalha, muitos bandidos - ou caras mais malvados - tentando o seu melhor para matar o rei.

E eu, como parecia.

— Isso é tudo que vocês têm, seus filhos da puta preguiçosos? — O zumbido filtrou através da fumaça. — Atacar o rei, era de se pensar que vocês teriam bolas maiores do que isso.

Um som rasgante e um grito de dor me fez sorrir quando eu agarrei a garganta da mulher correndo através da fumaça com uma lâmina de cobre apontada para o meu peito.

Eu a segurei, notando seus cabelos negros e olhos de esmeralda, e a extensão do decote.

— Agora isso não é muito legal. Para o registro, isso é principalmente porque você está tentando me matar, mas pelo menos um pouquinho é punição por crimes de moda — eu disse então virei sua faca ao redor e empurrei através de seu peito exposto no seu coração.

Eu a joguei de lado quando a fumaça se dissipou para expor Rick lutando contra três vampiros diferentes de uma vez, metade do seu rosto no processo de cura da explosão. Ele parecia que estava se comportando bem, se o jeito que ele arrancou a cabeça do primeiro como se fosse um cogumelo tinha algo a ver com isso.

Seus guarda-costas não pareciam ter feito muita proteção, seus membros espalhados em torno de seus pés.

Convidados pegos no fogo cruzado cobriam o chão, como algumas senhoras e senhores da sociedade encolhiam-se nos cantos da sala, tentando o seu melhor para se fazer parte das cortinas.

Para o número de pessoas que queriam adular seu belo rei, não havia quase muitos dispostos a lutar por ele.

Uma faca bateu na lateral do meu pescoço quando a pele mal cicatrizada explodiu comdor. Eu me virei, puxando a faca para encaixá-la no crânio do vampiro que a jogou. Fiquei satisfeita com a crise que veio com a ação.

Eu olhei para Duncan, que estava de repente ao meu lado, com o rosto salpicado de sangue suficiente para encher uma banheira, suas presas brancas expostas enquanto ele sorria maniacamente para mim. — Tudo bem, Isla? — ele perguntou enquanto sufocava um vampiro em seu peito.

Eu levantei minha perna para empalar um atacante no meu calcanhar. — Oh sim, esta é a maneira que eu desejo que todas as partes terminem, — eu gritei.

Ele arrancou a cabeça do vampiro em um movimento fácil, seus olhos não estavam mais na batalha, mas onde o decote do meu vestido tinha se movido.

— Bem, eu também, moça — ele respirou, com os olhos encobertos. — Todo esse derramamento de sangue vale a pena por essa visão.

Segundos depois disso, ele emitiu um profundo — nossa — quando um corpo voou dentro dele, fazendo-o voar para a mesma parede que eu criei um grande dente no que poderia ter sido horas ou segundos anteriormente. Porém, ele trouxe metade do mármore para baixo quando ele aterrissou.

Eu sorri quando ele se levantou e voltou para o vampiro com um grunhido selvagem.

— Vem a calhar não ser um cavalheiro — eu murmurei.

Meus olhos voltaram para o banho de sangue que melhorou a festa dez vezes, na minha opinião, e tinha o benefício adicional de despachar qualquer vampiro que eu desprezasse por séculos sem ter que enfrentar o Setor por inevitavelmente fazer isso sozinha.

Procurei minha família, esperando vê-los brigando, é claro. Apenas não no lado direito.

Meus irmãos e minha mãe estavam longe de ser vistos, mas no meio da batalha não fiquei surpresa ao ver meu pai descartar a cabeça como uma bola de basquete esquecida.

Seus olhos brilhantes, cheios de sede de sangue, encontraram os meus, e ele não hesitou em me atacar.

Eu me preparei para o ataque, rangendo os dentes com a inevitabilidade da minha morte. Eu sempre meio que esperava que chegasse às mãos dos responsáveis pela minha vida e não tinha considerado minhas chances de serem altas em tal batalha; meu pai era milênios mais velho do que eu,e eu ainda estava me recuperando do cobre no meu pescoço e das queimaduras no meu corpo.

Isso não significava que eu não iria lutar.

Significava apenas que eu não ficaria surpresa quando fizesse meu último vislumbre deste mundo.

O rosto de Thorne piscou na minha mente no segundo antes de meu pai descer.

Um rasgo de carne e osso explodiu em meus sentidos quando os sons inconfundíveis da morte envenenaram o ar. Levei um milissegundo para perceber que não era a minha morte.

Eu me virei para encontrar aqueles olhos brutais mais uma vez, depois para baixo na cabeça do vampiro que estava diretamente atrás de mim, uma faca na mão.

Eu abri minha boca e depois a fechei, tendo um momento de total descrença nomeio da batalha.

Meu pai não esperou que eu falasse, nem parecia preocupado demais com os meus ferimentos. Sem uma palavra, ele desapareceu na briga mais uma vez. Eu não tive a chance de pensar porque Rick ainda estava no meio do ataque furioso, ficando sem guarda-costas, o que significava que ele estava preocupado com os dois vampiros com quem ele estava lutando, não percebendo o que estava atrás dele, prestes a acertar um tiro mortal.

Eu lidei com o vampiro ao redor do meio enquanto Rick virou no que teria sido bem a tempo de ver a cabeça dele tirada de seu próprio pescoço, se não fosse por mim.

Estava se tornando um hábito eu salvá-lo.

Nós caímos em uma mesa, espalhando os covardes que haviam se amontoado embaixo dela. Um pedaço de madeira vermelha espetada na minha panturrilha, o vampiro que eu tinha agarrado e brandindo sua arma mortal no segundo que eu deixei meu aperto relaxar na dor.

Eu me esquivei do primeiro de seus golpes. Bem, principalmente. O cobre roçou uma linha do ombro a ombro, nada mais que uma ferida de carne.

Eu tentei não perceber que o mundo parecia estar de lado enquanto meus machucados recebiam o melhor de mim. Os vampiros anteriores tinham sido relativamente fáceis de despachar, mesmo no meu estado ferido, mas parecia que os focados em Rick eram o esquadrão de elite.

E eu tinha que ser toda heróica e salvar meu rei. Eu poderia ter acabado de assinar minha própria morte justifique em seu lugar.

Um atacante soltou um assobio enquanto eu corria para frente para conectar meus joelhos com suas bolas. Eu lutava sujo, eu não tinha vergonha de dizer. Nobreza em uma batalha te dava um lugar – propriamente morto.

Eu o apertei contra mim e afundei minhas presas em sua jugular, com o objetivo de rasgá-lo, me dando um trabalho muito mais fácil de remover a cabeça dele. Eu gerenciei minha tarefa ao mesmo tempo em que uma agonia ardente explodiu no meu peito. Eu soltei um silvo de dor no mesmo segundo que os olhos do vampiros e arregalaram em vitória.

— Morra, cadela — ele engasgou com os sons molhados de seu sangue enchendo sua boca.

Eu estremeci, mas consegui, através de uma força de vontade, agarrar os lados do pescoço dele.

— Não, obrigada. Eu acho que é a sua vez, — eu murmurei, então usei a última das minhas forças para deixar claro que aquele olhar horrível estava olhando para o chão em vez de mim.

Seu corpo sem cabeça ficou lá por um momento. Eu olhei para baixo, vendo a mão branca agarrada contra a alça saliente da minha cavidade torácica.

— Porra — eu murmurei, puxando a mão para longe. Como se tivéssemos sincronizado, o corpo sem cabeça e eu caímos no chão.

Deitei ao lado dos corpos e do sangue, olhando para o teto. Eu tinha a intenção de puxar a lâmina de cobre do meu peito antes que pudesse perfurar meu coração, mas minhas mãos não pareciam trabalhar.

Felizmente toda a dor que me atormentou esse tempo todo pareceu levar embora como a maré, deixando apenas entorpecimento abençoado em seu lugar. Eu sorri para a tapeçaria pendurada do teto, sem ouvir os sons da morte ou da carne. Eu não ouvi nada de fato. Estranhamente, eu vi Jonathan, deitado no teto em uma imagem espelhada da minha posição.

Ele não estava coberto de sangue como da última vez que o vi. Seus olhos não eram vítreos e vagos; em vez disso, eles brilhavam com aquela pureza de amor que me fazia esquecer tudo, exceto nós dois.

Ele sorria, sua pele bronzeada brilhando contra o teto vibrante.

Eu sorri de volta.

Sua mão se estendeu para cima, como se estivesse tentando atravessar a distância entre nós, um abismo escancarado graças à mansão de teto alto. Eu fiz uma careta e encontrei-me capaz de fazer o mesmo. Onde meus braços ficaram paralisados, eles se soltaram, alcançando com tudo que eu tinha para

segurar a mão dele. Sua mão que eu sabia que seria quente, um calor residual do verão de Paris beijando sua pele.

Não seria frio como o chão de mármore abaixo de mim. Eu tinha certeza de que precisava alcançar aquela mão e tudo estaria perdido. A distância começou a diminuir à medida que o frio se espalhou através do meu corpo. Eu fiquei no chão, mas de alguma forma senti como se estivesse flutuando.

Então a imagem dele ondulou quando um rosto manchado de sangue me arrancou do aperto que tinha sido a poucos milímetros de distância.

Um rosto coberto de sangue, olhos encobertos de horror.

— Isla — disse ele com urgência, sua voz grossa enquanto atravessava as camadas de gelo que tinham cercado meu corpo.

Eu fiz uma careta para ele por ficar no caminho e tentei lutar, mas minha mão caiu como um peso ao meu lado.

A boca de Rick se moveu quando seu olhar cheio de medo percorreu meu corpo. Suas palavras perderam-se no gelo, e a última coisa que vi foi o movimento do pulso dele para os lábios dele antes de pressioná-lo para o meu próprio.

O líquido rompeu o gelo como lava, desconfortável em seu calor, rivalizando com a explosão que aconteceu o que deveria ter sido anos antes.

Foi pior do que isso enquanto escorria pela minha garganta, queimando minhas entranhas enquanto eu me deitava paralisada.

Preto que eu não notei dançando na borda da minha visão escolheu esse momento para atacar, me dando alívio da dor.

De tudo.

***

— Senhor, devemos insistir que nós despachemos da mansão — uma voz áspera implorou. — Nós já estamos comprometidos. Nossos guardas estão esgotados. A guarda real está a caminho de Genebra mas eles estão a horas de distância. Seus homens não podem protegê-lo aqui por muito mais tempo.

Eu provei a raiva no ar e decidi manter meus olhos fechados para ouvir o desenrolar.

— Meus homens não conseguiram nem me proteger no primeiro ataque, Sven — Rick disse suavemente, o gelo em sua voz cortando o ar. — Perdoe-me se não estou confiando em nenhum deles no que diz respeito à minha segurança, que eu sou capaz de garantir. —Houve uma pausa enquanto o ar ficou amargo e almiscarado com o gosto da raiva. — De fato, alivie minha guarda atual do seu dever para além daqueles que realmente conseguiram manter todos os seus membros e lutar com dignidade — ele retrucou.

— Mas, senhor...

— Você quer ser incluído nesse grupo, Sven? Porque se você fizer isso, continue discutindo com o seu rei.

Por favor, argumente, Jeeves, eu cantei. Essa seria uma maneira gloriosa de começar a noite.

O silêncio e o gosto da vergonha recuaram rapidamente quando a porta se fechou atrás de mim.

Droga.

— Eu sei que você está acordada — uma voz observou secamente, embora algo mais suave do que a raiva anterior.

Eu abri meus olhos e em um movimento rápido me levantei da cama em que estava para ficar em pé, descalça. Um rápido olhar para baixo mostrou que eu estava nua.

Pelo menos minha pele estava fresca e livre das queimaduras que antes me cobriam. Embora o cheiro de fumaça e pele chamuscada se agarrasse ao meu cabelo.

— E eu não estou morta — eu observei, observando Rick irromper da cadeira que ele tinha estado reclinado na minha cabeceira. —Porque se eu estivesse no céu, eu teria ouvido você dispensar Jeeves, e a residência mais provável da minha vida após a morte seria muito mais quente e menos luxuosa, — eu continuei, olhando ao redor da sala opulenta. A cama em que eu estava era maior do que um apartamento de estúdio no Brooklyn, o resto do espaço era esparso, mas dispendiosamente decorado.

— Você não deveria estar acordada — Rick rosnou, chegando a ficar na minha frente. Seu olhar focado no meu peito. — Não quando você tomou uma quantidade preocupante de tempo para se curar. Eu temo que aquela lâmina estava enfeitiçada.

— Eu não deveria estar nua também — eu disparei de volta. Eu não estava perturbada com a minha falta de traje, os seres humanos se incomodavam com isso, mas eu estava satisfeita com o que Deus, ou dependendo de com quem você falou, o diabo me deu. Por diversão, dei uma olhada no rosto estóico de Rick. — A menos que você não estivesse planejando me ter tão cedo e você ia fazer coisas impertinentes com o meu corpo inconsciente. — Eu *disse*. — Vejam só, Sua Alteza. Os reais são sempre os mais depravados.

Seus olhos se tornaram vítreos e brilharam de raiva. Ele apertou meus ombros com uma força que, normalmente, mesmo em meu estado mais forte, me faria estremecer, mas, curiosamente, senti como um aperto suave.

Eu não tive tempo para inspecionar isso porque o rosto de Rick estava no meu. — Você estava tão perto de morrer, Isla, eu podia provar a porra do túmulo em você. Você está zombando do próprio Hades com sua proximidade absoluta, — ele fumegou. — Você leva alguma coisa a sério?—Sua voz culta correu sobre a maldição como veludo, um leve sotaque se misturando com suas palavras.

Sua fúria explodiu através do quarto, batendo nas paredes e lavando-me para me cobrir de seu gosto.

— Claro que eu levo as coisas a sério — eu retruquei. — Apenas coisas não insignificantes como a vida e morte. Você começa a se preocupar muito com isso e você vai se encontrar em um túmulo mais rápido do que você pode dizer necrofilia.

Seus olhos brilharam e ele se encolheu como se pudesse realmente me atingir. Eu esperei para ver como o vento ia soprar.

Ele me soltou, passando as mãos pelos cabelos num gesto decididamente humano de frustração.

Inclinei a cabeça para ele enquanto avaliava meu corpo. Minha pele nua estava impecável e não denunciava uma polegada do inferno que a abraçou... Há quanto tempo fora a batalha? Eu estendi meus sentidos para fora e ainda podia sentir o cheiro da queima de tapeçarias e ouvir os gritos dos vampiros feridos, ou os atacantes mais prováveis sendo interrogados. Rick não tinha mudado suas roupas rasgadas e queimadas; o negro disfarçou a maior parte do sangue, mas não havia como confundir o cheiro.

Não poderia ter sido mais de uma hora, duas no máximo, desde a explosão, e mesmo com minhas habilidades, eu não estaria sentindo como se tivesse acabado de drenar um time de futebol da faculdade.

Especialmente quando minha pele tinha sido perfurada por não um, mas dois punhais de cobre, que retardava o processo de cicatrização. Para não mencionar que o segundo tinha escovado meu coração de tal maneira que eu pensei que eu seria confrontada com o rei do submundo agora, não o zangado e pensativo rei da nossa raça.

— Falando da vida e da morte, como estou deste lado da sepultura? Eu não duvido da minha força, mas mesmo eu não posso sobreviver e me curar de ferimentos como o cobre para o coração e ser assada como um bife — eu disse, memórias dos últimos momentos da minha consciência fluindo através de mim.

Eu momentaneamente me acalmei quando o frio tomou conta de mim.

Jonathan.

Eu o vi. Quase toquei nele.

Isso significava que eu havia cruzado o véu para o outro mundo. Se minha pele tivesse entrado em contato com a sua... Estremeci quando a perspectiva disso me excitou e me aterrorizou.

O gelo da sepultura me teve em suas garras, mas depois houve calor.

Minha cabeça se levantou quando Rick me observou atentamente. Ele não me respondeu, observando-me enquanto eu adicionei.

— Seu sangue — eu disse, minha voz um sussurro abafado.

Ele assentiu uma vez.

O simples aceno rasgou através de séculos de história que eu me revoltei contra a aprendizagem em escola.

O sangue de um vampiro não pode curar, apesar da crença popular. Havia uma razão pela qual nós nos alimentamos de humanos; nós precisávamos da força vital do sangue deles, a mesma força que não fluía através do nosso. Nós estávamos tecnicamente mortos, embora nossos corpos operassem em um processo acelerado de cura e fossem capazes de digerir alimentos e bebidas. Por causa disso, nosso sangue precisava ser misturado com sangue vivo para nos sustentar.

Claro, eu sabia que o sangue de Rick poderia hipnotizar um humano, mas curar um vampiro? Aquilo era algo completamente diferente.

— Você quer entrar em detalhes sobre isso? — Perguntei finalmente.

Ele deu um passo à frente para que seu corpo roçasse minha pele nua. O calor dele queimava suas roupas. Ele havia se alimentado recentemente.

— Esse conhecimento pode ser a assinatura em sua sentença de morte, se você pronunciá-lo para qualquer outra pessoa, — ele avisou.

Eu pisquei para ele. — A tinta está seca há séculos — eu disse a ele.

Seus olhos endureceram. — Aqui não. As paredes têm ouvidos - disse ele finalmente, recuando.

— E facas — eu acrescentei. — A julgar pelo ataque desta noite.

Ele assentiu. — A guerra emergiu das sombras.

Não era um bom pensamento. — Parece que sim — eu concordei. — Você conseguiu alguma informação? — Não sobre os atacantes. Todos eles queimaram. — Sua voz vibrou com fúria. — O que eu pude ouvir deles em sua agonia de morte era pouco mais que súplica.

Eu zombei com desgosto. — É bom saber que os vampiros que lutam pelo outro lado são covardes completos e absolutos. —Suplicar? Em face da morte. Isso era simplesmente embaraçoso.

O rei assentiu. — A maioria por trás dessa rebelião, é. Mas a covardia é mais perigosa que a bravura em tempos como estes.

Meus pensamentos emaranhados saltaram mais do que o normal enquanto digeriam aquela informação. — Duncan — eu disse de repente. — Ele está bem?

Na hora, a porta se abriu e um escocês manchado de sangue passou por ela. Seu terno, que tinha sido cinza mais cedo naquela noite, era quase inteiramente de um marrom sujo, com o distinto cheiro metálico de sangue. Seu cabelo estava emaranhado de fuligem e quem sabe o que mais, e seu rosto tinha sido limpo ao acaso para tirar o pior de sua máscara vermelha.

— Você é psíquico ou algo assim? — Eu perguntei a ele, alívio palpável no meu tom. Eu não tinha muitos amigos, então eu realmente não precisava dos que eu tinha morrendo por mim.

Ele sorriu. — Não, estava esperando lá fora para fazer uma entrada. — Ele piscou para mim.

— E garantir um encontro para mais tarde esta noite. — Seus olhos passaram por cima da minha pele desnuda, pálida. — A menos que você esteja oferecendo?

Rick passou na minha frente e voltou em um segundo, empurrando uma camisa para mim com o olhar fixo em Duncan.

Eu dei de ombros sem pressa.

— Bem, Em, você com certeza sabe como fazer um baile — declarou Duncan, seus olhos nos meus dedos enquanto eles prendiam a camisa branca que alcançava minhas coxas.

Ele encontrou o olhar de aço de Rick uma vez que eu cobri todos os pedaços interessantes. — Não que eu esteja reclamando, mas eu quase perdi uma boa amiga minha esta noite, a qual eu achei que estaria muito fodidamente bronzeada. — Ele me deu um olhar suave. — Que bom que você está curada e não no chão, menina.

— Eu também — eu respondi alegremente. — Eu planejo que minha morte seja um pouco mais emocionante do que em uma festa de monarquia abafada.

Ele voltou sua atenção para Rick. — Mesmo que ela ainda esteja em pé, eu sou mais motivado para perguntar quem diabos fez isso e quem você está deixando puto desde a última vez que nos vimos.

Rick caminhou até o canto da sala e apertou um botão, um bar desdobrando-se da parede.

Bacana.

Ele serviu a cada um de nós copos de uísque. Duncan drenou o seu antes mesmo de eu ter agarrado o cristal corretamente. Ele correu de volta para o bar para agarrar a garrafa em vez de ir através dos movimentos de derramar.

— O que? Eu sou escocês — disse ele a Rick.

Rick tomou um gole de sua própria bebida. — Você sabe quem é, Campbell.

— O que? Esses novos idiotas da ordem mundial? Da última vez, ouvi dizer que eles eram um mosquito irritante.

— Porra, você é tão ruim quanto Isla — Rick murmurou.

— Vou tomar isso como um elogio — disse Duncan enquanto ele dava um gole do copo de cristal.

Eu assenti. — Como você deveria. Ninguém superior pode ser pago.

Rick não estava nos achando divertidos. As tentativas de assassinato o deixaram muito irritado.

— Como você pode ver, eles são um pouco mais que um mosquito agora — Rick disse, determinado. — É justo dizer que não é uma pequena facção de vampiros rebeldes, nem é exclusiva da nossa raça. Evidenciado pelo fato de que tanto os lobos quanto as bruxas sofreram ataques semelhantes esta noite.

— Droga — eu murmurei, pensando em Sophie, mas depois decidindo que esses idiotas podiam ter feito um favor a ela despachando a rainha das bruxas.

— Exatamente meus sentimentos — Rick murmurou. —Especialmente com as informações que você descobriu, Isla. Usando suas mais recentes abominações como armas, vão provocar uma guerra como a que irá rivalizar com a revolta.

Eu levantei minha testa. Não que eu não achasse isso sério, mas talvez eu não tivesse tratado isso como se fosse algo... Grande. Batalhas da história como a revolta, mostraram campos de batalha magníficos e sangrentos que ondulavam através das espécies e filtravam até livros humanos.

Eu pensei que tais rebeliões estavam escondidas no passado, o sangue afundado no solo e meio esquecidas em vez de uma sociedade que ainda podia derramar sangue em uma base regular, mas não faria guerra. Nós nos considerávamos superiores aos humanos, que estavam sempre brigando por coisas triviais. No entanto, lá estávamos nós, e eu nem percebi que era assim. Eu me perguntei à toa setinha sido o mesmo para aqueles na guerra que dizimaram números em todos os lados antes que os tratados foram assinados. Os livros sempre envolviam os eventos de maneira organizada, como uma história que fluía com coesão. A realidade raramente era a mesma, eventos fragmentados colidindo com aleatoriedade até culminarem numa guerra. Até os corpos se acumularem tão alto que todos vocês podiam ver que era a morte.

— Espere um segundo — Duncan cortou meus pensamentos. —Você mandou que *Isla* coletasse informações? — Seus olhos brilharam, e ele olhou para mim. — Você disse que não estava aqui por escolha. — Então a garrafa

dele esmagou-se no chão, e ele e Rick eram um borrão de corpos até que surgiram com sangue fresco revestindo seus rostos, presas estendidas enquanto seguravam o pescoço um do outro.

Sentei-me na cama, cruzando as pernas e tomando minha bebida. Eu estive em bastantes batalhas, mais eu não tinha testosterona suficiente para estar envolvida com a deles.

— Que tipo de merda você tem em Isla para forçá-la a ser a sua fodida soldadinha?

Porque eu sei que ela prefere arquivar suas próprias fodidas presas do que se tornar uma funcionária da monarquia, — Duncan assobiou, a voz ligeiramente truncada da mão de Rick em sua garganta.

— Sua sobrevivência é seu principal motivador — Rick respondeu. — Considerando que essa facção decidiu torná-la um dos seus alvos mais procurados. Meu emprego vem com minha proteção.

Eu levantei uma sobrancelha para isso.

— Seu emprego não me salvou da bruxa e seus macaquinhos que quase me mataram. Foi a antiga eu que me salvou... — eu cortei, incapaz de me conter. Ah, e o matador com quem eu dormi, mas eu decidi manter essa pequena jóia para mim.

Os olhos de Rick cortaram para mim. — Isso é porque o detalhe de proteção que eu tinha em você estava ocupado perseguindo o homem que plantou explosivos em seu apartamento. O que eles conseguiram na difusão.

Eu olhei para o rei. — Você tem pessoas me seguindo?

Eu não deveria ter ficado surpresa, mas eu não conseguia pensar na possibilidade. Gelo lavados obre mim no pensamento da guarda real do rei testemunhar a mim e a Thorne de alguma forma ou formato.

Embora o fato de eu ainda estar morta viva, significava obviamente que não. Não importa quão apaixonado por mim o rei parecesse, eu sabia que ele não piscaria ao me executar. Aquele traço da personalidade era uma das principais razões pelas quais Sua Alteza estava crescendo em mim.

Isso e que ele tinha uma bunda grande.

Rick deu a Duncan um olhar aguçado. — Melhor deixar-me explicar sem tentar me esganar. Você pode tentar de novo depois de ouvir toda a história.

Duncan deu-lhe um olhar antes de soltá-lo. — Eu só estou fazendo isso porque você é meu companheiro, não aquele maldito sangue azul correndo pelas veias. Você sabe que eu não dou uma merda sobre isso.

Rick esfregou a garganta. — Precisamente porque vocês são os dois vampiros em quem posso confiar neste momento em tempo.

Eu ri. — Bem, isso é simplesmente triste. Duncan e eu somos as últimas pessoas que alguém deveria confiar.

Duncan grunhiu de acordo.

Rick sacudiu a cabeça. — A honestidade, que você disfarçou de insolência, torna você parte de um círculo muito pequeno que, depois de hoje à noite, ficou menor. — Seus olhos se distanciaram antes de fixá-los de volta na sala.

Ele se concentrou em mim. — Sim, você estava sendo seguida. Por cerca de um dia. Por um feliz acaso, foi o dia em que a bomba foi plantada em seu apartamento. Então toda vez que eles tentaram fazer isso, eles se encontraram de volta ao meu complexo, incapazes de articular por que, — ele disse, a voz firme.

Eu contive um sorriso. Eu ia enviar um cupom da Sephora para a Sophie.

— Parece que há muito mais para você do que aparenta — Rick continuou. — Quando tornou-se evidente que você poderia cuidar de si mesma, eu designei seus guardas para monitorara atividade incomum em seu apartamento em vez disso. Mesmo assim, eles se viram incapazes de dizer sobre as idas e vindas dos seus visitantes.

Coisa boa. Ou então a cabeça de Thorne não estaria presa aos seus ombros e eu estaria sujeita a algum questionamento muito desconfortável.

— Então sua fúria é infundada — Rick continuou uniformemente.

Eu olhei para ele. — Não infundado de maneira nenhuma. Eu tomo grande ofensa de ter alguém me seguindo que não seja Scott. E isso é porque eu me resignei ao fato de que eu não posso matá-lo, então eu me acostumei com ele.

— Quem é Scott? — Rick cortou.

Eu revirei meus olhos. — Ninguém precisa se preocupar com sua linda cabecinha. Você apenas precisa lembrar de que, se você me seguir de novo, você não vai se preocupar com esta guerrinha. Você vai se preocupar com a vida dos soldados que poderiam estar protegendo você em vez de morrer porque você é um perseguidor que nem tem coragem de fazer a perseguição por si mesmo.

Eu realmente o ouvi rangendo os dentes. — Não estava perseguindo. Era proteção.

Duncan deu um tapinha nas costas dele. — Eu sairia enquanto você estivesse à frente, Alteza. Ou atrás. Não adianta discutir com uma mulher normal sob as melhores circunstâncias, e isso não é a melhor das circunstâncias, e Isla não é uma mulher normal. Ela provavelmente vai triturar suas bolas em pó se você continuar por muito mais tempo — afirmou. — Além disso, eu acho que se eu não estou enganado, ela foi a única que quase morreu protegendo sua bunda real hoje à noite.

Foi uma agradável mistura de provocações e homicídio.

Os olhos de Rick queimaram nos meus.

— De nada — eu disse alegremente. — Eu tenho certeza que você vai aumentar meu salário por isso. Ou pelo menos meu silêncio sobre o grande rei malvado sendo salvo pela boazinha Isla.

O canto de sua boca se curvou, quebrando a fúria de mármore em seu rosto. — Eu não pago nada a você.

Eu sorri abertamente. — Exatamente. É por isso que estou esperando um aumento *muito* generoso.

Ele balançou sua cabeça. — Existe alguma chance de manter o foco com vocês dois, mesmo em face de uma guerra?

— Porra, não — Foi a resposta de Duncan quando eu balancei a cabeça.

Rick esfregou o pescoço. — Bem, vamos tentar. Pela nossa sobrevivência contínua mais que qualquer coisa.

Isso deveria ser um bom motivador?

Ele tomou nosso silêncio como afirmação.

— Certo. Então, para atualizar aqueles que não têm conhecimento sobre a situação precária em que nos encontramos e nossa raça em...

O zumbido do meu telefone interrompeu a conversa, mesmo vibrando e na minha bolsa que alguém tinha atenciosamente colocado na cadeira do outro lado da sala.

Eu pulei para o sofá, levantando o dedo para o rei muito rabugento.

Nota de rodapé: mesmo com as ruínas de um terno personalizado manchado de sangue e coberto de fuligem de uma explosão, ele era praticamente pecaminoso. Quem eu estava enganando? Ele parecia melhor do que jamais seria.

Seus olhos de esmeralda escureceram em advertência.

— A precariedade de nossa raça pode ter uma pausa — eu disse, olhando para o nome de Scott piscando na tela e a multiplicidade de chamadas perdidas dele.

Ele provavelmente teve algum tipo de colapso mental sobre seus personagens no *Star Force* ou seja lá o que for.

— Scott, você escolhe a melhor hora — eu respondi, dando uma piscada para o macho estóico e chateado na minha frente.

Minha piscadela e comportamento fácil foram imediatamente interrompidos pelo grito aflito no final do telefone, seguido pelas palavras distorcidas de Scott.

— Onde você está? — Eu assobiei.

Eu consegui a localização no meio da histeria, então escorreguei nos meus saltos, que estavam com fuligem e manchados de sangue, mas ainda usáveis.

Tanto Duncan quanto Rick ouviram os dois lados da conversa, então Duncan havia perdido seu sorriso fácil e Rick teve mais tensão e frustração rolando fora dele.

— Tenho certeza de que você pode atualizar Duncan e fazer planos de batalha. Eu tenho outro desastre para lidar, — eu os informei.

Rick estava no meu caminho antes que eu tentasse chegar até a porta. — Isla, você acabou de sobreviver a uma tentativa de assassinato. Você não vai a lugar nenhum — ele rosnou, soando decididamente mais homem das cavernas do que seu monarca refinado de costume.

Eu estreitei meus olhos para ele. — Não, *você* sobreviveu a uma tentativa de assassinato — eu corrigi firmemente. — Eu tive apenas o azar de estar nas imediações. Tenho certeza que você tem guardas fortes o bastante para mantê-lo seguro, então não se preocupe.

Ele estreitou as sobrancelhas. — Você é um alvo primordial para esses extremistas, se você não tiver notado. Além disso, você foi responsável por uma considerável redução em seus números depois disso. Não podemos ter certeza de que isso não tenha sido uma retaliação.

Eu balancei minha cabeça para Duncan quando ele imitou bater em Rick na cabeça para me deixar sair. Eles apenas pararam de quase se matar um ao outro.

— Não, este foi um evento planejado e coordenado — eu lhe disse, impaciência escorrendo no meu tom. — Ninguém sabia que eu estava chegando, já que é muito bem conhecido que eu não sou regular neste circuito, então era sua festa, sua casa e você é a figura de proa de todo o estabelecimento que esses idiotas estão tentando derrubar. Claro, eles gostariam de ter suas mãos em mim também, mas eu sou bem capaz de me proteger - e você, neste caso. E agora eu tenho outra donzela que precisa ser salva, então se você me der licença. — Eu dei a ele olhar perigoso, e o ar se

tornou palpável enquanto ele debatia em me conter. Eu podia ver em seus olhos. Provavelmente ele poderia fazer isso, já que ele era mais forte que eu, mas então Duncan tentaria juntar-se à diversão e, em seguida, guardas invadiriam a sala e seria uma grande coisa.

Ele se afastou.

— Você vai ter um guarda com você — ele cedeu.

Eu sorri para ele. — Claro. Eu me sinto muito mais segura. — Eu rapidamente beijei Duncan na bochecha. — Ótimo ver você, Dunc.

Ele apertou minha cintura. — Nunca um momento de tédio, Isla — ele murmurou. — Claro que você não precisa de reforço? — ele perguntou esperançoso.

Eu balancei a cabeça. — Eu dou conta por aqui. Você fica com nosso líder destemido e planeja lutar uma revolução. Tenho certeza de que dois brutos como vocês, além do conselho patriarcado vivo, não precisam de uma pequena mulher no caminho. — Eu dei a Rick uma olhada. — Outra vez verifico os detalhes da minha recuperação rápida, — eu disse com firmeza. Não era uma pergunta.

Rick e Duncan trocaram um olhar. — Eu vou estar em contato — ele gritou.

— Dândi — eu respondi.

— Tente não ser morta — Duncan me chamou.

— Idem — eu respondi, enquanto saía pela porta.

14

Eu perdi minha sombra dentro de dois minutos de tráfego no caminho de volta para a cidade.

Realmente, Rick precisava de uma nova equipe. Eu estava em um conversível vermelho-cereja, não exatamente difícil de perder. Mas eu tinha habilidades loucas.

Eu não gostava disso tanto quanto normalmente faria. O telefonema de Scott cuidou disso. Só quando confrontada com seus gritos embaralhados sobre um ataque matador e sua lesão que não estava curando, foi que eu percebi como gostava muito do idiota.

O que me fez chatear o inferno com a perspectiva de que ele poderia morrer. Nas mãos do caçador de vampiros, não menos.

— Ei, puta — respondeu Sophie quando eu liguei para ela no meu carro Bluetooth.

— Eu preciso que você esteja em um armazém perto do Hudson em cinco minutos — eu cortei, ignorando uma luz vermelha e passando por um semi-reboque que parecia querer bater em mim. — Vou te enviar o endereço.

— Eu preciso trazer armas? — Ela perguntou, pegando meu tom imediatamente. — Não, eu vou cuidar disso. Apenas esteja lá.

Eu desliguei e passei o resto da viagem enganosamente longa pensando em várias maneiras de punir o assassino que fez isso.

Eu podia sentir o cheiro do sangue antes mesmo de sair do carro.

A forma desmoronada de Scott no canto do armazém vazio era a fonte da maioria disso. Um humano morto estava esparramado a poucos metros dele.

— Isla — ele engasgou assim que me ajoelhei na frente dele, sua voz tensa. — Eu sinto muito.

— Essa é a última vez que você pede desculpas até ter certeza de que você vai viver muito o suficiente para se desculpar, — eu bati, empurrando a mão dele do seu rosto que estava coberto por uma espessa manta de sangue.

Assim como sua camiseta branca e jeans.

E o chão em volta dele.

Ele estremeceu, mas por outro lado não gritou. O que era admirável, considerando que ele estava sem o globo ocular esquerdo, uma ferida aberta e irregular esculpida na órbita em vez disso.

— Ele simplesmente saiu do nada — ele gritou quando me ajoelhei na frente dele, sem saber o quefazer. Primeiros socorros não eram exatamente necessários quando você curava em poucos minutos.

Pressão. Isso é o que eles fazem nesses shows.

Quatrocentos anos nesta terra e eu não tinha idéia de como tratar ferimentos.

Eu coloquei minhas mãos contra o ferimento sangrento no rosto dele. Foi bastante estranho e Scott soltou outro silvo cheio de dor. Aquele sufocou em um pequeno soluço e eu apertei meu dentes contra isso, lembrando quão jovem ele era.

— Há quanto tempo você está aqui? — Eu perguntei a ele, com voz firme.

— Hum, eu não sou exatamente ao certo — ele gaguejou. — Já passou mais de uma hora.

— Foda-se — eu assobiei. Ele estava sangrando por uma hora. E ainda não tinha curado.

— Eu vou morrer? — ele perguntou, sua voz áspera pouco mais que um sussurro.

Eu olhei em seu olho cheio de lágrimas. — Claro que não — eu retruquei. — Não diga coisas tão estúpidas. Você é um mestiço, então você demora mais para se curar, isso é tudo — eu menti.

Seu olho segurou o meu antes de ficar levemente vítreo e começar a se inclinar.

— Não se atreva a desmaiar — eu pedi. — Se você fizer isso, você nunca sairá em uma caçada comigo de novo.

Minha ameaça fez pouco, mas seus olhos felizmente ficaram abertos e ele esticou a boca manchada de sangue em um sorriso triste.

— É o que eu estava fazendo — ele murmurou. — Eu encontrei um para nós. — Sua cabeça fez um pequeno puxão estranho para o humano morto. — Estuprador — ele tossiu. — Fácil de rastreá-lo aqui. Queria te mostrar que eu poderia fazer isso sozinho. Ele riu em um som seco e totalmente horrível, coberto com a morte. — Acho que eu me provei errado.

— Ele está morto, não é? Eu diria que você fez bem — eu disse, minha voz cheia de falsa alegria. Eu estava gritando comigo mesma pela incapacidade de fazer algo para ajudá-lo.

Meu olhar pousou no brilho de prata que zumbia com seu poder. Estava coberto de sangue, sangue de Scott, mas era inconfundível.

— Scott — eu disse com urgência. — O assassino que fez isso, você deu uma olhada nele?

O silêncio de bocejo entre a minha pergunta e sua resposta estava cheio da vida que drenava de Scott.

— Grande, como se ele tomasse muito esteróide, entende? — Ele disse fracamente. — Careca. Um total boçal.

Eu sorri fracamente. — Erik?

Ele assentiu.

Eu cerrei meus dentes.

No mesmo momento, os olhos de Scott se fecharam, o cheiro de Sophie se misturou ao sangue quando ela se estabeleceu ao meu lado.

— Merda — ela sussurrou.

— Sim — eu concordei. Eu peguei a lâmina, abraçando a dor que veio com o contato.

Eu segurei para ela. — Você pode desfazer o que isso fez?

Ela olhou para a lâmina enquanto afastava minhas mãos, substituindo-as pelas suas próprias que começaram a brilhar um pouco.

— Eu não posso desfazer o dano, você sabe disso — disse ela, sua voz se tornando grossa com magia escorrendo dela. — Mas eu posso salvar sua vida. — Ela olhou para mim, seus olhos brilhando com aquele mesmo verde. — Você quer ter certeza de que ninguém pode salvar a vida de quem fez isso? — Sophie também gostava muito de Scott.

Eu sorri abertamente. — Eu fodidamente já.

Satisfeita de que Sophie dava cobertura, eu me abaixei para a cabeça de Scott, colocando meus lábios sobre ela antes de sair do armazém com um destino em mente.

Eu agarrei a lâmina na minha mão, mal sentindo a dor no meu braço.

***

Eu não precisava da identificação de Scott de Erik; o cheiro dele estava em todo o armazém, grudando na lâmina como uma sanguessuga. Eu não era

um lobisomem, então não podia usar meu nariz para rastrear o cheiro indesejável pela cidade. Eu poderia usar meu cérebro, no entanto.

— Isla, essa explosão no complexo do rei tem algo a ver com você? — Dante perguntou do outro lado do telefone.

Eu revirei meus olhos. — Não, apesar de eu ter conseguido arruinar meu vestido favorito como resultado.

Eu assobiei, percorrendo o tráfego para chegar ao lado da cidade que eu estava mirando. Havia um ou dois lugares no bairro humano, onde se sabia que os assassinos se misturavam. Humanos não sabiam, mas eles tinham uma pequena fatia da torta que dividiu Nova York entre imortais quando a cidade nasceu pela primeira vez. Esse é o lugar onde os caçadores de vampiros se esquivam quando não são corajosos o suficiente para entrar em nosso território.

A única razão pela qual esses estabelecimentos ainda existiam era porque a maioria dos vampiros tinha coisas melhores a fazer do que caçar assassinos em seu tempo livre. Matadores geralmente vinham até nós. Muito mais conveniente.

Eu sabia que homens como Erik não se dobrariam na cama depois de mutilar vampiros inocentes; eles eram mais do que propensos a se vangloriar de suas conquistas enquanto envenenavam seus fígados. A noite estava ficando tarde, a madrugada a apenas algumas horas de distância, o que me deixou pensando que ele não estaria mais matando à noite.

— Você estava lá? — Dante sussurrou sobre o ruído de fundo do bar. — Jesus, Isla, você está bem?

— Você não me ouviu? — perguntei. — Eu não estou bem. Meu vestido ficou arruinado, estou agora intimamente familiarizada com o quão desconfortável é o cobre no peito, e agora estou puta da vida com um assassino que não sabe quando atirar a toalha — eu meio que gritei. — Eu preciso de inteligência para que eu possa ter certeza que deixei a quantidade errada de raiva na pessoa certa.

Houve uma pausa de meio segundo. — O que você precisa?

— Você ainda tem esse contato naquele bar de caça vampiros no Brooklyn?

— Porra, Isla — disse o demônio em resposta. — Isso é loucura, mesmo para você.

— Eu não pedi seu diagnóstico da minha sanidade. Eu disse adeus a isso séculos atrás. Eu perguntei se você ainda tinha esse contato — eu respondi.

— Sim, eu sei — ele respondeu, obviamente desistindo da rotina do demônio em questão. — O que você precisa dele?

- Saber se um idiota chamado Erik esteve no bar e, se não, eu preciso da localização dele. Eu precisava disso cinco minutos atrás.

Dante suspirou. — Consegui. Você já não está no fundo do poço, você tem que adicionar caça vampiros para a mistura? — ele perguntou, parecendo preocupado.

Eu tamborilei meus dedos contra o volante. — Oh não, isso não é problema. Isto vai ser fodidamente brilhante.

Tenho certeza que o ouvi murmurar — cadela louca — enquanto ele se desligava.

Cinco minutos depois, eu tinha a minha localização.

Quinze minutos depois, chutei a porta de um boteco no leste do Brooklyn.

Todas as cabeças se voltaram para mim, enquanto os assassinos podiam sentir minha chegada. Além disso, vestindo uma camisa de homem branca coberta de sangue e nada mais do que Jimmy Choos arruinados pode ter contribuído para a reação de queixo caído dos supostos guerreiros da raça humana encurvados sobre cervejas em um bar sujo.

— Alguém pediu biscoitos Girl Scout? — Eu perguntei docemente.

Antes que eles pudessem começar a se recompor, eu atravessei as mesas e agarrei Sem Pescoço de seu poleiro no bar, batendo-o contra a parede.

A inteligência de Dante exposta. Ele ia receber mesmo um cartão de Natal este ano.

— Olá, idiota. Ninguém te ensinou que é grosseiro esfaquear outras pessoas? — Fiz uma pausa enquanto ele chutava os pés dele para fora inutilmente. Ele cheirava a álcool. *Uísque barato. Figuras.* Eu estraguei meu nariz. — Não? Nem eu.

Eu não perdi tempo pressionando minha lâmina emprestada através do mesmo olho que ele tinha feito para Scott em uma varredura praticada. A lâmina não fora projetada exatamente para vampiros usarem contra caçadores de vampiros, daí a resistência da própria lâmina, mas isso não significava que não afundaria em sua carne; Eu só tinha que ignorar a dor nos ossos. Seus gritos funcionaram como minha canção de ninar. Deixei Erik cair no chão quando fiquei satisfeita com o meu trabalho.

O primeiro de seus amigos a tentar me atacar por trás foi voar para o bar, aterrissando desajeitadamente e provavelmente quebrando alguns ossos, mas não o suficiente para matá-lo.

Eu me virei para os fregueses restantes, que agora tinham sangue suficiente para perceber que eles precisavam lutar. Eles circularam em volta de mim, cada um deles me olhando com cautela. Um tinha uma arma,outro uma faca de cobre, e o terceiro uma espingarda. Nada para se preocupar. Eu não reconheci qualquer um deles como o pessoal de Thorne, e eu não sabia se isso era ruim ou bom.

— Agora meninos. Eu tive mais do que o suficiente de batalhas e derramamento de sangue hoje à noite e eu prefiro não matar vocês, considerando que vocês leva vidas tão completas e caridosas. — Eu dei um olhar aguçado no bar e em suas bebidas. — Mas se vocês forçarem minha mão, eu vou ter que mutilar pelo menos alguns de vocês — eu continuei.

Antes que um deles pudesse ter coragem ou sacudir sua embriaguez, a porta explodiu aberta. Sem nem olhar, eu sabia quem era.

O alívio dos homens ao meu redor era palpável. Thorne passou por mim e, pelos olhos descrentes dos homens os quais, presumivelmente

pensaram que ele iria entrar em um jogo de morte com o vampiro mau e sexy imediatamente. Rostos familiares seguiram atrás dele, olhando para mim e para a cena sangrenta com olhares em branco.

Menos Chace, claro. Seus jovens olhos saltaram. Não literalmente, felizmente; já havia muito disso.

Eu sorri para ele.

O olhar de Thorne estava cheio de raiva e desgosto, e eu estremeci.

— Que porra você fez? — Ele sussurrou, sua voz em um decibel que não deveria ser ouvida em meio aos gritos, mas o peso da acusação deu-lhe uma qualidade de eco.

Cada um dos matadores estava em seus lugares, armas desembainhadas, mas não fazendo nada com elas. Thorne estava latindo para alguém conseguir um médico enquanto pressionava o rosto de Erik. Seu olhar furioso raramente deixava o meu, mantendo-me ancorada no chão.

Eu virei meu cabelo em um esforço para fazer parecer que aquele olhar não doeu. — Olho por olho — eu respondi casualmente. — Eu sei que a história fez a frase metafórica, mas eu tomo tudo literalmente. E eu me vingo muito a sério. Agradeça que ele está respirando. Perda de cinqüenta por cento de visão é melhor do que cem por cento de perda de sangue.Eu analisei os matadores que estavam prontos para atacar. — Todos vocês deveriam se lembrar disso, caso alguém esteja pensando em servir-me um prato melhor servido à mesma temperatura que o meu coração. Eu duvido que Erik seja alguém por quem vocês estejam dispostos a morrer.

— Seus homens vêm atrás de meus amigos *inocentes* novamente, eu vou queimar toda a sua porra de complexo no chão. Eu dei a Thorne um olhar aguçado. — Eu sei onde você mora, lembra? Meu olhar deixou o seu para escanear o resto daqueles no bar. — Vocês, matadores, acham que você estão fazendo um favor à humanidade por assassinar aqueles que se qualificam, mas vocês estão condenando almas irreparavelmente. Vocês sabem qual a estrada pavimentada com boas intenções e não é aquela em que os Santos caminham. Eu sei o quanto vocês gostariam de acreditar que vocês estão

fazendo o trabalho de Deus, mas Lúcifer faz com que todos os seus piores pecadores cometam seus desejos no ato de Deus.

A respiração pesada de Erik e os gritos irritantes foram as únicas coisas que se seguiram ao meu pequeno discurso, os gritos silenciados quando ele felizmente desmaiaram. Ou morreram. Eu estava esperando pelo último, mas um sentido rápido em sua direção me decepcionou com um batimento cardíaco fraco, distinguindo-se do resto dos homens cujos corações batiam como pardais.

Exceto o de Thorne. O seu continuou em uma cadência constante, uma textura diferente daqueles ao seu redor, tanto que eu poderia tê-lo escolhido no meio da Times Square.

Problemático.

Como era a atmosfera do bar. O ar tinha uma qualidade quase úmida, como antes da tempestade, insinuando outra batalha. Minha roupa era tão prática quanto a última.

— Eu realmente preciso repensar meu guarda-roupa se as coisas continuarem assim — eu murmurei para mim mesma.

A energia de Thorne percorreu o bar, a atenção estava voltada para ele ainda com olhos em mim. Não me passou despercebido que os homens considerassem minha vida em suas mãos. O que eles provavelmente não sabiam era que ele estava a momentos de condenar seus homens à morte.

Algo no sangue de Rick me modificou. Eu podia sentir a textura do ar e o sangue de cada ser humano na sala de uma maneira que eu não tinha antes. Eu sabia que o hispânico na minha frente segurando uma arma semi-automática tinha um suplemento de metal em seu joelho que atravessaria a pele se atingido corretamente. O homem magro na minha frente que parecia deveria estar em Wall Street tinha um sopro cardíaco não diagnosticado. O homem ao lado dele não dormira em quase trinta horas; seus órgãos em sobrecarga que se misturavam com a adrenalina em seu sistema o faria errático.

Como eu sabia dessas coisas, eu não tinha idéia. Ou melhor, eu sabia e isso me irritou. Mas também fez o meu sangue cantar como o barato de um humano drenado que havia bebido drogas. Eu sabia que poderia vencê-los todos e sem esforço. Uma parte estrangeira de mim introduzida através esse novo sangue me incentivou a fazer isso. A vampira que eu tinha sido antes me chamou com seus braços frios e coração vazio, tentando-me com a simplicidade da crueldade.

Foi o coração trovejando atrás de mim que me manteve enraizada no lugar. Eu não faria o primeiro movimento.

— Baixem as armas. — Seu comando silencioso pesava sobre seus ombros e os de seus homens.

Chace abaixou a dele imediatamente, parecendo quase aliviado. O resto hesitou.

— Eu disse baixem as armas, porra, — ele repetiu em um grunhido.

Eles fizeram, embora seu ódio enchesse a sala.

— Eu adoraria ficar e conversar — eu disse em meio ao silêncio carregado, — mas agora que nós dois temos amigos sem olhos, eu tenho outras coisas para fazer, como matar as pessoas que arruinaram meu vestido e severamente me irritaram. Adeusinho. —Eu acenei com os dedos e corri através das lacunas nas fileiras antes que eles pudessem dizer uma coisa.

A voz gutural de Thorne atravessou o ar, mesmo quando eu saí do bar, andando na velocidade humana na rua.

— Levá-lo para a porra de um hospital agora, e descubra o que diabos está acontecendo na cidade esta noite — ele rosnou antes de sua aura seguir a minha.

Eu não acelerei o meu ritmo, embora eu não tenha gostado de ter um confronto no Brooklyn, de todos os lugares, vestindo a camisa de um homem coberta de sangue depois que eu arranhei o olho do seu amigo.

Não é a melhor situação para ter a primeira conversa com o assassino com quem você finalmente fez o jogo sujo.

Para ser justo, o amigo dele começou a cavar.

Thorne me alcançou assim que cheguei ao meu carro, que felizmente não estava em tijolos como esse bairro me faria acreditar.

Ele me virou, com a mão no meu pescoço, no que teria sido um turbilhão de movimento para ele. Para mim, aconteceu lento o suficiente para pará-lo. Se eu quisesse. Mas na loucura das últimas vinte e quatro horas, quando eu toquei a sepultura e vi os olhos do meu próprio amante morto, eu ansiava o calor elétrico de seu toque, mesmo que fosse sua mão circulando meu pescoço.

Seus olhos perfuraram os meus, capturando-me em sua órbita e me puxando para seu mundo de fúria, e luxúria, e preocupação. Suas emoções cobriam meu corpo como uma segunda pele.

Meu sangue estrangeiro se revelou e se revoltou com seu toque, minhas terminações nervosas com desejos de possuir a boca em um beijo brutal ou estalar o pescoço enquanto um antigo instinto drenado em sangue me exortava para fazer.

Eu fiquei imóvel enquanto suas botas descansavam em ambos os lados dos meus calcanhares, seu corpo escovando o meu quando ele me empurrou para o meu carro. Minha clavícula protestou de dor quando o aço frio deitou sobre ela numa ameaça latente.

— Todas as regras e lições que aprendi nos meus anos lutando contra o seu tipo, gritam para eu usar isto agora, — ele murmurou, sua voz uma navalha através dos meus protestos.

Ele pressionou o aço com mais força, a lâmina vibrando com sua magia. Não quebrou apele, mas eu senti um desejo de mais da dor para se misturar com o prazer de seu toque, de sua fúria. Eu me inclinei na lâmina.

Seus olhos brilharam com o meu pequeno movimento. — Os homens lá dentro — ele acenou com a cabeça na direção do bar —eles nem provaram o mel amargo que são seus lábios, ou sentiram os cordões suaves da sua pele de pêssego e creme, mas eles também estão questionando. — Suas palavras deveriam ter sido suaves, mas a fúria subjacente fez as bordas irregulares e

ásperas. — Você está fazendo com que eles questionem cada coisa que aprenderam. Eles se ligaram à sua identidade. E essas perguntas são perigosas. Fatais.

— A verdade sempre é — respondi. — Os contos de fadas que você tomou como evangelho pintam tais heróis e vilões convenientes. Eu fiz todas aquelas pessoas obsoletas e pintadas como Sem Pescoço como vilões quando eles estão empenhados em serem os heróis, dispostos a fazer o que precisar para ser um.

— Você acabou de tirar sangue de um dos meus homens — ele sussurrou. — Eu tenho a honra de levar sua vida. — A pressão da faca aumentou ainda mais, me provocando com seu poder. Então ela caiu no chão, e as mãos que tinham rodeado meu pescoço com violência o embalaram em uma carícia áspera que montou a linha entre suave e brutal. Uma mistura harmoniosa dos dois.

Seus olhos eram chamas prateadas. — Mas tudo o que posso pensar é que você está usando a camisa de outro homem, coberta de sangue, e o olhar assombrado por trás de seus olhos que me mostram que a morte tocou você esta noite — ele rosnou, pressionando a testa contra a minha.

Eu pisquei para ele, mas por todos os comentários sarcásticos que eu poderia fazer no meio da morte certa, eu não tinha nada para dar a ele. O silêncio era um presente meu e era apenas dele.

— O que aconteceu? — Ele murmurou. — Quem chegou perto o suficiente para te tirar desta terra quando eu não tenho um domínio em você que seja apertado o suficiente para o conforto? Quando eu ainda não consigo respirar fácil sem provar o seu cheiro no ar? — ele rosnou.

— É uma longa história — eu respirei.

Seus olhos procuraram meu rosto. — Sim, e você vai me contar... depois.

Seus lábios desceram sobre os meus com uma brutalidade que espelhava a violência da noite, a única diferença era a ternura que impedia que o ataque se tornasse mortal.

No entanto, ainda era.

Porque ele puxou de volta e, mesmo sabendo que era o melhor, que a sua equipe de matadores ou um dos amigos de Dante poderia nos pegar a qualquer momento, eu queria mais. Eu o queria apesar do que a descoberta significava.

Eu escapei de morrer inúmeras vezes lutando com unhas e dentes, mas eu dei as boas vindas a isso com Thorne.

Suas mãos no meu pescoço mais uma vez me mostraram que ele possuía mais autopreservação.

— Chaves — ele ordenou.

Eu balancei a cabeça para o banco do motorista.

Ele olhou para o interior do meu carro. — Você deixou suas malditas chaves na *ignição*?

Eu encontrei minha língua. — Eu tinha coisas melhores para me preocupar do que encontrar um manobrista — eu disparei de volta.

Seus lábios se afinaram com o aviso. — Entre no carro, Isla. — Sua voz era de aço, e embora eu provavelmente rasgasse a língua de qualquer outro homem, humano ou vampiro, que tentasse me dar ordens, eu obedeci.

No segundo que minha bunda estava no banco, ele gritou para a noite, segurando o volante com tanta força que os nós dos dedos ficaram brancos. Eu podia sentir o sangue dele, quase sentir o gosto. Isto me atraiu com o seu fascínio, como na noite em que acordei depois da mansão. Não era sede, já que minha barriga estava cheia de sangue, o que eu não entendi corretamente. Era outra coisa. Algo que não entendia que ceder àquele desejo era morte certa.

— Você quer me educar sobre o que aconteceu com esta cidade à parte esta noite?

Thorne se retesou enquanto atravessava o tráfego com facilidade.

Eu olhei para os braços dele, os músculos se esticando do aperto no volante. Foi só então que registrei o cheiro de sangue estranho em cima de sua

pele. Manchava seus braços e os nós dos dedos, o branco austero mostrando os arranhões que, de alguma forma, eu perdi antes.

— O que aconteceu com você? — Eu perguntei, minha voz baixa, sentindo um desejo irracional de derramar mais sangue.

— Você não soube?

— Tem sido uma noite movimentada. Eu não tive tempo de pegar o noticiário da noite.

— Houve um ataque em um concerto hoje à noite em Lower Manhattan. Lobisomens. — Ele esfregou a parte de trás do pescoço dele. — Foi um maldito banho de sangue. Lewis estava lá junto com alguns chefões falando sobre um atirador extremista.

Eu zombei. — Sim, isso fará maravilhas pelas guerras cheias de ódio com as quais a sua espécie já rasgou este mundo. A culpa é do bode expiatório.

Seu olhar assou minha pele e eu o acolhi. O gelo ainda tinha que recuar das bordas da minha psique. Parecia que sempre estava lá, a menos que eu estivesse com ele.

— E qual é a alternativa? Educá-los sobre o fato de que lobisomens e vampiros estão guerreando nas ruas e as causalidades humanas não significam nada para eles enquanto eles os esmagam como moscas?

Eu olhei para minhas unhas manchadas de sangue. — Bem, não são exatamente as palavras que eu usaria — eu resmunguei.

Ele bateu com o punho no volante. — Isla, isso é sério! — Ele rugiu, o peso de sua fúria enchendo o carro. — Você quase matou um dos meus homens hoje à noite. Para não mencionar toda a merda que está deixando o ar amargo, como se houvesse sangue no horizonte e você está firmemente no seu pequeno mundo de negação, com a intenção de fazer de tudo uma piada.

Eu bati minha cabeça para encará-lo, empurrando a cortina de vermelho que era meu cabelo, mas a cortina de raiva permaneceu. — Eu sei! — Eu gritei de volta. — Estou bem ciente de quão sério isto é, considerando

que eu estive mais perto da morte nas últimas semanas do que no século passado. Eu estou ciente do quão sério é porque eu acabei de testemunhar uma facção inteira de vampiros quebrar a regra mais sagrada que governa a nossa espécie e tentar afastar a maioria das famílias dominantes da face da terra. Eu sei porque quase conseguiram. E porque eu estava perto o suficiente daquela explosão para sentir o assar da minha própria carne enquanto ela descascava. Eu sei porque provavelmente os mesmos idiotas que mataram todos aqueles humanos hoje à noite, que fizeram isso - eu olhei para sua pele machucada - para você, provavelmente as mesmas criaturas que mergulharam o punhal de cobre no meu peito tão profundo que eu provei o frio da sepultura e vi... Ele — eu disse. — E porque eles são responsáveis por eu quase abraçar isso. Em vez disso, encontrei-me no meio de uma guerra que pode ser o fim da vida que eu conheço e confrontada por uma taque a um dos vampiros mais gentis que conheço.

Eu dei a ele um olhar cheio de desprezo. — Paradoxo para você, eu sei, mas não faz disso menos verdade. Eu tive que vê-lo saboreando a mesma morte que eu tinha mastigado hoje à noite, simplesmente porque ele queria me ajudar a livrar o mundo dos humanos que contaminaram o mundo com sua presença. Ele estava tentando ser *bom*, apesar do que sua máquina de publicidade cospe e empurra para baixo de sua garganta para dizer o contrário. E ele é bom. O melhor. Então, no topo da porra da noite estelar que eu tive, eu tive que vê-lo passar por essa dor porque seu amigo é infinitamente mais cruel do que um vampiro que agora será aleijado para sempre quando ele já é evitado por ser um mestiço e uma boa pessoa. — Eu me inclinei para frente. — Eu não hesitei em procurar por minha vingança, e eu não me arrependo, nem por um segundo. O que eu não entendo é porque eu o mantive respirando. Por sua causa. Você roubou isso de mim porque tudo que eu conseguia pensar era nesse olhar que você me deu no momento em que você passou por aquela porta. Eu não queria você me ver como um monstro, quando na realidade isso é tudo o que você vai me ver de qualquer maneira.

Uma vez que eu cortei a ferida e derramei meu coração, me senti tentada a chupar uma respiração irregular e cortar o silêncio amargo que se seguiu ao meu vômito de palavras épicas.

Eu queria desviar do olhar penetrante de Thorne para escapar de como o ar parecia vibrar. Poxa, eu considerei me jogar do carro, mas ele desacelerou e atravessou uma rua lateral para estacionar em um terreno abandonado, em uma noite escura de Nova York.

Antes que eu pudesse escapar, as mãos de Thorne estavam nos meus quadris, me puxando no carro, então eu montei nele.

Sua camisa subiu e eu aterrei minha carne nua contra o jeans, misturando-se com o sangue ele tinha derramado.

Ele segurou meu pescoço. — Nem uma vez desde a primeira vez que vi você, eu considerei você um monstro, — ele assobiou. — Uma feiticeira, talvez, pelo feitiço que você me envolveu. — Seus olhos percorreram meu rosto como se ele o estivesse consumindo. —Se é isso que é, espero nunca me libertar disso.

Ele puxou meu cabelo para que meu pescoço estivesse exposto e colocou sua boca na pele fria, pastando com os dentes. Eu gritei e me enterrei contra ele, rasgando sua calça jeans para pegá-lo livre.

Em um brutal borrão de movimento, não estávamos mais separados, seu fogo me enchendo de êxtase.

Eu não fui gentil, nem cumpri a velocidade humana quando bati nele. Ele não foi gentil também, agarrando meu pescoço e puxando meu cabelo enquanto ele me encontrava, impulso por impulso.

Nenhuma palavra foi dita. Nós éramos pouco mais que animais, almejando a única coisa que fazia sentido, que não estava tentando nos matar.

Um ao outro.

Embora até isso pudesse ser o mais fatal de tudo.

***

Fui direto para a garrafa de uísque quando entramos no meu apartamento, enchendo meu copo até a borda. Thorne não disse uma palavra enquanto desaparecia no corredor. Eu não o segui, decidindo drenar minha bebida e observar o horizonte. Eu ouvi a abertura e o fechamento da minha geladeira e o barulho de uma garrafa de cerveja sendo aberta.

Ele voltou para o quarto, tomando um gole de sua cerveja, me encarando. Eletricidade chicoteava entre nós como uma linha de energia abatida no meio da sala, a transa febril ao lado da estrada cimentando algo proibido e errado entre nós,combinando com todas as coisas que precisavam ser ditas. Serem explicadas.

— De quem é a camisa? — ele perguntou, olhando para o tecido manchado com desgosto.

Eu levantei uma sobrancelha. — Depois de tudo o que aconteceu hoje à noite, essa é a pergunta que você vai fazer?

Nenhuma resposta verbal, apenas um aceno duro.

— Você não acha que é mais importante abordar o fato de que estamos à beira da guerra, sua equipe pode ou não me querer morta, e nós dois assinamos nossos mandados de morte pelo simples ato de estarmos juntos e não matarmos um ao outro?

Os olhos de Thorne não deixaram os meus quando ele atravessou a sala, colocando a cerveja no bar antes de tomar o copo vazio das minhas mãos. Ele fez as duas coisas com gentileza e lentidão deliberadas, um contraste gritante com ele arrancando os botões da camisa e arrancando-a dos meus braços, então ela caiu no chão.

— Não — ele cortou. — Fora de tudo isso, minha principal preocupação é, antes de mais nada, você. Eu terminarei com aqueles que derramaram seu sangue, mas isso é para mais tarde. Por enquanto, eu preciso saber por que minha mulher está vestida com a camisa de outro homem e está completamente nua por baixo.

Suas mãos calejadas traçaram sobre o meu peito, o ponto exato que foi aberto anteriormente esta noite, em seguida, arrastou entre meus seios em um toque leve, circulando meu umbigo e explorando os cumes dos meus quadris.

Eu olhei para ele através de olhos encapuzados. — Meu vestido ficou arruinado — eu disse como explicação. — E eu não estava exatamente no controle da mudança de camisa.

O ar cintilou quando minhas palavras se registraram. — Você não estava no controle? — repetiu Thorne, sua voz aveludada.

— Não. Bem, de colocar a camisa, mas tirar o vestido, não. Eu estava meio que... Ocupada estando inconsciente.

Seu corpo endureceu. — Inconsciente? — Ele repetiu.

Eu sorri desconfortavelmente com a reação dele. — Rapaz, você pode sentir a raiva alfa no ar. Cuidado, eu posso engasgar com isso, — eu provoquei.

Ele segurou meus braços com força suficiente para machucar se eu não estivesse dopada com o sangue excêntrico de Rick. — Isla — ele avisou. — Você está dançando em torno dessa merda e tratando o quão perto você esteve de morrer como se fosse um show de comédia.

Eu fiz uma careta para ele. — E de que outra forma eu devo tratar isso? Eu estou viva. Ou morta-viva. Curada e bem. Eu deveria pensar sobre o fato de que eu quase morri, como você fez? Focar em *quase* é fatal, você sabe — informei a ele. — Além disso, temos outras mil questões urgentes.

Ele me puxou para ele. — Sim, muito para o meu desgosto total — ele murmurou. — Mesmo se minha equipe encontrar uma maneira de acertar com você atacando um membro de nossa própria, o conselho vai precisar de retribuição, e Erik estará atrás de sangue.

Eu sorri. — Quem não está?

Ele olhou para mim. — Como diabos eu estou destinado a trazer o nosso caso para o conselho, se você continuar fazendo merda que vai fazê-los querer te matar? — ele rugiu.

— Eles vão ter que pegar um número, infelizmente — eu disse, então me acalmei. — Trazer nosso caso para o conselho? — Eu repeti.

Suas mãos flexionaram em meus braços. — Sim — ele respondeu como se fosse óbvio.

— E por que em nome do céu você faria uma coisa dessas? — Eu assobiei, saindo de seus braços. Eu precisava de distância para isso. E álcool. Eu peguei a garrafa.

— Porque — ele cortou, me deixando ir, — minha equipe já está adivinhando que eu e você desfrutamos de mais do que um relacionamento profissional, e embora eu confie neles com a minha vida, eu vou confiar neles com a sua. — Seu calor beijou minhas costas, e meu cabelo deixou a nuca de meu pescoço para ser substituído por sua boca. — Além disso, eu não vou desistir de você, não por um bom tempo. E enquanto você pode estar acostumada a escorregar nas sombras, eu quero aproveitar o sol com você.

Belas palavras. Palavras românticas. Pena que elas eram um monte de merda. Eu me virei para ele.

— Você está delirando — eu disse. — Você acha que pode apenas dizer a um conselho que foi definido em seus caminhos há milênios que você está transando com o inimigo e eles vão ser tipo, — tudo bem, legal? — Não. Não é assim que isso funciona. Você é jovem, ainda cheio de entusiasmo, apesar de toda a sua tristeza e macheza. O que quer que isso seja — gesticulei entre nós — não é o suficiente para quebrar uma guerra que está fervendo há milhares de anos e, provavelmente, milhares de anos por vir. E por mais que você esteja me mantendo viva, eu vou fazer o mesmo por você. Meus olhos queimaram nele. — E, acredite em mim, vou fazer o possível para garantir isso. E se você considerar contar ao seu pequeno conselho sobre nós, você nunca mais me verá.

— O que quer que isso seja, isto é — ele repetiu como papagaio,— *vale* a pena começar mil guerras, Isla.

Seu corpo se transformou em mármore e rachaduras dividiram a garrafa de cerveja que ele voltou a beber durante meu discurso. — E eu não

me dou bem com ameaças — ele disse. — Especialmente quando elas envolvem você correr fugindo.

Eu estreitei meus olhos para ele. — Eu não faço ameaças. Eu faço promessas — respondi, minha voz fria. — E eu não fujo. De nada.

Ele deu um passo à frente. — E você não vai fugir de mim — declarou ele. — Disso. De nós. Porque se você fizer isso, eu vou encontrar você. E você não vai gostar do que acontecerá quando eu encontrar.

A ameaça permaneceu entre nós e eu olhei para a resolução em seus olhos, percebendo que eu estava fodida.

— Bem, alguém tem sido uma garota malcriada — declarou um forte sotaque.

Thorne deu a volta, mandando a cerveja se espatifar no chão enquanto ele puxava a faca para fora, agachado na minha frente no tempo que levou para Duncan caminhar até o meu bar e servir-se de uma bebida.

Ele considerou Thorne e sua faca casualmente. — Um caçador de vampiros, Isla? Estou impressionado.

Eu coloquei minha mão no ombro de Thorne, dando-lhe um aperto. — Abaixo, garoto. Duncan não vai matar você, — eu disse, embora eu não tivesse tanta certeza.

Duncan levantou a sobrancelha enquanto bebia sua bebida. — Não vou? — ele perguntou. — Bem, eu acho você está certa. Pelo menos vou esperar até obter informações sobre esta situação em particular e de como você conseguiu se mostrar para um matador e um rei em uma noite — ele disse, movendo-se para se recostar no sofá, cruzando os tornozelos.

Eu tentei me lançar para frente, mas Thorne, que abaixou a faca, mas não a embainhou, me agarrou. — Não sente seu maldito terno no meu sofá novo — eu assobiei.

Duncan sorriu. — Não se preocupe, esse material está seco. Sangue fresco ainda não foi derramado.

Eu poderia ter me desapegado facilmente, mas Thorne nos virou, cobrindo meu corpo nu com o seu. Em um movimento, ele tirou a jaqueta de couro e me cobriu com isso.

Eu olhei para Thorne.

Ele olhou de volta.

— Não se preocupe, companheiro, não é nada que eu não tenha visto antes. Eu vi isso esta noite, na verdade. — Ele piscou para Thorne. — Ela fica ao redor, sabe.

O ar ao redor de Thorne pareceu ondular. — Foi ele quem lidou com você enquanto estava inconsciente? — ele rosnou, segurando sua faca.

Duncan sorriu. — Possessivo, não é? — Ele me perguntou brincando. — Isso significa que isso não é só uma foda. Eu esqueci o quanto é emocionante com você por aí, Isla. Você faz a Revolução Francesa parecer uma noite na biblioteca. Ele se concentrou em Thorne quando fiz uma carranca para ele. — Não fui eu quem se emaranhou com seu corpo inconsciente e manchado de sangue, embora eu teria, dada a chance. Não que o rei me deixasse. Ele estava muito ocupado certificando-se de que ela não morrera. — Ele deu-lhe um olhar duro. — O que eu acho que é mais importante, considerando que ela veio muito perto disso, porra.

Thorne ficou rígido. Foi ao som de quão perto eu estava da morte, eu tinha certeza, mas eu não sentia falta do jeito que o corpo dele visivelmente se encolheu com a menção do rei.

Eu imaginei que dormir com um vampiro era uma coisa quando você dedicava sua vida em matá-los. Dormir com um vampiro que deixava o rei da raça morta-viva vê-la nua deve ter sido onde ele impunha o limite.

— Não vamos entediá-lo com os detalhes, Dunc — eu gritei.

Duncan assentiu. — Seu desejo é uma ordem, minha senhora. Embora eu aprove qualquer forma de quebrar regras, e eu te seguir pelos portões do próprio céu, eu tenho que perguntar, tem certeza disso? — Ele assentiu para Thorne.

Eu dei a Duncan um olhar.

Ele assentiu. — Então você sabe como isso é proibido?

Outro olhar. — Por que você acha que eu estou fazendo isso?

Ele riu, genuinamente e por muito tempo. — Vamos apenas garantir que você não deixe ninguém além de mim saber disso. — Seu sorriso se foi tão rápido quanto veio. Porque mesmo com o rei tendo a intenção de entrar na calcinha que você nunca parece usar, ele não hesitará em executar você uma vez ele descobrir que um assassino chegou lá primeiro.

Suas palavras foram um eco frio dos meus pensamentos anteriores. Eu não me preocupava com a tagarelice de Duncan; eu sabia o suficiente de seus segredos para tê-lo em uma masmorra pelo resto de sua vida. Além disso, confiava nele com a minha vida. Duas das três pessoas que tinham essa confiança estavam naquele quarto.

Eu não sabia onde Sophie estava, embora eu esperasse que ela estivesse segura.

Thorne saiu do meu lado, sua espada no pescoço de Duncan.

— Você fala sobre executá-la novamente, serão as últimas palavras que você pronuncia — Thorne sibilou.

Duncan levantou o braço para tomar outro gole. O movimento fez a lâmina marcar sua pele. Ele nem piscou.

— Feliz em ver que você se preocupa com ela o suficiente para ser suicida — disse ele, sua voz baixa, mas perigosa. — Uma coisa que você deve aprender sobre mim é que eu conheço sua garota aqui desde antes que seu avô transasse com sua vovozinha, então não venha defender sua honra.

Ele sorriu para mim. — Se ela tivesse alguma, seria ela quem protegeria. Ela não precisa de um assassino excessivamente sensível ou de um vampiro repugnantemente atraente fazendo nada disso. Mas vou proteger o pescoço dela. É por isso que estou aqui e por que você não é uma pilha de sangue e tripas no chão. Seria bom você se lembrar disso.

A promessa de morte pairou no ar, enquanto nenhum dos dois se mexeu. Eu encarei o sangue sob minhas unhas com desgosto.

Thorne recostou-se, abaixando a faca e recuando. Não de volta para mim, no entanto; Eu notei a distância que ele manteve entre nós com o rosto em branco.

Eu endireitei meus ombros, questionando por que a picada daquele pequeno gesto doía mais do que o esfolamento da minha pele mais cedo naquela noite.

— Você está aqui por uma razão, eu presumo? — Perguntei a Duncan firmemente.

Ele assentiu. — Principalmente para fugir de todos os idiotas burocráticos descendo sobre a mansão. — Ele me deu um olhar calculado. — O Setor estava chegando assim que saí.

Eu andei pelo quarto. — Sim, bem, as coisas estão aumentando. Claro que os ternos vão ficar envolvidos.

— Como se eles já não estivessem envolvidos.

Eu parei e olhei para Duncan. — Três horas atrás, você não sabia a extensão da guerra. Eu acho que a palavra — mosquito — foi usada. Agora você está insinuando que o Setor está envolvido em derrubar o rei?

Ele assentiu e sorriu. — Eu pego rápido.

Eu olhei para ele. — Não tão rápido.

Ele suspirou. — Ok, então eu posso ter visitado uma antiga companheira de cama minha, e depois de estar completamente satisfeito, como imagino que você tenha estado — ele piscou para mim, e Thorne rosnou — consegui descobrir que o Setor vem tendo algumas mudanças de regime implementado pelo nosso amigo, o rei, que os mandou latir, para dizer o mínimo.

Eu fiz uma careta. — Mudanças de regime? — Era justo dizer que eu não seguia as regras; desde que eu não os seguia, qual foi o objetivo? E eles não mudaram em milhares de anos.

Até agora.

— Aqueles que ameaçam a carta branca que os vampiros tiveram durante a vida humana, ou mais apropriadamente morte humana — explicou Duncan. — Eles têm sido controversos.

— Eu aposto que sim — eu murmurei.

— Foi o catalisador de um clima político já instável. Alguns não gostam da idéia de sangue sendo a única coisa que dá autoridade a alguém.

Eu zombei. — Eles podem acordar e sentir o cheiro do O negativo? O sangue é a base de tudo. Os religiosos acreditam que o sangue que corre nas veias de Rick é o da família original, os primeiros vampiros. Do próprio Ambrogio.

Eu não acrescentei que eu tinha experiência em primeira mão. A ameaça de morte do rei ecoou na minha mente, mas foi a ameaça da fúria de Thorne que eu compartilhei um humano com o rei que me parou.

— Veias podem mentir. E serem drenadas.

Eu dei a Duncan um olhar. — Isso elas podem.

A aura de Thorne brilhou ao redor dele. Não escapou ao meu conhecimento que parecia que quanto mais fortes ficavam meus sentimentos por ele, mais eu podia vê-lo, a torção de suas emoções separando-sedo próprio homem.

Eu não precisava ser uma bruxa para saber que aquilo significava perigo.

— Eu preciso ser atualizado com essa merda agora — ele rosnou.

Duncan drenou seu copo. — Não, eu não acho que você determina a porra de você saber qualquer coisa, — ele respondeu, a dureza de seu tom se misturando com seu sotaque.

Thorne deu um passo à frente ao mesmo tempo que eu. Eu coloquei minha mão em seu peito. — Eu sei que eu abri o olho do seu amigo há menos de uma hora, mas eu poderia pedir para você não tentar o mesmo com

Duncan? — eu perguntei. — Eu tive jogos de morte suficientes na minha sala de estar.

Thorne olhou para mim, depois para Duncan. Mas ele não investiu. Eu estava chamando isso de uma vitória.

— Você lutou contra um exército de idiotas enquanto os seduzia ao mesmo tempo, derrotou a morte, desobedeceu ao rei, furou o olho de um assassino e depois fodeu um? — Duncan soltou um apito. —Eu esqueci o quão magnífica você é, menina. Ainda bem que vou ficar por perto. Provavelmente não vai ser entediante.

— Você vai ficar por perto? — Minhas mãos ainda estavam no peito de Thorne, que tinha endurecido ainda mais nas palavras de Duncan.

Duncan assentiu uma vez. — O próprio rei está pagando um belo dinheiro por meus serviços.

Eu fiquei de boca aberta para ele. — Você vai ficar porque está sendo pago, não por causa da guerra que pode mudar o curso da nossa raça?

Ele sorriu e então se levantou. — Eu sou um mercenário, querida. Guerra é quando eu faço a minha fortuna. Eu seria um idiota para não tirar muito proveito deste lado dos milênios. — Ele endireitou seu terno manchado de sangue. — Embora eu aposte que um assassino sortudo está ganhando sua parte das riquezas a partir deste. Eu vou indo agora, arranjar para mim uma residência permanente para o futuro previsível. Eu também vou me livrar de todos os guardas que o rei achou por bem colocar depois que você os perdeu mais cedo. — Seu rosto perdeu um pouco do brilho provocante, a seriedade de suas características envelhecendo seu rosto atraente e mostrando os horrores dos séculos que ele escondia notavelmente bem. — Eu provavelmente não vou dizer a ninguém sobre isso, você pode confiar nisso. Mas até alguém tão louco quanto você não quebraria essa regra em particular se não achasse que vale a pena arriscar a morte. — Ele deu a Thorne um longo olhar. — Os mortais levam coisas como arriscar a morte levemente porque, para eles, é um risco entrar em um automóvel. Mas me escute agora, rapaz. Imortais não assumem coisas como os seres humanos frágeis. O que ela arrisca

por você são séculos vividos, e séculos ainda para viver. É melhor você perceber isso.

E então ele se foi.

O peso de suas palavras se juntou ao já pesado quarto.

Minha mão permaneceu sobre o coração de Thorne, o baque firme afugentando o gosto de morte que ainda permanecia. Depois de algumas batidas, sua própria mão cicatrizada levantou-se para cobrir a minha.

— Só para deixar claro, não estou planejando deixar você chegar aonde quer que esteja perto desse túmulo. Nunca.

Eu encontrei seus olhos. — Idem.

O túmulo não atendia a emoções piedosas como o amor, nem escutava promessas sussurradas na véspera da batalha.

A sepultura vinha para todos.

Mesmo imortais.

Especialmente imortais, se acontecessem de serem amantes desafortunados.

15

Dois meses depois

Eu atravessei a porta e parei, inclinando a cabeça. — Bem, essa é uma maneira de cumprimentar um visitante, — eu disse para os homens empunhando facas e parecendo todos assassinos. Eu me concentrei em um em especial. Ele não estava segurando uma faca e estava um pouco afastado da multidão, braços cruzados sobre o peito impressionante. Ele não parecia muito que ele iria intervir.

— Você não é uma visitante — o rosto cheio de espinhas mais próximo de mim cuspiu, sacudindo a faca em mim. — Você é um monstro.

Eu revirei meus olhos. — Garoto, se você vai acenar com essa coisa, certifique-se de saber como usá-lo. — Eu dei um passo à frente para que a ponta do aço pressionasse contra o meu peito. — Ah, e isso serve para a faca também, — eu ronronei.

Ele correu de volta para acertar a faca do outro amigo, ganindo enquanto picava sua pele.

Eu sorri com o fiasco e meus olhos encontraram os de Thorne. Eu juro por Chanel, seus olhos brilharam com diversão, embora ele estivesse fazendo

o possível para escondê-lo na frente de seu pequeno grupo, claro. Eles sabiam que eu viria treiná-los para que suas mortes não fossem garantidas nas próximas batalhas, mas eles ainda estavam por descobrir que eu estava dormindo com seu líder.

Isso podia fazer com que o coração de algum de seus pequenos pardais desistisse. Ninguém, exceto Thorne e talvez seu melhor amigo, Silver, soubesse que nossa aliança era algo mais que um tratado de paz esgotado.

Nem mesmo o sinistro conselho que eu ainda estava para conhecer. Caçadores de vampiros operavam em facções, cada uma com seu próprio líder. Thorne estava no comando do grupo de Nova York e tinha ordenado silêncio sobre ser treinado por mim. Até agora, o vampiro tinha ficado escondido, embora eu não soubesse como isso duraria com o último grupo. Eu tinha treinado com todos em sua primeira unidade. Apenas quebrei alguns ossos, o resto eram contusões. A maioria deles levou seus ferimentos muito bem - além de Erik, claro, que se recusou a participar.

De alguma forma, Thorne tinha conseguido manter o incidente do olho do conselho e tinha feito com que apenas cerca de um quarto dos matadores que eu havia treinado me olhassem com ódio, como esses. Mas isso não significava que tudo foi perdoado. Isso provavelmente significava que Erik estava aguardando sua vez. Eu avisei a Thorne que ele provavelmente o trairia antes do mês terminar.

Thorne me deu um olhar homogêneo. — Ele é um idiota, mas ele está com minha unidade por quase meio século.

Eu dei a ele outro olhar. — Vampiros traem aliados que eles tiveram por milênios. Tempo não significa nada.

— Nós não somos vampiros.

Eu o deixaria ter isso, mas ainda estava cautelosa sobre Erik.

Thorne fazia parte de uma linhagem de elite de matadores dotados com vida prolongada para ter alguma aparência de um mesmo terreno com vampiros. Ainda outra coisa que ele era relutante em explicar. Tinha sido um ponto de discórdia, mas nós não tivemos tempo para discutir, com todos os

ataques em acampamentos inimigos que eu estava participando com Sophie saímos juntas para se divertir.

Tinha sido tranquilo.

Inquietantemente tranquilo. O tipo de tranqüilidade que se seguia a um dragão sugando um grande fôlego antes de respirar fogo em todo o lugar.

Não era bom.

Mas isso era para outra hora. Agora eu tinha que me preocupar em tentar treinar a e mais fresca remessa de matadores.

Meus olhos voltaram para onde Cara de Pizza estava tremendo e freneticamente esfregando as minúsculas gotas de sangue em seu braço. Seu amigo acenou a faca para mim. — Para trás, diaba — ele gritou.

Eu graciosamente me esquivei de um dos seus furos, checando meu celular enquanto isso. Ele fez uma segunda vez e eu peguei seu pulso, exercendo pressão suficiente para ele deixar sair um grito semelhante aos amigos dele. Quando ele soltou a faca, eu peguei na minha outra mão. — Vou levar isso por agora. Nós não queremos que você se corte, não é?

Eu olhei de volta para ele. — Sério? O que é isso, pré-escola matadora? Não é de admirar que vocês estejam sendo extintos.

Ele deu um passo à frente, pegando a faca de Menino Pizza. Em um movimento ágil ele atinha contra o meu pescoço. Eu sorri para ele. — Touché!

Em outro movimento, indiscutivelmente, eu tinha minha própria faca contra sua jugular. — Quem você acha que tem um pulso mais rápido? Assassino humano desastrado mal saído das fraldas ou a vampira do caralho, bonita e experiente?

— Experiente é um bom eufemismo para velha — ele murmurou.

Eu exercitei apenas um pouco mais de pressão, o suficiente para dar a ele um barbear rente. — Você quer jogar palavras perigosas como essas na frente da mulher com uma faca no seu pescoço? Eu perguntei, minha voz doce.

Seus olhos eram de mercúrio. — Eu vivo no limite.

Eu sorri para ele, abaixando minha faca. — Ainda bem que estou me sentindo clemente hoje.

Ele baixou a sua própria. — Boa notícia.

Nós compartilhamos uma rápida olhada antes que ele voltasse para o grupo.

— Isla está aqui para nos ajudar. Treinar vocês contra ataques que vocês verão em campo. Eu vou ter uma conversinha com alguém que tentar insultar o fato de que ela está aqui. A voz dele era dura.

— E eu vou ter mais do que uma conversinha com essa mesma pessoa — eu prometi em uma piscadela.

Os olhos de Thorne ficaram em branco, mas o canto de sua boca se contraiu.

Eu virei nos meus calcanhares. — Ok, vamos ver o que você tem.

***

— Você acha que nós temos uma chance? — Chace perguntou, tomando sua cerveja.

Eu olhei para ele da minha posição no sofá. — Uma chance do que? Ganhar o *American Idol*? — Eu balancei minha cabeça. — Desculpe, você simplesmente não consegue atingir as notas altas.

Ele sorriu para mim antes de seu rosto naturalmente despreocupado ficar sério. — Fazer uma diferença nesta guerra.

Bebi meu vinho, olhando para Thorne, que estava do outro lado do sofá, observando-me, mãos em volta de sua própria cerveja. Eu me deixei escorregar em um leve sonho sobre o que aquelas mãos poderiam fazer comigo mais tarde.

Eu saí disso. — Não, você não tem a chance de fazer a diferença. Mas você tem uma chance de não morrer. Então isso é sempre bom.

Thorne olhou para mim.

— O que? Eu estou apenas sendo honesta com o garoto — eu defendi. — Eu ajudei onde eu posso, mas mesmo eu não sou uma milagreira.

Embora o próprio Thorne possa ser útil em uma briga. Ele tinha a força e a velocidade de pelo menos um mestiço. Scott ajudou com os treinos mais do que algumas vezes, e Thorne o superou facilmente.

Mas isso foi Scott. Não contou.

Nós brigamos no conforto deste armazém abandonado que virou espaço de treino, mascada vez transformou-se em sexo.

O júri estava fora de quem ganhou.

Outro olhar para Thorne e o modo como suas veias pulsavam em seus antebraços me disseram que talvez eu tenha ganhado.

— Não é difícil? — Chace cortou.

Eu sorri para ele. — Isso é o que ela disse.

Thorne sacudiu a cabeça. — Você tem a maturidade de uma criança de doze anos — observou ele.

Eu bebi meu vinho. — Obrigada. — Eu olhei para Chace, que estava rindo. — Além do óbvio, *o que* é difícil?

Ele manteve os olhos em mim. — Ter relações sexuais com Thorne e não... Você sabe, morder ele.

Thorne, que naquele momento tomara um gole de cerveja, quase engasgou com isso.

Sua cuspida encheu o ar até que ele se firmou. Eu sorri abertamente. Ninguém poderia tomá-lo de surpresa, nem eu.

— Do que você está falando? — Thorne raspou.

Chace revirou os olhos. — Vamos lá, é totalmente óbvio. — Ele balançou os olhos entrenós dois como uma colegial.

— É? — Eu perguntei, um pouco desapontada. — Lá vai meu aceno de Oscar. E eu pensei que eu estava fazendo um trabalho *tão* bom.

Nós tínhamos. Thorne tinha sido só negócios em torno de sua equipe assassina, o redemoinho estranho em seus olhos o único sinal de que havia algo abaixo da superfície. Eu fui igual. Eu tinha quatrocentos anos de prática na minha cara de paisagem. Me chateou que uma criança poderia ver através disso.

Chace sorriu para mim. — Bem, duvido que alguém mais tenha notado — ele cedeu. — Exceto Silver, obviamente. Mas eu sou observador. Ele deu uma olhada em Thorne. — E posso guardar um segredo, então não se preocupe.

— Bom — eu disse alegremente. — Eu odiaria estalar seu pescoço se você decidisse vender isso para os tablóides.

Thorne olhou para mim.

Dei de ombros.

— Vou levar para o túmulo — prometeu Chace.

Eu bebi meu vinho. — Só podemos esperar. E com o modo como esta guerra está se formando, pode não estar muito longe.

Ele não parecia perturbado por sua morte próxima. — Então? — Ele sondou.

— Então o que?

— É difícil não mordê-lo durante o sexo? Porque, sabe, o sangue dele vai te matar e tudo.

Thorne se arrepiou e rosnou em sua garganta.

— Calma, garoto. — Acenei minha mão para ele. — Eu estou um pouco ciente de que o sangue assassino é fatal, Chace, — eu disse a ele secamente. — Deixe-me perguntar, considerando que alguém perdeu o cabaço e teve os quinze segundos mais mágicos da sua vida. Você almeja um cheese burger quando você está transando?

Seu rosto ficou em branco e ele balançou a cabeça lentamente. Diversão saiu dele em ondas. Como com Thorne, embora fosse generosamente polvilhada de fúria. E luxúria.

Eu não estava sendo totalmente sincera. Embora eu tenha comido o normal com os malucos que Scotty Lewis acharam, eu nunca estive satisfeita. Na verdade, ultimamente, era mais difícil até mesmo atenuar a queimadura na minha garganta. Meu corpo tinha um frio permanente, diferente do que era natural, e isso só diminuía quando eu estava com Thorne. Ele se instalou no meu estômago, como a atração da sepultura. Preocupante. As costelas quebradas que eu tinha sofrido depois de Thorne ter sido deliciosamente áspero na noite anterior tinha apenas acabado de curar naquela manhã, e durante o treinamento com os matadores jovens, elas tinham ardido.

Não que eu deixasse isso acontecer.

Especialmente quando o sangue de Thorne tinha uma atração cada vez maior que estava começando a me preocupar. Depois da quebra das costelas, eu tinha me concentrado na veia do pescoço dele e tinha meus lábios apertado sem volta dele antes que eu pudesse piscar. Felizmente eu poderia passar isso como uma carícia, com extremo esforço.

Mas era preocupante. Muito. Especialmente quando eu tinha que me reportar ao rei muito em breve.

De quem eu estava me esquivando artisticamente nos últimos dois meses.

Foi um ótimo timing que ele esteve na Europa fazendo... O que quer que os reis fazem. Agora ele estava de volta, e era hora de encarar a música.

— Isla. — Uma voz profunda me puxou para fora da minha cabeça.

Thorne estava bem na minha cara, preocupado em rolar em ondas.

— Você está bem? — Ele cortou.

O próprio fato de ele ter se movido sem que eu notasse era prova de que eu não estava bem.

— Sim. Dândi. Apenas pensando em minha roupa para amanhã. A moda é um negócio sério.

Sua mandíbula se apertou. — Eu ainda não estou feliz com você indo — declarou ele. Isso foi muito desde a primeira vez que ele fez sua desconfiança sobre eu ativamente perseguir aqueles envolvidos com a rebelião. Ele sabia pouco do meu envolvimento com o rei, e ele sabia nada da promessa da minha família do meu Despertar. Isso não ia terminar bem.

Eu estava aprendendo que ele era possessivo ao milésimo grau e levaria isto em cima para tentar fazer algo suicida como matar minha família.

Só eu poderia fazer isso.

Eu já tinha feito Sophie trabalhar sua magia para garantir que os espiões da minha família não pudessem rastreara mim ou a Thorne. Não faria bem em todos eles saberem sobre nós.

O simples pensamento me fez sentir vagamente doente, na verdade.

Mas tudo estava quieto deles também.

Outro dragão que estava sugando sua respiração.

Concentrei-me em Thorne e no presente. — Obrigado por me avisar, — eu respondi. — Isto não vai mudar nada, mas obrigada mesmo assim.

— Eu estou indo — disse ele de repente.

Eu estreitei meus olhos. — Você não vai. A menos que você tenha um desejo de morte que eu não saiba.

Ele segurou meu olhar. — Não, mas desde que a sua é aparente, você não vai sem mim.

— Eles vão sentir você dentro de uma milha — eu disse a ele triunfante. — E a maioria dos vampiros não reagem do jeito que eu faço com você. Não importa o quão bonito você seja.

O olhar de Thorne disparou para Chace, que estava achando o teto particularmente fascinante no momento.

— Eu posso fazer algo sobre isso — declarou uma voz rouca.

As botas de combate de Sophie batiam no chão de concreto do armazém, Silver logo atrás dela.

Eu estreitei meus olhos para o estranho par e depois para as palavras de Sophie uma vez que ela se aproximou de nós.

— Há um feitiço de camuflagem que disfarçará sua aura e fará dele um pouco mais que um humano médio, — ela continuou.

Uma lasca de sorriso apareceu no canto do rosto de Thorne.

Eu olhei para Sophie. — Não é legal, cara. Por que você me trairia dessa maneira?

Seus olhos estavam duros. — Você não pode ir a Mortimeus sozinho — disse ela. — É muito perigoso para você.

Eu levantei uma sobrancelha. — Você está me dizendo que é perigoso demais ir a um bar quando você era o alguém que me convenceu a quebrar uma sessão de demônios e eu quase perdi um olho?

Ela não sorriu. Ou até mesmo mexeu os lábios.

Algo flutuava fora dela que eu não gostei.

— Credo, quem morreu? Se fossem meus pais, eu diria que você estaria muito mais feliz.

Sophie nem sequer piscou. — Precisamos conversar — disse ela, sua voz plana e estranha.

Eu fiz uma careta para ela. — Bem... Fala — eu insisti.

Ela olhou para Chace.

— Não se preocupe, eu já vou matá-lo se ele derramar segredos comerciais. — Acenei com a mão para descartar suas preocupações.

Ela engoliu em seco. — Como você está se sentindo?

Eu olhei para ela por um longo momento. — Bem. Eu sou imortal, então não fungue para mim. Agora, quais são as notícias?

Ela deu um passo à frente, seu rosto em branco era um presságio do que estava por vir. Mesmo quando ela descobriu que seu namorado na década de 1960 estava tentando matá-la, ela tinha uma sombra de um sorriso e disse que ele era ruim na cama de qualquer maneira.

— Não, Isla, como você está se sentindo? — Ela repetiu, me dando um olhar que me disse que ela tinha insight sobre a minha situação atual.

Thorne se arrepiou ao meu lado. — O que é isso? — perguntou ele, olhando de Sophie para mim. — Isla?

Eu olhei para ele. — Por que você está me perguntando? Não fui eu que disse que eu tinha notícias — eu defendido.

Ele não estava comprando.

— Lembra-se de Belladonna? — Sophie interrompeu.

Uma amargura fria tomou conta do meu corpo. — O vinho? — eu perguntei, me fazendo de boba.

Recebi dois pares de olhos apertados com isso.

— Isla, — Sophie avisou.

— Você causa uma ótima impressão em Thorne — eu atirei para ela.

Ela olhou para mim.

— Sim, eu me lembro dela. Trabalho ruim de cirurgia plástica mágica, dentes desagradáveis, tentou me matar uma ou duas vezes até eu colocá-la no chão.

Os olhos de Sophie se estreitaram. — Bem, eu tenho feito algumas escavações desde que você me contou as origens dela. Que ela fazia parte de uma congregação há muito tempo banida para viver em cativeiro.

— Até que alguém soltou os cachorros — terminei por ela. — Agora eles estão jogando pela equipe errada.

Sophie assentiu. — Eles foram amarrados naquela prisão juntos, e pelo que eu posso reunir dos livros antigos, mesmo após a sua libertação, eles ficam atados. Cada uma das outras mágicas vive dentro deles.

Um pesado silêncio se instalou na sala.

— Eu sou a única que não está entendendo a piada? — Eu perguntei depois de uma batida.

Sophie olhou para Thorne, que estava fazendo sua melhor impressão de estátua. Silver tinha seus braços tatuados cruzados, parecendo igualmente sombrio. O rosto de Chace estava mascarado em confusão.

Ótimo, eu e o cabeção estávamos na mesma categoria de inteligência.

— Desde que os quatro são amarrados, cada feitiço que eles lançam permanece vivo até que todos pereçam, — Sophie explicou. — A mágica da bruxa permanece dentro de você mesmo depois de sua morte. Ela pratica a magia da morte, feitiços que se desenvolvem do túmulo, então, de fato, fica ainda mais forte com você matando-a.

Eu joguei minhas mãos para cima. — Oh, me desculpe por ter matado a bruxa má que estava fazendo o melhor para cozinhar meu sangue de dentro para fora.

Ela me deu uma olhada. — Eu não estou dizendo que você tomou a decisão errada naquele momento, mas se eu estivesse lá como eu queria estar...

— Se você tentar tecer um 'eu avisei' nessa conversa, eu vou encontrar uma estaca e assaremos marshmallows do seu cadáver, —eu assobiei.

Thorne levantou uma sobrancelha de aviso quando Silver se adiantou ligeiramente.

Eu notei a postura protetora com uma diversão desinteressada, muito focada em mim mesma, mas eu voltaria para ela.

Sophie não prestou atenção, apenas sorriu. — Eu gostaria de ver você tentar. Eu usaria sua caixa torácica como refrigerador de cerveja.

— Jesus — Thorne murmurou.

Chace sorriu. — Vocês, garotas, são mais sanguinárias do que nós — disse ele, surpreso.

Eu dei-lhe um sorriso. — Oh, é sempre o mais sanguinário entre amigas. Você tem sorte que a história não teve nenhuma guerra com duas amigas chateadas uma com a outra de cada lado. O mundo seria aplainado.

Eu mudei minha atenção de volta para Sophie, cujo sorriso caiu do rosto dela com rapidez alarmante. Isso não cheirava nada bem. Sophie não era chacoalhada facilmente.

— Derrame, Sabrina[9] — eu exigi.

Ela deu a Thorne e a mim um olhar simpático antes de falar. — O feitiço vai te matar.

Ela disse isso rápida e simplesmente, arrancando o proverbial Band-Aid.

A reação de Thorne foi decididamente mais dramática que a minha.

A minha sendo sem reação.

Seu estado de lançar ondas de puro medo não adulterado pelo ar. Embora ele revestisse isso em um forte respingo de raiva. — Isso não está acontecendo — ele sussurrou, me arrebatando para seu lado como se fosse impedir a morte de ser inevitável. Como impostos.

Apesar disso ser impossível, eu não saí do abraço. Estar enrolada contra ele não era desagradável.

— Como exatamente esse feitiço vai me matar? — Perguntei calmamente.

Eu não perdi a lasca de medo brilhando nos olhos de Sophie. — É um feitiço de sangue. Primeiro faz você reviver todo o sangue que você já derramou, como se estivesse fluindo do seu próprio corpo.

Eu tremi apesar de ser incapaz de sentir o ar fresco de Nova York filtrando através do armazém não isolado. O calor radiante de Thorne afugentou o frio, mas não na direção correta; Enrolou-se na parte mais profunda de mim, onde nem ele conseguia alcançar.

[9] Em menção a personagem Sabrina, A aprendiz de feiticeira

Sophie arqueou a sobrancelha. — Isso já começou a acontecer, não é?

Eu dei a ela um aceno de cabeça.

Quem sabia que um puxão da minha cabeça faria os braços de Thorne se transformarem em aço e soltarem raiva de seus poros?

Ele me virou em seus braços para que suas íris de mercúrio pudessem se fixar nas minhas. — O que?

Aquela palavra teve o impacto de um martelo na cabeça.

— O quê? — Eu repeti, como papagaio.

Suas mãos e meus ombros flexionaram. Isso ia machucar. Ou teria, se eu não fosse vampira e tal.

— Não — ele avisou. — Você acha que pode ter sido algo para me dizer que você tem experimentado meio milênio de morte?

Eu olhei para ele com raiva. — Não, eu não acho. Eu pensei que não era da conta de ninguém além de mim. — Minhas palavras eram um desafio, e provavelmente ele teria enfrentado se Sophie não tivesse limpado a garganta.

— Thorne, você não poderia ter feito exatamente qualquer coisa, de qualquer maneira — ela disse a ele.

Ele não tirou os olhos de mim. — Este não é o ponto de merda.

Eu revirei meus olhos. — Mas o ponto é deixar Sophie chegar ao dela. — Voltei a minha atenção para trás para a minha, que eu jurava que estava sorrindo.

Cadela.

— Volte para a história da minha morte — eu instruí.

Thorne amaldiçoou em voz baixa e puxou minhas costas para sua frente. Mesmo no meio de um argumento, ele precisava de contato, eu estava começando a entender isso, e ansiava a mesma coisa.

— Depois de reviver como você tomou sangue no passado, você começará a receber menos nutrientes do sangue no presente — disse Sophie.

— Parará lentamente de sustentar você e você vai tornar-se mais fraca. Seus ferimentos não vão sarar tão rápido... — Ela parou, vendo algo no meu rosto.

Thorne não podia ver meu rosto, mas ele sentiu no ar.

— Isso já começou a acontecer também, não é? — Sophie perguntou baixinho.

Dei de ombros.

— Quanto tempo? — Thorne rosnou.

Eu não olhei para ele. — Na noite na mansão, quando Earnshaw arrancou minha garganta.

Até mesmo Silver empalideceu com essa notícia.

— Isso foi há dois meses, Isla — disse Thorne devagar.

— Eu sou capaz de contar o passar dos dias — eu retruquei.

— Você está deixando meus homens treinarem com você — ele continuou. — Deixando-os machucar você. Deixando *eu* ferir você.

O que doeu mais do que qualquer coisa foi a emoção na voz de Thorne. A culpa.

— Por favor — eu zombei. — Mesmo se eu estivesse bebendo sangue animal por um ano, ainda seria capaz de derrotar seus recrutas com meus olhos fechados. — Dessa vez eu me virei em seus braços fora da minha própria vontade, chegando a acariciar sua mandíbula. — Além disso, você nunca me machuca. E eu gosto da dor, — eu murmurei com uma espessura na minha voz. — Não é nada sério, tipo, eu virar humana. Um osso quebrado leva apenas uma hora em vez de um minuto para curar — eu disse alegremente. Eu olhei de volta para Sophie. — Isso é tão ruim quanto vai ficar, não é? — Eu perguntei, já sabendo a resposta.

— Não — ela disse baixinho. — É provável que fique pior. Levará mais tempo porque você é mais forte e mais teimosa. — Ela piscou para mim. — Mas, eventualmente, você será tão fraca quanto um humano. E tão vulnerável quanto um.

O silêncio seguiu sua declaração, grossa e pesada, e tudo aparentemente focado em mim.

Eu era uma mulher que gostava de atenção, mas não desse jeito. Não quando eu estava me tornando perturbadoramente em donzela quando eu trabalhava melhor como vilã.

— Então isso é uma cura para o vampirismo? — Eu perguntei, brincando com a idéia de ser humano. Não. Não era possível. Pés de galinha e cabelos grisalhos? Não, obrigada.

Então alguma outra coisa entrou em minha mente. Mãos enrugadas segurando as mesmas que estavam circuladas em minha volta. Envelhecer com Thorne em vez de assistir a idade devastá-lo e a morte o levar. Apesar de seu longo tempo de vida, ele envelheceria, eventualmente, eu receberia o mesmo.

Era tentador.

Muito.

— Não — Sophie cortou meus sonhos. — Não vai te transformar em humana. Você ainda será uma vampira. Ainda precisa de sangue para sobreviver. Mas o sangue humano não será o que te mantém assim. Você vai enfraquecer e morrer.

Eu quase engasguei com a força de Thorne me segurando e a energia crua irradiando dele.

Eu fiquei calma. — Bem, eu gostaria de poder trazer a bruxa de volta e matá-la duas vezes — eu resmunguei. — Que inconveniência.

— Inconveniência? — repetiu Thorne. — É disso que estamos chamando sua morte, Isla?

Sua raiva tinha que ser direcionada para algum lugar, eu imaginei.

Eu olhei para ele. — Você não vive por quinhentos anos sem escovar com a morte em pelo menos uma vez por década — expliquei. — Eu e o Anjo da Morte somos melhores amigos. A morte é uma parte da imortalidade. Este

não é meu primeiro rodeio. — Eu pisquei para ele. — Há sempre uma maneira de vencer o ceifeiro.

Eu olhei para Sophie. — Agora é sua deixa.

Ela me deu um olhar sombrio. — Sim, há uma cura para isso — disse ela, quase com relutância.

Dei a Thorne um sorriso triunfante.

— Bebendo o sangue de um assassino — disse Sophie, suas palavras descendo como uma guilhotina.

***

Obviamente, Thorne não recebeu bem as notícias. Nem eu, se fosse honesta, mas não quebrei tantas coisas, nem usei palavrões suficientes.

Depois do discurso dele, eu dei a ele um olhar de expectativa. — Terminou? — Eu não esperei por uma resposta. — Eu estou supondo que você vai bippity-boppity-boo[10] algumas outras sugestões? — perguntou Sophie em um tom entediado cuidadosamente construído.

Ela assentiu. — Você aposte sua bunda que eu vou.

— Ótimo. Bem, eu tenho uma motivação renovada para atacar alguns clubes hoje à noite. Talvez eu seja capaz de encontrar três bruxas negras lá e possa acabar com todas elas.

Eu fui sair do armazém, para fugir do peso dos olhares mais do que qualquer outra coisa.

Um aperto de ferro no meu pulso me parou.

— Você não está seriamente pensando que eu vou deixar você ir agora? — Ele quase rosnou para mim.

[10] Palavras mágicas usada pela Fada Madrinha da Cinderela

Eu levantei minha testa para ele. — Não, eu não estou pensando seriamente nisso — respondi. — Porque aquilo implicaria que você tem o poder de 'me deixar' fazer qualquer coisa. O que você não tem.

Sua raiva envolveu a sala em uma nuvem tão espessa que fiquei surpresa que os respiradores não engasgaram com isso.

— Você está louca — ele assobiou.

Eu inclinei minha cabeça. — Não tenho certeza do que isso tem a ver com isso.

Ele deu um passo à frente, sua respiração quente no meu rosto. —Você ouviu Sophie. Todo dia você está ficando mais fraca. Você quer entrar no esconderijo de vampiros assim?

Eu revirei meus olhos. — Eu cresci na toca dos vampiros. Vou sobreviver.

Sua mão mordeu meu pulso. —É perigoso.

— O que não é? A coisa mais perigosa que você poderia fazer seria colocar-me em um quarto acolchoado, apesar do que os psiquiatras recomendam. — Eu olhei para Sophie, que estava desconfortavelmente assistindo a troca como um espectador estaria num acidente de carro.

— Eu não estou propenso a cair morta, apropriadamente, pelo menos, nas próximas vinte e quatro horas, eu estou? — perguntei-lhe bruscamente.

— Não de causas não naturais — ela respondeu.

Eu levantei minhas mãos para Thorne. — Veja, tão seguro quanto casas. Agora eu vou. E eu vou dizer a você agora, você não vai gostar do que acontece se você tentar me impedir.

O furacão em seus olhos considerou o que era provável o tufão no meu. — Fora — ele rosnou, sem tirar os olhos de mim, mas deixando claro que ele estava falando com todos os outros.

O eco dos pés no concreto me disse que seu comando estava sendo obedecido. O recuar dos batimentos cardíacos também teriam, mas o de Thorne era um rugido nos meus ouvidos.

— Se você está indo todo o homem das cavernas em mim, eu aconselho o contrário. Os neandertais não terminaram bem na história. Eu teria que chamar alguns historiadores para que eles soubessem que um sobreviveu à extinção, e eles provavelmente vão colocá-lo em um museu mais rápido do que você pode dizer 'Chauvinista', eu respondi.

Ele pegou meu rosto em suas mãos. — Você não me contou. Qualquer coisa disso.

Eu ampliei meus olhos para ele. — E? — Eu perguntei, não conseguindo ver por que isso o indignava.

— E, Isla, eu deveria ter sabido — ele rugiu.

— Por que? A menos que você também seja o governante do universo em seu tempo livre, você não poderia ter feito qualquer coisa.

Ele estreitou os olhos. — Essa não é a questão. Você é *minha*. E você tem escorregado através dos meus dedos, toda a merda que você tem feito, o perigo em que você tem colocado você mesma. — Ele estremeceu. Realmente estremeceu. Thorne, que não tinha medo de nada, gelado diante da perspectiva de mim em perigo.

— Bem, eu não sabia a extensão disso — eu protestei.

— Isso teria mudado alguma coisa?

Eu fiz beicinho. — Provavelmente não.

Ele rangeu os dentes juntos. — Porra, Isla. Você tem alguma autopreservação?

Eu projetei meu queixo para fora. — Eu tenho muita. Eu gosto de ser morta-viva, e pretendo ficar assim. Não é como se eu tivesse pedido para ser chantageada pelo rei para ser seu 007, para que meus pais sejam mortos e depois me meti numa guerra em que as bruxas me amaldiçoaram, não é?

— Exatamente por que você não deveria ir — ele retrucou.

— E o que devo fazer em vez disso? Sentar-me pacientemente e tricotar enquanto os homens tomam espadas para ser os heróis? —Eu olhei para ele. — Uma pista. Foi minha espada que salvou você mais do que o contrário, e vai

ser eu quem me salvará também. Embora ela seja um gênio, vou ter que discordar de Bonnie Tyler aqui. Eu não preciso de um herói. E tenho certeza pra caralho que não vou esperar por um.

Thorne cerrou os dentes com tanta força que me preocupei que pudessem se quebrar. Ele ficou em silêncio.

— Eu vou — declarei.

Nós nos encaramos, cada um banhando a fúria do outro. Thorne suspirou e puxou meu corpo que ficou tão ligado ao dele, descansando sua testa contra a minha.

— Eu não gosto disso — ele murmurou. — Você é tão forte. Uma porra de guerreira, nisso. Você não sabe, e você nunca vai admitir isso, mas você é uma rosa. Linda e preciosa. Veja, é seu trabalho ser a guerreira que você nasceu para ser, mas é o meu, proteger essa rosa. É por isso que não estou planejando sair do seu lado até que possamos fazer com que essa maldição seja retirada. Provavelmente não depois isso também.

Sua voz suave, mas dura, além das palavras, deveria ter enviado calor para minha espinha.

Em vez disso, provocou o frio já persistente.

Sua rosa.

Eu me puxei do seu toque com uma ferocidade que me surpreendeu. — Não, não é seu trabalho proteger uma *vampira*, Thorne. Seu trabalho é matá-los, lembra? Uma bruxa já fez metade do trabalho para você, — eu assobiei. — Em vez de prometer vingança contra ela, por que você não agradece a ela?

E eu saí.

Ou mais precisamente, eu fugi. Eu. Fugi. Eu nunca fugi de uma briga. Nunca.

De fantasmas, por outro lado, eu fugi. Especialmente quando eles trouxeram o lembrete de quem era o verdadeiramente frágil neste arranjo.

***

Ele não me encontrou até duas horas depois. Bem quando o sol estava se pondo, sua despedida espreitando os arranha-céus brilhantes. Eu me inclinei contra a varanda, tomando meu quarto uísque e divertindo-me com o leve zumbido que veio com isso. Pode ter havido muitas desvantagens para esta pequena maldição, mas pelo menos eu poderia ficar bêbada mais fácil.

Revestimentos de prata, pessoas.

Então, talvez a ligeira embriaguez foi o que me fez derramar o banho de sangue que era minha história e meu nascimento na imortalidade.

— Minha lembrança mais antiga é de gritar — eu sussurrei. — De um grito de mulher. Não era exatamente alto, ou pelo menos não como me lembro. Era algo pior que isso. Bruto e tão cheio de desespero, como se sua alma estivesse arranhando sua garganta, procurando por fuga de seu corpo. — Eu olhei para o horizonte. —Fiquei curiosa, então fui procurar. Eu sabia que era um som ruim, mas eu não tinha idade suficiente para entender tudo sobre isso. Quando eu a vi, eu descobri quanto sangue o corpo humano tinha. A que o corpo poderia sobreviver. — Eu pausei. — O que não te mata, não te faz mais forte. O humano que inventou essa frase ridícula obviamente não conheceu um membro da família Rominskitoff. O que não te mata, danifica sua alma além do reparo, então até hoje eu questiono se existia algo deixado dentro daquela mulher para morrer quando seu coração parou de bater. Ela morreu, sua alma mais verdadeira, pelo menos. Ela foi rasgada, despedaçada, brutalizada e assassinada muito antes de seus pulmões darem seu último suspiro.

Eu tracei o queixo de Thorne com meus olhos. — Eu tinha quatro anos — eu disse a ele. — E apesar do que você possa pensar, eu não nasci com a capacidade de tolerar esse tipo de crueldade. Assim como qualquer outra criatura no universo, eu nasci com uma pureza de ignorância, ingenuidade. Natureza versus nutrir é um conceito verdadeiro. Podemos ter sido projetados com a capacidade de sermos os mais cruéis de todos eles, mas eu acho que não é preciso presas ou imortalidade para isso. Não, a crueldade é aprendida,

nutrida. E eu testemunhei o mal que floresceu em meus irmãos. Que minha família tentaria regar com gritos como esse. Algo fundamental em mim rebelou-se, revoltou-se contra isso. Na minha mente pura e ingênua, instiguei aqueles olhos vazios a me dar, qualquer alma que sobrasse, para eu cuidar. — Eu encontrei seus olhos. — Isso é o que me manteve de verdadeiramente me tornar... Tudo o que eu estava destinada a me tornar. Eu não vou dizer que não me tornei 'má' porque eu não acho que alguém no mundo seja puro o suficiente para dizer isso, muito menos eu. Mas eu não causei um dano tão irreparável a qualquer criatura viva... Até...

Thorne deu um passo à frente como se sentisse o modo como as palavras se alojavam em minha garganta, que elas estavam raspando minhas entranhas. Eu segurei minha mão para detê-lo. Ele fez isso, dobrando seus braços, de modo que os músculos de seus antebraços se flexionaram, o rosto duro.

— Eu era uma criança rebelde, mas não na compreensão contemporânea da palavra. Eu tenho a impressão de que 'crianças rebeldes' causam danos e crimes em geral. Eu me revoltei contra isso. Eu fiz amizade com os humanos na aldeia em que cresci. Foi difícil, considerando o medo dos pais deles de minha família. —Tomei um gole. — Eles sabiam o que nós éramos, veja bem. Antigamente, quando tudo era mais simples e não havia interruptores ou idades da razão para afugentar os monstros, as pessoas os aceitavam. Tinham medo de nós, com certeza. A aldeia tinha um gostinho disso, esse medo. Nenhuma planta cresceria, embora a inflexível paisagem russa pudesse explicar isso, acho que era a emoção tóxica.

Ele se aproximou de mim ainda que sentisse que a distância era fundamental.

— As crianças não acomodam o medo como os adultos — continuei. — Eles sentem isso, claro, mas não cria raízes da mesma forma. Pode ser afugentado até que a idade o torne uma força imóvel. Então fiz amigos. Eu cresci com crueldade e ainda assim eu mantive isso longe, nutrindo esse pequeno pedaço da alma daquela mulher sem nome. Eu deixei o ódio para eles, minha família miserável, apodrecer até que eu tinha vinte e poucos anos.

Muito provavelmente anos longe da minha mudança, que significava que meus pais achavam que a humanidade era temporária. Eu não sabia se eles esperavam eu fugir, ou se eles se importavam, mas eu fugi. Eu não fui tão longe quanto planejei. Tudo era novo para mim, entende? Eu estive seqüestrada naquele castelo por anos, muito vulnerável em meu estado humano para estar em torno de inimigos da minha família, os quais tivemos muitos. Bem, além de Mortimeus, mas eu não achava que isso realmente contasse. Eu era a aberração lá também, embora meus colegas nunca foram ousados o suficiente para comentar abertamente sobre isso. Não quando eu era da Linha de Veia antiga. — Eu encontrei os olhos de Thorne. — Eu planejei me perder nas multidões de humanos que eram muito estranhos para mim. Era como um planeta alienígena, mas eu gostava. Adorava isto.

— Ele foi o primeiro em quem eu reconheci uma alma. — Eu ri friamente. — Ou eu pensei que talvez ele reconheceu uma em mim.

As memórias que vieram com a fala de tais tempos foram substituídas por outras mais frescas, embora ao contrário de suas contrapartes datadas, elas fossem escuras, desgastadas nas bordas. Na minha experiência, o tempo não apagou as lembranças; Não, isso as deixou mais fortes. Eu poderia descrever a última subida no corpete do meu vestido, e a curva do bigode de Jonathan, junto com os canapés servidos na festa em que nos encontramos.

— Ele me chamou de rosa — eu sufoquei. — Sua rosa branca. — O que ele não viu foi que eu não poderia ser algo tão puro. Ou talvez eu pudesse. Se ao menos assim você pudesse ver o sangue muito melhor quando derramou. E isso se espalhou por toda aquela vida simples e gritante que eu criei em um sonho de estupidez e fantasia. Sob a névoa daquela mistura mortal de produtos químicos que vocês humanos chamam de amor. É irônico, realmente, que é para isso que todos vocês vivem, pelo que se esforçam. Quando, mais freqüente do que nunca, é por isso que vocês morrem. — Fiz uma pausa. — Bem, é pelo que morri, pelo menos. Uma semana em um casamento que me convenceu que os primeiros vinte anos da minha vida foram meramente um sonho. Você consegue imaginar a estupidez da juventude? Os horrores tatuados na minha alma foram facilmente esquecidos sob a cegueira do amor. Ou o que eu pensei que era amor, — eu corrigi. — Eu

esqueci que existiam vampiros, ou que eu era uma deles. Ande com monstros por muito tempo, você pode se convencer de que é um deles. Ande com seres humanos, você esquece que existem monstros, o que é perigoso por si só mesmo porque eles nunca pararam de existir, apenas olharam de volta para você no espelho, escondendo da vista.

Eu ri novamente. — Eu me lembrava, no entanto. Quando meu lindo vestido, e minha linda vida estavam manchados com o sangue de quase todo mundo que eu já conheci. O chão estava cheio deles. Uma criança com quem eu tinha brincado em uma festa. Seu irmãozinho cuja bochecha eu belisquei com um ventre vazio e a esperança de um tolo. Eu vacilei. — E ele. Jonathan. Meu marido. Eu olhei para Thorne. — Você pode morrer de coração partido, você sabe. Porque quando um vampiro cresce em si mesmo a parte humana de nós, tem que morrer. É a natureza. Nossa maquiagem genética. Eu morri naquele dia. De um coração partido. E ao contrário de todas as outras feridas, até mesmo a imortalidade não conseguia consertar isso.

Ficamos em silêncio por um longo tempo depois disso. Para ser justo, eu o acertei com um trem de carga emocional.

Eu fui capturada pelo seu olhar

Ele lentamente desdobrou seus braços. — Você não me contou.

Não era uma pergunta. Apenas uma declaração.

Eu procurei aqueles olhos, sentindo um desejo irresistível de escapar da conversa, para fugir da minha cabeça. O problema era que eu poderia fugir de demônios da vida real, mas não conseguiria fugir daqueles que residem em minha alma, escondidos nas sombras.

Seus olhos ofereciam uma promessa de que eu não os enfrentaria sozinho. E pela primeira vez, eu não queria.

— Eu não te disse porque, se você não percebeu, isso - nós - não teve tempo acomodado para nós falarmos sobre coisas que não as guerras do outro mundo e da má idéia geral de estarmos juntos. Aposto que você nem sabe de que signo eu sou.

Ele arqueou a sobrancelha.

— Escorpião, a propósito — eu murmurei.

Ele não disse nada, apenas esperou. Engraçado, eu era a única com a eternidade, mas ele tinha mais paciência do que eu, agindo como se cada segundo não fosse areia na ampulheta de sua morte.

Ou a minha, conforme o caso.

Então ele avançou, cada centímetro de seu corpo engolindo o meu.

— Eu não pude fazer isso — eu sussurrei. — Ver você tirado de mim como resultado do que sou. Eu não posso ter você lutando minhas batalhas, Thorne, porque se você falhar é por minha causa. Estou em paz com o fato de que posso morrer eu mesma, posso viver com minha cada vez mais mortalidade. Mas eu não posso viver com isso. Eu não vou sobreviver a isso.

Ele segurou meu rosto. — Eu logo vou lutar por você — ele rosnou. — Todo dia é uma batalha contra esses vampiros que querem a sua cabeça, o resto da comunidade sobrenatural que são amantes desprezados ou rebeldes assassinos, minha própria espécie, que te mata no segundo que eles souberem sobre nós. — Ele me puxou para ele, apertando minha bunda e enviando ondas de prazer na minha espinha. — E você — ele murmurou. — Você é a maior batalha de todas, e eu estou me contando como o filho da puta mais sortudo do planeta para poder lutar por você. O que eu vou. Todo dia. Sempre. E eu vou estar ao seu lado quando removermos sua família fora da face desta terra. Eu vou me banhar em seu sangue pelo que eles fizeram com você — ele ferveu.

Eu procurei seu rosto e sorri para sua ferocidade. — Estamos destinados a ficar juntos — eu disse.

Seus olhos silenciaram meu sorriso. — Sim, baby, estamos. E eu vou ter certeza de que ficaremos assim. Para sempre.

Ele quis dizer isso. Essa promessa.

O problema era - para os humanos, pelo menos - para sempre estava encharcado de ambigüidade.

Para sempre era sessenta anos, talvez seiscentos. Ou talvez seis horas.

16

Passar outra noite no complexo do rei, que havia sido recentemente à prova de fogo, não era como eu queria terminar esse dia. Eu estive no escritório fazendo meu trabalho de dia desde as seis, e tinha ficado acordada a noite toda com Thorne. Depois de colocar minha história sangrenta aos meus pés, eu tinha duas opções para evitar o túmulo: batalha ou sexo. Não era uma escolha quando eu estava ao redor de Thorne, apesar de cansar meu corpo sempre enfraquecido.

Não que eu estivesse reclamando.

E não que eu tivesse contado a ele. Ele até brincou com a idéia de me seguir para o trabalho, como se eu acidentalmente cortasse meus pulsos em um cortador de papel ou algo assim.

Felizmente ele tinha outras coisas para fazer, desde que nós estávamos alcançando Extermius mais tarde para seguir uma pista que Dante nos dera.

Mas Rick ligou para dizer que ele estava de volta da Europa e eu tinha sido convocada.

Eu não sabia porque. Dois meses se passaram com zero. Nenhuma informação nova e nenhuma pista, muito para meu desgosto. E eu duvidei

que ele quisesse me ver para me dar um globo de neve que ele pegou em Praga.

Nem ouvir falar sobre como dois meses com Thorne o haviam anexado a cada parte do meu ser.

Tanto faz.

Thorne não teria ficado feliz por eu ter feito algo remotamente perigosona minha condição recentemente frágil. Foi precisamente por isso que não contei a ele. Isso e que eu não soubera dele o dia todo.

Eu estava bem. Um feitiço de morte me deixando tão fraca quanto um mortal não ia me impedir de viver minha vida.

E espero que não minha morte.

Sophie estava vasculhando cada texto que ela podia sobre aquelas bruxas para encontrar uma lacuna que não me incluísse bebendo o sangue de um assassino. Não era uma cura quando o sangue de um assassino era fatal.

Lugar de pedra, difícil.

Depois de passar pelos novos e ligeiramente invasivos procedimentos de segurança, eu teria gostado se tivesse sido meu namorado caçador de vampiros fazendo isso e não um vampiro mudo de rosto anguloso, eu valsei pelos corredores.

O gelo arrepiou minha pele na pura quietude de tudo isso. O silêncio. Eu não pude agitar o sentindo de que eu precisava virar o meu calcanhar com solado vermelho e fugir.

Mas eu não fugi.

Então continuei, ignorando o gelo até que algo o substituísse. Algo que fizesse temer uma faca no meu coração.

Eu sabia o que estava atrás das portas ornamentadas que um servo humano abriu antes que minha mão agarrasse o botão.

O rugido impregnou meus ouvidos e sua presença passou por mim como eletricidade líquida.

Vê-lo amarrado na frente de uma sala cheia de vampiros, um olho inchado e fechado, o que eu imediatamente deduzi que era uma ferida fatal em seu torso, cortou-me. Desenhado e esquartejado com aquela única imagem, sem uma lâmina, sem sangue, a dor rivalizava com qualquer coisa que uma arma poderia causar. Cada fibra do meu ser gritou com agonia quando a visão dele rasgou através de mim. Enquanto seus olhos cheios de dor queimavam com a minha visão.

No que estava neles.

O amor foi o que trouxe a dor.

O medo foi o que quase me deixou de joelhos. Porque mesmo a partir desse único olhar, eu sabia. Esse medo não era pela sua morte, vindo rápido e rápido como uma tempestade em um verão texano.

Não, era por mim.

E essa total devoção altruísta pela criatura que ele amava, a criatura que provocou a sua destruição, fez cada passo medido que fiz para o rei em pé na frente do meu assassino, a maior dor que eu já experimentei em meio milênio.

Um olhar foi mais excruciante do que quatrocentos anos de dor. Até engoliu aquela tarde em Paris quando eu era jovem e ingênua.

Porque eu não era mais jovem ou ingênua. E eu estava mais fundo do que estava então, apesar das minhas intenções de agir superficialmente. Ele me preenchia, cada fenda, até a borda. E agora lá estava ele, cheio de buracos que drenavam a única coisa na minha existência imortal que importava para mim.

A vida dele.

— Rick, eu gosto do que você fez com o lugar — eu comentei casualmente, olhando ao redor.

— É um tapete novo? — Eu cliquei meus dedos como se em realização. — Não, o matador amarrado. Acrescenta ao ambiente da sala. Parabéns para o seu novo decorador.

Levou todo o meu autocontrole para manter meu tom leve e sarcástico, olhos colados nos do rei e não arrancar sua garganta.

Eu caminhei lentamente pela sala, examinando as pessoas lá para o rosto da minha traidora.

O brilho satisfeito de minha mãe encontrou o meu. Eu sorri para ela através das facas na minha barriga. Eu não lhe daria o dom de ver meu coração partido.

Eu endireitei meus ombros e encontrei os olhos de Rick antes de me concentrar no pequeno botão de rosa cor de sangue em seu punho branco austero.

Por mais que tentasse, não conseguia me afastar da pequena mancha. O sangue de Thorne.

O monarca frio por quem eu enganosamente tinha me afeiçoado estava agora acima da velha e querida mamãe na minha lista de mortes.

Tinha sido segundos, muito tempo para estar olhando para um punho, mas não o suficiente para me recompor. Eu fiz, no entanto. E de alguma forma não olhei na direção da libra vibrante. Eu encontrei os olhos de esmeralda que brilhavam com sua pura frieza. Falta de emoção. De qualquer forma de humanidade.

— Não que eu não ame uma boa execução, mas não temos peixes maiores para fritar? — olhei para a pequena multidão. — E tenho certeza que essas belas famílias têm coisas muito melhores para fazer do que isso.

Ele ficou em silêncio enquanto media minhas palavras. Eu soube naquele momento que ele sabia.

Que nossa presença não era um acidente feliz.

Era uma sentença. Para nós dois.

Eu não tinha nada a perder.

Sem hesitar, passei pelo rei, um destino em mente.

Dois guardas me desaceleraram, mas eu bati seus pescoços, meus olhos nos de Thorne.

Seu olhar de aço, sem dúvida, só seguiu um borrão, mas não havia como confundir seu rugido quando meu fêmur direito estalou, trazendo-me dolorosamente de joelhos, onde uma lâmina de cobre queimando descansou no meu pescoço.

Eu lutei, o que só enviou sangue fervendo escorrendo pelo meu peito.

O rugido de Thorne se intensificou quando suas lutas se espelharam com as minhas, mesmo sem seus ferimentos curando como o meu. Embora meu processo fosse lento. Talvez inexistente. Não consegui sentira dor em meio à agonia de saber que Thorne estava ali, morrendo, e eu não poderia fazer nada.

— Nem em meus anos como rei fiquei tão surpreso e desapontado como estou agora — Rick ronronou em meu ouvido, sua voz liquidou a morte.

A faca pressionou mais fundo no meu pescoço, afundando na minha carne como manteiga. Eu não consegui conceder-lhe a satisfação do grito que ansiava libertar.

— Você faria bem em não lutar, a menos que você queira que seu assassino me veja cortar sua cabeça. — Ele olhou para o homem cujos gritos se transformaram em grunhidos ininteligíveis quando o seu esforço drenou a vida dele.

— Meus planos para esta noite não incluem matar, Isla — Rick continuou, abordando Thorne. — Se você parar com essa luta incessante, talvez nós continuemos com esses planos.

Thorne parou imediatamente.

O silêncio e a profundidade daquele simples gesto sugaram temporariamente o ar da sala cavernosa.

Então Rick me puxou para cima. Eu soltei um silvo através dos meus dentes quando o osso reabriu o que estava em processo de cura. Sangue frio se

misturou com a dor branca e quente quando o osso rasgou através da pele da minha perna. Ele irradiava continuamente a cada passo.

Nós estávamos em um palco improvisado, Thorne amarrado em uma estrutura em forma de T, seus braços acorrentados em ambos os lados na altura do ombro. Eu me perguntei quanto tempo Rick tinha estado torturando-o, desenhando seu sangue na frente da multidão sanguinária.

A fúria de Thorne me sufocou. Seu medo filtrou minhas veias como ácido, seu amor rasgando minhas entranhas.

Rick não prestou atenção, mantendo a lâmina na minha garganta enquanto ele me puxava para um conjunto de restrições semelhantes às de Thorne. Embora estes fossem de cobre e significativamente mais reforçados.

Continuei minha luta no momento em que a realização chegou. Deixando-me ser colocada naqueles significava minha morte. E, mais importante, a de Thorne.

De jeito nenhum eu ia desistir tão facilmente.

Eu não era uma desistente.

Rangendo meus dentes contra a dor na minha perna, eu balancei minha cabeça para trás, quebrando-a na de Rick, o que o fez relaxar o suficiente para eu me afastar. Cheguei perto o suficiente de Thorne para sentir o cheiro da amargura de sua morte combinada com a doçura de seu sangue.

Pequenos cortes salpicavam seu corpo musculoso, as veias flexionando com o esforço de lutar.

Eu encontrei seus olhos por um segundo, escorregando por aquela fresta no tempo que tínhamos feito para nós mesmos.

Nesse espiral, fui empurrada de volta para as memórias enquanto minha mente lutava para me salvar de mergulhar na insanidade ao ver Thorne viajando para o túmulo. O que quer que ele tinha, isso era mais do que humano, o que quer que o tivesse salvo inúmeras vezes, estava falhando agora.

Por minha causa.

— Demônio. Trinta anos atrás, — Thorne roncou enquanto eu traçava uma cicatriz crescente em seu peitoral à sua esquerda. Pouco de seu torso estava intocado pelas lembranças de sua vida.

Eu olhei para cima, empurrando apenas um pouco para que eu ficasse em seus braços, mas pudesse encontrar seu olhar.

— Trinta — repeti.

Ele assentiu uma vez.

Eu explorei seu rosto. Desgastado, com certeza. Bronzeado que era permanente agora, no meio do Inverno de Nova York. Mais perto, pude ver a pequena linha branca no topo de seu lábio. Outra cicatriz. Seus olhos traíam a idade muito mais do que os trinta ou mais que as linhas muito fracas em suas bordas sugeriam. Como eu não tinha visto antes, eu não sabia. Talvez tenha sido porque todas as reuniões até aquele momento estiveram sob circunstâncias de vida ou morte; Eu mal tive tempo de manter minha cabeça em meus ombros, definitivamente não para ver os enigmas sobre as profundezas em seus olhos que não combinavam com os anos em seu rosto masculino e atraente.

— Quantos anos você tem? — Eu perguntei a ele.

Seus olhos brilhavam levemente enquanto ele traçava círculos nas minhas costas nuas. — Trinta e cinco.

Eu sorri abertamente. — E há quanto tempo você tem trinta e cinco?

O canto da boca dele se contraiu. — Um tempo — ele respondeu.

Naquele momento, a pura obscuridade de tudo isso, juntamente com a referência a um filme que eu tinha certeza que ele não tinha visto, se tornou demais para mim. Eu ri. Totalmente ri. Genuinamente, não sardonicamente ou sarcasticamente. Uma risada real.

Quando terminei, não havia humor residual nos olhos de Thorne, mas algo mais. Algo intenso, embora isso parecesse ser seu padrão ao meu redor. Normalmente era matizado com uma forte dose de fúria.

Não agora, no entanto.

— Eu nunca vi você fazer isso — disse ele, sua voz grossa.

Eu fiz uma careta. — O que? Fazer uma referência sarcástica de filme? Tenho certeza de que isso não é verdade. Eu sou meio citações de filmes, meio sarcasmo e o resto, besteira.

Ele empurrou o cabelo ruivo do meu rosto. — Não, rir — ele disse, olhando meu rosto. — Você faz muitas piadas, Isla, mas acaba de me ocorrer que é a primeira vez que você verdadeiramente riu. É bem bonito. Você é bem bonita.

O elogio, tão simples, tão genuíno, me tirou de guarda. — Eu acho que há muito sobre o que brincar, mas não há muito pelo que rir ultimamente, — eu disse a ele, honestamente.

— Vamos ter que mudar isso.

Eu dei a ele uma olhada. — Sim, há montes de tempo para risos no meio de uma guerra sobrenatural na qual estou no meio, de alguma forma, enquanto eu estou apaixonada por um assassino que é algo diferente de humano e se recusou a me dizer o que. Ah, e esse relacionamento atual poderia me matar se alguém na minha raça, a maioria dos quais estão apenas procurando por uma razão para me executar, descobrir. Vamos escrever a hilaridade entre as batalhas — eu brinquei.

Suas emoções se transformaram no momento em que eu falei, rodando com doçura e amargura que era melhor do que o melhor sangue do mundo.

— Você me ama — ele disse asperamente.

Eu levantei minha testa. — Isso é o que você entendeu disso?

Ele se moveu então eu estava presa à cama, sua forma musculosa pressionando em mim, seu coração vibrando contra o meu peito.

Sua boca cobriu a minha e ele empurrou para dentro de mim. — Eu também te amo — ele grunhiu. — A outra merda? Não é nada disso, — ele prometeu.

O calor da memória foi afugentado quando uma mão fria agarrou meu pescoço e me puxou de volta de onde eu tinha chegado para Thorne.

Rick enfiou a faca diretamente no meu coração. Pelo menos é o que eu pensei. Apesar de apenas escovar o órgão que estava pulsando de dor quando a lâmina quebrou minha pele, correndo pela minha cavidade torácica.

Eu soltei um grito daquela vez.

A dor de Thorne encheu a sala e me envolveu com força suficiente para me silenciar.

Sua fúria significava aplicar energia que ele precisava desesperadamente para permanecer vivo.

Eu não olhei para os olhos cinzentos de aço que eu sabia que estavam queimando em mim. Em vez disso, encontrei os de esmeralda.

— Você fica legal com essas algemas e talvez ele viva. — Rick acenou para Thorne enquanto removia a faca. — Se não ficar, você luta. — Ele moveu os olhos para dois vampiros corpulentos. — Até a morte com meus dois melhores. Você ganha, você fica livre, suas transgressões traidoras esquecidas.

Um sussurro murmurado percorreu a pequena multidão com suas palavras, o ultraje palpável. Eu poderia muito provavelmente ganhar contra dois dos melhores do rei. Minhas habilidades de luta não eram exatamente um segredo — eu as anunciei naquela mesma sala dois meses antes, quando eu salvara a vida do rei então, oferecer tal coisa equivalia a um perdão.

Vampiros não recebiam perdões. Eles eram colocados na galeria de Rick, como eu aprendi. Ou publicamente executados.

O rei estava se sentindo misericordioso. Ou pelo menos sentimental.

A onda de protestos chegou e se foi tão rapidamente quanto os olhos esmeralda os levou ao silêncio com um brilho.

Mesmo sua indignação de tal oferta para um vampiro como eu não era suficiente para que eles fizessem algo tão suicida quanto falar contra o rei mais implacável que já tivemos.

Eles esperavam que eu escolhesse a luta, é claro.

E a maioria que me conhecia pelo menos um pouco, como minha mãe e meu pai que estavam sentados a poucos metros de mim, sabia que eu ia ganhar.

Sem hesitar, levantei-me e fui para as restrições de cobre.

Considerando que a oferta do rei foi recebida com um rugido, meu gesto foi recebido com um silêncio ainda mais denso do que o de Thorne. Eu quase engasguei com isso.

— Não se atreva, porra — uma voz áspera ordenou.

Mesmo meio morto, contido em uma sala cheia de vampiros literalmente por seu sangue, ele conseguiu dar peso a tal comando. — Você *luta* — ele rosnou.

O peso do silêncio não tinha nada sobre o peso daquelas palavras, o olhar que beijou o lado da minha bochecha.

Eu não falei com nenhum deles e o ignorei. Eu empurrar minha mão para ser algemada era uma resposta suficiente.

Eu não consegui olhar para Thorne. Ainda não. Me mataria ver a sepultura em seus olhos. Saber que a coloquei lá. Eu só gostaria da morte se isso acontecesse com a recompensa de sua vida.

Em vez disso, olhei para o rosto do meu captor

— Não faça isso — eu implorei, minha voz áspera.

Seu corpo sacudiu, apenas levemente, enquanto seu rosto permanecia impassível.

Ele se virou para a sala. — Fora, todos vocês — ele latiu.

A decepção deles era palpável. Eles estavam lá para ver algo que muitos, incluindo minha família, estavam esperando há séculos.

Minha morte.

Em um piscar de olhos humanos, os espectadores se foram. A sala parecia mais cheia sem sua presença, embora o espaço cavernoso fosse ocupado apenas por nós três.

Rick se virou para mim, seus olhos brilhando com algo que não estava lá antes. Algo que eu não pude nomear. — Você implora agora? Por este humano? Esse matador? Você não implorou por sua própria vida naquela noite em seu apartamento, mas você está disposto a fazê-lo por ele.

— Eu não imploro.

— Mesmo por sua vida?

— Especialmente pela minha vida.

Eu não abaixei meu olhar. — Eu não imploro pela minha vida. Minha alma? Essa é uma história diferente.

A energia de Thorne chiou quando minhas palavras entraram no ar. — Você quer matar alguém, idiota? — ele rosnou. — Mate-me. Você está louco para fazer isso. Faça isso agora. Isla não tem parte nisso.

— Cale a boca, Thorne — eu assobiei, meus olhos se movendo.

— Nunca — ele murmurou, sua voz cheia de morte. — Não vou assistir você se entregar sem lutar. Você quer brigar, Emrick? Lute comigo, — ele convidou, sacudindo suas amarras. — Não se atreva a manchar mais esse mundo, removendo-a dele, caralho. Nem mesmo o túmulo vai salvar você se você o fizer. Eu vou perseguir você até a porra da vida após a morte. Lute comigo. Deixe-a ir.

Rick olhou entre nós, rindo friamente em um som amargo que envenenou o ar. — Lutar com você? Agora? Ele deu um olhar aguçado para a barriga de Thorne. — Bastante desnecessário.

Ele andou de volta para mim, segurando meu pescoço no aperto que era semelhante a duas armas pressionando em ambos os lados da minha jugular. Em outras palavras, não era agradável.

O frio de sua respiração beijou minhas pálpebras quando ele se inclinou para frente. — O que há sobre eles? — Ele assobiou. — Os humanos? O que é que faz você não querer matá-los? Seu olhar oscilou para o chão. Para a crescente quantidade de sangue. Eu podia sentir o cheiro. Isto era um pulso, uma força vital que vibrava pela sala, alcançando meu calcanhar pontudo.

Aquele pulso estava recuando, enfraquecendo. — Para salvá-los? — Ele continuou, os olhos de volta para mim.

Eu não hesitei em seus olhos. Eu não pude olhar para o sangue. O corpo tão cheio de força e vida e eu, contendo o que sobrou da minha alma. Estava murchando e morrendo e eu não podia assistir a isso. Eu já estava sentindo que a morte me agarrava com força. Isso era muito mais apertado que o aperto do rei, não importa o quão forte ele fosse.

— Eles são fracos — eu sussurrei. Sufocada, realmente. — Eles morrem. Eles ficam doentes. Envelhecem.

Suas sobrancelhas franzidas. — Sim. É por isso que eles não são nada.

Eu balancei a cabeça. — É por isso que eles são *tudo*. — Eu pisquei. — Eles mudam. Eles são um projeto nunca terminado. Sua própria natureza acomoda a morte, mas também acomoda a vida. O amor.

— Nós? Nós estamos prontos, certo? A versão finalizada e melhorada do primeiro tempo de Deus ao redor. Nós não morremos. Nós não envelhecemos. Nós não somos atormentados com a alma que vem a ser o falecimento do homem. Nós podemos andar nesta terra sem a sombra da morte beijando nossos ombros, o que significa que não precisamos mudar. Como espécie, somos sanguinários, sem emoção, cruéis, e é tudo o que vamos ser. Sem mais mudança. — Eu engoli, o ar raspando meus pulmões como mil lâminas de barbear. Eu lancei meu olhar para a crescente poça de sangue para o homem de quem estava vindo. A pele levemente bronzeada estava ficando cinza, sem vida. Os olhos magnéticos estavam colados em mim, intencionalmente, flamejando com tanta emoção. Fisicamente ver aquela vida em seus olhos no meio da morte, doía. Mais do que tudo.

Mas eu continuei.

— Eles mudam — eu falei. — Através dos séculos, nós vimos eles se tornarem de selvagens analfabetos para criaturas que produziram *Um Conto de Duas Cidades, Romeu e Julieta*, que introduziram a compaixão em um mundo sempre cruel. Eles abrangem toda a nossa depravação sem alma, isso é verdade, mas eles também possuem algo que nossa espécie superior não pode.

O outro lado da moeda. A oposição binária. — Eu encontrei os olhos prateados que estavam drenando a luta que cercava sua alma. — Amor que significa muito mais do que tudo que pudermos ter. Porque estamos seguros com o nosso amor imortal. Porque para sempre significa para sempre, embora raramente dure. Para sempre, na realidade, é muito tempo. Para o amor murchar, morrer, tornar-se chato. — Eu assenti para Thorne. — Mas para eles, para sempre são sessenta anos, sessenta dias, sessenta segundos. Não é fixo. Eles amam embora eles saibam que a vida a que eles amarraram essa emoção é muito frágil, temporal. Que a vida que tem o poder de destruí-los vai fazer isso, inevitavelmente, quando ela terminar. Mas eles continuam fazendo isso, apesar de tudo. E é por isso que nunca vamos ganhar. Porque nós não conhecemos a morte, nós não conhecemos a *vida*. Isso não significa nada para nós. E essa é a nossa maldição.Eu arranquei meus olhos dos dele. — E é por isso que eu os salvo. Porque é a nossa maldição, não deles. E toda vida inocente que acabou porque alguém estava com fome, entediado ou excitado nunca é apenas singular. São várias pequenas mortes para aqueles conectados a essa vida.

Meus olhos já não viam a masmorra. Eu estava em Paris, meu olhar cintilando sobre os corpos cheios de lixo daqueles que eu vim a amar.

Para Jonathan, para quem eu tinha vindo para respirar, para existir.

E eu morri mil pequenas mortes então.

Mas eu sobrevivi. E suportei.

Mas desta vez eu não o faria. Não haveria peças para pegar se eu tivesse que provar a morte de Thorne. Viver em um silêncio que não tem o batimento cardíaco constante dele me enchendo.

Eu saltei meu queixo para cima. — Então você pode se sentar no seu trono de ouro sólido com a sua arrogância, e superioridade, e imortalidade, e fingir ser senhor da raça humana. Mas na realidade, você nunca vai ser melhor do que eles, porque você nunca vai mudar. Você nunca vai morrer, mas você nunca vai *viver*. E essa é a única glória que receberei da minha morte.

Não muito, não o suficiente, mas vou fazer.

Eu encontrei seus olhos através de toda a dor, e morte, e destruição total que estava correndo através das minhas veias. — Mas se você me matar, é melhor ter certeza de que eu esteja morta. Caso contrário eu juro por Ambrogio, eu irei atrás de você com uma ferocidade que até você, o líder destemido, não poderia sonhar em seus pesadelos mais selvagens, — eu prometi.

Os olhos de Rick me inspecionaram. — Essa é a idéia — ele murmurou, e então houve um estrondo retumbante seguido por um grito trovejante tão cheio de dor e sofrimento que enviou agonia diferente de como eu já tinha experimentado em cada parte de mim.

Então não havia nada.

***

— Eu vou te matar — uma voz áspera prometeu.

— Espere até que tenhamos conseguido sair disso vivos primeiro — respondeu uma voz calma, sua elegância raspada por um tom de algo.

Inquietação. Preocupação, talvez.

Foi difícil inspecionar através do nevoeiro em que eu estava lutando. Era como se nada fosse corporal, real. Minhas últimas lembranças eram de morte, mas eu estava razoavelmente certa de que isso não era o paraíso.

Ou o inferno.

A voz rouca somada ao ressoante coração me dizia que não era o inferno.

Ele não estaria no inferno.

E os braços me embalando no peito que era a fonte daquela batida não era o inferno tampouco. Embora eu raciocinasse que o céu não estaria tão cheio de ameaças de assassinato.

— Se Isla não sobreviver a isso... — Os braços em volta de mim se flexionaram enquanto a dor salpicava através das emoções que eram mais tangíveis, ancorando-me à terra.

Embora a terra estivesse se sacudindo com solavancos e nós parecíamos estar correndo em uma velocidade incomum. Em um carro, eu raciocinei. E eu estava na horizontal, meio espalhada nos braços de Thorne. Seu calor queimava o ar, mas não rompia o gelo em que eu estava presa.

Eu ainda estava para comprar meu corpo ou minhas pálpebras, que pareciam determinadas a ficar firmemente fechadas.

— Ela é uma vampira. Ela vai conseguir, — a voz fria estalou. —Você está aqui e você é *humano*.

— Não exatamente, Emrick. E talvez antes de você puxar essa porra de truque que você fez, você deveria ter pensado em alguém além de você mesmo. — Thorne rugiu, cada centímetro de seu tom cheio de devastação total e raiva. Havia muito disso.

Confusão cintilou ao redor da minha mente flutuante. Thorne parecia estar vivo – sugestão da dança de chuva gloriosa nisso. Mas ele também parecia estar chateado. Outra gloriosa dança da chuva. Vivo o suficiente para ficar puto estava bem para mim.

Mas ele estava conversando com Rick de uma maneira que era decididamente familiar.

Muito familiar para um assassino de sangue nobre e o rei de todos os vampiros.

Concedido, eu era uma vampira de sangue nobre apaixonada pelo assassino, mas nós éramos uma exceção à regra.

Ou assim eu pensava.

— Pensando em mim mesmo? Eu arrisquei tudo nisso, em vocês dois esta noite — Rick sibilou, acendendo um inferno frio de raiva. — Eu fui provido com provas concretas de traição de Isla na frente do Setor e não tinha escolha, exceto fazer o que eu fiz. Não só por deixar os dois sobreviverem, mas

escaparem, eu joguei esse mundo, meu mundo, a porra da minha vida em turbulência.

— O céu proíba a vida cuidadosamente estruturada de Emrick ficar abalada — Thorne gritou de volta. — Se você não percebeu, estamos em guerra. Sua coroa seria obrigada a cair em algum momento. Seja grato que sua cabeça não veio com isso. Ainda pode ser que você tenha matado a mulher que eu amo.

— A vampira que você ama.

Outro aperto. Meus membros estavam formigando com sentimento. Logo eu seria capaz de movê-los, apesar de eu estar ganhando uma quantidade perturbadora de informações interpretando a vítima do coma.

— A *mulher* que amo — repetiu Thorne.

Um pesado silêncio se estabeleceu.

— Apesar disso, ela ainda é uma vampira. Ela vai se curar.

Sua voz era mais suave. Ou tão macia como uma pedra polida poderia ser.

— Talvez você tivesse aprendido como está errado se tivesse se preocupado em falar com ela em vez de usá-la como uma arma em sua guerra, e uma ferramenta em sua monarquia — sussurrou Thorne. — Mas ela não vai. Não depois que ela foi amaldiçoada por uma bruxa, quem ela estava lutando por você.

Outro silêncio pesado.

— O que?

— Eu não tenho tempo para explicar. — Cheiros e sons explodiram quando explodimos de um carro em uma área familiar com cheiro de madeira. — Eu tenho que tentar salvar a *mulher* que eu amo.

Então vários batimentos cardíacos entraram na briga.

— Puta merda, Thorne. Você está coberto de sangue — uma voz masculina ferveu.

— Isla está...? — A voz de Sophie era pequena.

Consegui encontrar uma compra nas minhas cordas vocais. —Surpresa, cadela. Eu aposto que você pensou que viu o meu fim, —eu falei, minha voz estranha.

No tempo que levei para eu abrir meus olhos seguindo minha referência excelentemente cronometrada de American Horror Story, ninguém falou. Ninguém sequer respirou.

Olhos acinzentados foram a primeira coisa que eu vi. Eles rodaram como uma tempestade, depois fecharam para uma batida como se a força para mantê-los abertos tivesse falhado. Seus braços flexionaram, me levantando, então seus lábios pressionaram a minha testa.

— Você não tem permissão para puxar essa merda de novo, Isla — ele rosnou, voz grossa.

— O que, morrer? Só se você prometer o mesmo — eu respondi, minha voz perdendo sua bravata de mais cedo. Eu movi meu braço que parecia ser feito de aço sólido para acariciar a pele de seu rosto, então estreitei meus olhos para baixo, para onde a ferida aberta deveria ter estado. — Eu tenho certeza de que eu não estive fora o tempo suficiente para você se recuperar de ter seu interior do lado de fora, — eu disse, desconfiada.

Foi quando Rick se adiantou. Em puro instinto, eu arranquei meu corpo dos braços de Thorne – somente possível porque ele não estava esperando - e ataquei Rick, meus dedos em volta de seu pescoço num instante.

— E a última vez que te vi, eu fiz uma promessa — eu disse asperamente. — Parece que você não conseguiu compensar a sua, que estava me matando e o homem que eu amo, então eu vou fazer bem a minha. — Eu sorri através do cinza rastejando em minha visão e do jeito que meus membros estavam girando para liderar.

Foi por pura força de vontade que eu estava de pé, e o poder da memória de provar a morte de Thorne, que eu mantive meu controle sobre Rick.

O calor de Thorne estava nas minhas costas. — Isla — ele avisou. — Você vai ter que segurar esse pensamento — ele instruiu suavemente.

Meus joelhos tremeram.

Eu ignorei e mantive meu olhar fixo em Rick. — Eu não me dou bem com atrasos na gratificação, Thorne. E se você não se lembra, esse vampiro quase matou a nós dois. Nós conseguiremos de volta aos detalhes de sua rápida recuperação *depois* que eu acabar com o rei.

As mãos de Thorne pousaram nos meus quadris. — Você vai precisar dele para uma explicação, considerando que ele é a razão pela qual nós dois estamos aqui. — Ele pode ter me falado de assassinato, mas não havia como disfarçar o homicídio em seu tom. A fúria mal escondida que chicoteava ao redor dele como uma capa.

Eu queria discordar, mas não agüentei mais. O chão subiu para me atenderem um movimento rápido e teria me abraçado se os braços de Thorne não me pegassem.

Rick se moveu para fazer o mesmo, mas Thorne o derrotou, apesar de sua velocidade vampírica.

Eu estava reunida em seus braços, provando sua preocupação e medo enquanto ele caminhava para o sofá, repousando-me sobre ele. Ele empurrou o cabelo do meu rosto suavemente, suas características de mármore. Seu polegar roçou sobre meus lábios. —Isla — ele murmurou.

Eu estava ignorando isso, mas a devastação total em sua voz aumentou, então eu não pude ignorá-lo por mais tempo.

— Estou morrendo — eu supus.

Ele se encolheu. — Não. Você não ousaria me deixar, — ele rosnou.

Eu sorri fracamente para ele. — Não é uma escolha, eu tenho medo. — Eu sabia há algum tempo, desde antes do pequeno anúncio de Sophie. Não se ignorava a própria morte, quando a morte não estava mais fora e externa, mas dentro e familiar. Eu percebi que qualquer luta que eu entrasse poderia ser a minha última, mas eu não planejei que alguém tirasse o melhor de mim.

Mas eu não planejei me apaixonar por um assassino ou estar disposta a morrer por ele tampouco.

No entanto, eu não mudaria nada. Thorne estava bem na minha frente, respirando, coração batendo. Existindo. Valia a pena morrer por isso.

Seus olhos ficaram nos meus antes que ele os arrancasse de mim. — Emrick — ele latiu.

Eu não esperava que o rei viesse correndo ao seu comando, mas ele estava ao lado dele em um instante, os olhos frios traindo algo.

— Seu sangue. Agora — resmungou Thorne.

Eu fiz uma careta para ele. — Como você sabe sobre isso? — Eu bati.

— Não vai funcionar — disse Sophie suavemente, dando um passo à frente e olhando para qualquer lugar além de mim.

Entendi. Eu trouxe a morte para o quarto; ninguém queria contato visual com isso.

— Ela já teve uma vez antes, correto? — Ela se dirigiu a Rick.

Se ele ficou surpreso com o conhecimento dela, ele não demonstrou, apenas acenou com a cabeça uma vez.

Thorne, por outro lado, estava fumegando. — Ela teve? — Ele rangeu.

— *Ela* está bem aqui, e não está morta ainda — interrompi, tentando me levantar do sofá.

Uma mão firme no meu peito me parou, não que ele precisasse; meus braços não pareciam querer obedecer.

Isso me preocupou, a aceleração da minha morte. Embora eu tenha imaginado que a morte vinha rápido. Raramente oferecia uma chance de encontrar uma maneira de vencê-la. Não era assim que a morte funcionava. Eu deveria saber, eu lidei com isso por tempo suficiente.

Thorne olhou para mim. — Você não me contou — ele acusou.

Eu revirei meus olhos. — Bem, falando sobre todas as vezes que eu quase morri não sobraria hora para o sexo. E eu gosto bastante de sexo.

Sophie foi a única que sorriu.

Humor de leito de morte não era um grande vendedor. Nota para mim mesma.

— Ela já teve uma vez. Isso a salvou e é provável que seja a razão pela qual o feitiço tomou muito tempo para se apossar, — continuou Sophie, sorrindo. — Não vai ajudar agora. Nada irá. Exceto seu sangue. — Ela olhou para Thorne.

Todos na sala sabiam dessa pequena preciosidade, à exceção de Rick.

— Mas isso vai matá-la — observou ele. Sua voz de alguma forma tinha o poder de um rugido, ainda que ele não aumentou mais do que o seu tom normal. Ele realizou notas de desamparo e raiva enquanto mantinha seu tenor frio e impessoal.

— Estamos cientes — Thorne gritou.

— Bruxa-22 — eu ofereci. — Criaturas desagradáveis. — Eu olhei para Sophie. — Empresa atual excluída, é claro. Embora eu não exclua suas atividades no quarto. Elas são desagradáveis. Até Christian Grey iria corar.

— Isla — disparou Thorne. Ele me deu um olhar reprovador que eu não retribuí só porque estava mascarando o medo cru e minha morte iminente. Sua mão estava apertada firmemente no meu pescoço quando ele se virou para falar com Sophie. Embora seus olhos não se desviassem dos meus, como se ele estivesse com medo de que, se ele quebrasse o contato, eu pudesse me afastar.

Para ser justa, eu tinha bastante certeza disso também.

— Localize as bruxas — ele ordenou a ela. — Nós vamos matar todos elas. Isso mata o feitiço.

Sophie sacudiu a cabeça. — Eu tentei isso, mas elas estão camufladas. E mesmo se eu pudesse, suas mortes provavelmente não inverteriam o feitiço. Não quando está muito longe.

— Então, em outras palavras, estou fodida — deduzi.

Três olhares.

— Vocês não podem olhar para a menina moribunda. É simplesmente cruel — eu retruquei.

O vulcão de fúria de Thorne estava prestes a estourar, mas Sophie bateu isso dele.

— Pare — ela gritou, sua voz crua. — Você acabou de parar de brincar e agir normalmente. Gosto que você não está sendo a maior cadela de todas elas me deixando sozinha neste planeta abandonado por Deus.Você não pode brincar sobre isso, Isla, — ela sussurrou.

Lágrimas rolaram pelo seu rosto, rímel vindo com ele. Tal exibição me confrontou com o que o cinza dos lados da minha visão me dizia ser inevitável.

— Me desculpe, eu estou morrendo — eu sussurrei com um leve sorriso.

Ela piscou através das lágrimas, seus olhos encontrando os meus por uma fração de segundo antes que ela os afastasse. Então ela avançou, suas mãos brilhando enquanto o poder bruto ecoava através da sala. Thorne foi empurrado para o lado enquanto ela colocava aquelas mãos brilhantes no meu peito.

O efeito foi semelhante ao que eu pensei que um humano poderia sentir quando essas coisas tentavam dar um choque em seu coração de volta ao ritmo. Desconfortável, para dizer o mínimo, mas o volume puro de energia que irradiava de Sophie era mais do que isso. Isso me fez pensar no sole sua energia interminável.

Ela esteve se segurando.

Então ele se foi e ela tropeçou um pouco antes de Silver se apressar para pegá-la. Ela caiu em seus braços, limpando o sangue de seu nariz distraidamente enquanto voltava ao meu lado, colocando as mãos no meu peito.

Eu não precisava ver a palidez cinza em seu rosto para saber que não tinha funcionado. A atração do túmulo apenas parou com o toque dela. Estava de volta agora.

Eu sorri fracamente para ela. — Você só vai ter que usar esse poder para algo que me deixe orgulhosa. Uma boa homenagem para mim seria explodir uma fábrica da Croc's ou decapitando o conselho das bruxas, — eu pedi.

Seus olhos brilhavam. — Isso é muito cruel. Você apenas acabou de encontrar isso, — ela sufocou. Eu não precisava olhar para Thorne para saber que ele era o meu isso.

Na verdade, eu não conseguia olhar para ele; saborear sua tristeza era dor suficiente.

Eu dei à mão dela um aperto suave, empurrando com o poder residual de sua magia. — É um mundo cruel, e todos nós simplesmente morremos nele, Hermione, — eu disse suavemente. — Faça-me um favor e cause muitos problemas antes de você fazê-lo.

Ela acenou com a cabeça uma vez e, em seguida, arrancou a mão do meu aperto para que ela pudesse sair correndo da sala.

Eu não a culpava. Eu estava desconfortável com tudo isso também, eu escaparia disso se pudesse. Embora se você a inspecionasse, a morte era uma fuga. Apenas não o que eu queria.

Silver veio beijar minha cabeça com firmeza antes de perseguir Sophie.

Fiquei com os dois homens na sala que formaram uma espécie de harmonia fatal.

Fogo e gelo.

Eu pisquei quando Thorne se aproximou para se ajoelhar ao meu lado mais uma vez. — Se eu tivesse mais tempo, eu gostaria muito de saber como vocês se conhecem, — eu disse a ele. — E também assistir você lutar nu.

A boca de Rick virou levemente.

Thorne ficou estóico. — Você precisa sair — ele cerrou.

O corpo de Rick virou pedra. — Eu não vou.

— Saia — repetiu Thorne, aquela única palavra tremendo com a fúria que ela abrangia. E a dor.

Os olhos de Rick ficaram líquidos enquanto eu vislumbrava a humanidade neles. — Eu me arrependo disso, Isla. Mais do que você sabe.

Então ele foi embora.

Apenas nós dois permanecemos.

O silêncio reinou.

Os olhos de Thorne nunca deixaram os meus enquanto ele traçava meu rosto com o dedo. — Isso não pode ser real — ele sussurrou. Eu escondi meu recuo no modo como toda a sua força estava apenas... Desaparecida. Ele caiu com o peso de tudo em seus ombros. — Você não pode partir. Não quando eu passei pelo inferno para encontrar você.

Eu sorri fracamente. — Bem, você pode ir até o inferno para me encontrar de novo, se você por acaso encontrar o mesmo destino. —Eu provei bile com o pensamento. — O que você não vai. Mas se você estiver de férias no inferno, eu estarei lá. Pegando um bronzeado.

Ele segurou meu rosto. — Você não vai me deixar — ele sufocou. — Não para outro mundo.

Sua tristeza cortou cada parte de mim. — Eu não quero — eu sussurrei. — Mas a morte não é algo que escapamos. Para ser imortal, é preciso viver com a morte, tornar-se camarada, seu amante, seu irmão e seu inimigo. Eu sorvi cada detalhe de seu rosto, seu cheiro, como se eu pudesse levar comigo. — A imortalidade só funciona se você não criar anexos. Isso não é uma vida. Não é. É uma morte. Eu já estou morta há quatrocentos anos, Thorne. Não vou me arrepender de um momento da vida que tive com você.

Suas mãos agarraram meu pescoço como se ele pudesse segurar minha força vital. — Nós não tivemos tempo suficiente, — ele murmurou, implorando.

— Eu duvido que mil anos tivessem sido suficientes — eu disse a ele. Eu acariciei seu pescoço e a atração de seu sangue cantou para mim. — Eu não

quero que essa frieza dentro de mim seja o que me leve, — eu sussurrei. Mesmo quando falei, espalhou-se como um câncer. — Eu quero que seja saboreando você, então eu posso sair com você dentro de mim. Eu parei. — Isso soa mais grosseiro do que eu quis dizer — acrescentei comum sorriso fraco.

Thorne não sorriu porque sabia o que eu queria dizer. — Não — ele rosnou. — Eu não serei aquele que vai te matar.

— Você não vai fazer isso. Você não ouviu? Eu estava morta quando você me conheceu. Você me *ressuscitou*. Havia apenas tanto tempo que a sepultura iria esperar. Eu encontrei seus olhos.

Sua própria íris de mercúrio olhou para trás, explodindo de dor tão crua que perseguiu a magia venenosa em minhas veias para o que finalmente me mataria.

Ele moveu sua boca para que ela colasse contra a minha em um beijo tão furioso que imprimiu parte de sua alma em meus lábios. Eu teria vivido para sempre assim, se pudesse.

Eu me encontrei amaldiçoando todos os momentos desperdiçados que eu passei com ele, não fazendo isso, não tratando cada segundo de sua presença como o céu que era.

E foi o inferno.

Thorne ergueu os lábios dos meus como se pudesse sentir o frio subindo pela minha garganta.

— Eu te amo, Isla — ele murmurou, os olhos molhados. — Eu vou te encontrar — ele prometeu. — Onde quer que você esteja.

Eu pisquei a vermelhidão na minha visão. — Eu te amo — eu sussurrei de volta. Então me inclinei para frente quando ele expôs o pescoço para mim.

Eu afundei minhas presas em sua pele, e dei as boas vindas ao túmulo.

FIM

A morte nunca é fatal, quando se é imortal...

ENTÃO POISONCATS, GOSTARAM DO LIVRO?

PARA PARTICIPAR DO QUIZ DE HOJE, BASTA RESPONDER NOS COMENTÁRIOS DO POST DE LANÇAMENTO DESSE LIVRO NO POISON QUAL É O NOME DO PRIMEIRO AMOR DE ISLA E O QUE ELA TOMA PRA ESCAPAR DA MORTE, ALÉM DE INDICAR A PÁGINA EM QUE ESTÁ O MERLIN INTRUSO. A PRIMEIRA A ACERTAR GANHARÁ NOSSO PRÓXIMO LANÇAMENTO ANTECIPADO!

E NÃO SE ESQUEÇA DE MARCAR O MERLIN CAT JUNTO COM A RESPOSTA, PARA VALIDAR O COMENTÁRIO.

BOA SORTE!

AGRADECIMENTOS

Escrever é um trabalho solitário, mas não há como fazer isso sozinha. Eu tenho tanta sorte em ter tantas pessoas especiais na minha vida que suportam a minha loucura e me aconselham quando eu comi muitos cafés. Ou vinhos.

Mamãe. Você sempre foi minha maior líder de torcida, minha melhor amiga e, às vezes, minha terapeuta. Você é a pessoa responsável por tudo isso. Você compartilhou seu amor pelos livros comigo e foi aí que tudo isso começou. Eu nunca seria quem sou hoje se não fosse por você.

Meu **pai**. Você não está aqui conosco, mas você é a razão pela qual eu posso disparar uma arma, andar de moto, fazer compras como um campeão e acreditar em mim mesma. Eu sinto sua falta todos os dias.

Amo Jones. O que posso dizer sobre você? Eu posso dizer com segurança que eu não teria o que sobrou de minha sanidade sem você. Estou muito feliz por te conhecer. Você está preso comigo agora.

Andrea e **Caro**. Vocês duas são tão especiais, e sua generosidade e apoio são surpreendentes. Vocês estão presas comigo também.

Este livro não seria o que é sem minha maravilhosa equipe de betas. Essas senhoras especiais ajudaram a tornar este livro o que é. **Ginny, Amy, Sarah e Judy**… Vocês são maravilhosas.

Polly e **Emma.** Minhas melhores garotas. Amo vocês. Não sei o que é mais apertado, nossos jeans, ou nossa amizade.

E para **você, o leitor**. Obrigada. Obrigada por ler meus livros. Obrigada por todos os e-mails, comentários e críticas que você me dá. Eu valorizo cada um e todos.

SOBRE A AUTORA

ANNE MALCOM tem sido uma ávida leitora desde antes de se lembrar, sua mãe responsável por seu amor pela leitura. Tudo começou com viagens mágicas para o mundo dos Hogwarts e Terra Média, então, conforme ela cresceu, seus gostos de leitura cresceram com ela. Seu amor pela leitura não discrimina, ela lê muitos gêneros, embora clássicos como Mulherzinhas e... E O Vento Levou ocuparão lugares especiais em seu coração. Ela também não pode ter romance suficiente, especialmente quando alguns machos alfa possessivos jogam seu peso por aí.

Um dia, em uma crise de leitura, a história de Cade e Gwen chegou a ela e começou a ocupar espaço em sua cabeça até que ela colocou sua história em palavras. Agora que ela começou, não parece que ela vai parar em breve, com muitos mais personagens exigindo que sua história seja contada também.

Criada na pequena cidade da Nova Zelândia, Anne teve uma infância verdadeiramente especial, crescendo em um dos países mais bonitos do mundo. Ela mochilou em toda a Europa, montou camelos no Saara e comeu pela Itália, amando cada momento. Por ora,ela está de volta em casa na Nova Zelândia e muito feliz. Mas quem sabe quando o mosquito de viagem vai mordê-la novamente.